







A. S. M. Imperados

H.

Sanctos.



Digitized by the Internet Archive
in 2013

ESTUDOS

DE

LITTERATURA CONTEMPORANEA

ESTUDOS

DE

LITTERATURA CONTEMPORANEA

PAGINAS DE CRITICA

POR

Sylvio Romero



RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE LAEMMERT & C.

71, Rua dos Invalidos, 71

1885

I

SE A ECONOMIA POLITICA É UMA SCIENCIA*

A faculdade de direito do Recife tem o privilegio do estacionamento. Ha cincoenta annos, agita-se o mundo scientifico por fóra, e ainda ali não se ouvirão os ruidos de tantas pugnas. Ha cincoenta annos, a sua congregação togada vai recebendo, como religiosa herança, o mesmo punhado de principios vertidos nas mesmas fórmulas *programmáticas*. Quem intentasse escrever a historia daquelle instituto da sciencia achar-se-hia, de prompto, diante do facto anomalo de um corpo docente, que repete as mesmas noções, repisa as mesmas idéas, declama as mesmas decrepitudes, e, ao todo, ordena as mesmas *dissertações* no vasto periodo de meio seculo!

São estas ultimas uma serie limitada de theses caducas, que se hão guardado santamente para o zelo dos estudantes, e o tormento dos doutorandos. Sempre

* «Se a economia politica tem todos os caracteres da sciencia e a que ramo scientifico pertence.» These dada pelo lente de economia politica da faculdade de direito do Recife em Agosto de 1873. O autor desta dissertação era estudante do 5° anno daquelle faculdade.

identicas no fundo, são alteradas na fórma, segundo as preocupações estylicas de seus autores. A que hoje nos occupa é uma das mais bem fundadas, pois ao certo corresponde a uma questão ainda aberta. Seus termos, porém, trahem vistas inexactas, que devem desde logo ser expostas. Presentem-se ao travez della as idéas estreitas, sobre o que seja uma sciencia, que lhe servirão de origem. «A economia politica tem todos os caracteres da sciencia?» E quaes são todos os caracteres da sciencia? Qual foi o sabio, ou o philosopho, que no-os tenha determinado de um modo positivo, a ponto de podermos conta-los, como se contão os *ministros* do Estado, ou as *pessoas* da Trindade? Não é exacto, que se contesta á theologia, á metaphysica, á psychologia... a nota de sciencias, ao mesmo tempo que espiritos abalisados lhes prestão esse character? O mesmo não se ha repetido em nossos dias quanto á historia e á critica, e até com a physiologia e a geologia? Oh! Seguramente os escriptores ali empenhados ainda não enumerarão *todos os caracteres* da sciencia. «E a que ramo scientifico pertence?...» O que aqui se requer seria bem determinado, se a parte antecedente não demovêra a suspeita de acredita-lo. Depois daquelle especimen um espirito logico persiste em ver neste final, que o seu intento é indicado por uma educação essencialmente transcendentalista.

Aquelle *ramo* não é um dos grupos da nova classificação das sciencias; é ainda uma face de sua decrepita divisão em sciencias *physicas e moraes*. A transformação, sobretudo, destas ultimas pelo methodo e pelos principios das primeiras, não com o falso palavriado do eclectismo diletantescico, sim com o emprego seguro de uma mesma intuição da vida physica e social, é uma idéa, que fazemos justiça á faculdade de direito para salvar sua orthodoxia, é por ella totalmente ignorada. A sciencia adiantada digamo-lo em honra de sua religiosidade, nunca ali se fez ouvir. As ligeiras e rarissimas tentativas naquelle

sentido hão sido acolá bem comprometedoras. Espiritos largamente impregnados do almiscar seminarístico são os menos competentes para fallar em seu nome. Sobre um amago de podre transcendentalismo, atirão uma fragil crosta de impiedade e julgão a sciencia feita ! Antes ouvir os outros, ao menos têm a logica da opiniaticidade.*

I

E' um facto symptomatico do espirito de nosso tempo, tem-se dito, o predominio da historia. Cremo-lo; porém ainda mais na decisiva vantagem das sciencias propriamente taes sobre aquellas que se podem dizer *litterarias*, as chamadas sciencias moraes. Não supponos a morte destas, porque os assumptos de que tratão continuão a permanecer; mas a sua total transformação; mudança de principios e direcções. Nem é isto alguma novidade exquisita; antes é uma idéa que se vai grandemente espalhando, excepto entre nós.

Para deixar, neste sentido, de lado as ultimas conquistas feitas no terreno de taes sciencias por suas rivaes, basta indicar agora tres grandes aparições brotadas de seu proprio seio. O socialismo, a critica religiosa e o positivismo abalarão, como se sabe, os fundamentos da economia politica, da velha theologia e da metaphysica. Como systemas, surgirão carregados de muitas pretenções negativas. Mortos como taes, a meu vêr, deixarão, comtudo, resultados invenciveis. Não é o menor

* Não esquecer que isto foi escripto ha doze annos. Actualmente a faculdade, sob o influxo do sabio brasileiro, Dr. Tobias Barreto de Menezes, igualmente distincto — como poeta, orador, critico e jurisconsulto, vae mudando de rumo.

a morte irremediavel que infligirão ao methodo por suas inimigas manejado.

Tidos como inconciliaveis e contradictorios por fanaticos seguidores, ao apreciador imparcial apparecem como oriundos das mesmas necessidades, filhos das mesmas influencias e marcados pela mesma caracteristica.

Desaccordos em certos detalhes, ajustão-se no fundo das concepções e dos principios. Basta lembrar que tanto o socialismo, como o positivismo e a critica religiosa esteião-se em um principio commum,—o da evolução, e caminhão firmados em um outro,—o da immanencia. Destacão-se pelas distancias de ordens diversas de assumptos; levão a separação que existe entre os problemas sociaes, os religiosos e os philosophicos. Dirigirão golpes bem rudes aos seus adversarios; e é problema aberto de se destes muita ou pouca cousa ficará ainda de pé. Muitos são os que se inquietão pela religião do futuro*; não poucos os que se mostrão apprehensivos sobre a philosophia e tambem sobre a distribuição das riquezas futuras.

Quaesquer que possão ser os resultados do debate, se é certo que se póde distinguir entre o mundo e a sciencia do mundo, não o é menos que se não póde, no mesmo sentido, entre a riqueza e a sciencia da riqueza: Explico-me. Quando o critico toma-se corpo a corpo com a theologia, mostra-lhe a origem humana e natural dos dogmas divinos, elle não pretende fazer religião, mas sciencia.

Demonstra que a theologia transcendente é uma sciencia impossivel; que a inquirição do sobrenatural é destituida de base positiva; mas affirma que o sentimento religioso é sempre persistente na alma humana. E ainda

* Este magno problema mereceu ultimamente que se lhe consagrassem as tres importantes obras seguintes: *Die Selbstersetzung des Christenthums und die Religion der Zukunft* de Eduard von Hartmann; *Der alte und der neue Glaube* de Strauss, e *la Religion de l'Avenir* de Laurent.

quando caião por terra certas idéas firmadas pela ordem theologica, como o sentimento não se extingue de todo, elle tomará a si mesmo ás luzes da razão, á sciencia e á moral alguma cousa de que alimentar-se.*

Quando o positivista, já hoje um pouco atrasado, torna patentes as impossibilidades da metaphysica e aponta os desvarios do *a priori*, o adversario batido recorre com elle a uma outra philosophia, que lhe ensine as leis do universo e as da civilização. E' que o critico como o philosopho não pretendem crear o objecto que estudão. Buscãõ uma explicação, e nada mais. E o economista, o mesmo se dará com elle? Sua sciencia é infecunda, quer feita pelos socialistas, quer por seus adversarios; porque o seu intento não é uma simples descripção das forças productoras da sociedade. Vai além; luta por crear o objecto de que se occupa:— gerar e multiplicar a riqueza. E só com este grande empenho é que mereço as fadigas dos seus cultores.

Foi Stuart Mill quem o disse:

« Ella seria um jogo do espirito, uma curiosidade esteril, se não conseguisse melhorar a sorte das classes operarias.»

Comprehende-se que se a economia politica se reduzisse á méra inquirição, á méra explicação do phenomeno da riqueza, não seria uma sciencia, mas uma simples descripção, um vago estudo. Ora ella não tem feito até aqui outra cousa, e para tudo dizer, não poderá jámais proceder diversamente, se quizer conter-se nos limites da sensatez.

* A critica religiosa na academia, entre aquelles *guabirús* litterarios, reduz-se ás *Ruinás* de Volney, á *Origem dos Cultos* de Dupuis, e algumas idéas de Voltaire bebidas aqui, e acolá!... Entretanto, ouvem-se naquelles corredores, por vezes, soberbos rasgos de impio charlatanismo, que não são mais supportaveis do que as enfadonhissimas preleções contra a *infallibilidade* do papa, com ares de cousa séria...

Presente-se que possa attingir ao ponto de dar salutaros conselhos aos ricos e aos trabalhadores; concebe-se que, revestindo um character historico, possa indicar em todos os tempos as fontes da riqueza publica e particular.

Inferior, porém, á estatistica, reformada desde Que-telet, nunca attingirá áquelle gráo de certeza, áquelle jogo mathematico de leis determinadas, que são o apañagio exclusivo da sciencia. Ainda mais, quaesquier que possão ser os progressos das classes proletarias, e os augmentos da futura sociedade, elles não lhe assentarão como filhos seus.

Todas as sciencias, todas as forças uteis da humanidade, em evolução constante, a vão levando a um prospero estado moral e mesmo material. A parte que ahi toca á economia politica é muito diminuta.

E, ainda quando fôsse muito grande, não bastaria para dar-lhe o distinctivo de sciencia. O economista é um astronomo que pretende fazer os astros de seu firmamento. Não se contenta com a descripção, a analyse e o estudo; como os cegos da alchimia, elle intenta fazer o ouro.

E' o *apriorista* da ordem social. Neste ponto, é ainda mais lastimavel o socialismo; porque derrotou a economia classica, e quiz faze-la por sua vez. Conseguiu provar a inanidade das doutrinas infundadas da velha escola, gastou-se, porém, em systemas erroneos, e, como verdade, alimenta sómente algumas idéas politicas e sociaes, que lhe dão ainda alguma força.*

* Sobre o *socialismo* ouvem-se nas prelecções academicas cousas interessantissimas. A totalidade confunde-o com o *communismo*, um de seus systemas condemnados, e desconhece inteiramente a sua theoria. Os ma's avisados sabem-no pelo *Curso de Direito Natural* de Ahrens e pelo livro de Thiers sobre a *Propriedade*, duas obras incompetentes para fornecer o conhecimento da doutrina e de suas transformações. Outros só lêrão a respeito o livro nullo e nocivo de Abreu e Lima!!...

II

A economia politica em todo o caso não é para julgar-se totalmente aéria. Póde ser, e é de facto, uma sciencia sem bases positivas; mas nasceu por uma necessidade fundamental do espirito humano. A arêna politica e social moderna, desde os fins do seculo passado, isto é, desde o tempo da apparição da propria economia politica, em todas as suas faces, foi dando logar a complicados problemas, que pedião soluções adequadas.

O voltairianismo foi uma resposta, hoje decrepita, a todas as vacillações religiosas; as doutrinas da Revolução o fôrão para as necessidades politicas. Coube á economia a incumbencia de sanar as apprehensões mais praticas da sociedade. Não acredito, com Augusto Comte, que o seu erro capital é haver se afastado das condições universaes de reforma, separando a ordem industrial das outras manifestações da vida. Ao contrario, foi justamente a sua mistura com assumptos de toda a classe, que fez illusão sobre o seu character e o seu valor. Os resultados mais aproveitaveis dos estudos dos economistas, como de todos os reformadores dos ultimos tempos, são philosophicos, politicos, ou ainda scientificos. As classes laboriosas hão ficado entregues ás garras da rotina ou têm sido a presa das revoluções. Ficárão sempre bem longe de um progresso trazido por um meio seguro e scientifico. E se algum adiantamento experimentárão, este o foi por applicação á industria dos dados de outras sciencias e não dos da economia politica. E' evidente que o aperfeiçoamento religioso e moral, as conquistas que todos os dias se vão operando sobre a natureza, em uma palavra, quantos avanços a civilisação vae fazendo, é evidente que tudo isto melhora a condição humana. A riqueza se multiplica, e, ao final, estas acquisições serão devidas a uma sciencia propria, exclusiva, destinada a esse fim? E' o

que a historia, quer industrial, quer politica, está negando. Não é hoje mais dado fazer-se illusão a tal respeito. Oitenta systemas desde Saint-Simon hão provado a vacuidade das doutrinas economicas, já das escolas classicas, já das socialistas.

Não significa isto que a riqueza não esteja tambem entregue a uma lei natural, e ainda que esta lei não possa um dia ser conhecida.

Nada adiantará, todavia, á sua producção como a descoberta da lei da unidade dos seres nada influenciou no desenvolvimento destes; como o achado das leis da astronomia não alterou a marcha dos planetas. Isto é, já suppondo a economia chegada a um notavel gráo de certeza. Até aqui tem sido meramente metaphysica e incapaz da menor direcção positiva.

Fallando dos economistas, pergunta o homem que quiz banir o absoluto da sciencia, na phrase de Scherer: « Considerando, com uma vista imparcial, as estereis contestações que os dividem sobre as noções mais elementares do valor, da utilidade, da producção, etc., não crer-se-hia assistir aos mais extravagantes debates dos escolasticos da idade-média sobre as attribuições fundamentaes de suas puras entidades metaphysicas, cujo character as concepções economicas vão tornando cada vez mais subtilizado? »* O economista dirige-se a um alvo inattin-givel, e trata de um assumpto que lhe escapa; pelo menos que lhe não entra tanto nas mãos que possa por ellas ser dirigido.

A riqueza! Será ella a mesma em todos os paizes, a mesma em todos os tempos? Fôra mister prever quantas accidentalidades possiveis as cousas hajão de encontrar em seu caminho para assegurar definitivamente a producção da riqueza e mais ainda a sua distribuição. E' um

* A. Comte — *Cours de Philosophie Positive*, vol. 4º, pag. 197.

daquelles objectos que por seu character de mobilidade não se prestão a uma organisação certa, mathematica. As condições do progresso humano buscão-se hoje em uma outra ordem de idéas. Bom numero de suppostas sciencias, que servirão para embargar-lhe a marcha, com suas affirmações opiniaticas, vão desde já cedendo o passo. A economia é a sciencia dos valores; e o que é o valor? Não ha dous economistas, que o saibão pelo mesmo modo. Todos dizem que elle é variavel ao infinito. Isto arrancou ao mais intelligivel dos socialistas, na phrase de Guizot, a seguinte exclamação :

« E o Hermes da economia, o trimegista Say, consagrando meio volume á amplificação deste texto solemne, a *economia politica é uma sciencia*, tem a coragem de affirmar em seguida que esta sciencia não pôde determinar seu objecto, o que quer dizer que ella não tem principio nem fundamento!... Ignorava, portanto, o illustre Say o que é uma sciencia, ou melhor—elle não sabia aquillo de que se mettia a fallar. »*

Triste empenho! Pretender fundar uma sciencia daquillo que por sua natureza é fluctuante, não da mobilidade regular das evoluções humanas, mas da irregularidade caprichosa das modas e das variações do tempo, é intentar a sciencia do impossivel. Essa cathgoria admite sómente o verosimil, o provavel; as affirmações não attingem nunca á altura imperturbavel das demonstrações scientificas. A historia das relações economicas nos ultimos oitenta annos ahi está para provar a vacuidade das doutrinas professadas. Estas têm levado a peito baralhar as mais simples noções. As suas idéas, longe de ser claras e definidas, pairão indecisas. A' esterilidade das concepções junta-se o obscuro das fórmulas escolasticas. Lembro-me do dito do immortal Comte: « Todos os

* P. J. Proudhon—*Qu'est ce que la propriété?* vol. 1º, pag. 115.

homens sensatos ligavão a principio um sentido intelligivel ás expressões indispensaveis de *producto e productor*; depois que a metaphysica economica intentou defini-los, a idéa de *produção*, á força de viciosas generalisações, tornou-se por tal modo vaga e indeterminada que os espiritos judiciosos, que buscão a exactidão e a clareza, são forçados ao emprego de penosos circuitos de linguagem para evitar o uso de termos que ficárão profundamente obscuros e equivocos.»*

O que ahi é dito de *producto e productor*, ainda mais exactamente se applica a valor e preço.

Empenhados em meras definições de palavras, sem serio alcance pratico, eis que os auctores nos fallão em preço corrente, preço de custo, preço real, preço necessario, preço natural, e em valor de uso, valor de troca, valor teleologico, etc... E é este o assumpto magno da sciencia, aquelle que, como já vimos, se confunde com ella mesma para muitos, qual o afiança Mill!..

Parece que a obscuridade cresce aqui em razão da importancia. Leia-se o que o illustre positivista inglez escreveu neste ponto, e veja-se se póde haver maior indecisão. Entretanto, é um espirito lucido, e que se gaba elle proprio, de haver especialmente meditado sobre a materia.**

Eu não vejo que se devão accetar as vistas de Mill sobre o valor e o preço; nem tão pouco contrariar-las. No ponto de vista em que elle se colloca, posição commum aos seus collegas de sciencia, o celebre autor abunda em razões caracteristicas. Póde ser tudo aquillo muito bem achado, e o é de certo; mas é tudo muito aério, nada se dirige á marcha ordinaria dos acontecimentos industriaes e mercantis. Uma idéa, neste ponto

* Comte *ibid.*

** *Economia Politica*, vol. 1º, pag 515.

decisiva, deve agora ser estabelecida : os dissertadores do preço e do valor laborão no equivoco de querer generalisar cousas que a isso se não prestão, pelo menos sem deixarem de perder o cunho da realidade. Explico-me. Os dissertadores, como o geral dos homens, sabem que o preço das cousas e o seu valor estão emaranhados em cem mil circumstancias, que lhes dão um character todo fluctuante de momento a momento. Sabem ainda, como todos, que, separadas umas de outras e reduzindo o que resta da operação a provanças scientificas, o ultimo dado pôde ser applicavel a um mundo phantastico, ideal e não de certo a este em que nos movemos. Não ha isto vedado a que continuem a produzir e multiplicar engenhosas theorias. Nellas não se dão contas dos caprichos da natureza e do character humano, das modas, das intrigas commerciaes, e em uma palavra de todos esses agentes obscuros, mas robustos, da vida mercantil. Pouco importa, comtanto que as cousas appareçam crystallisadas, é verdade, mas frageis e nullas, como uma chimera. E afinal, que resultados praticos podem ter umas idéas mais ou menos incompletas sobre as fluctuações do valor e do preço das cousas? Não se descobrem facilmente.

Por tal arte, que ou os dissertistas fallão do valor e do preço e dos mais factos economicos como elles deverião se dar, mas de facto não se dão, e, neste caso, é uma inquirição gratuita que só pôde fazer as delicias de hystericos amadores do *a priori*, ou os tratão como elles naturalmente apparecem, e, então, não passa tudo de um simples relatorio de acontecimentos, cuja direcção lhes foge, e a somma total, em uma e outra hypothese, é inutilidade !

Na classificação das sciencias, na ordem ultimamente proposta pelo sabio Spencer, a economia politica não deve vangloriar-se de achar um assento. Quer entre as *leis das fórmulas*, que dão nascença ás sciencias *abstractas*, ou as *leis*

dos factores, que gerão as sciencias *abstracto-concretas*, ou as *leis dos productos*, que formão as sciencias *concretas*, aquelle estudo não se pode apresentar com titulo igual ás sciencias propriamente ditas. Não manifesta com verdadeira segurança uma theoria exacta ou das relações, ou das propriedades, ou dos aggregados que equivalem áquellas leis apontadas.

Mas, a ser classificada provisoriamente, será entre as sciencias, que estudão os phenomenos em si mesmos, considerados em seu todo, isto é, as concretas em cujo numero Spencer colloca a astronomia, a geologia, a biologia, a psychologia e a sociologia.*

Tudo isto se dirige á economia politica incongruente e abstrusa, dilettantismo de rhetoricos letrados, cujo prestigio é crear embaraços ao progresso humano.

E' a maior inimiga das classes trabalhadoras, essa divinisação do capital amontoado, suprema depravação, que vai passando á força das ruinas amontoadas por toda a parte.

A que se lê em nossos compendios, que se espalha em nossas pobres *academias*, e declama-se em nosso misero *parlamento*, deve ser rechaçada com todas as armas, desde o argumento exacto e irrespondivel, até o ridiculo implacavel e turbulento. E' esta a declaração franca de nossas idéas.

Fazemo-la tanto mais ostensiva, quanto se nos prende mais no espirito que a liberdade do pensamento foi sempre um direito e a sua manifestação sincera uma virtude.

Recife, 20 de Setembro de 1873.

* *Classification of Sciences*, passim.

II

ETHNOLOGIA DO SELVAGEM DO BRAZIL*

Quem não terá noticia das curiosidades que sobre os indigenas, ainda ha poucos annos, de toda parte nos assaltavão?

A palavra *curiosidades*, que ahi fica, não exprime de modo algum que scientificamente notaveis descobertas nos tenham sido reveladas; refere-se ás abundantes inutilidades que então apanhavão-nos por todos os lados.

O romanticismo inane, desconhecendo a primeira palavra de investigações positivas já muito espalhadas, multiplicou as extravagancias, e fez-nos do caboclo um ente formidavel e ridiculo!

Entretanto, lá fóra, nos Estados-Unidos por exemplo, o indio não era mais assumpto de poesia; entrára plenamente no dominio da sciencia.

Nós outros por toda verdade tinhamos as exquisitices das *dilettantes*, e as innocencias dos *Selvagens do Brazil perante a historia!* O poeta que escreveu esta

* *Região e raças selvagens do Brazil*, pelo Dr. Couto de Magalhães, 1874. Memoria reproduzida no *Selvagem*, 1876. — Rio de Janeiro.

memoria, encomiada ainda hoje, adiantára a serie dos trabalhos analogos, entre os quaes destacão-se as paginas do *Brazil e a Oceania* de um outro não menos complacente e apaixonado. Esses escriptos até agora ficarão impunes e dominão ainda á quasi totalidade dos nossos litteratos. Os enganos por estes produzidos dão a prova, e é para notar que o primeiro motivo debatido, isto é, o da inspiração indiana de nossa poesia, não tenha feito o mais leve progresso, e as cousas continuem no mesmo pé em que d'antes se achavão.

Na primeira lauda de nossa vida pensante, neste seculo, está inscripta essa questão e é muito dubitavel que se encontrem seis pessoas que lhe saibão do resultado. Nem a poesia levantou-lhe uma obra duravel que lhe assegure titulos de nobreza; nem a critica deixou um livro, um artigo sequer que lhe trouxesse a luz definitiva.

A *indio-mania* cresceu por fatalidade e acabou por inconsciencia. Vulgarisou idéas incorrectas sobre os aborigenes que a sciencia não corrigio entre nós. Essa poesia sublime de que erão dotados, sua meia civilisação tão promettedora, a theologia fecunda, resultado de suas cabeças bem formadas, todos estes levianos avanços para o erro, estão por ser desfeitos neste paiz.

Os grandes estudos anthropologicos e a critica religiosa desfizerão as trevas sobre aquellas inexactidões entre os que sabem pensar, e é bem certo que a sua luz não chegou até cá.

Se não temos idéas seguras sobre a maior parte das grandes indagações da sciencia contemporanea, não nos é licito a nós americanos, admiradores do tapuio, continuar a ser a nação mais atrasada sobre aquillo que constitue o nosso maior enlevo! E esta é a verdade. Aqui na America mesma, ha muito, as cousas mudárão de aspecto.

Os trabalhos de Morton, Nott e Gliddon, Stephens, Haven e Mayer, de Hartt, Maury e Fidel Lopes, adjuntos

aos de Brasseur de Bourbourg e Leon de Rosny, indicação que outro já é o rumo por onde cumpre caminhar.

Mas é exacto que o patrio juízo sente-se agora tomado de enjôo sobre esse ponto; não é que achasse o segredo do assumpto e elle tivesse perdido o encanto a seus olhos. Sem um motivo grandemente racional, sem uma refutação inconcussa, o caboclo foi desapparecendo das letras e hoje nem todos sabem onde elle se achará!...

O espirito publico molestou-se de ser levado para o absurdo, e voltou-se para outra parte sem um movel determinado, sómente pelo instincto da verdade. Ainda esta não foi-nos no todo annunciada scientificamente.

Nem o opusculo de que dou conta, mostra esse character em mui alto gráo. Sem duvida o seu autor quiz encarar o selvagem pelo moderno methodo e ccm as novas idéas; de certo ainda elle se mostra abalisado para o trabalho que empreeheu. O seu livro não é, porém, um producto acabado, nem até um estu o convenientemente dirigido.

Pela leitura da monographia do Dr. Couto de Magalhães, e sómente por ella, ficar-se-hia ainda muito perto do antigo terreno das velhas noções.

Não é menos exacto que para julga-la, é preciso conhecer um pouco mais do que aquillo que constitue a previsão scientifica de algumas classes que se julgão muito adiantadas em nosso paiz. Sem uma posse assás elevada dos ultimos avanços de espirito no dominio da anthropologia e da linguistica, da critica mythologica e religiosa, é um pouco arriscado pôr a mão em cima do livro de que fallo.

Seu nobre autor ha de ter lido as extravagancias, que a seu respeito, apparecêrão de varios pontos do paiz, e deve-se ter incommodado. Alguns elogios traçados por quem evidentemente nada entende do assumpto, alguns palavrões grotescos por quem julga que a *phrase* desenxabida é a idéa, devem-lhe ter deixado uma

impressão desagradavel. Não é para menos. Quem publica um livro para o qual despendeu grandes labores, quem atira á luz o resultado de um estudo reflectido, e e recebe o juizo desponderado do *folhetinista* esteril, tem estimulos para deixar de escrever neste paiz.

Não sei o que será mais proprio para dar a prova do estado pouco lisongeiro da vida intellectual dos brazileiros, se os raros phenomenos isolados de um ou outro producto no terreno da sciencia sem côm e sem vida, ou se os juizos, as sentenças absolutorias e elogiativas que arrancão do jornalismo incompetente.

Este ultimo symptoma parece de grande interesse para o diagnostico. Mas é tempo de abrir o livro do Sr. Dr. Couto de Magalhães.

I

Começa por umas paginas em que o escriptor depôz as suas observações e reminiscencias de viajante. São de algum alcance para a geographia; acho-lhes um certo ar de nobreza que faz amar as regides de que nos fallão.

São pouco abundantes e o autor é benemerifo das letras por ter poupado um grande sacrificio ao seu leitor. Quero fallar da abstinencia que fez de toda a poesia impertinente, dos desvarios romanticos com que outro teria posto em prova o seu gosto de meridional.

De certo, descrever sertões, fallar das serras, das mattas em que o selvagem se agita, e não soltar as redeas ao corsel de falsas musas, é uma dignidade que qualquer nacional não mostraria. Não é que o commedido autor não tivesse de longe em longe as suas tentações que bem se deixão presentir...

A parte geographica do livro não é fertil em grandes descobertas, nem tal ha sido o proposito principal da empreza; comtudo é a mais forte.

Descendo pelos assertos geologicos e, gradualmente, pelos anthropologicos e linguisticos, é licito parar aqui e acolá, fazendo algumas ponderações que a leitura desperta. Tanto quanto um espirito educado em uma das nossas faculdades de direito, sem estudos altamente especiaes, póde-se achar em dia com as questões que o assumpto requer, o nosso escriptor se acha.

Uma de suas theses estimadas é a de cruzamentos pre-historicos de nosso caboclo com alguma raça branca.

Não é nova; mas eis o que elle nos diz: «... existindo nas raças indigenas do Brazil vestigios de antigos cruzamentos com o branco, sobretudo, entre os que fallão a lingua tupy, e não existindo nessa lingua os vestigios do sanscrito que se encontram no quichúa, segue-se que a raça branca aryana que com os Incas cruzou o tronco vermelho do Perú e America Central, não foi a que cruzou com os nossos selvagens.»*

Este periodo encerra tres pequeninas inexactidões. «Não se encontram vestigios do sanscrito». O autor sempre que, referindo-se a Fidel Lopes, tem de fallar de misturas de linguas aryanas com o quichúa, ao bico de sua penna só chega o vocabulo *sanscrito*, como se as linguas aryanas fôsem sómente aquella. O escriptor platino em seu pretendido estudo de *philologia comparada* não se limita a mostrar o parentesco da lingua dos Pirhuas só com o dialecto dos Vedas. Se o fizesse seria, pelo menos, incompleto. Elle não se esquece do zend, do gothico, do grego, do latim, e até do islandez, do saxonio, do lithuanio e do moderno allemão e inglez a par do sanscrito.

* Pag. 36.

«... que com os Incas cruzou...» O emprego exclusivo do termo *Incas* quando falla dos antigos habitantes do Perú não parece muito explicavel.

O philologo acima lembrado nunca usa de semelhante palavra para expressar as raças peruanas; em seu livro são abundantes... Quichúas, Pirhuas e Purhuas e não Incas, que fôrão apenas uma dynastia e a ultima de todas.

«... do Perú e America Central...» Não! as raças do Perú fôrão mui diversas das da America Central... O nosso autor parece que não leu bem o Fidel Lopes; de outro modo, teria notado a lucta que elle abre com Brasseur de Bourbourg sobre a cegueira que tem este de transportar as idéas do Mexico e da America Central para o resto do Continente!

Aquelle periodo não contém sómente os tres descuidos apontados que indicão a pouca dextreza do escriptor no manejo do assumpto.

Um ponto decididamente exquisito é este: «... a raça branca aryana que com os Incas cruzou o tronco vermelho do Perú...» Se o ethnologo brasileiro admite, como claramente o faz, a realidade de um ramo de população branca mesclado ás tribus selvagens do Perú, outro não foi senão esse mesmo dos Incas que não passarão, como ficou notado, de ultimos chefes da velha raça dos quichúas.

Parece que nunca será determinada a verdade sobre as migrações pre-historicas das raças peruanas: mas é mister algum esquecimento para fallar de Incas como de uma *nação*, e esta—distincta dos quichúas.

Não é tudo. «... não foi a que cruzou com os nossos selvagens...» E qual seria então esta? Não existe quem ignore que a ethnologia, a philologia e a sciencia das religiões entre as raças superiores só duas grandes familias brancas reconhecem: ... a aryana e a semitica.

Não foi um ramo qualquer aryano que por aqui

passou, pois a lingua *tupy* não mostra vestigio algum das linguas indo-germanicas.

E' o que sustenta o Sr. Dr. Couto. Perfeitamente ; mas, ha de convir tambem que não foi nenhuma das familias semiticas, porque o *tupy* não têm parentesco algum com o hebreu, o arabe, o phenicio ou qualquer outra lingua do mesmo grupo.

Os que não se achão em estado de resolver directamente se entre as tribus selvagens brasileiras existem amostras de cruzamentos pre-historicos com o branco, porque nunca andárão, pelo grande *araxá* central, onde fervilha a grey cabocla, admittindo com o illustre viajante este facto, aliás pouco provavel, não vejo que outra sahida possam ter para o problema senão essas mesmas raças aryanas que, dizem, se estabelecêrão no Perú. E se os vestigios que na lingua ficárão são raros, é devido á pequena escala em que, talvez, se dera o acontecimento.

O monographista diz que na lingua *tupy* não se depárão vestigios do sanscrito ; mas declara bem alto que para a convicção dos resultados a que chegarão Fidel Lopes, Nodal e Brasseur *basta saber lêr*.

Julgo ser isto muito pouco, pois o nobre escriptor, se houvesse pensado mais, teria se recordado que na singular obra *Les Races Aryennes du Pérou* se lêem cousas assim :

« Le nom que les tribus émigrantes donnèrent à leur nouvelle patrie fut Pérou. Pérou, en effet, veut dire en *sanscrit* l'orient, la mer, le soleil, les montagnes d'or ; et désigne par consequent le pays situé á l'est de l'Inde, avec tous ses caractères principaux. Aussi le même radical se rencontre-t'il plus au moins corrompu sur tous les points du continent sud-américain : Paraguay ou Parahuay, Veragua, Beragua ou Pera-hua, Paria, Parina, Brazil ou Para-sil, etc. »

Podera-se-lhes juntar : Pará, Paraná, Paranaguá, Paraguassú, Parahyba, Pernambuco e cem outros.

Como explica o illustre ethnologo a presença de um radical sanscrito, segundo o autor invocado, em nome de paizes onde se fallou o *tupy* ou guarany e não o quichúa? Ainda não basta.

Diz mais o interessante livro : « Comme expression de lumière créatrice, elle (a raiz *top*, *tap*, *tup*) entre dans une série de noms royaux et nationaux : Tupak—Amarú, Tupak—Yupanki, Tobas, Tupys et mille autres que se donnent les *tribus* et les chefs de l'Amérique. »

O nosso autor, que conhece o *tupy*, deve saber que nesta lingua entra muito a raiz em questão, bastando lembrar-se das palavras *tupan*, *taba* e até do proprio nome da raça *tupy*!

O caso é para lançar na perplexidade o mais sereno dos espiritos. Quer parecer que se o autor das *Races Aryennes du Pérou* applicasse o seu methodo ao guarany e ao tupi transformava-os, de prompto, em outras tantas linguas aryanas.

É claro que as affirmações tão categoricas a que elle chegou não devem ser tão facilmente admittidas, como o declara o philologo brasileiro. O avesamento em abusar de certos processos linguisticos como methodo scientifico tem contribuido para o descredito dos estudos americanos a par do celebre *Livro dos selvagens*.*

Subscribo de bôa mente estas verdades proferidas por um naturalista : « Les systèmes édiflés de toutes piéces à l'aide des donnés de la linguistique, qui ne servent trop souvent qu'à prouver que ce que l'on veut et qui ne peuvent révéler ni la distance des temps ni la nature des événements, qui ont produit les résultats constatés, ont souvent inspiré une légitime défiance. »

* Veja-se um artigo de Max Müller sobre o Popol-Vuh de Brasseur em o seu livro-*Ensaio sobre a historia das religiões*.

Por haver encontrado algumas semelhanças entre as linguas e doutrinas do Mexico e Guatemala e os idiomas e factos indo-europeus, o abbade Brasseur foi achar naquelles paizes a sonhada origem das civilisações. Para o bom francez o Yucatan é o principio da vida, a grande origem, alguma cousa de analogo á *nebulosa* de Laplace, com que conta explicar as transmutações do pensamento. Até o velho Egypto, a patria dos hyerogliphos e do copta, esse martyrio dos philologos, lhe deve os seus mysterios!... E' demasiado.

O escriptor platino encontra aryanos por toda a America do Sul; e infelizmente o Sr. Dr. Couto de Magalhães mostra-se pouco disposto a conter-lhe os exageros.

Não deve eximir-se, comtudo, da obrigação de explicar a origem *sanscrita*, entre outras, das palavras *Brazil* e *tupy*.

Ou deixa de crêr tão amplamente na theoria dos philologos, Lopes e Nodal, sobre a lingua americana, que elles estudarão, ou chegará a accitar que o tupy e o guarany têm tambem residuos dos idiomas indo-germanicos.

Porém, note-se, não creio que o quichúa ou qualquer outra lingua americana seja aryana; nem até que os povos que as fallarão estivessem, em remotas épocas, em contacto com as raças daquella origem. Aponto sómente a inconsequencia do Sr. Dr. Couto de Magalhães em jurar nas palavras de Fidel Lopes e não admitir a origem *ana* de muitas expressões *tupys*! Elle é significativo em sua opinião, e declara o problema da mais instante importancia; da solução deste depende, a seu ver, a segurança a respeito da origem dos selvagens que povoarão o Brazil, ou, ao menos, dos povos que com elles se entrelaçarão.

Por maior que seja o comedimento que deva conservar, declaro que não é licito a um conhecedor exacto da anthropologia do indigena brasileiro a simples

lembrança do problema: se o tupy é uma lingua aryana.*

E' certo que a philologia, mal interpretada e dirigida, pôde offerecer certas apparencias que tragão a confiança na vista contraria. Aquella sciencia, porém, não é só por si um guia seguro para a filiação das raças humanas. Os trabalhos caprichosos de Fürtz e Delitzsch, entre outros, pretendendo provar a irmandade das linguas semiticas com as arianas, são um exemplo que não deve ser esquecido do quanto pôde uma idéa *systematica* quando revestida de fórmulas e de argucias linguisticas. Com referencia ao tupy, qualquer philologo, um pouco exercido na arte do *sophysma*, levando o seu leitor atravez de artificios, irá provar a sua inteira filiação ao grupo dos idiomas indo-germanicos.

Não será preciso grande esforço imaginativo, nem pôr em concurrencia avultadas provas de enganosas ponderações.**

* Fallo com as noções que actualmente possuo a respeito das populações aborigenes do paiz, e emquanto alguma descoberta inesperada não me venha pôr em estado de reformar minhas idéas. Recentemente os jornaes dão noticia de que o Sr. Dr. Antonio José Pinheiro Tupinambá vai publicar um livro que se intitula: *Analyse Philologica das Vozes Radicaes da lingua Ario-Tupy ou Idioma Tupinambá*. O tupy para este escriptor é uma lingua aryana; elle nos diz em seu prologo: «Para patentear as excellencias da lingua aborigene da minha patria, lingua inconvenientemente classificada pelos sabios entre as barbaras, porém que eu *provarei pertencer á familia aryana e ser affim do sanscrito, grego.*» Não é possivel aquilatar desde já do merito de semelhante escripto. O autor, pelo que se vê, pensa de modo diametralmente opposto ao Sr. Dr. Couto de Magalhães quanto ao tupy. Posteriormente o Sr. Appollinario Porto Alegre sustentou a mesma idéa do Sr. Tupinambá e tambem o Sr. Carlos Hennig.

** O leitor poder-se-ha convencer de quão fundada é a suspeita diante de alguns especimens que lhe offereço. Não ha mister de ir muito longe para a cousa mostrar grandes visos de possibilidade; abirão-se

Era bem possível multiplicar exemplos, tomados ao acaso, e decidir-me pela these do *aryanismo* das linguas

o *Glossario* de Martius e o *Vocabulario Ario-quichúa* de Fidel Lopes. Reparem-se nas raizes, affixos ou suffixos dos termos seguintes :

TUPY	SANSKR
<i>Paraná</i> ou <i>Pará</i> , mar, chuva	<i>Plu, Plav</i> , ir correr, chover, <i>nav egar</i> . (Esta raiz tem derivados em R, e o <i>tupy</i> , como o quichúa, intercalla entre as duas consoantes uma vogal).
<i>Tupan</i> , <i>tupāna</i> , Deus, trovão, raio, luz	<i>Tap</i> , queimar, resplandecer, e <i>Pá</i> , pai, protector.
<i>Neeng</i> , fallar, responder	<i>Nan</i> , fallar.
<i>Tata</i> , fogo, lume	<i>Tap</i> , brihar, <i>Tup, Tub</i> , ferir, roçar.
<i>Monháng</i> , fazer, obrar	<i>Man</i> , pensar, executar, e <i>Vang</i> ir.
<i>Maem</i> , attentar, examinar	
<i>Maenduaçaba</i> , pensamento	<i>Man</i> , pensar.
<i>Ara</i> , dia, tempo, mundo	Tem a raiz que no latim formou— <i>arare</i> , <i>aratio</i> , <i>arator</i> , e no quichúa— <i>Araka-cha</i> , <i>arahua</i> , <i>ararihua</i> , com o Suff. <i>xa</i> ou <i>cha</i> , do sanskrito <i>Ka</i> , <i>Kud</i> , altura, cume de montanha.
<i>Araxá</i> , planicie alta	<i>Ya</i> , agua corrente ; em quichúa— <i>Yahu</i> .
<i>Y</i> ou <i>Yg</i> , agua	<i>Ij</i> , suff. <i>Ca</i> , acabar, derribar, derrotar e ou <i>Ka</i> , de <i>Kad</i> , prender, tomar.
<i>Jucá</i> , matar	<i>Pat</i> , ir, marchar ; R, ir, sahir.
<i>Puir</i> , afastar-se, retirar-se	<i>Aç</i> , porção.
<i>Acyquira</i> , pedaço	<i>Mir</i> , destruir ; <i>Um</i> , diminuir.
<i>Mirim</i> , pequeno	<i>Matr</i> , alimentar, mamar. Donde em latim— <i>mater</i> ; e em quichúa— <i>ma-mani</i> , chupar, mamar.
<i>Mitanga</i> , criança, mamador	<i>Ap</i> , ganhar, obter. Donde em quichúa <i>Apir</i> , chefe, senhor.
<i>Apiaba</i> , homem, varão completo	<i>Ma</i> , laço, união, donde— <i>Mand</i> . ornar, suff.— <i>ar</i> , <i>ara</i> , muito commum no tupy e no sanskrito.
<i>Mendar</i> , casar, <i>mendara</i> , matrimonio	<i>Vira</i> , vara, cana.
<i>Uira-pára</i> , arco de atirar flechas ; <i>Uira</i> , flecha	<i>Anka</i> , ornamento ; <i>Ciras</i> , cabeça, D'onde— <i>Achan</i> — <i>Kara</i> em quichúa.
<i>Acanga</i> , cabeça, <i>acanga-atara</i> , enfeite de cabeça	<i>Pã</i> , pai.
<i>Paya</i> , pai	<i>Ari</i> , primeiro, excellente.
<i>Ara</i> , sol, dia	A mesma raiz.
<i>Coaracy</i> , sol	<i>Tap</i> , fogo, vermelhidão e <i>Hiranan</i> , fios de ouro ; donde <i>Zaranan</i> em zend e <i>Kokori</i> em quichua.
<i>Tapacora</i> , liga vermelha	<i>Ia</i> , agua corrente e a raiz, donde <i>aratio</i> em latim.
<i>Iara</i> ou <i>Igara</i> , canôa	<i>Tap, Tup</i> , calor ; em quichúa, <i>Tapa</i> ninho ↓
<i>Taba</i> , aldeia, casa	

americanas. Mas são cousas que nada provão, além do facto da uniformidade das leis que presidirão ao desenvolvimento do espirito humano por toda a parte. Por aquelle methodo fôra facil provar o parentesco de todas as linguas do mundo. Para aquillo não é necessario a descendencia dos selvagens patrios das nações indo-européas, nem tão pouco um cruzamento qualquer com ellas. Protestão a favor desta idéa as qualidades moraes do indigena brazileiro, ou sua psychologia, e suas qualidades anatomicas e physiologicas, tão desaccordes das dos povos a que o querem referir. Entre outros factos, basta lembrar seu desconhecimento dos metaes, do pequeno cyclo do tempo — a *semana*, e a falta de animaes domesticos, dados todos estes de posse dos Arys, muitos seculos antes de sua *dispersão* pela terra! Mas nem é preciso sahir do terreno da philologia para provar a disparidade do *tupy* e dos idiomas a que o pretendem filiar; ali está a sua *grammatica* como prova severa de sua independencia.

Este signal tem todo o peso. « C'est que chaque langue est emprisonnée une fois pour toutes dans sa *grammaire*, elle peu acquerir, par suite des temps, plus de grace, d'élégance et de douceur; mais ses qualités *distinctives*, son principe vital, son âme, si j'ose le dire, appa- raient tout d'abord complètement fixés.»*

Algumas semelhanças puramente etymologicas, tomadas ao dictionario, não são sufficientes para provar o parentesco das linguas, antes de tudo está a *grammatica*. Ouçamos ainda o mesmo escriptor, falland o dos meros encontros: « La plupart tombent sur des racines dont la ressemblance s'explique, soit par l'onomatopée, soit par des raisons tirées de la nature même de l'idée ».**

**Histoire Générale des langues semitiques*, par Ernest Renan, pag. 470.

** Idem, *ibid.* pag. 447. — Recomendo todo este capitulo da obra citada aos amigos das *identidades* as mais desaccordes.

No que digo refiro-me particularmente ao tupy e ao guarany, deixando de apontar o que mais de perto se dirige ao quichúa e ao quichêe, que constituem dois problemas mais caprichosos e especiaes dos estudos americanos.

Não é que ache provadas as immigrações de Aryás imaginados por Fidel Lopes e Brasseur; é que não fazem o objecto deste estudo.

Acho um pouco exquisito que o Sr. Dr. Couto de Magalhães, que abraça tão completamente as *theorias novissimas* sobre certas linguas do continente, não houvesse aceito, e mais facilmente, as affirmativas historicas do autor platino, ellas que são mais bem firmadas do que as doutrinas philologicas que as acompanhão.

E n'um erro historico que se manifesta bem onde se achão as raizes da repugnancia que mostra em admittir que os vestigios dos suppostos *cruzamentos com o branco*, existentes nos actuaes selvagens brazileiros, fôsem provindos dos pretendidos aryanos do Perú. E' porque acredita que a historia do imperio civilisado daquelle paiz abrangia o diminuto periodo de 400 annos!

E' o erro de Garcilazo refutado victoriosamente pelo illustre F. Lopes, estribado em Montesinos, que tem muito mais peso do que o inexacto *chronista* peruano.

O Sr. Dr. Couto sabe bem que os Incas erão sómente chefes dos Quichúas e não uma nação; todavia não se eximio de escrever o seguinte: «O cruzamento pelos *Incas* é um facto comparativamente *recente*. Com effeito, os historiadores são *accordes* em dizer que a historia dos reis do Perú abrangia um periodo de 400 annos antes da descoberta da America.»

Não esperava lêr este periodo no livro do distincto ethnologo, e muito menos em uma pagina em que cita a Fidel Lopes!

Repetir o erro de Laet, que é quasi o mesmo de Garcilazo, é sorprendente da parte de quem deve estar informado de que uma grande civilisação não se improvisa em

400 annos. Medite bem o escriptor o capitulo da *Races Aryennes du Pérou* que se intitula *Rétablissement des dynasties peruviniennes* e veja o que nos diz deste pedaço: «la legende elle même n'osa pas lier l'histoire des Incas à celle des anciennes dynasties, jusqu'à Garcilazo, qui, en Espagne, altera la tradition entière, lia *Sinchi-Roka* avec *Manko-Kapak*, le deuxième *Piruha*, et supprima d'un trent de plume quatre mille ans de l'histoire du Pérou.»*

O autor, que acabo de citar, considera a pretensão de explicar a civilisação peruana só com os Incas, a ultima dynastia, como o explicar a civilisação européa só como Carlos Magno, sem metter em linha de conta Roma, a Grecia, e o Oriente!

O Sr. Dr. Magalhães entende que as raças civilisadas do Perú fôrão para lá *com os Incas* 400 annos antes da descoberta da America, e que *Manko-Capak*, muito anterior, foi o seu primeiro chefe! Onde ficão a dynastia extensissima dos *Pirhuas*, que reinarão na época chamada a *antiguidade peruana*, e a dos *Amautas*, que figurão na sua *idade média*. Depois é que vierão os *Incas* nos tempos ditos *modernos*.

Já se vê porque é que elle considera os *brancos* que cruzarão com as raças selvagens brazileiras, anteriores aos Quichúas com seus *Incas*.... Sem duvida, se aquelles cá vierão, devião ter sido muito anteriores aos Incas, ultima dynastia peruana; mas não havião de ser anteriores aos ditos *aryanos*, que, desde épocas altamente immemoriaes, se estabelecêrão, conforme nos affirmão, naquella parte da America.

II

Para a explicação do estado particular de atrazo em que permaneceu até á descoberta do Brazil, e depois della, o nosso selvagem, devera ser tida em conta a sua posição entre as outras populações indianas do continente. Mas cumpre notar a falta de documentos *positivos* que nos tivessem restado de todas ellas. As raças indigenas da America não poderão jámais ter uma historia; não escrevião, e os poucos monumentos do Perú, do Mexico e de Guatemala são insufficientes para tal desideratum.* As asserções dos sabios são meras conjecturas. Nem o phenomeno é estranhavel. O que sabe de positivo a sciencia européa sobre a historia das populações celticas antes de Julio Cesar?***

Ainda mais o que de definitivamente determinado conta a sciencia contemporanea sobre velhas populações altamente cultas, como as do Egypto, por exemplo? Hypotheses mais ou menos bem fundadas e nada mais. Reconhece-lhes alguma cousa capaz de provar um certo gráo de adiantamento; historia propriamente tal não existe. Basta lembrar os exageros de Hamilton sobre a patria dos Pharaós, que arrancárão a um sério espirito a seguinte exclamação : « *It is a shame that such non sense should be written in the nineteenth century!* »

As differentes theorias explicativas da origem e do desenvolvimento das raças americanas estão bem longe de ter um apoio sério da sciencia. E a sua classificação é ainda incompleta por mais de una face. E' inexcedivel como prova de vacillação, até para aquelles que mais se

* Max Müller, La Science de la Religion, pags. 53 e 54.

** Brachet, Grammaire Historique de la langue française, pags. 34 e 35.

têm empenhado no estudo do problema, a maneira porque explicão o genesis das idéas indianas.

Os philologos em geral, imbuidos da justeza das vistas que lhes fornece o estudo comparativo das linguas asiaticas, maximé as indo-germanicas, estudo que tem por base tambem a historia, aventurão-se a explicar semelhantemente as linguas americanas. Quando o digo, não quero taxar de absurdo o emprego do mesmo methodo ás linguas do nosso continente, longe dahi ; refiro-me á idéa preconcebida de encontrar aqui na America justamente os mesmos tres typos de linguagem que é costume deparar na Asia.

A classificação das linguas desta região em *aryanas*, *semiticas* e *turanas* devida a Müller, vai passando por materia firmemente estabelecida. Não o é tanto pelo que se diz do grupo das turanas que E. Renan, competente no assumpto, denomina engenhosa *hypothese* de linguista allemão.*

Admittidas as tres grandes ramificações da linguagem, cumpre observar que ellas correspondem a outras tantas ordens de idéas, tambem distinctas na esphera religiosa, politica, artistica, economica. . . .

A philologia não deve esquece-lo: sempre que quizer, sem prova sufficiente, applicar a *triada* asiatica ao resto do mundo, no empenho de vêr reproduzidas as exactidões dos seus achados por lá, corre o perigo de falsificar a sciencia. E' o que vai fazendo em larga escala para a America.

Para certa classe de escriptores, com toda a segurança, nem mais nem menos, as velhas populações do continente são *aryanas*, *turanas*, e ha tambem quem nos falle de cruzamentos *semiticos* como causa bem provavel.

* Histoire Générale des Langues Semitiques, pags. 493 e 494, e A. Ed. Chaignet—La Philosophie de la Science du Langage.

Afiliação dos povos de cada um dos grupos daquelles idiomas asiatico-europeus tem uma base, além da linguística, na historia. Não assim na America, onde falta este elemento do moderno methodo.

E' presumivel que, entre si cotejadas, as religiões, as idéas, as linguas das differentes tribus do Novo Mundo devão ser classificadas em grupos distinctos, que até certo ponto pareçõ ter um parentesco qualquer com as do antigo continente. Não está elle positivamente provado. Uma cousa deve aqui ser dita: para explicar as differenças das familias americanas entre si, não é mister sómente procurar-lhes uma paternidade algures; é preciso observar tambem que as dessemelhanças podem ter sua raiz na simples *physica* das regiões que habitarão. De igual sorte, as similitudes, que de longe em longe mostrarem com as populações do velho mundo, podem ser filhas disso a que chamão os allemães o *factor humano*, aquillo que constitue o fundo mesmo da especie. Ha quem recorra ao principio da *raça*, para explicar as differenças de civilisações e doutrinas, em uma palavra, para dar o motivo de todas as variedades que apresenta o pensamento humano nos periodos primitivos da historia, e depois delles.

E' uma theoria nascida com o romantismo e levada aos ultimos assentos do exagero. A explicação carece de prova. A lei invocada, como demonstração sufficiente, pede tambem uma razão que a explique.

E' necessario um principio superior que, dando o motivo das dessemelhanças da religião, das idéas, da vida em summa, contenha a-prova da multiplicidade das raças... Esta lei são as leis mesmas que a cosmographia descobre no mundo, a geologia na terra, e a anthropologia no homem.

A historia, a linguística e a philosophia devem ser precedidas pelas sciencias physicas e naturaes, aconselhão os competentes, senão é sempre certo que desnaturão as idéas sãs sobre a humanidade.

Duas são as maneiras, mais espalhadas, de mostrar a origem das idéas e povos americanos; a de uma filiação com os asiaticos e a de um producto espontaneo do continente. *

Este ultimo methodo não é destituido de peso, depois que Buckle explicou as civilisações do Mexico e do Perú do mesmo modo porque determinou as do Egypto e da India como *productos naturaes*. Os philosophos imbuidos das vistas de Darwin vão achar as inspirações dos povos primitivos na *physica* dos paizes que habitárão e até nestes a sua origem.

E' a idéa que tende a predominar. **

Os dous systemas de provas têm a seu favor bem ponderadas razões; mas, tomados em absoluto e exclusivamente, offerecem mais de um embaraço.

Se é certo, de um lado, que se póde aceitar a probabilidade de uma transmigração pela chamada ponte *aleutica*, e que se notão encontros entre as linguas e idéas das tribus americanas e as de alguns povos da Asia, não o é menos a falta das mesmas tendencias e, sobretudo, dos mesmos resultados.

Os povos americanos quer os inteiramente selvagens, quer os meio civilizados, seguirão uma evolução totalmente desaccorde com a dos seus suppostos irmãos do velho mundo.

Os nossos ditos *aryanos* quanto distão dos de lá, e os *turanos* tambem!

* Sobre outros systemas de explicação veja-se—E. Dally, *Sur les Races Indigènes e sur l'archéologie du Méxique*.

** Vide W. Draper, *History of the intellectual development of Europe*, H. T. Buckle, *History of Civilization in England*; W. Bagshot.—*Physics and Politics; or Taughts on the application of the principles of natural selection and inheritance to political society*.

Acima de outros argumentos, que seria possível produzir, basta lembrar o facto já ponderado, do desuso pelos selvagens americanos dos metaes, ao passo que os povos da Asia, desde as épocas mais afastadas o empregavão. Muito antes da separação dos *aryas*, elles e os semitas, nos altos centros do velho mundo, os conhecião... Prova convincente de que nossos indios não fôrão provindos daquellas regiões.

Os *polygenistas* estribão-se em factos taes e de certo não cumpre obsecarmo-nos por talvez menos estudadas apparencias. Quem não conhece os celebres *dolmens druidicos* com que a poesia tanto nos embalou e quem não sabe que nunca fôrão construidos pelos sacerdotes dos celtas? Hão sido encontrados na Europa toda, e até nas costas da Africa e no centro da India. O que prova esse facto? Uma lei geral:—O homem, sob as mesmas influencias de cultura, produz por toda a parte os mesmos resultados.

Não é necessaria uma só origem de todas as raças para explicar estas normalidades.*

Por outra parte, se é verdade que as *leis naturaes* sabem dar o movel das direcções que uma civilisação tenha tomado, e é exacta a falta de certos phenomenos caracteristicos entre os povos do continente, suppostos descidos da Asia, qual a ausencia dos *animaes domesticos*, tambem já referida, communs aos povos daquelle continente, como negar a filiação de algumas linguas talvez, e a repetição de alguns factos identicos?

Sei que os estudos linguisticos da America estão bem longe de offerecer alguma cousa de analogo aos assertos scientificos de obras, como a *Grammatica comparada*

* Lenormant, *Premières Civilisations*, I, pag. 79; Z. Moin-dron. *De l'Ancienneté de l'Homme* 2^{me} partie, pag. 90.

rada das linguas indo-germanicas de Bopp ou a *Historia e systema geral das linguas semiticas* de Renan.

Os trabalhos archeologicos achão-se na mesma altura. No estado actual da sciencia, porém, é arriscado contestar no todo o facto das descendencias da Asia, que conta tantos defensores e affirmações tão cathogoricas, como esta: « we now know that the inhabitants of the north-east of Asia have at different times passed over to the north-west of America, as in the case of the Tschutschis, who are found in both continents. »*

E' verdade que este caso póde não passar de um facto isolado.

Ouçamos o que nos diz um dos mais francos seguidores de que o *homem americano é um producto do solo americano*: « Aujourd'hui même, des Indiens des contrées boréales communiquent bien, par exemple, avec les tribus sibériennes par le détroit de Behring, mais ne viennent jamais dans les prairies; les Indiens des prairies, quoique très nomades, et chassant sur des étendues de terrains considérables, ne descendent jamais jusque sur les plateaux mexicains; les Indiens du Mexique ne quittent non plus jamais leur sol natal, et ainsi des autres.

Pourquoi, donc, tous ces Indiens auraient-ils autre fois tenté les migrations que l'on suppose, du détroit de Behring au détroit de Magellan? »**

Em todo o caso, quer se supponha uma só origem para toda a humanidade, quer se considere que a *especie* appareceu espontaneamente em varios pontos da terra, eu julgo que os dous systemas relativos a America, de que tenho fallado, não se excluem, antes devem caminhar unidos.

* Buckle, *History of Civilization in England*, vol. I pag. 99.

** *L'Homme-Américain*, par L. Simonin, pag. 11.

Aqui, como algures, deve distinguir-se a época das primeiras aparições do homem, nocturna, impenetravel, do tempo das transmigrações, mais positivo e melhor esclarecido. Na historia dos povos mais antigos, tão longe quanto é dado remontar no dominio de suas tradições e conjecturas, sempre acha-se uma população primitiva, *autochthone*, occupando as regiões para onde as suas marchas os conduzião. Este facto perdeu toda a possibilidade de ser posto em duvida pelo estudo das migrações dos cushito-semitas e dos arianos do antigo centro em que viverão, provalmente unidos, no plató de Pamir para o occidente e sul da Asia e para Europa.

E' esta a lei:—sempre a presença de ignota população, qualquer que possa ter sido o concurso posterior de novas raças.

Na alta antiguidade do Velho Mundo, tão longe quanto é dado aprecia-la, sempre as nações emigrantes encontrarão mais velhos habitadores nos paizes para onde se dirigião. Causa semelhante parece ir-se determinando para a America; tão alto, quanto sobe o pensamento nas antiguidades de aztecas e quichuas, sempre se nos deparão vestigios de uma raça anterior no Mexico e Perú.

Para as povos selvagens dos Estados-Unidos o facto ganha toda veracidade; são conhecidos os achados de Squier e Davis sobre os documentos pre-historicos do territorio da grande republica, dando avisos de uma população que devêra ser diversa das existentes no tempo da descoberta.

Achão-se, pois, largamente mesclados os povos de todas as regiões do globo, desde datas extremamente remotas para ser ainda possivel o emprego de um meio exclusivo na determinação dos moveis de suas idéas e do problema de sua origem.

Na incerteza em que laboramos sobre as antiguidades americanas, é necessario, por alguns symptomas, admittir

a existencia de uma população *originaria* do continente no periodo do homem geologico, transmigrações do Velho Mundo em épocas posteriores, e, finalmente algumas transmutações das tribus americanas entre si.*

A' luz destas idéas, que denuncião a incerteza dos estudos ethnographicos do velho mundo e a sua crescente obscuridade para o novo continente e para o Brazil, deve ser apreciada a monographia do Sr. Dr. Couto de Magalhães.

III

O nosso illustre viajante não tirou a limpo aquelles factos; nem o podia. E' evidente a falsa segurança de que se acha possuido sobre o objecto de seu livro. O capitulo em que trata dos idiomas americanos o demonstra de sobejo; o escriptor gasta duas laudas em repetir umas idéas de Müller, já ultrapassado, sobre a classificação *morphologica* das linguas.

Note-se que das duas classificações apresentadas por este celebre professor, essa é justamente a que vinha menos ao caso na monographia do nosso compatriota.

E' sabido, e elle o reconhece, que a simples apreciação *morphologica* não adianta para a filiação das linguas, quando é certo que idiomas de natureza intrinseca differente pôdem pertencer a um mesmo grupo e vice-versa.

As linguas semiticas e as aryanas, tão distinctas por sua grammatica e construcção intima, entroncáo-se no grupo dos idiomas de *flexão*.

* *Types of Mankind*, by J. C. Nott and Geo. R. Gliddon, pag. 293.

Por outro lado, o chinês, que o philologo allemão suppõe ser o laço que devêra prender os dous grandes ramos da familia turana, é *monosyllabico*, quando a classe a que pertence é *agglutinante*. São idéas na posse de todos hodiernamente.

Em um livro em que se procurão as relações de descendencias das raças e das linguas americanas, é claro que a divisão dos idiomas em *monosyllabicos*, *agglutinantes* e de *flexão* pouco tinha que vêr, uma vez que o seu illustre autor, buscando um alvo a que ella não se presta, não poude aproveita-la para mais nada.

Ei-lo que nos diz: «quando a anthropologia estiver mais adiantada, a linguistica, sua filha primogenita, ha de fixar regras de uma classificação mais profunda das linguas... que ha de auxiliar a classificação da familia humana.»

Não duvido que o progresso almejado pelo escriptor venha a ter logar um dia; mas o que lhe não era licito esquecer era a classificação já existente dos idiomas em *aryanos*, *semiticos* e *turanos*. Sem duvida o nobre socio do Instituto Historico refere algumas vezes estas expressões; mas não tratou dessa theoria pela luz que della poderia tirar para o seu alvo.

Sua linguagem guarda uma certa côr obscura, aliás desculpavel nos escriptores que tratão de materias pouco firmes, e onde a confiança não pôde ser perfeita.

E, todavia, o nosso autor se expressa, ás vezes, com uma segurança que certamente não lhe pôde assistir. Ponderando que a morphologia das linguas não é sufficiente para determinar-lhes o parentesco, assim se exhibe: «...o facto de classificar-se o tupy e o guarany no grupo das linguas turanas não quer dizer que elle tenha o menor gráo de parentesco com as linguas asiaticas.»

Concedido; quanto a argumentos tirados da simples apreciação morphologica; mas qualquer tem o direito

de perguntar: será certo que absolutamente, por qualquer outra face, entre o tupy e as linguas turanas não exista afinidade alguma?

O philologo brasileiro falla cathegoricamente; onde os motivos de tamanha convicção?

As linguas *semiticas* são como as *aryanas* de flexão, são os dous grupos perfeitamente distinctos, mas, entre si e em cada classe, as linguas de cada um dos dous grupos não serão no todo parentas?

Ainda uma vez: quaes as razões do indianologo nacional para dizer-nos que o tupy não tem parentesco algum com o mongolio, o mantchu, o thibetano... porque?

A philologia não o tirou completamente a limpo, e não serão phrases improvadas que o decidirão certamente.

O livro de que dou conta não mostra qual a doutrina de seu autor sobre o genesis dos povos americanos; elle não declarou-se pelo *indigenismo* das raças do continente, nem pela sua *descendencia* da Asia. Ainda mais, não aventou sequer essa questão; entretanto, de longe em longe, as paginas de sua *Memoria* dão-nos fragmentos de um ar um pouco absoluto. Percebe-se, de prompto, que o distincto autor tem alguma idéa preconcebida que não delucidou em seu escripto, e que por vezes irrompe e se derrama sobre o seu papel, ou deixa-se ler entre as linhas.

Como que elle se acha nas condições prescriptas pelo sabio italiano: « Quando un sistema d'idee conquide la mente, questa corre il pericolo de perdere la sua lilertá relativa e de muoversi mai sempre in un' orbita da altri prescritta. »*

Toco ao ponto mais interessante do *Ensaio de Antropologia*, o capitulo que se inscreve—*O Homem no Brazil*.

* Nicola Marselli.—*La Scienza della Storia*, vol. I. pag. 397.

O autor diz-nos com a maior convicção: « é facto fóra de duvida que nossos selvagens são já agricultores muitos annos antes da descoberta da America.»

Eis o caboclo brasileiro atrazadissimo, sem monumentos, sem industria assignalavel, de posse da agricultura, sem ter sido aqui pastor, lacuna que o ethnologo explica pelo facto de ter elle atravessado aquelle estadio algures.

São estas as suas palavras confirmadoras deste ultimo acontecimento :

« Não ha o menor vestigio que esses homens tenham sido pastores, nem mesmo que tenham domesticado especie alguma zoologica brasileira. »

Mais adiante: « Essa raça já tinha vivido em outra região o tempo necessario para transpôr os primeiros periodos da barbaria. »

E' notavel ! Os membros do Instituto Historico derão neste ponto prova de alguma reluctancia, mas não fórao mais bem avisados. Accitárão erroneamente que os nossos selvagens fôssem já agricultores, apontando como motivo da lacuna o não ter a região que habitavão *animaes* proprios á domesticação. O proprio Sr. Dr. Couto respondeu-lhes com vantagem, reconhecendo, todavia, que a objecção era séria!... Para elle a cousa não é porque os animaes não existissem, sim porque o estadio fóra em outras paragens atravessado. Admira como o anthropologista olvidou-se tanto de uma lei geralnante reconhecida : — sempre que as populações emigrão levão consigo as suas industrias, e entre ellas os seus animaes domesticos.

Importa um desconhecimento completo da ethnographia esquecer este principio, que não póde admittir contestação. Entre os aryanos e semitas quem ha ahí que ignore a generalidade do facto da posse dos mesmos animaes domesticados ?

Não vio o nosso autor que, se os selvagens do Brazil houvessem em outra parte passado pelo periodo pastoril, terião para sua nova residencia trazido os achados de uma tal evolução? Pois que!

Na viagem ter-se-hião esquecido de um tal adiantamento? Não é possível.

Para o conhecimento exacto da posição das populações primitivas e selvagens, em differentes estados, é necessario consultar mais de uma sciencia. E' preciso encara-las pelo lado *psychologico*, além do exterior.

As differentes sciencias dão-nos variadas classificações de periodos porque o homem tem passado, segundo o ponto de vista em que se collocão.—A philosophia estabelece os tres grandes estados—theologico, metaphysico e positivo; a critica religiosa, que abrange um espaço muito mais limitado, subdivide aquelle primeiro em outras tres épocas— a do naturalismo, a anthropomorphica e a monotheica; a historia industrial dá as idades do homem caçador, pastor e agricultor; a sciencia do homem primitivo, mais limitada ainda, a idade da pedra e a dos metaes.

De todas estas classificações o nosso gentio occupa sempre a primeira phase, segundo os testemunhos mais bem fundados.

O Sr. Dr. Couto, sem prova bastante, no-lo dá no terceiro estadio da terceira classificação.

Elle proprio encarregou-se, porém, de refutar-se quando nos diz que ainda hoje, depois de quatro seculos, o indio e seu descendente são o vaqueiro por excellencia de toda a America do Sul! Eis ahi; depois de um tempo tão consideravel é que o descendente do caboclo é pastor! Prova-o o Sr. Dr. Magalhães, quando falla deste modo: « elles (os americanos da Republica do norte) não podião applicar o braço indigena senão na agricultura ou nas fabricas; o indigena não se podia prestar a isso, porque por uma lei traçada pela mão de Deus, e a

que o branco esteve, e está sujeito tambem, *elle não podia ser agricultor sem ter sido pastor ou caçador*». ?

Para o ethnologo não é mister uma refutação mais severa do que esta :—basta citar as suas perplexidades, senão as suas contradicções.

Elle que proclama que os selvagens conterraneos são agricultores, como explica a ausencia de animaes domesticos, quando não indigenas do paiz ao menos das regiões em que passarão pela phase anterior ?

Se vierão do Perú, por exemplo, porque não trouxerão a lhama, a vicunha e o guanaco ?

O digno viajante póde dizer-nos com algum mysterio, « não era por uma aversão á arte de domesticar, e sim por outra causa ! »

Qual é esta ?

O selvagem patrio, por sua posição quasi excepcional entre os povos americanos, é uma oportunidade para estudar ao vivo as primeiras evoluções das idéas no homem.

O selvagem, segundo Lubbock, é como o homem pre-historico.

O nosso autor devia ser tambem philosopho e não mostrar-se um simples curioso a traçar-nos *bibliographias* escusadas e a repisar-nos noções *linguisticas e geologicas* hoje possuidas por todos os espiritos de qualquer cultura! Por que, deixando o lado meramente industrial e *exterior* do caboclo, não penetrou-lhe no amago das idéas, e revelou-nos alguma cousa de extraordinario ?

Suas asserções são ligeirissimas e sente-se que elle se acha fóra dos assumptos de sua predilecção.

Ainda assim, deu-nos este pedacinho, hoje vulgar, mas de uma verdade aproveitavel: « a idéa de um Deus todo poderoso e unico não foi possuida pelos nossos selvagens ao tempo da descoberta da America. » Isto é bom, accórda-se com as idéas da critica hodierna sobre a marcha evolucional do pensamento humano. O poeta Gonçalves

de Magalhães tinha dado, havia poucos annos, o exemplo de escrever uma pagina extravagante sobre este assumpto, em um livro de supposta philosophia. O autor dos *Factos do espirito humano* pretendeu refutar um dito de Locke de que nossos indios não possuem a idéa de Deus, e superabundou a proposito da theologia dos selvagens! São elles para o philosopho uns theologos por excellencia.

E' que aquelle espirito, acabrunhado por uma educação romantica, desconhecia totalmente os achados da sciencia hodierna sobre o homem nos periodos primitivos. Seja-me dado repetir aqui o que já tinha dito em outra parte, ha muitos annos.

« Os selvagens de nosso paiz estavam no gráo de atrazo do homem geologico, o homem da idade de pedra. Não podião ter uma religião que reconhecesse um Ser Supremo. O contrario é desdenhar ou desconhecer os achados da critica moderna que assignala os differentes periodos da formação das mythologias, das religiões e da poesia. Umás tribus desgarradas pelos desertos e mattas, vivendo da caça e guerreando-se, e outras reunidas em pauperri-mas palhoças, sem a menor industria assignalavel, usando da pedra para utensilios, como o homem das cavernas, sem tradições, sem herões, sem historia, não podião possuir a noção da individualidade do Ser Superior, como não podião ter uma poesia.

Estavão pouco além da época de puro naturalismo em que o terror faz crêr que as nuvens, os trovões (*tupana*), as tempestades, são seres terriveis que se combatem, entidades ferozes que se devem respeitar.»

A grei cabocla, encarada por todas as faces por que póde se-lo pela sciencia, á luz de idéas sãs e longe do influxo de certos prejuizos, achava-se em um dos mais remotos degrãos da escala da civilisação.

Caçador, ainda hoje no seu descendente, nem sequer

estava adiante daquella segunda phase do periodo fetichico, a idade da *astrolatria* de que falla Comte.*

Prova-o o seu culto do sol e da lua, *guaracy* e *jacy*, ainda um pouco indeciso, é verdade. E' licito dizer que já havia passado a época do mais fluctuante naturalismo.

Demonstra-o o complexo de sua intuição do mundo accorde com a dos povos ainda no mesmo estado, um dos mais reconditos da historia onde é dado penetrar. Não cumpre sómente dizer, como fez o Sr. Dr. Couto, que o selvagem não fôra *monotheista*; é mister mostrar o que elle tinha sido.

E' claro que não era ainda *polytheista* como, talvez, supponha o insigne indianologo.

Antes de concluir, podera pegar o fio de algumas idéas inaceitaveis que se nos depáram na obra do distincto escriptor, taes como o voto de uma continuação de cultivo do indianismo pelo orgão de nossa poesia.

Não o farei para não deturpar a intenção de vistas geraes sobre o indigena, que me propuz, deixando á margem tudo aquillo que parece secundario diante das linhas directas que teve tambem em vista o illustre observador.

Recife, 1874.

* *Cours de Philosophie Positive*, vol. 5^{me}.

III

INTERPRETAÇÃO PHILOSOPHICA DOS FACTOS HISTORICOS

I

As regras e fórmulas, instrumentos mecanicos do uso, ou antes do abuso de nossas faculdades naturaes, são as cadêas que nos retêm em perpetua menoridade.

KANT.

Só existem hoje os ignorantes e os espiritos grosseiros para acreditar em uma liberdade pertencente a cada um dos actos do homem, em um *liberum arbitrium indifferenciæ*.

SCHOPENHAUER.

Nada mais vulgar, tratando-se de philosophia, do que a impertinente pergunta:— *a que systema pertence?*

Mas isto tem uma explicação.

As sciencias, antes de se constituir atravessarão phases preparatorias, em que predominarão, na falta

de dados e doutrinas positivas e experimentaes, as opiniões singulares, o modo de vêr subjectivo de cada auctor.*

Dahi os systemas.

As sciencias particulares achão-se hoje em dia livres de semelhante rheuma, que ainda agora, para os espiritos superficiaes ou caprichosos, conserva-se enraizada no corpo da philosophia.

E comtulo vai nisto um grosso engano; toma-se o que foi pelo que é, perdura-se em conservar um vicio metaphysico que não tem mais razão de ser.

Comprehende-se facilmente, por exemplo, que a astronomia quando era a astrologia, e a chimica quando era a alchimia, fôsem o campo predilecto dos debates contradictorios, das questões sem termo, e dessem pasto ás phantasiosas combinações dialecticas dos espiritos irrequietos.

Assim tambem era a philosophia, quando o seu supremo ideal consistia em afastar-se do curso das verdades ensinadas pela experiencia para atirar-se estatica á busca das *essencias*, dos *enigmas* irresoluveis.**

Agora, porém, que desde Kant, não deve passar de uma synthese de todas as sciencias particulares, incumbida na opinião mais sensata, de preparar a intuição geral do universo, ella não ha de ter caprichosamente systemas; porque nas sciencias, que lhe servem de apbio, não os ha.

Existem, sim, verdades para explicar, factos obscuros para resolver, mas não devem imperar opiniões phantasiosas e subjectivas; precisamos de ordem e concatenação de doutrinas, e não de *theorias* individuaes.

Pretender encerrar o universo inteiro no ambito asphyxiante de meia duzia de fórmulas, as mais das vezes filhas de uma imaginação desregrada e de um criterio

* Ed. Zeller. — *Die Philosophie der Griechen.*

** A. Lange. — *Geschichte des Materialismus.*

myope, é por certo ainda mais extravagante do que querer encerrar uma vasta acção dramatica entre as quatro paredes de um theatrinho de taboas, como o desejo buffonico do Director no *Faust* :

« So schreitet in dem engen Bretterhaus
Den ganzen Kreis der Schöpfung aus
Und wandelt, mit bedaechtiger Schnelle,
Von Himmel durch die Welt zur Helle. »*

Ainda mais cresce de ponto semelhante anomalia tratando-se de applicar qualquer dessas theorias que ahi andão, como bitola infallivel, á massa complicadissima dos acontecimentos humanos. **

O programma que está diante de nós, se bem o comprehendemos, pretende, nem mais nem menos, perguntar-nos qual é a theoria que abraçamos para explicar a marcha, a evolução dos acontecimentos historicos.

Tanto é isto verdade, que um dos *majores domus* da commissão julgadora, cidadão que não temos a fortuna de conhecer, mas que dizem ser um valeroso espirito, dignou-se de informar-nos que o sentido da these não póde deixar de ser a discussão dos tres unicos systemas que existem de philosophia da historia, isto é, o *providencialismo*, o *livre arbitrio* e o *fatalismo*!

« Os tres unicos systemas! . . . » Unicos por que e como? Todos os que houverem estudado um pouco de philosophia historica e social, devem saber que, desde os mais remotos tempos, apparecêrão tentativas de explicar scientificamente a evolução dos acontecimentos humanos.

Mais de oitenta systemas se hão produzido a tal

* Goethe.—*Faust*.

** Herbert Spencer,—*Principles of Sociology*.

respeito, e hoje até já existe *uma historia da philosophia da historia*. Correm ahi livros elementares, que devem andar na mão de todos, que fazem o historico das muitissimas theorias dos pensadores que hão tentado descobrir e demonstrar as leis que regem os destinos humanos.

Além do livro superficial e lacunoso de Robert Flint *The philosophy of history in Europe* de que parece haver um tal ou qual conhecimento entre nós, existem, entre outras, as duas obras importantes *Die philosophische Geschichtsauffassung der Neuzeit*, por Mayr e *La Scienza della Storia*, por Marselli, que devião ser lidos por aquelles que entre nós se encarregão de confeccionar as theses, que ás vezes são verdadeiras charadas, de nossos programmas de ensino e de concursos.

Como quer que seja, porém, e dado que os systemas de todos os autores se devão reduzir a alguns poucos principaes, o numero destes é em todo o caso superior aos tres lembrados pelo digno examinador.

Precebe-se de prompto que o nobre lente tomou o assumpto na altura em que o deixárão Agostinho e Pelagio no seculo v, ponto de vista atrazado, que infelizmente é ainda hoje o mais corrente no gremio dos thomistas de todas as côres, e dos sectarios da sciencia official, posição sem duvida commoda, mas que indica uma certa dóse de inercia intellectual.*

Para resolver-se uma qualquer questão dada, nos paizes cultos, de ordinario não é mister fazer uma excursão ao estrangeiro; dentro do circulo em que se move o pensamento nacional deparão-se ao trabalhador os elementos do problema, os dados scientificos da cousa.

Não assim entre nós, e este é aos meus olhos, o mais completo documento de nossa pobreza intellectual; sempre temos necessidade de pedir um guia aos povos

* Vid. Guisot, — *Histoire de la Civilisation en France*.

illustrados. Tal a nossa posição, diante do programma que temos a discutir.

Onde estão os trabalhos de *philosophia* e mais ainda os de *philosophia da historia* devidos a pennas brasileiras, que sirvão de apoio á solução que procuramos?

Não existem! Não é sem motivo que esta lacuna é aqui propositalmente lembrada. Desde muito e sobretudo em materia philosophica, os nossos professores officiaes têm a velleidade de haver attingido o gráo supremo, da sciencia humana, sem darem-se comtudo ao trabalho de o attestar por factos e publicações dignas de apreço.

E' um negocio de *camarilla scientifica* onde triumphava a chata rhetorica e a presumpção decile dos resultados.

Diante de um tal facto, extravagante e anormal, que talvez só entre nós se repita com tanta affonteza, cumpre-me desde logo humildemente declarar que tendo de submetter-me ao juizo de homens, que podem ser muito illustrados, eu não duvido, mas que não tenho na conta de meus mestres, porque elles não são, não podem se-lo de quem quer que se afaste um pouco da toadilha commum, cumpre-me logo declarar, digo, que, qualquer que possa ser a estranheza que lhes isto cause, appello de seu juizo para o bom senso da nação, para o criterio de todos os homens verdadeiramente illustrados e independentes, que não occupão posições officiaes no paiz.

Isto, que não é uma baforada de orgulho, mas simplesmente a centesima repetição do que tenho escripto e publicado pela imprensa, é necessario que fique aqui ainda uma vez consignado como uma advertencia e um protesto.

O *ponto*, repetindo a linguagem consagrada, que nos serve de these, para ser discutido com todo o cuidado que requer, forneceria materia para meia dúzia de volumes,

e, todavia, é forçoso comprimir as idéas e os factos para encerra-los em algumas poucas paginas.

A concepção da sociedade humana, como um todo complexo, que se desenvolve por leis e principios certos, é muito antiga; veio sempre a percorrer a curva evolucional do pensamento especulativo, ora clara, ora indecisamente; mas só nos ultimos tempos é que ella firmou-se definitivamente, e comquanto a sociologia não tenha ainda, na phrase feliz de alguém, encontrado o seu Newton ou o seu Kepler, já é possível fallar, sem extravagancia, em uma sciencia da historia.

Nem é inexplicavel a razão por que esta permaneceu tantos seculos erma e esteril, como simples narração chronologica dos factos, sem base scientifica.

Sem um conhecimento exacto das leis que regem o mundo physico, seria impossível um trabalho scientifico applicado á historia, e aquelles que conhecem a marcha do pensamento humano para dar-se conta do enygma do universo, devem conhecer que só mui recentemente é que as theorias cosmologicas adquirirão um certo gráo de firmeza. São de todo exactas estas palavras do sabio Wundt:

« Zwischen der frühen Ahnung, dass es eine gesetzmässige Ordnung der Dinge gebe, und der klaren Erfassung der einfachsten Naturgesetze liegt ein langer Weg geistiger Arbeit, welchen die Ueberwältigung fest gewurzelter falschen Meinungen vielleicht mehrerschwert hat als das Verständniss der Wahrheit. Die ganze Kosmologie des Alterthums ist ein dunkles Meer von Irrthümern, aus den nur selten den Leuchtthürmen einer fernen Küste vergleichbar, einzelne früh erkannte Wahrheiten emportauchen. »

Se assim era a cosmologia dos antigos, o que não era a sua sociologia?

Supponho não ser da mente dos formuladores do *donto* que eu deva aqui fazer o historico das mais celebres

theorias que hão sido formuladas no intuito de explicar scientificamente os factos humanos.

Seria um trabalho ingrato de simples *balistica intellectual*, em que era mister sómente pôr ao meu serviço o muito que de proveitoso se tem escripto sobre diversos systemas de philosophia da historia.

Dest'arte não será preciso expôr e criticar entre os mais antigos o *acaso* de Democrito e Epicuro, os *cyclos* de Platão; o *desenvolvimento organico dos povos*; de Aristoteles, o *messianismo prophetico* dos Judeus, a *graça* de Pauló e Agostinho, a *predestinação* de alguns theologos, a *providencia* de Bossuet, os *ricorsi* de Vico, a *immanencia pantheistica* de Spinoza, o *optimismo progressista* de Leibnitz, e, mais modernamente o *pessimismo* de Schopenhauer, o *inconsciente* de Hartmann, o *tragico* de Bahsen, a *imaginação* de Forsschammer.*

Basta-me affirmar com os mais autorizados criticos hodiernos, que a concepção dos acontecimentos tem atravessado até hoje quatro largos periodos:— a theologia, a metaphysica, a physica da historia, e finalmente a historia scientifica.**

Este modo de ver e de julgar tem um grande apoio nos modernos estudos mythologicos, religiosos e linguisticos, e é confirmado pela celebre lei dos *tres estados*, entrevista por Schelling e Saint-Simon e formulada brilhantemente por Comte.

Fazendo abstracção dos nomes dos autores, os diversos

* Deutsche Rundschau, zweiter Jahrgang, Heft 3.

** Vide Mayr — *Die philosophische Geschichtsauffassung der Neuzeit*, e Vid. Marselli — *La Scienza della Storia*.

so systemas de explicação historica, no que elles têm de essencial, se podem reduzir aos seguintes :

Vontade divina.....	{	Predestinação. Providencia.	}	Transcendentalismo.
Vontade humana...	{	<i>Liberum arbitrium indifferentiæ.</i> Liberdade relativa.	}	
Identificação das manifestações divinas e humanas.....	{	Spinozismo. Hegelianismo.	}	Immanencia pantheistica.
Acção exclusiva de certos homens....	{	A Hero—Worship.	}	
Acção exclusiva da natureza physica..	{	Determinismo Materialismo.	}	Immanencia monistica.
Acção das leis physicas e intellectuaes.	{	Evolucionismo historico ou criterio scientifico da historia.	}	Realismo critico.

O primeiro systema que se nos depara, como se vê, é o da acção da vontade divina sobre o homem. E' o puro reinado da *transcendencia*; é a phase primitiva e positivamente theologica da historia. O homem, ignorando as leis que regem o desenvolvimento do universo, voltou-se para um auxiliar estranho, poderoso e formidavel que lhe guiasse os passos.*

A acção da vontade divina sobre a marcha da historia divide-se em duas faces: — a *predestinação* e a *providencia*. São duas idéas transcendentis immensamente discutidas na idade média, que não nos devem mais preoccupar,

* Bréal — *Hercule et Cacus, Gubernatis*, — *Zoological Mythology*, Buckle. — *History of Civilization in England*.

como anti-scientificas e inverificaveis. Destroem a responsabilidade humana e partem de uma pretenciosa sciencia do *absoluto* que implica uma *contradictio in adjecto*.

A theoria do *livre arbitrio* apparece em seguida.

Se a *predestinação* originava o *fatalismo theologico*, o peor de todos os fatalismos, o *liberum arbitrium indifferentiae* inaugurava a doutrina do *acaso*, fazia do homem um ente extraordinario, desprendido de todas as relações e influencias. Não havia mais uma lei para a marcha social; predominava o *capricho* de cada um.

Aceito as palavras de Schopenhauer: « Tal qual sois, taes quaes serão, deverãõ ser vossas acções: — o *liberum arbitrium indifferentiae* não passa de uma invenção da philosophia na sua baixa idade desde muito chasqueada; e para carregar esta bagagem só existem hoje algumas mulheres com chapéo de doutor. »

Devo passar de relance sobre todos estes systemas.

Quanto á *liberdade relativa*, distincta do livre arbitrio radical, adiante será discutida e indicar-se-ha o sentido em que j óde ser accita.

As doutrinas metaphysicas da *identificação* das manifestações divinas e humanas abrem a vasta serie das theorias da *immanencia*, isto é, daquelles systemas que explicão o desenvolvimento do universo por leis inherentes a elle mesmo, sem um auxilio externo.—A *immanencia*, como a comprehendem hoje os sectarios da unidade das forças physicas, os defensores das theorias monisticas, tem duas faces principaes, uma materialista e outra idealista, e é muito differente da immanencia a Spinosa e a Hegel.*

A doutrina destes paira nas alturas do *absoluto*, pre-suppõe o conhecimento esmerilhado das acções divinas,

* Vide Häckel,—*Naturliche Schöpfungsgeschichte* passim.

e eu digo como Littré, que para estas nós não temos *ni barque ni voile*.

A *Hero-Worship* de Carlyle tem o defeito de desconhecer o valor das creações populares e dar um culto por demais exagerado e sobre-humano a alguns typos privilegiados. Um systema de historia que não dá conta das creações anonymas, é perfeitamente incompleto e falso; hoje só os espiritos retardatarios desconhecem que os mais imponentes productos da actividade humana, como a linguagem, as mythologias, as religiões, os contos, as legendas, as grandes epopéas não são obras dos heróes, são producções anonymas e populares.

Carlyle diante de Buckle faz uma figura apoucada.

O *determinismo naturalistico* inaugurou a phase que Marselli chama a physica da historia. Seus principaes representantes fôrão: Buchez, Quetelet e Comte.

Fez a critica implacavel da theologia e da metaphysica e prestou relevantissimos serviços. Tem mais de um lado aceitavel, sendo combativel sómente em não dar conta exacta disso a que os allemães chamão— o *factor humano*.

Chegamos ao ponto culminante deste esboço —, o criterio scientifico da historia, como acção combinada da natureza e do homem.

II

Duas correntes geraes de estudos constituirão por si sós toda a revolução intellectual do seculo XIX: o grande desenvolvimento das sciencias physicas por um lado, e por outro a descoberta dos antigos monumentos do pensar humano, como o sanscrito, as inscripções

cuneiformes e hyeroglyphicas, que vierão a formar o fundamento da critica historica.

Deu-se então um phenomeno sorprendente ; o methodo de comparação tornou-se a base de todas as sciencias, quer das que se occupão da natureza, quer das que tratão do homem, e assim como o criterio historico entrava no coração daquellas, o senso naturalista invadia as ultimas.

E' por isso que um só halito de profundeza scientifica reçuma das paginas de um livro de biologia de Darwin e de um tractado de linguistica de Schleicher.— E' a mesma tendencia, o mesmo methodo historico-naturalista.

Estas idéas são vulgarissimas para aquelles que se hão occupado de critica scientifica na Europa, ainda que sejam banidas e esconjuradas por certos doutores brazileiros. Até a simples critica litteraria tornou-se impossivel sem determinarem-se as influencias geologicas, climatericas e physiologicas sobre a intuição dos poetas. E' por isso que desde Gervinus, principalmente na Alemanha, todo o critico de senso procede a este estudo preliminar para comprehender um espirito qualquer.— F. von Hohenhausen teve razão em dizer-lo : « Seit Gervinus wendet die deutsche Literaturgeschichte ihre Aufmerksamkeit auf einen früher zu sehr vernachlässigten Punkt, auf die locale Bedingtheit der Poesie. Sie bestrebt sich, auch in den bedeutenden literarischen Erscheinungen die Einflüsse pragmatisch aufzusuchen, welche die Abstammung und die heimathlichen Gewohnheiten des Dichters auf seinen Character und sein Wirken ausgeübt haben. Je eigenthümlicher, je ursprünglicher und culturferner ein Landstrich ist, je mehr wird er zu Geburtsstätte eines originals sich geeignet erweisen.»*

* Deutscher Kämpfer. n. 2.

O que se diz da litteratura deve-se affirmar de todas as manifestações espirituaes da humanidade; sempre ha ahí a combinação binaria das forças physicas e menaes.

Dentre os modernos philosophos da historia aquelle que melhor desenvolveu essa dupla base de uma concepção scientifica do assumpto, foi o joven escriptor inglez H. Th. Buckle, cujas idéas já tive occasião de desenvolver em outro lugar, defendendo-as das suggestões de Littré, e que exporei agora novamente, buscando resguarda-las das objecções que lhes fôrão feitas por Dubois Reymond e Lange, dous admiradores e sectarios do insigne autor da *Civilization in England*. *

Neste notavel livro ha a distinguir a parte critica e a parte dogmatica.

A primeira consiste na refutação da maneira antiga de explicar a historia.

Vejamo-la.

Buckle insurge-se contra o methodo dos theologos e o dos metaphysicos, porque ambos desconhecão a lei da normalidade evolucional dos factos humanos, um por meio da doutrina extravagante da *predestinação*, e outro por meio da crença caprichosa em um *livre arbitrio* pertencente a cada homem.

The theory of predestination is founded on a theological hypothesis, that of free-will on a metaphysical hypothesis.**

Estas duas doutrinas para o nosso autor, além de outros defeitos que lhes são inherentes, não só hão corrompido as fontes de nossos conhecimentos, mas ainda

* Vid. *Estudos sobre a Poesia Popular do Brazil*, na *Rsvista Brasileira*, cap. II.

** Pag. 13.

derão fundamentos a seitas religiosas, cujas animosidades mutuas hão perturbado a sociedade, e muitas vezes alterado as relações da vida privada.*

Os sectarios da predestinação exigem de nós que acreditemos que o autor da criação fez uma distincção arbitraria entre os eleitos e os não eleitos; que elle desde toda a eternidade condemnou á perdição milhões de creaturas ainda não nascidas, que um acto seu sómente pôde chamar á existencia e que assim procede não em virtude de um principio de justiça, porém por uma mera ostentação de poder despotico.**

Esta doutrina, estando fóra da alçada de nossos conhecimentos, não mereceu ao escriptor uma refutação.

Quanto ao livre arbitrio, que se prende ao Arminianismo, firma-se em duas supposições: a existencia de uma faculdade independente, chamada a consciencia, e a crença de que seus dictames são infalliveis.

« But, diz o nosso autor, in the first place, it is by no means certain that consciousness is a faculty, and some of the ablest thinkers have been of opinion that it is merely a state or condition of the mind. Should this thurn out to te case, the argument falls to the ground, since, even if we admit that all the faculties of the mind, when completely exercised, are equally accurate, no one will make the same claim for every condition *into which the mind itself may be casually thrown*. However iwaining this objection, we may, in the second place, reply, that even if consciousness is a faculty, *we have the testimony of all history to prove its extreme fallibility*. « E acrescenta: « Consciousness is infallible as to the *fact*, but fallible as to the *thruth*. »***

* Pag. 12 do vol. I.

** Pag. 18 do vol. I.

*** Pag. 15 do vol. I.

Buckle firma-se em Kant e prova que nossas acções são sempre influenciadas por seus antecedentes, pelo meio em que vivemos, por nosso organismo, nossas aptidões hereditarias, e muitos outros moveis obscuros, que a sciencia póde dilucidar.

Neste caminho, aberto por Kant, se hão precipitado os mais distinctos escriptores modernos, nomeadamente Schopenhauer, Wagner, Drobisch, Lange, na Allemanha.*

Todos, philosophos e physiologistas, historiadores e criticos,—Büchner e Häckel, como Herzen e Ferri, caminham na mesma direcção.

Os argumentos principaes dos adversarios podem reduzir-se a dous: um de ordem psychologica e outro de natureza moral.

O primeiro consiste em dizerem que temos consciencia da liberdade de nossas acções, isto é, temos a consciencia de poder praticar ou deixar de praticar uma acção.

Primeiramente, semelhante affirmação é destituida de fundamento, porquanto não temos consciencia da liberdade e sim de certas idéas que nos estimulam á acção.— A liberdade, como no-la ensinão, é uma affirmação do sentimento e da educação, e não um factio primordial irreductivel, e a consciencia não a poderia jamais firmar, quando todos sabem, menos os philosophos superficiaes, que muitas de nossas acções são *inconscientes*.

E onde andão ahi a consciencia e a liberdade?

Demais, a consciencia é enganadora como uma bacheante ébria; a prova é que, e este ponto reclama attenção, os individuos educados sob um regimen fatalistico, têm a *consciencia da fatalidade de seus actos!*

O argumento de ordem moral consiste no *remorso* que se tem quando se pratica o mal. . .

* Lange—*Geschichte des Materialismus*, II, S. 500.

Nada prova, além de falta de atenção da parte dos propugnadores dos velhos erros.

A idéa de responsabilidade é um producto da intelligencia, e basta o conhecimento que o homem tem de seus actos, para responder por elles.

O *remorso* não passa do sentimento de nossa inferioridade pessoal. Tanto o *vexame moral* não se produz sómente após os máos actos da vontade, que quando commetemos *erros de conhecimento*, ou somos accusados até de alguma *imperfeição physica*, sentimo-nos igualmente abatidos !

Por outros termos, e para tudo dizer claramente: o homem sente-se fustigado por alguma cousa que o aca-cabrunha diante de qualquer imperfeição de que se veja accusado. Um aleijão physico, um *fiasco* intellectual incommodão-nos, e fazem-nos córar tanto quanto a practica de uma acção feia. Para sermos consequentes deverimos crear, pelo menos, tambem uma cathegoria de remorsos intellectuaes.

Além de tudo, quem não sabe que o arrependimento nunca existio na maior parte dos delinquentes de profissão ? Lombroso tirou a limpo este ponto, firmando-se nas mais exactas observações, prolongadas por muitos annos.*

No mais entra ahi em larga escala a educação. Um crente catholico afflige-se por que deixou de *jejuar* em certos dias; a beata desfallece, porque se esqueceu de rezar ás *almas*. Sente *remorsos* em consequencia de uma falta destas. . . — O musulmano *fatalista* deixa cumprir-se a vontade de Allah, e não se lembra de sua liberdade para resistir-lhe.

A consciencia é muda em tudo isto ; limita-se a

* Vide Lombroso, *L'uomo delinquente*.

reflectir as idéas que a educação, ou outra qualquer fonte, lhe suggere.

Kant dizia que a liberdade no individuo tem duas faces unicas : a de ser e a de praticar, *esse et operari*.

A liberdade *operari*, elle a reduzio á poeira, provando que um *acto* qualquer é sempre o resultado de uma *causalidade*, de um antecedente, e não pôde, portanto, ser livre quando este o não é. Seria uma derogação de principio.— *O nexu causal* é sempre uma verdade para todos os que admittem que os nossos conhecimentos são relativos e se desenvolvem por evolução. Por uma dessas contradicções, que ás vezes se asyão sorrateiramente nas concepções dos mais bellos genios, Kant admittia a liberdade— *esse*. *

A liberdade de *ser*?

Herzen, firmado no bom senso e nas especulações scientificas, a reduzio á fumaça. **

Cada um de nós é aquillo, que a natureza deixou *ser* ; entramos no mundo presos a mil circumstancias de época, logar, patria, tradições nacionaes, inclinações e vicios de familia, defeitos e predisposições de organismo, . . . e se nos vem fallar na liberdade de ser ! . . . « Eu podia ser outro » diz Kant. Sim ; o philosopho podia ter sido outro, se a natureza o tivesse produzido diverso do que elle foi, mas ainda neste caso, nem elle seria elle proprio, nem a modificação que soffresse seria um resultado de sua *vontade*. O problema da liberdade tem sido mal comprehendido.

Uma anomalia é para notar-se.

Os philosophos mais empenhados na defesa theorica

* Kant—Werke, vol. v. pag. 20, 21, 111, 268, 270. VI, 149, II 24 ; II pags. 419, 420.— citado em Buckle.

** *Fysiologia della Voluntá.*

do *livre arbitrio*, são os que mais amesquinhão a natureza, e são os mais *auctoritarios* na pratica.

Os que admittem que por *evolução* é que o homem vai adquirindo suas melhores qualidades espirituaes, e engrandecendo o seu desenvolvimento phyletico, são os mais tolerantes e entusiastas da liberdade politica e social. Tanto tem de liberal um Hæckel, como de *retardatario* qualquer desses paradigmas da ignorancia que arrotão aos ares as gentilezas do livre arbitrio!

E' que para Hæckel, como para Buckle e todos os que meditação desprevenidos sobre a vida humana, a *liberdade é mais uma conquista da intelligencia sobre o fatalismo da natureza*, do que o poder que dá a presumpção a cada um para fazer disparates.

A velha theoria das faculdades da alma, desacreditada desde Hume e Herhart, é a fonte de todos os erros da velha psychologia sobre a liberdade.

Creando dominios exclusivos na vida espiritual, a antiga escola fez da vontade um ermo recluso do espirito, separado por uma trincheira de abstracções das outras faces da vida psychica.

A liberdade não é um predicado da vontade, é admissivel antes como uma resultante da intelligencia;—consiste não em praticar acções *caprichosamente*, sem motivos e *precedentes*; mas no discernimento intellectual de abraçar um partido. Como diante de muitas theorias diversas e encontradas, o homem estuda, medita, trabalha para formar-se uma idéa de um assumpto qualquer, e, ás mais das vezes, só após muitos ensaios contradictorios e o abandono de umas quantas opiniões é que chega a abraçar uma doutrina, e, abraçando-a, o fez em virtude de uma *necessidade logica*, assim é com a liberdade.

Ella tem sempre *precedentes racionais*, por isso mesmo não é, não pôde ser o livre arbitrio *indifferencia*.

Applicando tal ordem de idéas á marcha collectiva da humanidade, a *liberdade* desta consiste em ir-se

subtrahindo á pressão do despotismo. —Do despotismo da natureza, que a fustiga de todos os lados, e contra o qual ella vai obtendo triumphos por meio da industria; do despotismo dos padres, que se arrogarão o direito de dispôr das consciencias, e contra o qual ella vai conseguindo victorias por meio da critica; do despotismo dos tyrannos, de todas as fórmas e tamanhos, que se apossarão do poder de dispôr de seus destinos, e contra o qual ella vai obtendo desforras por intermedio da sciencia e da revolução.

Mas voltemos a Buckle.

Aos systemas decrepitos dos metaphysicos e theologos, elle oppõe o evolucionismo regido pelas leis physicas e mentaes. Ouçamo-lo neste ponto: «Rejecting, then, the metaphysical dogma of free will, and the theological dogma of predestined events, we are driven to the conclusion that the actions of men, being determined solely by their antecedents, must have á character of uniformity, that is to say, must, under precisely the same circumstances, the same results.—And as all antecedent are either in the mind or out of it, we clearly see that all the variations in results, in other words, all the changes of which history is ful, all the vicissitudes of the human race, their progress or their decay, their happiness or their misery, must be the fruit of a double action, *an action of external phenomena upon the mind and another action of the mind upon the phenomena.*»*

Buckle firma-se em Quetelet, que com a transformação da estatistica pelo calculo das probabilidades prova, de anno a anno, a repetição gradativa dos mesmos crimes, do emprego das mesmas armas para igual numero de assassinatos, de suicidios, tambem a repetição da celebração de igual somma de casamentos...**

* Vol. 1º, pag. 20.

** Ibid. dag. 24 e seguintes, Quetelet, *Physique Sociale*.

São geralmente aceitos os factos esclarecidos pelo illustre calculista belga e comprovados pelos mais serios observadores.

As acções humanas são regidas por um complexo de leis que, as mais das vezes inconscientemente para nós, atirão-nos no caminho da vida, como uns quasi actores.

Mas, a historia, que não é uma cadeia de factos sempre novos e desharmonicos com seus antecedentes, como já se pretendeu, não se repete, como pôde algum inconsiderado acreditar.

Os dados estatisticos, que representam o elemento *statico* da humanidade, não podem chegar até ahi; a marcha da historia é *evolucional* e tanto basta para que não se dê repetição, como não ha desparatada incoherencia.

O philosopho inglez divide as leis, que regem os acontecimentos humanos, em *physicas* e *mentaes*. Estas subdividem-se em *moraes* e *intellectuaes*.

Na historia ha um fluxo e refluxo de acções e reacções. As leis *physicas* actuão sobre a raça humana, e esta, que nos tempos primitivos soffria-lhes a pujança quasi sem resistir, já se vai habituando a neutralisar-lhes a céga pressão.

As influencias desta ordem são pelo autor classificadas em quatro categorias;— clima, alimentação, solo e aspecto geral da natureza.

Deste ultimo diz: « The last of these classes, or wath I call the general Aspect of Nature, produces its principal results by exciting the imagination, and suggesting those innumerable superstitions which are the great obstacles to advancing knowledge. And as id the infancy of a people the power of such supertitions is supreme, it has happened that the various Aspectsof Nature have caused corresponding varieties in the popular character, and have imported to the national religion

particularities which, under certain circumstances, it is impossible to efface.»*

O celebre physiologo allemão Du Bois Reymond, espirito eminente, porém, que, como diz Hæckel, tem a habilidade de dissimular a fraqueza de uma argumentação e a falta de profundez do pensamento por uma miragem de theses e antitheses, por bellas imagens e comparações floridas, referindo-se na sua bella conferencia « Culturgeschichte und Natuwissenschaft, » á doutrina de Buckle sobre a impressão da natureza nas creações mythologicas, accita-a, e, ao mesmo tempo, no final de seu arrazoado, diz que o escriptor britannico exaggerou um pouco e acaba por estas palavras:

«O encadeamento das causas seria exactamente estabelecido, se se disesse que o character psychologico de um ramo da humanidade é originado, entre outras, pelas impressões produzidas pelo aspecto da região em que elle se desenvolveu, e que este character particular, por sua vez, junto a muitas outras circumstancias, determinou as fórmãs religiosas.»

Du Bois Reymond, obedecendo ao seu sestro, quiz e não quiz ao mesmo tempo estar de accordo com Buckle. Que outra cousa ensina este, senão que o aspecto geral da natureza só por si é insufficiente para explicar as creações mythologicas? Tanto elle o reconhece que, para isso, como para tudo o mais, não faz entrar em linha de conta sómente aquelle factor.

Du Bois Reymond foi victima de uma de suas *illusions francezas*.

O philosopho britannico, depois de estabelecer a influencia da natureza na civilisação, passa a explanar o que elle chama a acção das leis mentaes.

* Pag. 39.

Sendo o homem um ser intelligente e altamente progressivo, foi paulatinamente meditando sobre as cousas e adquirindo conhecimentos, a que foi dando uma applicação pratica.

Munido das artes, das industrias, das sciencias, elle precata-se da acção brutal dos phenomenos externos, e como que, em certo sentido e até certo ponto, volve-os a seu favor.

Todas as grandes invenções são largos passos que damos nesse caminho.

O progresso das sciencias é o mais forte incentivo de nosso melhoramento.

As conquistas *intellectuales* são as que mais depressa nos arrojão para diante.

E' por isso que ellas são melhor fermento de adiantamento do que a simples intuição *moral*.

Buckle demonstra que a simples educação *moral* é insufficiente para prevenir grandes catastrophes e injustiças, se ella não é secundada por conhecimentos scientificos.

Prova-o com a *Inquisição hespanhola*, cujos principaes chefes erão individuos de uma *vida casta e pura*, mas cuja *ignorancia* deixava-os ser invadidos pelo mais atroz fanatismo. *

O veneravel Lange, como o chamou Helmholtz, na sua celebre *Geschichte des Materialismus*, diz que Buckle adoptou um ponto de vista falso para provar que o progresso real dos costumes e da cultura em geral depende essencialmente do progresso *intellectual*.

Parece-me infundada a observação de Lange.

Não ha falsidade em sustentar-se que os moveis *principaes*, veja-se bem, principaes e não *exclusivos* da

* Vol. II, pag. 583, vol. pag. 188.

cultura, que não passa de uma conquista das idéas, sejam os progressos intellectuaes.

Buckle o que quiz significar é que as reformas no pensamento se produzem mais rapidamente do que as revoluções na moral.

E isto é exacto; a moral é como a mathematica; modifica-se lentamente, diz um autor, pela justa posição das verdades e não pela revolução das theorias.*

O autor da *Historia do Materialismo*, admirador aliás de Buckle, *cujos engenhosos escriptos* elle recomenda a Wagner, insinua entretanto que o inglez declarou a moral *invariavel*.

Lange olvidou-se; exaggerou as cousas, tomou uma tal ou qual lentidão de progresso—por invariabilidade.

A sua propria exaggeração o refuta.

Na acção das leis mentaes sobre a natureza é que está o elemento antonomo do homem, sua actividade consciente e seu impulso para libertar-se da fatalidade.

Creio que, por mais amigos que sejamos da rhetorica, nós os brazileiros, não se ha de exigir de mim que alce agora o cothurno e decante as maravilhas e as conquistas reaes, levadas a effeito pelo homem desde os fins da época terciaria, quando elle não passava de um selvagem erradio, até hoje que circulou a terra de linhas ferreas e de telegraphos.

Elle que não tinha o poder de avançar ás vezes muitos passos além de sua caverna, agora tem a *liberdade* de communicar-se em poucos minutos de um continente para outro.

Essas é que são as conquistas de sua força livre.

A dupla acção da natureza e da intelligencia é hoje principio elementar da philosophia da historia.

* *Morale independente*, de Coignet, pag. 142.

Marselli diz: « accetare eziandio delle scienze naturali le dottrine, le leggi e porle a base della Storia, come la natura inorganica sta abase de quella organica ». *

Mayr escreveu :

« Muitas cousas consideraveis, em logar de serem preparadas por uma mão directora, são consequencias fortuitas de muitas relações e coincidencias; o homem, porém, combate victoriosamente muitas vezes em nome de certas idéas as resistencias que encontra no caminho. » **

A historia, como se vê, não deve mais ser uma simples exposição arida de factos; tão pouco poderá ser mais um estudo abstracto e inapplicavel ao gosto das deducções de Hegel e consocios.

Como se vê, a doutrina mais corrente em philosophia da historia, ou melhor, em historia scientifica, está igualmente distante do *providencialismo*, essa parodia da predestinação, do *livre arbitrio*, essa caricatura do acaso, e do *fatalismo materialistico*, esse espantallo de todos os timidos, de todos os pregadores de antigualhas.

E' claro, pois, que *os tres unicós systemas*, na phrase do nosso examinador, além de outros claros, abrirão mais um para a doutrina que ahi ficou esboçada.

O ponto de vista que predomina entre os nossos philosophos e historiadores, é ainda hoje o das amplificações rhetoricas ao gosto de alguns modêlos francezes.

E' por isso que, ainda ha pouco, um notavel jornal de Leipzig, fallando da vida espiritual dos brazileiros, escreveu estas palavras :

« Ihre mechanische Nachahmung franzoesischen

* *La Scienza della Storia I* pag. 388.

** *Die philosophische Geschichtsauffassung der Neuzeit I*, pag. 48.

Wesens hat sie daran gehindert, einen Anlauf zu selbstständiger geistiger Entwicklung zu nehmen, und Alles was ihre Literatur producirt, trug den Stempel der Oberflächlichkeit, der Gedankenarmuth, des Nachbetens. »

E' duro; mas é verdade; envergonhemos-nos disso. Quando não possamos já devassar largos horizontes intellectuaes e produzir feitos perduraveis, abramos mão de nossos preconceitos e deixemos a critica limpar o caminho obstruido por pobres e inuteis destroços.

Rio de Janeiro, 1880.

IV

DOUS POETAS

Sahirão, ha pouco, á luz nesta capital dous volumes de poesias que são um excellente pretexto para assentarmos algumas idéas sobre o desenvolvimento litterario do paiz.

São as *Folhas do Outomno* do Sr. Bernardo Guimarães e a *Linha Recta* do Sr. Mathias Carvalho.

Um velho romantico, um bom companheiro de Alvares de Azevedo, um discipulo de Byron, de Musset e de Lamartine - de um lado, — e de outro — um sectario de novas doutrinas, um espirito em ebulição, onde facilmente se descortina a influencia dos *parnasianos*, mais a dos *scientificistas*, mais a dos *realistas*, todos de Pariz e todos coados através de Guerra Junqueiro, Guilherme de Azevedo e Gomes Leal, poetas portuguezes.

Eu não sei bem si a poesia, o romance, o drama, a comedia, o folhetim, o conto, a novella estão ou não completamente transformados hoje no Brazil. Mas sei que a critica litteraria está.

Nos ultimos quinze annos tantos têm sido os assumptos de *caracter puramente brasileiro* em que se ha tocado, tal e tão pronunciado o esforço em conhecer bem o

passado nacional, que uma serie de factos e de problemas ahi estão a reclamar o estudo de resolutos obreiros por muitos e muitos annos.

A' medida que a corrente *estrangeira*, que sempre tivemos e sempre deveremos ter, na litteratura nos atirava á poesia hugoana, e mais tarde a poesia de Sully Prudhomme, e mais tarde ainda ao romance de Zola e ao mesmo tempo á critica allemã, ou ao positivismo de Comte, ou ao evolucionismo de Spencer, ao passo que os representantes entre nós do espirito do tempo punhão-nos ao contacto das idéas *européas*, a pleiada dos afferrados ás nossas tradições, outra phalange de operarios, que sempre tivemos e sempre deveremos ter, abria brecha na pre-historia, na anthropologia, na linguistica e na historia nacional.

São dous movimentos que se completão, duas tendencias que se harmonisão.

Devemos ser homens de nosso tempo e tambem de nosso paiz.

Esta dupla tendencia modificou entre nós a critica litteraria. E' por isso que aquelle que bem conhecer o seu Sainte-Beuve, ou o seu Faine, ou o seu Scherer, mas desconhecer os trabalhos de Baptista Caetano, Couto de Magalhães, Baptista de Lacerda, José Verissimo, Ferreira Penna, Rodrigues Peixoto, Frederico Hartt, Macedo Soares, Paranhos da Silva e Pacheco Junior e sobre archeologia, a linguistica, a ethnographia e a historia do Brazil, não póde amplamente entre nós exercer a critica.

O mais que poderá fazer é colher em livros europeus meia duzia de regras, inspiradas pela analyse de escriptores estrangeiros, e cortar com ellas a roupa em que se devem envolver os nossos autores.

Isto é irregular e improficuo. Tal o methodo, entretanto, de que muito se tem abusado no Brazil.

Em geral os nossos chamados homens de letras

lêm livros europeus e especialmente livros francezes ; raros occupão-se de assumptos brazileiros.

Innumeros são os poetas e litteratos que não sabem duas palavras da historia do paiz ; rarissimos aquelles que se achão em estado de formular um juizo mais ou menos regular sobre o passado e o presente nacional.

A predilecção de todos é puramente pelas novidades estrangeiras.

E, todavia, quem tiver o gosto da erudicção, da anthropologia, da linguistica, das sciencias naturaes, etc., encontrará no Brazil vastissimo campo ás suas pesquisas.

Emquanto não nos applicarmos a descobrir, esclarecer, desvendar os muitos assumptos scientificos que se deparão entre nós e que attrahem sempre e sempre sabios europeus ás nossas plagas, não fundaremos nossa litteratura scientifica, nem a nossa litteratura propriamente dicta.

E' preciso deixar de lado o methodo exterior de julgar os productos litterarios por meio de convenções rhetoricas.

E' preciso procurar em toda a vida nacional o elemento popular, vivo, constante, creador.

E' preciso procura-lo na historia politica e social e na historia litteraria e das artes.

E, apesar de contarmos aquelles poucos escriptores que se vão occupando dos estudos nacionaes, é ainda hoje uma verdade dizer que somos um povo que se desconhece. A historia brazileira està quasi toda por fazer, e sem ella nos perderemos sempre em divagações, não teremos um espirito proprio, nem a consciencia de nós mesmos.

Tal o criterio fundamental das indagações litterarias.—Os livros dos novos poetas devem ser um corollario de nossa propria evolução, sob pena de nada valerem, de nada representarem, salvo o testemunho

de algum raro espirito, algum raro pensador, tão geral, tão universal, tão humano que vá tomar assento entre os mais illustres representantes da especie e lá fulgir entre os genios que não têm patria, entre os Schakspeares, os Dantes, os Gôthes, cousa que não sei se já nos aconteceu...

E, com certeza os dous livros de que hoje nos occupamos não se achão neste ultimo caso. Suas pretensões são mais modestas. São dous productos brasileiros, que como taes devem ser julgados. Por este lado, ousou dizer, que a obra do poeta mineiro avantaja-se a do democrata bahiano.

O Sr. Bernardo Guimarães é uma das figuras mais interessantes de nossa litteratura, onde appareceu ha mais de trinta annos. Parece-me que elle tem hoje perto de sessenta annos de idade. Curvou direito em S. Paulo, onde foi companheiro de Alvares de Azevedo, José Bonifacio, Felix da Cunha e outros estudantes entusiastas e estroinas daquelles bons tempos.

Foi a época de maior effervescencia romantica em nossas academias. A' poesia religiosa de Magalhães e á poesia cabocla de Gonçalves Dias — aquelles moços fizeram succeder uma poesia mais ampla, mais agitada, mais comprehensiva. Avantajárão-se aos seus predecessores em conhecer melhor as litteraturas estrangeiras, em preoccupar-se mais das questões sociaes, e em cultivar mais a fórma.—Trabalhárão em horizonte mais vasto e com armas mais brilhantes.

Entre elles distinguia-se o Sr. Bernardo Guimarães por um lyrismo sereno, placido, confiante, quasi bucolico. Era mineiro, e levava a influencia de Gonzaga e dos sertões nataes. Foi sempre contrario ao indianismo, e por isso criticou Gonçalves Dias. Inimigo de formalidades retirou-se aos seus serros, donde não sahio mais, onde nunca teve empregos publicos, onde é o ultimo Abencerage do romantismo. Tem cultivado tambem o romance e

com um sainete especial. Seus livros do genero são novelas de um enredo simples, de um estylo ligeiro, desprezencioso, semeado de lyrismo e de algumas notas humoristicas. E' o mesmo que se dá nos versos.

Nestes as *Poesias* e as *Novas Poesias* levão vantagem ás *Folhas do Outomno*. O poeta revela-se cansado, com evidentes tendencias mysticas e religiosas, e, em geral, já se repete.

As melhores imagens do novo livro são edições novas de seus versos antigos. O livro é quasi um complexo de nenias. As melhores peças, como lyrismo, são *Flôr sem nome* e *Saudades do Sertão do Oeste de Minas*; como humorismo, são *A Modu* e o *Hymno á Preguiça*. Por estas quatro ligeiras composições aprecia-se perfeitamente a natureza poetica do nosso mineiro. Elle é no fundo uma natureza sceptica, a que se ligão certas tendencias epicuristas.

Dahi o seu lyrismo voluptuoso de um lado, e de outro a ponta de sarcasmo que deixa-se vêr em muitos dos seus versos. Mas o autor das *Evocações* é verdadeiramente um poeta, quero dizer, um espirito descuidoso e contemplativo, um espirito mobil e impressionavel. Nunca desmentio sua vocação.

Não sei se o mesmo aconteceria a Alvares de Azevedo, se tivesse vivido. Quem sabe se não teria este, como o Sr. José Bonifacio, e Felix da Cunha, e mais que todos o Sr. Octaviano, tomado outro caminho na direcção da politica? Não é que julgue as duas occupações incompativeis; é que o têm sido para os madraços do Brazil. Possa ainda o velho poeta viver muito e desmentir sempre e sempre a antiga regra da preguiça nacional, a *santa preguiça*, a quem fez tão bellos versos.*

* Pouco depois disto escripto falleceu o velho poeta.

Tudo isto que ahí vai dito do Sr. Bernardo Guimarães, e que lhe é favoravel, não quer significar que elle não tenha tambem os seus defeitos. Tem-nos e bastantes: é muitas vezes prosaico, ás vezes incorrecto e não poucas superficial.

Tem certa delicadeza de tintas; mas não tem força; interessa mas não prende, não captiva, não enthusiasma. Em todo caso, é um producto do seu meio.

Vamos ao Sr. Mathias Carvalho.

E' um brasileiro em regra.

Dahi as ousadias de seu estro poetico, embaçado apenas por uma falsa theoria da arte.

Seu livro é mais um pamphleto, uma proclamação politica do que uma obra de arte; contém tambem certas profissões de fé scientificas.

O autor conseguiu fazer um livro que afinal não é uma obra de poesia, nem uma obra de sciencia: é um mixto, infelizmente incolor.

Não é o talento que lhe falta; é uma bôa orientação litteraria.

Isto demanda uma explicação.

Disse Du Bois Reymond uma vez fallando da *Historia da Creação* de Ernesto Häckel, não sei se com justiça ou sem ella: «quando eu quizer lêr um romance sei bem onde procura-lo.» E' o que se pôde dizer em sentido inverso da *Linha Recta* do Sr. Mathias Carvalho: «quando nós quizermos lêr um pamphleto politico, ou certas theorias scientificas, sabemos bem onde procura-los».

Ali ha uma confusão de generos e de dominios diversos.

A razão principal desta anomalia consiste em um equivoco muito em voga em nosso tempo. Nós cansamos da poesia piegas, anemica e inconsistente do reman-tismo em decadencia; sentiamos que esta poesia era falsa, affectada e não era a expressão de factos serios.

Animava-a uma decrepita intuição das cousas. Naturalmente appareceu a idéa de uma poesia mais séria, mais verdadeira, mais em harmonia com a intuição vigente. Dahi um *mal entendu*; começárão alguns a nos impingir gato por lobre, a ministrar-nos triagas medonhas de falsa *sciencia e politica em verso*... E' horrivel.

Entretanto é simples: a natureza não mudou o facto, o spectaculo das cousas, as peripecias da vida são sempre os mesmos; o que mudou foi a nossa visualidade, a nossa intuição.

O assumpto da poesia é sempre o mesmo; a impressionalidade humana é que se altera.

Colloquem-se o selvagem, o homem antigo, o da idade média, o do seculo xvii e o dos nossos dias diante de um mesmo phenomeno poetico, ou seja uma scena da natureza ou da alma humana, uma bella paisagem ou um ydillio de amor e, se taes individuos fôrem poetas, decantarão o phenomeno cada um a seu modo.

O selvagem usará das grandes metaphoras mythicas da poesia primitiva, o homem antigo, filho da civilisação artistica dos gregos, usará de seu lyrismo ondulante, são e sensual; o medieval cahirá talvez em effusões mysticas; o do seculo xvii nos fallará a linguagem cavalheiresca, medida, polida de Racine; o contemporaneo indicará os refinamentos, as effusões, o tumulto de uma alma trabalhada e vasculejada em mil preocupações. Este é que é o elemento mobil da poesia.

O erro dos ultimos romanticos foi considera-la uma futilidade; o erro de alguns poetas recentes é considera-la um theorema.

A poesia só vai bem com a mocidade, o descuido, a imaginação, os sonhos.

Só é verdadeiro poeta o entusiasta; só são verdadeiramente creadores neste genero os povos jovens. O maior erro de nosso tempo é desconhecer este caracter da

poesia; o segundo fazer della uma propaganda doutrinaria. Por isso escolhem para os seus cantos os assumptos terriveis e tremendos.

Por isso são poetas que não se relêm.

Não é tudo: lida uma peça qualquer, estão todas conhecidas. E' a mesma objurgatoria, a mesma emphase perenne, o mesmo desconcerto, o mesmo barulho de principio a fim! São amplificações e personalisações por toda a parte. São a Luz, a Voragem, o Bem, a Verdade, a Razão, a Consciencia, a Observação, o Direito, a Justiça, o Privilegio, a Cobiça, a Revolução, o Progresso, a Patria, o Crime, o Povo, a Liberdade, o Erro, a Misericordia, o Futuro, a Redempção, a Desforra, e cem outras palavras todas trajadas de letras maiusculas, tudo personificado e a nos metter medo. . . Não, isto não é a poesia. Pelo que me toca, e tenho susto em dize-lo, pelo que me toca, eu não releio esta barafunda. Quando eu sinto sêde de poesia vou bebe-la em outras fontes; vou procura-la onde se achão retratadas as peripécias, as lutas e as effusões da alma humana.

De todo o livro do Sr. Mathias Carvalho, só me agradaõ verdadeiramente os versos a que elle proprio parece ligar pouco apreço; são aquelles cinco sonetos escondidos no livro sob o titulo de *Velha Historia*, especialmente o segundo.

E veja bem o poeta: para mim é mui apreciavel o seu talento, lastimo apenas que o desperdice em alexandrinos asperos, ericados de declamações.

Como pamphleto gosto mais do *Libello do Povo*, e como sciencia aprecio mais a *Algebra de Ottoni*. E' necessario arredar a mocidade dessa tendencia fatal que a vai levando a falsificar a poesia. Em vez da declamação versejada, queremos o lyrismo novo, forte, limpido, impetuoso, vivo, como o deve fazer o homem moderno.

E o Sr. Mathias de Carvalho pôde enveredar por esta senda, quando quizer. E' dotado de um talento objectivista e de um estylo algum tanto vivaz. Desprenda-se de certos modêlos, que evidentemente imita, e falle-nos directamente por si. Deixe a poesia de receita e convenção. Contra a poesia desviada de seu character e mettida a ser apparelho pedagogico é que eu protesto.

Rio—1883.

V

IDEALISMO E REALISMO

Assusta o alarido das escolas e systemas a quem o escuta da região serena da arte.

Deixem-no para o estaleiro da sciencia humana, onde cada peça da immensa fabrica é posta em seu logar ao martelloso ruido das argumentações.

A arte deve ter uma vida mais desafogada, mais possivel, mais cheia de excentricidades e mysterios.

E quando a sophystica litteraria procura medi-la pela extensão microscopica de suas vistas, o espectáculo repugna e a tentativa é desprezivel.

Ha quem especule com falsas noções, que parecem outorgar as duas expressões — idealismo e realismo —, applicadas á poesia.

Os equívocos agglomerão-se e as tentações infundadas se apresentam.

A quem conhecer um pouco o espirito humano e couber a certeza do que elle vale, nos tempos modernos, as vistas parciaes não cegarão.

A idéa mais persistente, que uma das mais robustas edificações philosophicas, a de Hegel, — trouxe ao mundo, vem a ser o *character relativo da verdade*.

Para tal achado, á primeira vista tão simples, houve necessidade de todo o genio do illustre allemão, para determina-lo; e de toda a sciencia de Comte, para o divulgar.*

Ainda bem; o principio é geral e sua applicação deve ser completa.

As idéas *absolutas* sobre poesia são uma herança da velha metaphysica, e absurdas como uma these de astrologia.

De ora avante — a pretensão de governo despotico, por parte de um modo de vêr parcial, é um falseamento de doutrinas, um quadro incompetente, incorrecto do espirito do tempo.

Mas indaguemos da historia.

Lá tambem, lá na antiguidade, quando a consciencia humana, serena e imperturbavel, porque a vida era ainda pouco complicada, modesta e timida, porque o coração era ainda pouco exigente; quando a consciencia humana diante de todos os fundos problemas, se mostrava contente com a razão das cousas, vinha, de vez em quando, uma restea de sombra empallidecer-lhe o brilho.

Abri as obras dos grandes genios, os mais arredados de nós que quizerdes; abri o livro de Job. O espirito do sublime soffredor é açoutado por todas as flagellações que lhe atira o implacavel habitador das trevas.

Satan é o destino; a grande luta da humanidade está travada.**

Abri Eschylo: todos conhecem essa poesia travosa de supplicios, embriagada de sublime padecer.

Prometheu é o genio preso, e todavia conspirado.

* Ed. Scherer. — *Melanges d'Histoire Religieuse*, artigo sobre — Hegel e o Hegelianismo.

** Vide Renan, *Le Livre de Job*; analyse do poema.

Onde haverá mais *ideal*, isto é, mais transfigurações do homem e da natureza, e, ao mesmo tempo mais *realidade*, isto é, mais vida, mais luta, mais tormento, mais dôr? E, se fôr ponderado que entre o homem de hoje e o de então ha o vasto labor de sonhos celestes, de ancias para Deus, de desapego da vida, que enche uma extensa secção da historia, e constitue o character de muitos seculos, a parcialidade systematica de todo aniquila-se. Nós outros somos filhos de uma civilisação complexa. *

Todas as expansões reaes e sentidas do homem antigo, sobremodo do grego, entrelaçarão-se a todos os impetos para o *desconhecido* do homem da idade media. A alma moderna é a somma de todas aquellas effusões.

O pensamento hodierno agita-se por todos os lados. Na grande litteratura correm as ondas de todas as ancias ineffaveis, desde o sagrado entusiasmo pela mulher até á sêde estupenda pela eternidade; desde a minosa expansão pelo espectaculo das flôres até ao dilacerante desespero pelo céu que atormenta.

Ali ha de tudo; o mediccre é que é exclusivo.

São as grandes idéas incarnadas na fôrma brilhante; todos os sonhos, como todas as necessidades; todos os pesadelos como todos os risos; a duvida e a crença, a maldição e a prece! . . .

Veão-se as obras completas que resumem o seculo.

Onde ha ahi poesia mais sonhadora, mais utopica do que a do *Ashaverus* de Quinet?

Naquella indomavel torrente de impetuoso lyrismo os velhos e novos mysterios, as velhas e novas impossibilidades se attestão, e, contudo, onde um livro mais humano, uma poesia em que a exactidão que nos toca seja mais séria e implacavel?

* Vide Taine, *Philosophie de l'Art en Grèce*; O momento.

Mas deixo esta ordem de motivos, e toco em outros.

O que entendem por idealismo no terreno da arte?

Se fôsse a suprema expressão, o mais sublimado gráo das concepções humanas, então nada haveria de serio que nos vedasse de por elle moldarmos nossas obras.

Se o julgão synonymo de extravagancias, accervo de impossibilidades, neste caso, errão e não têm razão.

Mas nenhuma destas explicações é a exacta; a primeira é um residuo de metaphysica hystérica, a ultima é um disparate.

O ideal é tambem relativo; não se concebe *á priori*; depende das idéas que formamos de tudo.

Esta verdade mostra o que elle vale; é o fundamento mesmo da arte e a historia aponta as variações de ambos.

O que é o realismo? Se é a velha pretensão de fazer da arte uma photographia eternamente a retratar scenas do mundo, na pintura admittis sómente a paisagem, na poesia acostais-vos á seita pinturista!!....

E, se a pretensão é de julgar que o mister unico da poesia é reproduzir o que parece certo, *real*, para as intelligencias, neste caso, o criterio de cada uma dellas é variavel, ou, por outra, as idéas diversas de cada um de nós trarão o idealismo, cujo sentido philosophico é assim determinado.

Mas o realismo deve ser entendido de modo diverso, isto é, como o que de positivo fôr a sciencia apontando, e a consequencia é que elle é necessario, é uma força que se impõe.

Idealismo e realismo, portanto, são principios que não se combatem; unem-se.

A poesia vive do consorcio de um e de outro.

Um espirito comprehendedor afugenta as idéas apertadas e frageis; fórma sempre a harmonia das cousas.

Ha, porém, uns criticos que se nutrem de acanhadas noções; apegão-se ao incompleto com obstinação.

Dahi um bom numero de juizos desponderados, que se vão espalhando, e dahi a sequidão de idéas que mostram com relação a uma poesia firmada na intuição moderna.

Abrem um livro de um autor, e lêem esta apostrophe exaggerada: «geographos da intelligencia, marcai sobre a carta do espirito humano, naquelle polo a sciencia, naquelle outro a poesia!»*

Julgão-se fortes com a intimação; condemnão uma das fecundas idéas da litteratura contemporanea: a poesia fundada nas novas tendencias.

Entretanto as duas cousas se excluem, quanto ao methodo, e harmonisãm-se quanto ás vistas.

Identica é a cegueira que lança o abysmo entre idealistas e realistas, a quem falta uma comprehensão total da humanidade e da natureza.

Recife, 1870.

* Ch. Magnin *Causeries et meditations Litteraires*; edic. de 842.

VI

VISTA GERAL SOBRE A ESCOLA LITTERARIA DO RECIFE

I

De todos os centros intellectuaes do Brazil, se é que neste paiz os ha bem caracterisados, a cidade do Recife, nos ultimos vinte annos, é o que tem levado a palma aos outros na iniciativa das idéas.

Desde logo cumpre-me avisar ao meu leitor que eu não sou pernambucano, e nem tenho em mui exaggerada conta o ultimo movimento espirital ali provocado, como tambem não aprecio largamente a tão decantada aptidão da grande provincia do norte, para as lides das idéas livres, com suas tres e tão mal apreciadas revoluções deste seculo. Nem 17, 24 e 48 me prendem com força, nem é para decantar taes factos que tomo agora da penna.

Minha pretensão é mais modesta, visa á época recente e a idéas de natureza muito diversa. O movimento a que me hei referido teve por factores individuos pela mór parte extranhos áquella terra, e só ali nasceu pelo

facto, quasi accidental, de terem elles ido lá fazer o seu curso academico.

A gloria, pois, que de tal facto possa advir a Pernambuco é puramente reflexa; mas, não é menos verdade que foi na bella *Veneza transplantada*, para repetir a velha phrase do poeta, que as cousas se passarão.

Nem eu viria agora rememorar successos em que fui *asigua para*, senão fóra a surdez de certo — *chauvinismo cortezão*, que pretende tudo haver descoberto ou engrandecido neste paiz, até aquillo que veio do estrangeiro já preparado, como o *telephono*!

E' mister desfazer certas illusões, emquanto de todo se não perde a lembrança dos acontecimentos. A meia duzia de idéas mais estimaveis, que em outros pontos do paiz, como S. Luiz, Bahia, Rio de Janeiro, S. Paulo e Porto-Alegre, vão, na hora actual, na esphera litteraria agitando os espiritos, desde 1862 que no Recife vierão á luz, e prosperarão no jornalismo.

O terreno revolvido, a sciencia, a critica, a poesia, o foi ali largamente, tanto quanto no Brazil isto podia acontecer. Uma fatalidade, que se prende de um lado ao desprezo da côrte para com a imprensa provinciana, e, de outro, á posição pouco vantajosa dos trabalhadores de de que vou fallar, é a razão explicativa de terem ficado elles quasi ignorados, ao passo que outros mais felizes então, como ainda hoje, fórao na capital do Imperio aureolados com o titulo de notabilidades.

Não contentes com a centralização politica e administrativa, os pretendidos guias do pensamento nacional hão sonhado tambem com a centralização litteraria!

Comecemos pela poesia.

A primeira phase das lutas que tenho de rapidamente historiar foi a da formação da escola nacional, que arvorou a bandeira pantheistica e revolucionaria de Victor Hugo, com seu estylo forte e exagerado.

Seu chefe ali foi Tobias Barreto de Menezes, que levou o systema preparado de Sergipe, sua patria, onde o cultivava desde 1854.

O joven poeta apertou a Pernambuco em fins de 1862. Desde então, sua voz se fez ouvir, e em torno d'elle gruparão-se muitas entusiastas aproveitaveis, deixando as velhas tendencias. Entre outros se contavão Castro Alves, Victoriano Palhares, Plinio de Lima, Guimarães Junior e mais tarde Castro Rebello Junior.

O chefe e os discipulos não viverão depois muito cordialmente: a emulação tornara-os rivales, não contestando, porém, nenhum ao sergipano o prestigio da iniciativa. A vida academica no Recife nesse tempo foi muito aprazivel.

Era a phase da guerra com o Paraguay. As festas patrioticas se repetião com as noticias de nossas victorias e um enthusiasmo sincero se fazia sentir entre os moços.

O theatro, sob a direcção de bons artistas, e o salão, ao influxo das bellas pernambucanas, recibia com o recitativo um brilho vivo. Os poetas tiveram principalmente por musa o patriotismo, o enthusiasmo esthetico e o amor. Ao lado desta triplice manifestação exhibia-se a poesia philosophica e um lyrismo brilhante e sadio. A primeira necessidade da joven escola foi banir o byronismo affectado e o lamartinismo lamuriento, que tiveram tantos representantes, ainda hoje festejados em todo o Imperio.

Nas folhas do Recife de 1862 a 1870, existem numerosas produções que attestão o que aqui se affirma. E uma questão de datas: é só verifica-las.

Alguns livros depois tórão publicados reproduzindo aquellas peças. Entre outros, *Espumas Fluctuantes* de Castro Alves, *Mocidade e Tristezza*, e *Scintellas* de Palhares, e *Corymbos* de Guimarães Junior.

Os versos de Tobias Barreto ficárão espalhados pelas paginas dos jornaes, até que o autor destas linhas

ultimamente imprimio em livro uma parte delles sob o titulo de *Dias e Noites*.

Entretanto, Castro Alves, discipulo assás aproveitado, mas sem a intuição philosophica, o sentimento exacto e a correcção plastica do mestre, passando pelo Rio de Janeiro, onde teve ruidoso acolhimento, foi acabar o seu curso em S. Paulo; fez-se lá ouvir e creou assecclas, que depois proclamárão a nossa poesia hugoana como um rebento daquelle solo...

Isto já em 68, quando a escola, como tal, entrava em decadencia.

Actualmente de todos os angulos do Imperio nos assaltão *poesias bombasticas*, de deixar estatelados os mais fleumaticos leitores.

E' que de Tobias Barreto e Castro Alves passando para os seus discipulos, ostensivos ou não, o *estyllo* se exaggerára, tornando-se uma *maneira* aspera e desconchavada de poeta.

A falta de sentimentos e de idéas foi sūpprida pela phantasmagoria de uma linguagem empolada e ridicula.

Não entra nos calculos deste trabalho proceder á analyse dos poetas e escriptores que dirigirão o movimento espiritual pernambucano dos ultimos annos. Indicar em traços rapidos a marcha das idéas, eis o fito procurado. Por isso se deixão de apontar as vantagens e defeitos do hugoismo brasileiro, seu alcance e seus estragos, e demonstrar como em S. Paulo, principalmente, á força de jogar *bombas* sobre o paiz, elle acabou por inanir-se.

A' ultra-romantica generosa e enthusiastica de Tobias Barreto e Castro Alves succedeu no Recife o *realismo* de Celso de Magalhães, Generino dos Santos e Souza Pinto. Tinhão antes trabalhado nas fileiras dos adeptos de Hugo, e reagirão afinal.

Seu systema, porém, não repousava na vasta intuição evolucionista do mundo e da humanidade, preparada pelo darwinismo e pela critica.

O realismo litterario e poetico de que se fizeram os corypheos não foi o corollario do *realismo scientifico* que substituiu as velhas construcções metaphysicas.

Era já depois de 1868, nas *Poesias* de Celso de Magalhães e nas *Idéas e Sonhos* de Souza Pinto já se nos depara esta nova tendencia, affirmada mais fortemente nos periodicos academicos apparecidos dahi em diante, maxime no *Trabalho*.

Hoje tudo isso é corrente na mór parte do paiz; mas é preciso não olvidar-se a origem. Continuavão os poetas a sacrificar ao romantismo ou ao realismo, quando o autor destas linhas, offereceu a idéa de uma poesia, que, firme na moderna intuição critica, edificada pelos estudos historicos, de um lado, e pelas sciencias naturaes e philosophicas, de outro, fôsse a crystallisação das vistas mais adiantadas do espirito contemporaneo.

Um critico francez, sondando os motivos intimos da poesia sceptica de Byron e Goethe, encontrou-os no estado social incongruente dos fins do seculo passado e começos do actual.

Por um raciocinio simples, fui levado a concluir para a poesia de hoje uma intuição diversa. Esta não podia mais ser pedida nem ao decrepito espiritualismo metaphysico de Cousin e Jouffroy, nem ás vistas pantheisticas de Quinet, ou ao socialismo revolucionario de Hugo.

Havia tambem de ser differente de outras soluções já antes apparecidas, como o realismo de Coppée e Richopin, e como o positivismo esteril de alguns outros.

Só a concepção critica do universo, que é o grande feito da sciencia do dia, concepção que tem o triplice apoio do positivismo de Comte, das idéas monisticas de Darwin e da sciencia religiosa allemã, é que podia, a meu vêr, ser a inspiradora da arte actual. Cumpre advertir que do positivismo só a fecunda noção dos tres *estados* é o que foi aproveitada para a intuição critica da litteratura de hoje, como eu a pude comprehender.

Semelhante idéa, pouco partilhada entre nós, foi atirada á luz na *Crença*, periodico publicado no Recife em 1870, e desenvolvida nos annos seguintes em diversos jornaes daquella capital.

Um dos indispensaveis recursos da theoria, foi combater o romantismo de preferencia no seu predilecto representante — o *indianismo brasileiro*. Igual opposição foi feita ao falso *idealismo* e ás unicas pretendidas concepções *realistas*. Todas as obras, quer de critica, quer de poesia, que tenho publicado no Rio de Janeiro, são documentos dessa intuição litteraria e em grande parte são reproducção do que havia publicado antes no Recife.

Por outro lado, o moderno naturalismo do romance brasileiro, qual o comprehendêrão o distinctissimo escriptor Franklin Tavora e o esperançoso Luiz Dolzani, é tambem um producto do movimento do Norte.

Estes autores depois ausentarão-se, trazendo para o Sul suas idéas já feitas e desenvolvidas.

E' tempo de passarmos á sciencia e á critica.

II

Algumas idéas que, a proposito de nossa ultima questão religiosa, fôrão discutidas no Rio de Janeiro, entre outros por *Ganganelli*, annos antes o haviam sido no Recife por um escriptor, que tinha tanto mais de illustrado do que o notavel chefe da maçonaria brasileira, quanto é mais do que elle desconhecido.

Refiro-me a Abreu e Lima. E' com pezar que deixo passar este ensejo de fazer em traços miudos a caracteristica desta nobre individualidade. A occasião não é a mais apropriada.

Como os poucos homens de merito real neste paiz, tem elle sido largamente desdenhado. Seus trabalhos de patriota liberal, que pôz o braço ao serviço da independencia da Columbia e da Bolivia ao lado do celebre libertador da America do Sul, fôrão esquecidos. Seus escriptos em que foi o primeiro, entre nós, a encetar a critica sem reserva, profligando as autoridades de palha, engrandecidas por nossa fatuidade, fôrão por esta ridicularisados. Apresso-me em dizê-lo : Abreu e Lima não é para mim mais do que um autor de ordem secundaria, medido pela bitola de seus congeneres europeus. Aferido, porém, pelo padrão brasileiro, elle se ostenta muito acima do nivel de seus rivaes da patria, por mais endeusados que tenham sido em detrimento seu.

Em sua longa carreira ha a distinguir o que fez como patriota americano, liberal e militar, e o que fez como escriptor. Por este lado, ainda se deve separar o que, logo de volta da Columbia, praticou no Rio de Janeiro e o que mais tarde publicou em Pernambuco.

Em uma e em outra esphera, se nem sempre suas idéas fôrão originaes e seguras, seu exemplo foi sempre para imitar-se. Independente e ousado, nunca se prostrou aos pés de nossos governos sensatos ; independente e illustrado, foi quem primeiro brandio neste paiz o latego da critica sobre a enfumada legenda de homens como Cunha Barboza, Adolpho Varnhagen, Evaristo da Veiga, Diogo Feijó, Nascimento Feitosa, Pinto de Campos e outros tantos semi-deuses que gyrão na atmosphera empoeirada de nossa politica e de nossas letras. Pelo que nos interessa neste momento, devo sómente indicar que nos annos de 1866 e 1867, já velho e proximo ao tumulo, sustentou pela imprensa uma luta renhida, cujos resultados são os dous livros intitulos — *As Biblias Falsificadas*, e *O Deus dos Judeus e o Deus dos Christãos*.

Ao total — tres respostas a um padre imprudente, que occupa um alto assento na igreja brasileira. As

qualidades deste contendor erão das menos proprias para engrandecer a pugna e dar fulgor ao adversario liberal. E, todavia, aqui dentro do nosso horizonte, Abreu e Lima brilhou.

Elle, por certo, ignorava, como todos de seu tempo, o grande thesouro que constitue a moderna sciencia da exegese biblica. A nova critica religiosa lhe era desconhecida. De um ponto de vista voltairiano, porém, e com a intuição de um *velho catholico* de hoje, muito antes da *Infallibilidade* e da scisão de Dœllinger, elle delucidou a questão das biblias protestantes, ditas *falsificadas*, e discutio outros pontos controversos, como o purgatorio, a inquisição, o culto das imagens...

No terreno do direito ecclesiastico privado escreveu sobre o padroado, e benaplacito imperial, ausencia dos bispos de suas dioceses. De envolta lá se achão acertadas idéas sobre o casamento civil, liberdade religiosa, emigração estrangeira, concordata com Roma. . .

A obra do general permanece despercebida, quando seu digno successor, amontoando volumes sobre volumes, causou ruido no Rio de Janeiro. A longa serie intitulada a *Igreja e o Estado*, apezar de sua bôa intenção, é um dos maiores monumentos de nossa má cultura metaphysica. O velho *Ganganelli*, a despeito de seu merito, não descobriu a America; quer me parecer.

Nem tão pouco o velho Abreu e Lima a descobrira, ainda que dotado de qualidades espirituaes mais profundas. Nem no Recife, nem no Rio, os dous illustres corypheus produzirão pensamentos originaes.

Mas o general tem, sobre outros, o prestigio da antecedencia.

A' forte luta sustentada pelo autor do *Socialismo* e o autor da *Jerusalém* succedêrão outras ments ruidosas e mais fecundas.

A grande transformação do pensamento hodierno, produzida pela ascendencia da Allemanha, o unico

representative man que teve no Brazil encontrou-o em Pernambuco. Ainda neste ponto o iniciador foi Tobias Barreto de Menezes. Eu não conheço maior metamorphose operada em um espirito do que a effectuada no escriptor sergipano.

O chefe da poesia hugoína brasileira fez-se igualmente o evangelista do germanismo entre nós.

A critica é a grande porta por onde nos vai fazendo conhecer a Allemanha; e a critica em sua totalidade applicada á philosophia, á religião, á litteratura, á politica e ao direito. Tobias Barreto tem percorrido todos estes districtos da sciencia, sem que sua antiga intuição romantica o perturbe. Disse Victor Hugo de Sainte-Beuve que este tinha um pouco do poeta no critico e um pouco do critico no poeta. O nosso escriptor conseguiu separar de todo os dous dominios. Sua phantasia não ennevôa a sua razão.

Desde 1870 que abandonando quasi totalmente a poesia, atirou-se á critica em seus variados ramos, e mais tarde ao direito. A sua nova intuição elaborada pelo estudo profundo do positivismo, do darwinismo, das escolas de sciencia religiosa allemã, maxime a strauss-bauriana e pela leitura dos historiadores litterarios, como Julian Schmidt e Treitschke, e dos publicistas, como Mohl e Gneist, derramou-se em variados escriptos. Em avulso conta os trabalhos seguintes: *Ensaio e Estudos de Philosophia e Critica*, *Brazilien wie es ist in literarischer Hinsicht betrachtet*, *Ein offener Brief an die deutsche Presse*, *Um discurso em mangas de camisa*, *Estudos allemães*, *Fundamento do Direito de Punir e Menores e Loucos em Direito Criminal*. O germanismo de Tobias Barreto, firma-se, quanto á sciencia, na intuição monistica do mundo e da humanidade, e presuppõe o conhecimento de Comte e de Darwin, e, na litteratura promove implicitamente a applicação do principio da selecção natural entre as nações, fazendo-nos jogar á margem as migalhas da civilização

franceza, e mergulhar na grande corrente da cultura allemã. Semelhante modo de pensar envolve por força a necessidade da critica objectiva, isto é, daquella que, não guardando preferencias, estudando os homens e os factos como elles são, lavra o seu juizo sem tergiversar, por mais energico que possa elle ser. Inutil é dizer que metidas neste cadinho, certas notabilidades brazileiras quasi que se evaporão. Tobias Barreto não recuou; elle é a mais completa incarnação do espirito critico moderno no Brazil.

Mas eis que no Rio de Janeiro só de 1874 em diante é que pela vez primeira os nomes de Darwin e Comte fôrão pronunciados em publico em conferencias e escriptos, quando em Pernambuco erão de vulgar noticia entre os moços de talento desde 1869. *

A critica sciencia, pois, não nasceu na Côrte com a rhetorica do Conego Pinheiro ou com as divagações do Sr. Machado de Assis.

Escusado é advertir que o germanismo litterario do escriptor sergipano é letra quasi sem desconto em certos circulos brazileiros, onde a lingua allemã é uma especie de epigraphia *accadeana*.

Sorte de *contagium animatum*, a eiva nacional só se apega aos defeitos daquelles que entre nós ousão pensar.

O que havia de enfesado na poesia de Hugo facilmente propagou-se; o que ha de vivificante na Allemanha nós o repellimos.

O escriptor do *Brazilien wie es ist* é uma grande intelligencia o um grande coração, mas é um homem em certo sentido exclusivista. Seu espirito pôde percorrer,

* As primeiras exhibições sobre Darwin fôrão no Rio de Janeiro as conferencias do Dr. Miranda Azevedo em 1875, apparecidas depois em fasciculos.—Sobre Comte, os artigos do Sr. Miguel Lemos a datar de 1874 e publicados mais tarde em opusculo em 1877.

sem duvida, larga parte da escala do saber humano, mostrando comtudo uma facêta predilecta. Em poesia teve elle um mestre,—um portentoso genio. Sempre produzia por si, com exuberancia d'alma; e, todavia, em sua palheta havia de ordinario entre outras uma tinta certa! Em litteratura e critica tem tambem um ideal: a alma de uma raça, o espirito tudesco. Sempre pensa por si, com segurança; e, todavia, sua penna, que pôde molhar-se em tinta preta, ha de trazer, ás mais das vezes, alguns pingos rubros das preferencias germanicas.

Isto é bom, os iniciadores devem ser arrebatados, systematicos, exclusivos. E' uma condição de victoria.

O autor deste ensaio, espirito, ao certo, inculto e inhabil, foge dos systemas.

Em poesia, o *naturalismo critico*, porque é a feição do tempo; em philosophia e litteratura, o *realismo scientifico*, e a verdade de onde quer que ella venha, Isto envolve uma serie de affirmações e negações, que apparecêrão nos jornaes de Pernambuco em oito annos os que medeiárão entre 1869 e 1876.

Pelo que toca á litteratura, em sua face restricta, no que mais nos interessa por ora, esse pensamento quer dizer, pelo lado negativo:—abandono do indianismo e do luzismo exclusivos, igual desprezo dos sonhos romanticos e do falso neo-realismo; pela face positiva: nova intuição da poesia em geral e especialmente da americana; nova concepção da *poesia popular brasileira*, e da *historia litteraria* da nação, onde devem pesar todos os elementos *ethnicos* do paiz. A todo este movimento critico do norte, por sem duvida superior á evolução poetica, filiarão-se alguns jovens escriptores, que fôrão depois residir e trabalhar em outros pontos do paiz; taes são, entre muitos, Celso de Magalhães, Rocha Lima e Araripe Junior.

Não falta muito para que algum dos directores da metropole do pensamento brasileiro reclame, como obra

sua, o que os esforços de todos aquelles representão como trabalho litterario e scientifico.

Eu fallei poucas linhas acima em nossa *poesia popular*. No Rio de Janeiro não se tinha tratado de semelhante assumpto antes do excellente escripto do notavel critico Celso de Magalhães, intitulado — *A poesia popular brasileira*, publicado no Recife em 1873, trabalho em que elle pôz ao seu serviço a theoria da selecção natural applicada ás raças que povoão este paiz. Depois é que o Sr. Conselheiro Alencar mimoseou os seus leitores com o mediano producto — *O nosso cancionero*.

Esta rapida noticia do desenvolvimento de idéas levado a effeito na bella cidade onde estudei, que é a minha patria intellectual, não leva por alvo o engrandecer os meus companheiros de lides e muito menos a mim proprio. Restabelecer a verdade de alguns factos e comprimir umas pretensões indebitas, eis o motivo dirigente deste esboço.

Infelizmente do Brazil não se pôde dizer o que da Allemanha escreveu, ha pouco, o sabio Virchow: « A meu vêr não temos agora mais nada a pedir para nós; havemos chegado ao ponto em que devemos, sobretudo, propôr-nos, por nossa moderação, por uma certa abnegação de nossas preferencias e opiniões pessoaes, a fazer perdurar as disposições favoraveis que a nação ha testemunhado a nosso respeito ».

Quem dera que ahi tivéssemos chegado.

VII

D R A N M O R *

I

Não sei se ainda mais me intrigarei com os litteratos fluminenses, se lançar-lhes em rosto que é uma vergonha para elles o completo desconhecimento em que vivem de um dos primeiros poetas da actualidade, e que reside entre nós ha longos annos. Mas esta é a verdade, e não procuro esconde-la, ainda mesmo em prejuizo de minha posição, cada vez mais difficil, entre os grandes escriptores que pullulão a cada canto da capital do Imperio. Quando fallo em posição difficil, evidentemente me engano, porque minha liberdade de apreciação cresce justamente na razão do afastamento em que dos homens do dia me colloco, e o odio que por isso me votão não me mette medo algum. De nada tenho que arrepende-me, senão da pouca actividade que hei empregado em chamar

* *Dranmor's gesammelte Dichtungen.* Dritte vermehrte Auflage; Berlin, 1879.

os proclamados *genios* a contas. Da grande galeria de notabilidades patrias, de todas as idades e tamanhos, não passam talvez de umas duas duzias os bustos em que tenho dado minha martelada, quando um pouco mais de energia me faria percorrer o museu inteiro e ajudar a queda dessas estatuas toscas, que por si mesmas se estão desmoronando. . .

Como quer que seja, o que desejo agora assignalar é o facto singularissimo da existencia entre nós do Sr. Fernando Schmid (Dranmor), laureado poeta, applaudidissimo na Europa, collaborador de um jornal que ajuda a fazer a opinião do velho mundo a nosso respeito, autor de varios opusculos sobre nossa vida commercial e politica, tudo isto sem que os litteratos da terra, que são tão esportos e que sabem tanto, de nada tivessem o menor presentimento! Abstracção feita de rapidas noticias, insertas no *Jornal do Commercio e Cruzeiro* por Carlos Jansen e na *Gazeta de Porto-Alegre* por Carlos de Koseritz, nada mais no Brazil se tem escripto sobre o autor do *Requiem*. Por pennas brazileiras ainda menos. ¹ Entretanto, é elle um dos mais distinctos estrangeiros que hão residido entre nós, e ainda hoje na colonia allemã, que no Brazil conta homens como Gruber, Jansen, von Ithering, von Koseritz, Fr. Müller, Tautphœus e outros mais, o poeta *Dranmor* é um *primus inter pares*.

Chamar para elle a attenção do publico brazileiro, não é cumprir só um dever de cortezia, é pagar tambem uma divida de reconhecimento a um dos mais profundos e delicados pintores de nossa natureza, e ao forte lyrista que entre os seus cantos não se dedignou de inserir traducções de Gonzaga e Gonçalves Dias! ²

¹ Jansen e Koseritz são allemães.

² De Gonzaga—no livro, e de G. Dias—na *Deutsche Zeitung* do Rio de Janeiro.

Fernando Schmid é filho de Berna, na Suissa ; veio ao mundo no mesmo anno em que o poeta dos *Tymbiras*, em 1823, a 22 de julho. Não é sem motivo que assigna-lo a coincidência.

Ambos são poetas, ambos vivêrão no Brazil e na Europa, ambos inspirarão-se nos dous mundos, ambos viajarão muito, e que differença de notas e de intuições !...

Vai entre elles a distancia que separa duas raças e duas civilisações diversas.

Schmid era filho de um banqueiro mui conceituado, mas não recebeu educação litteraria especial, e em 1843, aos 20 annos, emigrou para o Rio de Janeiro, com destino á vida commercial. Daqui passou-se para Santos, onde foi chefe de uma casa exportadora, começando logo a fazer fortuna. Em 1847 fez a viagem em volta do globo, partindo daquelle porto e a elle regressando. Em 1851 percorreu toda a Europa, e no anno seguinte estabeleceu-se definitivamente no Rio de Janeiro, de onde só tem sahido em viagens mais ou menos rapidas para os Estados-Unidos, republicas do Prata e Europa. Foi durante muitos annos consul geral da Austria-Hungria no Brazil, e tambem da Russia durante a guerra da Criméa. Viveu sempre a vida aspera e activa de homem de negocio, conseguindo reunir fortuna, que mais tarde veio a perder.

Naturcza idealista e cedo comprimida no commercio, desafogava-se em leituras e viagens, que vierão a fornecer as côres de sua palheta. Desabusado pela fortuna, a principio risonha e mais tarde inconstante, eivado pela leitura de Schopenhauer, desilludido pela pratica do mundo, e ao mesmo tempo animado pelas recordações dos dias felizes, dá-nos hoje o exemplo de um homem grandemente pessimista e profundamente calmo, descrente e equilibrado no meio de seus desenganos. Vive retirado e obscuramente, é quasi um taciturno, mas não é um triste. Ha nelle não sei que segurança e confiança de quem já viveu bem e gozou bem, de quem se acha satisfeito pelo que já fez, que não

se importa com o que lhe possa acontecer. E' um homem que jogou a sua partida, que nada mais espera, que nada mais emprehende, que deixa-se viver por habito, mas acha-se perfeitamente tranquillo, sereno e esperançoso de morrer; porque a *morte* se lhe figura o nada, e o *nada* é para elle a felicidade. Voltar para a inconsciencia, perder o sentimento e a idéa, atufar-se no mundo cêgo das forças physicas, eis o ideal do pessimista, e o poëta do *Requiem* não faz excepção no seio da escola. Não ha muito escreveu-me elle :

« O poëta *Dranmor* está morto: Fernando Schmid continúa a sua vida commercial, hoje reduzida a muito acanhadas e modestas proporções. Acaba de completar os seus sessenta annos; depois de tantas aspirações, lutas, fadigas, viagens, tentativas, ora felizes, ora mallogradas, chegou á velhice e á pobreza. São dous inconvenientes que elle supporta serenamente, sem receios nem lamentações, no desprezo das vaidades e basofias, encarando desde muito tempo a vida humana como uma gymnastica, mais ou menos agradável, e como derradeira consolação —o Nirvana.»

As poesias de *Dranmor*, pseudonymo do poeta, occupão na litteratura allemã da actualidade uma posição singular. Tres notas distinctas descobrem-se nellas: o lyrismo amoroso de um sabor delicadissimo, e de que são *especimina* as peças: *An Helena*, *Ein Wunsch*, *Perdita e Saudades*; o lyrismo descriptivo americano de que são exemplos—*Januario Garcia*, *Febre Amarella*, *Waldleben e Santos Perez*; e, finalmente, a *epos philosophica* de que o *Requiem* é a mais acabada individuação. A *valsa dos demônios* occupa no livro um logar especialissimo; é uma poesia *sui generis*.

Tod s as inspirações de *Dranmor* são animadas pelo sopro de uma imaginação vigorosa, vasadas em uma fórma correcta e brilhante; em um rythmo sonorissimo, de uma suavidade encantadora. Nos versos lyricos a

novidade das imagens e o vigor dos pensamentos separão o poeta do commum dos românticos byronianos, grupo a que *Dranmor* seria filiado, se a isto se não oppuzesse a virilidade de seu estro. *Dranmor* é um sceptico; mas não é um choramingas. Esta verdade irradia e impõe-se por si mesma a quem tiver lido *Daemonenwalzer*, por exemplo. Esta poesia é uma especie de auto-psychologia do nosso sonhador.

Passa elle em revista as suas decepções, as suas illusões mortas; mas não pranteia, nem se lastima; não se insurge, nem blasphema. Nada de colera, nem de pranto. Calmo, como um naturalista, assiste ás evoluções de sua alma, aos desenganos da sorte, ás doçuras e travos de seus amores, ás peripecias em que se achou envolvido. . . E' impossivel desconhecer a verdade e a sinceridade dos sentimentos do poeta; impossivel tambem é mostrar mais confiança em si mesmo e mais resignação no seu proprio ideal.

E' uma inspiração real, exacta, sentida, uma poesia que foi vivida, que assim se passou exactamente.

Era natural que juntasse aqui de diversas peças fragmentos traduzidos; não o farei, porque a poesia não se traduz. Se a trasladamos em prosa, tiramos-lhe evidentemente todo o movimento, viço e brilho; se o fazemos em verso, falsificamo-la inevitavelmente. Abraço neste ponto a opinião de Scherer.

Como amostra do lyrismo pessoal de Fernando Schmid, ousou apenas inserir nesta noticia as estrophes de *Perdita*, disfiguradas em prosa portugueza. Na poesia o fundo e a fórma, como reconhecem os grandes mestres, se amalgamão, se confundem por tal arte, que é impossivel separa-los. *Perdita* trajada de prosa é uma traição, e a traição é esta:

« Sim! o meu lar ainda é o teu, pobre e errante menina; porque tu me amas fiel e cegamente.

« Ah! o mundo era sem perdões, sem compaixão e sem senso, e por isso pela mão te conduzo por caminhos sem espinhos.

« O que desejavas está satisfeito... Faço nisto mais do que o meu dever de homem? Poderia resistir aos teus rogos, mas aos teus prantos—não!

« A imagem dos passados tempos traspassa-me o coração, e apenas posso tremulo dizer-te: detem-te, minha corsa selvagem!

« Descansa nas virentes devezas, pensa, não volvas atraz os olhos; tu fazes parte dos meus pezares, e fazes parte das minhas alegrias.

« Que vamos bem unidos um ao outro, que assim praticamos com acerto, têm-me contado as pesadas perolas dos teus olhos castanhos.

« Oh! como corrias ao meu encontro e era infantil o teu brado, quando á noite, pela chuva e pelo vento, ouvias o tropel de meu cavallo!...

« E como poderei jamais descrever o que o meu coração por ti sentia, emquanto na janella refrescavas a fronte encandescida.

« Póde o mundo zombar—o perverso!—do leão domesticado; de bôa vontade segue elle a tua voz; porque tu o amas sincera e cegamente.

« Junto a elle estás salva; sua casa é hospitaleira e serena... Cuidar de sua pobre criança é tudo o que elle almeja. »

Eis ahi; a traducção é exacta; mas noventa e nove e meio por cento da belleza dos versos evaporarão-se.

II

Requiem é a mais significativa producção do livro de Fernando Schmid; é uma das creações mais impo- nentes da lyrica moderna. E' um poemeto em vinte e oito trechos, em rithmos admiraveis. E' um singular hymno á *Morte*, feito por um homem imbuido das idéas da philosophia pessimista, em elevadissimo estylo e em effusão tal de profundos pensamentos a deixar impressio- nado o mais desabusado leitor. O poeta é implacavel; esmaga uma a uma todas as nossas illusões, e compraz-se em lembrar-nos as severas verdades que todos gostamos de esquecer.

A morte não lhe merece risos nem lagrimas, não o affaga, nem o atemoriza. Para as almas timidas o poe- meto é de uma leitura commovente e talvez incommoda; aos animos fortes estimula e convida a pensar.

O poeta como divisa usa destes versos :

« Tout penser sans crainte,
Tout quiter sans plainte,
Tout comprendre sans voir,
Tout aimer sans espoir. »

E' a epigraphe do *Requiem*.

A poesia pessimis'ta, como se nos apresenta nesse hymno, não deve ser confundida com a poesia senti- mental ou com a poesia sceptica. Lembra antes *Job* e o *Ecclesiastes* do que Byron e Musset, filia-se antes a Leopardi e Baudelaire do que aos chorões do romantis- mo em decadencia. O pessimismo é uma das mais anti- gas e authenticas expressões do espirito humano.

Merece a mesma attenção que o optimismo. Afinal, considerados ambos em seu character mais intimo, reduzem-se a uma questão de temperamento. Nem todos encarão os espectaculos da vida pela face risonha; a muitos ella se revela pejada de soffrimentos e decepções; *indigna até de ser vivida*. . .

E' um thema já explorado, não resta a menor duvida. E qual será o assumpto de que a poesia não se tenha apoderado? O verdadeiro poetar em nossos dias é uma terrivel luta pela originalidade, é o esforço ingentissimo por descobrir faces novas na alma humana e no mundo; é a luta pelo inesperado; é quasi um esforço pelo impossivel.

Dranmor sahio-se bem desse combate. A these pessimista em suas mãos começou por ornar-se de galas verdadeiramente tropicaes; o poeta canta a morte com as melhores cordas de seu plectro, com as mais vibrantes notas de sua lyra; faz-lhe uma recepção principesca, cobre-se de flôres para bem recebe-la.

Além disto, como disse, seu espirito não perturba-se, qual o de um precito medroso da morte, porque as penas do inferno o espantão; ou tão pouco alegra-se e exulta como o de um santo que deseja a morte, porque tem pressa de gozar as delicias da eternidade.

Nada disto. A morte para *Dranmor* é apenas a solução negativa de um problema tambem negativo;—a vida. Ambas são-nos ingratas, são-nos despoticas; soffrendo-as nós sem remissão, sem have-las pedido, sem have-las desejado e sem pode-las amar nem odiar. De que serve o amor ou o odio em cousas necessarias e fataes?

Pelo que me toca em particular, e quaesquer que tenham sido os desgostos que tenha experimentado, não serei eu nunca o amigo e o cantor da morte. Gosto muito da vida; tenho a mania brazileira da luz e do bulicio do mundo; a terra me encanta. Por este lado, sou o mais optimista dos homens.

Viver, viver muito, viver ainda, viver sempre... quem déra que isto fôsse possível!...

A *Dranmor* responde com Renan, o bretão helle-nisado :

«L'existence qui m'a été donné sans que je l'eusse demandée a été pour moi un bienfait. Si elle m'était offerte, je l'accepterais de nouveau avec reconnaissance. Je n'aurais, en disant adieu á la vie, qu'á remercier la cause de tout bien de la charmante promenade qu'il m'a été donné d'accomplir á travers la realité.»

Mas, *à tout prendre*, o *Requiem* é um magnifico poema. O autor, para torna-lo conhecido do nosso publico, emprehendeu uma traducção franceza, apparecida ha tres annos aqui no Rio de Janeiro e dedicada a todos aquelles que na joven e livre terra brazileira, segunda patria do poeta, pensão, lutão e esperão. A traducção dá-nos o sentido do poema; contém tudo que um trabalho deste genero póde conter de melhor, menos a essencia ineffavel da poesia; porque essa se esvaece nas torturas de uma traducção. A versão portugueza da prosa franceza de Fernando Schmid é que vem agora offertar ao publico a joven Carolina von Koseritz, que liga ás graças de uma belleza peregrina—os dotes de um espirito cultivado.

Como meio de despertar a attenção de nossos litteratos para o celebrado poemeto, applaudimos o trabalho da graciosa rio-grandense.

A versão é correcta e attinge perfeitamente o seu fim.

E'-nos, porém, grato esperar que em breve a flôr de nossos litteratos possa lêr o *Requiem* no original. Grande é agora a tendencia de nossos escriptores e moços academicos para o estudo da lingua allemã. E' um movimento que sinceramente applaudimos, não despresando o excellento ensejo que se nos offerece de consignar que tal evolução é devida á propaganda da

desdenhosamente chamada escola — *teuto-sergipana*... Amanhã vir-nos-hão talvez dizer que foi ahí qualquer felizardo o provocador do movimento... Não será para admirar, depois de tantos outros casos do genero.

A' joven traductora os nossos parabens, e ao Sr. Schmid sinceros emboras por ter tido uma interprete tão intelligente.

Para concluir.

O illustre escriptor suisso merece todas as attenções do publico brasileiro. Os nossos litteratos têm ahí diante um mestre, cujas relações lhes serão altamente proveitosas, um soberbo artista, cujas inspirações lhes serão um incentivo constante a ousados commettimentos.

Dranmor deixa-nos a inapagavel impressão de um insigne lyrista e de um vigoroso pensador. Não tem as choradeiras dos velhos românticos, nem as agruras do realismo francez. Mas, tem a idealidade de um pensador agitado pela philosophia do seculo e pelo tumulto da vida. E' um crente de nova especie, que affirma com serenidade o seu desespero.

Aquecido ao sol brasileiro, tem no estylo certo ar de parentesco e de convivencia com os coloristas tropicaes.

Se não lembra o Brazil pelo fundo das idéas, lembra-o pela garridice das imagens.

Nossa terra é-lhe uma segunda patria, que elle ama reconhecidamente.

Com o nosso idioma, que elle muito affeijôa, soube familiarisar-se ao ponto de escrever alguns versos em portuguez para maior accentuação da já citada peça, *Saudades*.

Saibamos nós outros render ao poeta os preitos a que elle tem direito pela originalidade de seu genio, pela sinceridade de suas convicções.

VIII

A SITUAÇÃO LIBERAL E O SR. FRANCISCO OCTAVIANO

Por mais que se não queira fallar dessa cousa estranha, que se chama a politica brazileira, é impossivel abrir a boca para dizer uma palavra sequer sobre o triste imperio americano, sem exconjurar desde logo a lepra, que se lhe agarrou ao corpo, como inveterada syphilis aos ossos de velho devasso.

Deixemos para o lado as antigas datas e envergonhemo-nos ante os acontecimentos recentes; para cobrir-nos de pejo bastão elles; basta-nos memorar os erros, as vilezas, as miserias da ultima situação politica inaugurada em Janeiro de 1878...

O paiz tem sido testemunha dessa dansa macabra, mais extravagante do que a *valsa dos Demonios* do grande lyrista Dramor... dizemos mal, a nação tem testemunhado esse *fandango* indecente em que o paiz tem cambaleado dos erros para as protervias, das tolices para os engodos da *advocacia administrativa*...

Ha seis annos que o spectaculo nos contrista.

E são elles os homens da *reforma ou revolução* que devemos agora chamar—da *mentira e da contradicção*. São elles os grandes protogonistas em scena.

Não agitarão uma só questão notavel, não resolvêrão um só problema auspicioso; cevarão-se de presumpções e debaterão-se esterilmente entre os interesses occultos, e as preocupações pequeninas.

Não souberão formular uma lei de reforma eleitoral, porque a que nos offertarão é manca e desconchavada; não poderão resolver a questão dos impostos provinciaes, porque as decisões levadas pelo telegrapho só têm produzido a anarchia; não atinárão com a reforma do ensino, porque até aqui não têm passado dos pareceres *in-folio*, dos projectos *a retatho* e dos congressos *in fieri*; não poderão ultimar o codigo civil, porque até aqui não têm passado das commissões *mudas*; não discutirão o negocio das *Missões*, porque andão ainda hoje com medo dos couraçados argentinos; nada resolvêrão de serio; mas fizeram o *contrato* do gaz, o *convenio* de Copa-Cabana, a *patuscada* do Xingú. . . . Ob! isto sim, isto fizeram elles! . . .

Levados de erro em erro, acantoados na impotencia, chegarão ao ponto de não poder organizar ministerios viaveis; chegarão ao ponto de desejar a propria queda, e trazer-nos a praga dos conservadores, seus dignos irmãos em patacoada e corrupção!

O paiz vai mal; cada situação politica que se inaugura, é um immenso fiasco que se prepara. Não temos politicos de merito, não temos estadistas de valor; estamos em pleno reinado da mediocridade e da pequenez.

Povo e governo não se entendem aqui, considerão-se duas forças antagonicas, em estado de completa polaridade. Dahi a concepção especial que da politica formão os proprios figurões e dos mais conceituados dos nossos partidos.

A politica a todos faz a impressão de uma região maldita, de uma gemonia onde a suffocação nos assalta.

E como poderia ser de outra fórma se os proclamados directores do pensamento nacional, se os decantados factores de nossa historia são os primeiros a laborar nas velhas formulas e a repetir as futilidades correntes?

Documentemos.

O Sr. conselheiro e senador Francisco Octaviano de Almeida Rosa, em um dos mais recentes trabalhos devidos á sua penna disse isto: « . . . sahio-me de encontro a *politica*, a *infecunda Messalina*, que de seus braços convulsos pelo *hysterismo* a ninguem deixa sahir senão quebrantado e inutil; veio-me ao encontro, arrastou-me para *suas orgias*. . . etc. »

Posta de lado a entonação rhetorica, a empola phrasiomanica do velho escriptor, sempre resta-nos ahí um triste documento moral e intellectual do Sr. Octaviano.

Moral, porque má copia fornece de si o illustre senador, que ha trinta annos ou mais atufou-se nas *orgias* da infame *Messalina*, tem nellas galgado posição e honrarias, é lá chefe de bando, é guia e mestre, e ainda não deu ao paiz a satisfação de vê-lo sahir daquella festança arreliante; intellectual, porque, S Ex. confessa assim a esterilidade de seus planos, a inutilidade de suas idéas, sé é que algum dia os teve. Sejamos francos: o Sr. Octaviano é um velho e acanhado romantico, um espirito esteril e vazio, incapaz em todo tempo deprehender qualquer cousa de profundo e vivo em politica; é uma natureza sem relevo, um homem apagado, que representou durante trinta annos uma figura equivoca em nossas lutas politicas e sociaes; é um estadista sem planos, um diplomata sem normas, como foi um jornalista sem vida, um poeta sem ideal.

Pertence áquella classe de romanticos byronianos para quem a politica é uma pescaria ao destino, um jogo

à ventura, uma funcçõnata, uma festança em que vamos tentar fortuna.

Que um critico desabusado, um espectador livre de preconceitos, que de nossa politica tem apenas o conhecimento das grandes tropelias que nella se praticão, venha chama-la de *Messalina*. concebe-se. Mas que um factor dessa politica, um diplomata, um senador, um chefe de partido, um homem de Estado, um aclamado mestre, venha dizê-lo, eu não comprehendo.

O Sr. Octaviano, quer elle queira, quer não, é um dos grandes amantes da *hysterica Messalina*....

Elle não entrou nella como um *matuto* do interior, algum *coronel* senhor de *engenho*, só pelo gosto de ser vereador, ter uma patente da guarda nacional, ou alguma commenda.

S. Ex. entrou na politica, e em nossas lutas sociaes, como um homem de letras, como um publicista cheio de esperanças e de talentos, como apregoárão os seus admiradores de sempre. E então por que não comprehendeu a politica ao theor de um espirito culto e desinteressado ?

Por que não vio nella a sciencia da vida nacional a que os homens de talento e caracter são obrigados a levar o seu contingente em prol do progresso e do futuro ?

Quaes fôrão jámais os seus planos, os seus estudos, as suas lucubrações sociaes ?

Fôrão e são ainda um enigma insondavel. Na politica, ou se entra em nome de um principio, de um programma serio, de um alvo fecundo e realizavel, ou não se toma parte nella definitivamente.

E' esta a razão por que todos os grandes vultos, todos os notaveis estadistas, todos aquelles que se batêrão em nome de um systema, de uma causa em bem da patria, nunca se arrependêrão de seus esforços, quaesquer que tivessem sido as agruras do caminho. E' por isso

tambem que todos aquelles que vêm na politica apenas uma vasta negociação, e nella ingerirão-se sem ideal, sem vistas elevadas, ao cabo de tempos recuão espavoridos, arrelhiados, desilludidos.

Então começão as queixas, as queixas infundadas, estereis, ridiculas.

Quando e como o Sr. senador Octaviano bateu-se em nome de nobres idéas? Como e quando elle fez a grande politica progressiva e scientifica?

Como e quando elle lutou por fazer vencer seus planos, suas maduras convicções? Nunca e de fórmula alguma.

No meio de nossos politicos mais notaveis elle occupa posição terciaria.

Nunca o vimos á frente do Estado levando a effeito uma nobre idéa; temo-lo visto em sua banca de advogado, dando impulso a poderosas empresas.

Se tudo está podre, se o imperio se afunda, se a *Messalina* em seu *hysterismo* ostenta a corrupção e a infamia; se os projectos alevantados do digno senador não podem ir por diante, pela conspiração da torpeza, qual a razão por que S. Ex. não rompeu ainda as velhas relações, não esmagou da tribuna do senado os embaraços que se lhe oppoem, não castigou os criminosos, e não abriu novos horizontes á vida nacional?

Sua posição é commoda; mas não é brilhante.

E já agora não nos despedimos de S. Ex. sem junarmos alguns traços mais á sua caracteristica. O Sr. Octaviano passa por poeta, jornalista, orador, diplomata e notabilidade politica. Discordamos de todo de semelhante pensar.

O illustre senador é para nós apenas uma das mais niçadas incarnações do espirito do segundo reinado no Brazil.

A primeira de todas, como é natural, é o imperador, a segunda é S. Ex. Têm ambos alguns pontos de contacto.

D. Pedro é um sabio sem descobertas, e S. Ex. um escriptor sem livros; D. Pedro occulta-se por trás dos ministros para fazer o que quer, e o nosso senador esconde-se atrás das homens que dá por si; o imperador diz gostar mais das letras do que de seu officio de reinar; o Sr. Octaviano tem saudades de suas effusões litterarias, e finge amaldiçoar a politica que o arredou da poesia...

Emfim ha entre elles uma certa rivalidade de intelligencia, manifestada desde os tempos escolares; porque ambos têm a mesma idade e o Sr. Octaviano era o *tutú* do joven principe quando este não sabia bem suas lições: «*Olhe, V. Magestade, que o filho do Almeida Rosa vai muito bem e até está passando nos estudos a V. Magestade*» dizião os professores do paço, segundo nos affirmão velhos daquelles bons tempos.

Filhos da mesma época, obedecem ambos, *mutatis mutandis*, á mesma intuição, nutrem-se dos mesmos prejuizos, e usão dos mesmos artificios.

O Sr. Octaviano é sómente mil vezes mais culpado; porque D. Pedro está no seu papel de rei, e S. Ex. não devia jamais esquecer as suas virtudes plebeias. O imperador deve ser mudo, e foi equiparado aos loucos pela Constituição, e S. Ex., que não é *inviolavel nem irresponsavel*, tem ás suas ordens a tribuna e a imprensa para dar largas ás suas idéas e ao seu patriotismo.

Mas o nosso senador gosta de deixar-se ficar nas regiões mysteriosas do silencio e das meias palavras. Como poeta é um anonymo nocivo, producteur de traducções incolores, sem prestimo, ou de ligeiras peças lyricas, quasi sempre em alexandrinos errados e sempre sem força e sem delicadezas.

No jornalismo floresceu na época de transição entre Justiniano da Rocha e Quintino Bocayuva, isto é, symbolisa uma decadencia. E' um escriptor palavroso, rhetorico, amaneirado e sem idéas. Não tem calor, não tem

vida; é fluente, mas de uma fluencia mortíça, pallida e loentia. Só produz ligeiros fragmentos; porque é incapaz de tomar uma idéa, uma doutrina, e desenvolve-la em todas as suas faces. Sua phrase não tem colorido, nem tem nervo; é flácida e molle como as bochechas de um velho.

E' prodigo em pequenos escriptos de encommenda ou cartas elogiativas. Em todos elles é sempre vago o pobre de doutrina.

Acabamos de verifica-lo relendo os fragmentos postos à frente do *Primeiro Reinado* do Sr. Veiga, e dos *Vôos Carios* do Dr. Rozendo Moniz.

Entre os diplomatas o Sr. Octaviano é simplesmente um intruso. Seu grande feito é o *Tratado da triplíce Aliança* . . .

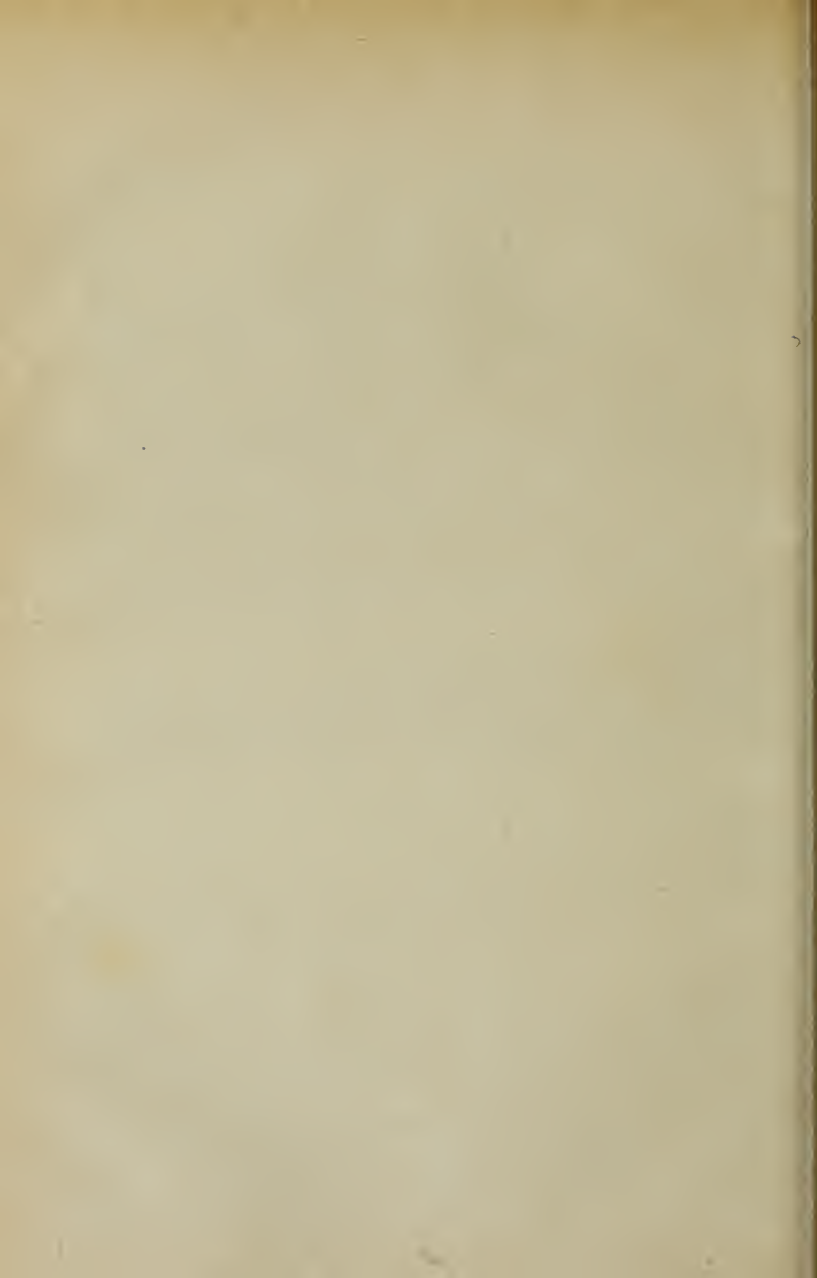
Como orador o nome de S. Ex. não é citado senão nas occultas entre os amigos.

Na politica o nosso *estadista* dá *homem por si*, e distingue-se por nunca ter governado.

Quando acabaremos com semelhante farça, a farça ridicula de crear pobres legendas, e quando nos esqueceremos do *velho mytho do Sr. Octaviano Rosa na politica nas letras brazileiras* ?

Ha tambem uma mythologia litteraria, e o Sr. Octaviano é nella um Deus. Mettão-lhe o ferro da critica deitem por terra o velho idolo.

Rio, 1883.



IX

MODERNAS ESCOLAS LITTERARIAS

A lei que rege a historia brasileira é a mesma que dirige a de qualquer outro povo: a evolução transformista. Por maior que seja a cegueira dos imitadores, a precipitação dos copistas e plagiarios, sempre a litteratura brasileira não é uma cousa que lhes pertença exclusivamente e que possam atirar para o *Chiado*, ou para o *Levante*, conforme lhes vier á estultice. Apesar de tudo, um povo é sempre o factor principal de sua vida e de sua litteratura.

Podem os politicos ineptos e os escrevinhadores madraços desvia-lo de seu caminho. Cedo ou tarde encontrará a larga estrada de suas tendencias naturaes.

Ponhamo-nos a par dos inilludiveis e magestosos problemas scientificos e litterarios que se degladião no velho mundo; mas premunamo-nos contra as imitações trapentas, contra as theses charlatanescas, os erros bojudos com pretensões a verdades demonstradas. Sobre-tudo, robusteçamos o nosso senso critico, e ponhamo-lo em condições de resistir á febre devoradora de innovações inconscientes e banaes. Nosso seculo já está desilludido de *formulas*; aprendamos afinal qual o valor dellas.

A receita é facil: factos e mais factos, bom senso e mais bom senso.

Qualquer de nós os ultimos chegados conhece por certo alguns exemplares vivos dos nossos velhos classicos, velhos romanticos e novos realistas.

Como não é ridicula para os espiritos comprehensivos a velha teima do letrado nacional, affirmando, obstinada e rancorosamente com a boca aberta entre pontegudos collarinhos, o pescoço enrolado no classico lenço de seda, nos dedos a infallivel pitada, as excellencias unicas das cantatas do Garção e das odes do Philinto? Do velho systema que foi levado de vencida e hoje alimenta apenas as lucubrações dos tontos escriptos e desmemoriados, a defesa obstinada quando a lemos nos de 1820 a 30 nos provoca o riso. . .

Delles restão apenas as obras immortaes, as obras primas dos homens de genio; as apologias insensatas enjoão-nos.

Mesmissimo é o caso do romantico amortecido e embriagado das fumaças de 1830 ainda hoje sonhando com as walkyrias, as fadas, as castellans medivicas; ainda hoje pallido sonhador a *Manfredo* ou a *Rôlla*, pobre tolo de comedia, que nos arrebeta de riso. . . Entretanto é mui para vêr a segurança, a infallibilidade do pontifice do *prologo do Crommwell*, esse lastimoso acervo de phrases turgidas e aereas que não lemos hoje sem um sorriso de mofa.

Da enfatuada escola os programmas sexquipedaes molestão-nos a mais não poder. Restão-lhe as raras inspirações sérias e profundas; tudo o mais esvaecu-se.

Cada uma destas formulas, ao nascer, annunciava a *litteratura definitiva*.

O mesmo temos estado a presenciar nos ultimos vinte annos com a successão do romantismo. Não menos de quatro systemas têm surgido esguedelhados a proclamar a litteratura absoluta: o *satanismo*, com as suas coleras affectadas, suas maldições caricatas, seu pessimismo de almanack, suas tolices emfim; o *parnazismo*, com

seus versos escovados, suas descripções de paizes que não vira, suas theogonias pantafaçadas, suas orientalidades idiotas, seu tom de um prophetismo de nicromante ; o *scientificismo* poetico, vacillando entre as triagas descriptivas de Julio Verne e as tafularias psychologicas de Sully-Prudhomme e André Lefèvre, *scientificismo* productor de uma poesia de contrafacção, com seus problemas indigestos, suas theses pretenciosas e prosaicas, uma poesia de compendio em summa; afinal o *naturalismo*, de escalpello em punho, farejando pustulas para as romper, ou alvas pernas para as apalpar, para as beijar, com suas verdades e seus exaggeros, com suas bellas pinturas e suas *sensações novas*, com suas bagatellas, seus erros, seus disparates quando manejado pelos tolos e pedantes, com suas descripções brilhantes, suas analyses finas, seu grande sopro de realidade quando architectado pelos Daudets e Zolas.

Eis ahi :

Baudelaire, Lecomte de Lisle, Sully Prudhomme, mestres dos tres primeiros systemas, estão mortos e ultrapassados. Zola e Daudet—chefes do ultimo, estão em todo o vigor do talento, e abrirão caminho por todo o mundo. E' que estes são romancistas e aquelles poetas.

Por que é que a reforma prosperou no romance, e tem sempre abortado na poesia? A natureza intima das duas artes, das duas manifestações litterarias o explica; o romance é um producto *sui generis*, que póde vacillar entre a sciencia e a fantasia, entre a demonstração de um facto e a improvisação imaginosas; a poesia, ao contrario, tem um terreno especial e seu; quando entra a transformar-se em sciencia—perde-se na prosa e na vulgaridade.

O romance póde-se dizer um producto recente, quasi do nosso seculo de observação; a poesia é uma filha das éras primitivas, que se vai tornando cada vez mais rara e vendo cada vez mais restricto o seu terreno.

A poesia deve ser sempre a expressão de um estado

emocional; subjectivo, intimo; — o romance deve ser o estudo physiologico dos caracteres sociaes.

A poesia é como a musica; é vaga e não deve ser submettida ás exigencias demonstrativas. Eis por que todos os formuladores de theses, quando passam á experiencia, nada fazem de aproveitavel; é sempre uma poesia de *arrièrè pensée*, premeditada, vestida em umas japonsas doutrinarias, sem espontaneidade, sem limpidez, sem effusão, sem graça, uma cousa terrivel em summa.

Eis por que não nos devemos muito enthusiasmar com as quatro soluções que aprendemos recentemente de França. Se tomarmos a defesa opiniatica de semelhantes doutrinas, provisórias como tudo que é obra da evolução humana, correremos o perigo de fazer a figura do velho classico e do velho romantico, pedante desfructavel, que deixámos atrás pintado.

E, todavia, não julgo extinctas na humanidade as fontes da poesia.

As novas intuições que determinarão a nova phase do pensamento humano, podendo dar pasto ao romance, ao drama analyticos, bem poderão aproveitar as syntheses, as largas visualidades, os sentimentos generosos e altruistas, as expansões intimas, em formular uma poesia viva, energica, ampla, entusiasta, uma poesia de todas as grandes emoções que experimentamos na luta gigantesca e terrivel da civilisação moderna.

Uma poesia sem catechismos rhetoricos, sem as pequenas receitas que os pretensos reformadores nos têm querido impingir; mas, uma poesia em que se vazem todas as lutas, todas as perplexidades, todas as effusões, todos os desalentos, todas as esperanças, todas as certezas, todas as duvidas, todas as mutações, em summa, da alma moderna.

Tenhamo-la tambem no Brazil.

X

A ALEGRIA E A TRISTEZA NA LITTERATURA

I

Na vida da litteratura no seculo actual ha um quadro mal desenhado, um quadro sombrio, que ha de parecer extravagante a futuros apreciadores: é o da tristeza romantica. Parece impossivel que a uma vivacidade scientifica séria e despreoccupada — juntasse o nosso tempo uma expressão artistica somnolenta e morbida. Mas o facto é real e tem a sua justificativa historica. O que parece a todo o proposito insustentavel é a teima impertinente de se querer sempre, hoje como hontem, chorar pela mesma gamma, suspirar fingidamente pela mesma clave. E' uma inconsiderada porfia que se destina a mostrar carunchosa e ridicula ao vindouro observador.

O papel da tristeza e da alegria na litteratura contemporanea é um symptoma bem pouco para contentar. Os poetas lançarão-se precipitadamente além do termo da estancia querida do seu ideal: a melancholia deixou de ser um estado mais ou menos passageiro do espirito para

tornar-se, extremo despropósito! . . . o alvo supremo dos sonhadores!

Como o mysticismo alexandrino procurava na desfruição a suprema condição para fruir a eterna verdade, o romanticismo dos ultimos tempos buscava no desespero sentimental a *ultima ratio* do bello infinito! A doença propagou-se deshumana e atrozmente; tornou-se endemica.

Em meio do geral desanimo a alegria afogou-se em prantos, velou-se de soluços, sumio-se, e, quando ousava mostrar-se, era forçada e mentida. Era o *humorismo*, essa criação moderna, esse rir desconsolado e facticio de uma tristeza falsa, que suppunha-se incuravel. A natureza humana se achava contrafeita; e certamente a historia bem estava indicando qual devia ser o ideal do seculo XIX.

A alegria pagã, serenidade magestosa da vida sã da antiguidade; a agonia dolorosa do espirito ascetico medieval, anhelos mysticos do theologismo christão, tinham passado.

Exclusivas, na orbita da respectiva evolução, legarão ao tempo da Renascença um espirito dubio, que, pendendo, já para o sonho e para o céo, já para a realidade e para a terra, distendeu-se no periodo de tres seculos até nós.

No seculo actual os dous impulsos devião contrabalançar-se. Mas não foi assim; e vimos que na sua primeira metade este seculo pertenceu quasi exclusivamente ás scismas do infinitismo, e só a custo agora vai buscando a direcção opposta, já parecendo que pretende exaggerar-se. O idealismo abstruso e o empirismo grosseiro perdêrão o sentido das suas lutas. A sciencia hodierna pisa em um terreno mais solido em que não se nos depáram as extravagancias. E' o que a historia vai fazendo para as producções da humanidade filhas do sentimento e as creações oriundas da intelligencia. Umás e

outras correspondêrão sempre em todos os tempos aos impetos do homem para explicar-se o enyigma do universo.

As velhas doutrinas poeticas e religiosas de um lado e as metaphysicas e scientificas de outro, têm um desaggravo justo, que deve porém ficar nas paginas da historia.

E é o que não comprehendem todos aquelles que ainda hoje lhes querem dar o influxo da vida.

Os poetas da primeira porção deste seculo excederão-se; a sua tristeza foi vestindo todas as fórmulas possíveis até a de *fingida alegria*.

Esta em sua vitalidade exacta raramente denunciava-se. Tudo indicava uma falsa expansão da vida. Os scismadores enganarão-se. O alvo, o fim, o ideal da arte, repita-se a verdade mil vezes, está em estampar a realidade do homem e da natureza.

Ora, a existencia de ambos não se affirma nem pela alegria nem pela tristeza, que são momentos excepçionaes, são horas de anomalia. Quando um dos dous cahe em algum dos extremos arranca-nos logo o espanto... «Que tarde feia!!» falla a moça que sente um vago medo diante do céu carregado... «O que adivinhas?» diz o velho á moçoila, que loucamente gargalha... Ouvimo-lo diariamente. E' que a tristeza, bem como a alegria, em sua expressão exagerada, paixão raramente pelo coração como rapidos toques de luz ou de sombra que correm sobre o fundo limpido da vida. O intimo desta é a actividade, a luta, o trabalho, cuja physionomia principal é a sisudez. E, sejamos justos, não é mais consolador, depois de tantas illusões arrancadas, depois do perpassar aspero das revoluções, mostrar-se a humanidade serena e altiva, séria e desapaixonada? Não é mais sublime a poesia que partindo do intimo de um coração por onde ficarão as impressões do flagicio, qual uma onda alva, crystallina, trasborda por cima dessas agruras e vai expriar-se

adiante fulgurante, transparente? Mais valente, por certo, é o coração, que além dos dissabores da vida, póde, calando-os, arrojar a ode esplendida de maravilhas.

E' a poesia impavida, essa suave ambrosia que os eleitos de tempos a tempos vêm dar-nos a saborear.

Sugueemos esses perfumes que são hoje os que mais nos podem aviventar. Depois da revolução politica do seculo passado, tivemos o romanticismo plangente por uma aberração; depois da revolução philosophica e religiosa, que vai adiantada, tentemos a poesia humana, sem deliquios, sem extravagancias. Tem ella por condição mostrar-se serena e magestosa, como a vida do homem na virilidade.

II

Estes principios, até ahí expostos, tornar-se-hão ainda mais solidos e evidentes, se os applicarmos á analyse de um autor qualquer.

Com o cotejo pratico mais facilmente mostrarão a sua veracidade.

E, por maior honraria nossa, seja um dos autores nacionaes dos ultimos tempos, e entre elles a intelligente sonhadora das *Nebulosas*.

A leitura deste livrinho deixa-nos a mais grata impressão acompanhada de um sentimento menos estimavel.

Ahí descobre-se um talento de nota que por certo podia ter uma florescencia mais exuberante, se não fôsem as manchas que o desfigurão, pallidas sombras sahidas do centro escuro da escola a que a autora se filiou.

Desde a primeira pagina antolha-se-nos o velho thema do *melancholismo* e o seu conhecido appendice, o

humorismo. Sem esforço de dilatada attenção facil é o conhecimento de que não sahem da indole da poetisa esses harpejos de morte.

A natureza de seu talento é no todo objectiva. São as magnificencias exteriores que vêm-lhe acordar a poesia que dormita no intimo. E é esta desde as maiores epopeas nacionaes primitivas até as mais profusas expressões da arte moderna a melhor poesia, a mais duravel sem duvida. A poetisa sabe descrever as galas do mundo physico e as exuberancias do mundo moral. Nota-se que as suas melhores inspirações são evocadas pelos grandes objectos exteriores. O livro o attesta. E' o vulto de um monte, uma bella manhã, uma noite estrellada, a sua cidade natal, o spectaculo de um baile, uma festa do campo, uma menina querida, que lhe vibrão as cordas interiores. E' dizer tudo. E porque embebida, como parece poder tornar-se dos attractivos da grande alma da natureza e da humanidade, não deixa essas maguas descritas, esse dolente arquejar?

E' o elogio de seu talento e a condemnação da sua escola. Quizera vêr sua fulgida intelligencia livre, desalijada de todas as maculas com que uma seita frivola conseguiu empana-la. Quizera vê-la radiante tomar o vôo da ousada poesia *realista, naturalista, humanicista*, como a quizerem chamar, essa alguma cousa de novo no mundo da arte e da litteratura, ousada poesia que não sabe choramingar, mas que sabe subir. E' a poesia, é a arte, e a litteratura inspiradas pelas expansões masculas do espirito emancipado pela moderna e forte intuição scientifica; mas sem constituir-se em formulario.

A melancholia é propria só das almas a que fugirão as crenças da infancia e que ainda não achárão outras para substitui-las.

As *Nebulosas* indicão uma intelligencia que póde voar, deixando bem longe atraz de si a pleiada desconsolada dos chorões nacionaes.

Dê a poetisa esse passo que será decisivo para o seu renome.

Na litteratura patria as gerações que se hão succedido neste seculo não têm um alto e profundo caracteristico que as distingua. Agora mesmo contamos uma nova e uma velha geração, que assignalão-se quasi exclusivamente pelos annos e não pelo fundo das idéas.

Se muitos são os defeitos de nossos classicos, enormes os de nossos romanticos, os realistas vulgares, atrazados e incultos vão contrahindo immensos vicios.

Hoje o poeta ou o romancista não têm por missão maldizer da existencia ; o velho pessimismo exagerado sahio da circulação.

E' tempo de pensar por outro modo. E a nossa talentosa poetisa póde bem fazê-lo. Deixe para sempre os prantos improficuos, e encare o mundo como elle é : um lugar de luta e de progresso.

Mas para que estes votos que sinceramente ousou fazer ? O talento da poetisa não ficará por muito tempo atado ; ella é capaz de emancipar-se.

Vê-la-hemos por certo um dia não mais incommodada pela poeira da escola. Nem é uma prova má o ter ella sacrificado em altar de falsos idolos.

Todos os grandes poetas de nossos dias pagarão o tributo ao phantasioso melancholismo. E' que o estado de incerteza das idéas durou larguissimo tempo e em alguns pontos é ainda existente.

Um resultado maligno, entre outros, do romantismo descommedido, foi o desvario do amor na litteratura. Vio-se um phenomeno extravagante : o escriptor, o poeta, crendo-se em regra infeliz, atirou-se a maldizer do amor e a julga-lo desgraçado. Dahi o transforma-lo em um sonho aniquilante, despedaçador, se a felicidade lhe parecia remota ; ou transfigura-lo em uns encarecimentos

impuros, se as cousas lhe sorrião. O romantismo divorciava o amor do prazer suave e serio, e, ou mudava-o em um desespero, ou em uma bacchanal.

A consequencia ?

E' que o amor e o prazer perdêrão aquelle caracter de dignidade e de candura que têm sempre as paixões profundas e sadias. Tornarão-se então indignos de occupar as paginas de um livro de mulher séria.

A autora das *Nebulosas* teve esse senso delicado e fez o sacrificio de emudecer a fibra mais agitavel de todos os corações: — a do amor. Aquelle seu verso

Sem ter a quem votar meus pobres cantos

tão sentido, tão pungente é para mim uma dessas condemnações inesperadas e eloquentes que sabem ferir de morte uma doutrina. E' a sentença inevitavel dessa escola que mutila a alma humana, tornando-a erma, viuva, porque polluo o amor...

Não ! Apesar de escravisada por uma doutrina de que não tem a culpa, porque já a achou feita, a poetisa tem muito a quem votar seus bellos cantos.

A' *Natureza*, alma gigantesca profusamente embriagadora, que expande-se impetuosa em mil exuberancias, desde a montanha, vaidosa de esplendores, até a veiga deliciosa de volupias ; desde a estrella, languida de harmonias, até á flôr delirante de perfumes...

A' *Humanidade*, vulto immenso escudado sobre os seculos, tendo Dante que sonda os mysterios, Schakespeare que escuta os corações, e Jesus que aponta para os céos !...

A' *Familia*, sacrario onde as almas se irradião, onde os labios entre-abertos da criancinha adormecida fallão das bençãos que sanctificação, onde um collo de irmã tem

a virgindade dos anjos e uns seios de mãe—a castidade das santas...

E, porque não?! ao *Amor*, doce virtude das almas que se beijão, pureza austéra dos corações que se estreitão... *

Recife, 1872.

* Este artigo foi escripto ha muitos annos, quando tinham apparecido as *Nebulosas*. A Sra. Narcisa Amalia nunca mais quiz brindar as letras patrias com outros productos de seu bello talento.

XI

A PHILOSOPHIA E O ENSINO SECUNDARIO

A proposta, que a congregação do collegio de Pedro II, acaba de submeter á approvação do governo imperial sobre a conveniencia da reforma do regulamento desse collegio no que diz respeito ao ensino e ao programma de philosophia, reduzindo-os ao ensino e ao programma de logica formal e real, tem por si varias ordens de argumentos, que, para completa clareza do assumpto, reduziremos a cinco principaes, expondo-os com brevidade e lucidez. Taes argumentos são os seguintes: natureza intrinseca da philosophia; indecisão do governo a respeito de sua divisão e conteúdo; organização especial do ensino secundario; condições particulares do collegio de Pedro II, e finalmente, o exemplo dos mais cultos paizes da actualidade.

Tomemos uma a uma estas cinco theses.

A natureza intrinseca da philosophia, qualquer que seja o ponto de vista em que nos colloquemos, é a de uma sciencia complexa, variadissima, cheia dos mais abstractos e difficeis problemas; é a de uma sciencia que requer uma preparação solida administrada por estudos

anteriores e especiaes, a de uma sciencia, além disto, que exige certas tendencias de espirito para ser adquirida convenientemente. Ou a consideremos, segundo uma das mais notaveis correntes philosophicas de nosso tempo, como uma sciencia que não tem um assumpto restricto e especial e antes como uma indagação geral, synthese de todas as outras; ou a consideremos, conforme outra grande corrente da opinião, como uma sciencia que se occupa daquelles assumptos que ainda não são tratados por sciencias particulares e de todo independentes, a philosophia é sempre e do mesmo modo o mais complexo dos estudos, o mais abstracto de todos, o mais difficil de todos, e por is o nos paizes, onde o ensino é bem organizado, ella faz parte do quadro do ensino superior e academico ou universitario.

Se por outro lado tivermos, como é de força, segundo os nossos programmas, de considerar a philosophia não só nas duas acepções indicadas, senão, tambem como a sciencia daquillo que não será talvez nunca o objecto de uma sciencia particular e propriamente dita, isto é, se contemplarmos em seu circulo o estudo daquillo que Hamilton chamava o *indeterminado*, Spencer o *incognoscivel*, Comte a *metaphysica inverificavel*, Kant o *mundo dos numenes*, ainda mais crescerá a difficuldade, iamos dizendo a impossibilidade, em que terão de atufar-se mestres e discipulos, todos estes meninos de 14 a 17 annos, mal preparados, de intelligencia pouco desenvolvida, e em cujo espirito um tal estudo é esteril e nocivo.

Em todos os tempos só têm merccido o nome de philosophos alguns raros talentos privilegiados, capazes de vastas syntheses e de conhecimentos encyclopedicos. O grosso dos individuos que se occupão de philosophia não passa da superfluidade das cousas, do lado exterior das doutrinas!

Se a isto juntarmos a indecisão e a luta intestina dos systemas, especialmente dos systemas de nosso seculo,

sobre aquellas questões capitaes, que constituem os eternos problemas do saber humano, os euygmas do mundo na linguagem de Du Bois-Reymond, se pretendermos, como sômos obrigados no collegio de Pedro II, dar o conhecimento historico e doutrinario, já não dizemos de todos os systemas philosophicos, mas exclusivamente das doutrinas de Kant, Hegel, Schopenhauer, Comte, Darwin e Spencer, destes seis celeberrimos chefes de doutrina, a difficuldade augmenta de proporções.

Mas isto é ainda cousa nenhuma diante dos problemas especiaes e especiosos da malfadada ontologia, da pretenciosa theodicéa e mesmo da psychologia, da esthetica e de outras questões, que de costume são incluidas nos nossos disparatados programmas de philosophia.

Não é preciso ajuntar mais nada neste sentido para bem comprehender o governo imperial a indeclinavel necessidade da redução que indicamos. Um dos argumentos adduzidos no proprio seio da congregação em prol da proposta é o da necessidade de acabar com certa anarchia mental que invade o animo dos meninos sujeitos ao ensino de materias já de si anarchicas, como é incontestavelmente a ontologia, por exemplo.

Sômos de accôrdo neste ponto, tanto mais gostosamente, quanto vêmos que a anarchia parte dos programmas impreenchiveis, por versarem sobre sciencias impossiveis.

Vejamos agora a propria indecisão dos autores dos diversos regulamentos do collegio neste ponto.

Passando em revista alguns destes regulamentos, e dos mais recentes, somos para logo feridos desagradavelmente pela indecisão e anarchia de seus autores diante uns dos outros. Estes dividem a materia em *logica*, *metaphysica* e *ethica*; aquelles em *psychologia*, *logica* e *moral*; uns em *psychologia*, *logica*, *moral* e *theodicea*; outros nestas mesmas partes, e mais a *historia da philosophia*, alguns

finalmente, ajuntão ainda, tal é o caso do regulamento vigente, a *ontologia*.

Vê-se por tudo isto, que os autores dos citados regulamentos laborarão sempre em certa indecisão a respeito daquillo que elles chamavão a *philosophia*.

Ora restringião-na, ora estiravão-na. Dahi o estado de abaixamento em que sempre esteve no paiz o ensino desta disciplina mais que complexa, e indebitamente, contra todas as lições da bôa pedagogia, incluída no quadro dos estudos preparatorios ou secundarios.

Além de tudo, e por outro lado, a propria natureza da instrucção secundaria repelle de si a superposição extravagante de problemas e questões transcendentaes ás intelligencias noveis. O que vem a ser a instrucção secundaria?

Não mais do que uma preparação regular e methodica para o ensino de materias difficeis que demandão uma certa cultura preliminar. E' por isso que no quadro dessa preparação sempre esteve nos paizes cultos incluído o estudo de uma ou duas linguas mortas de indole synthetica, como o latim ou o grego, para preparar até certo ponto os espiritos ás noções abstractas e a certos conhecimentos elementares de litteratura indispensaveis ao estudo das sciencias superiores. E' por isso ainda que á instrucção secundaria sempre juntou-se o estudo da geographia elementar e das mathematicas tambem elementares, finalmente, incluye-se ahi o ensino de uma ou duas linguas estrangeiras, cujo conhecimento habilite o academico a lêr aquellas obras de sciencia, que se lhe não deparão na litteratura nacional.

Ora, o que vem fazer aqui a inversão das cousas e por que se faz entre nós objecto de preparação aquillo que constitue o mais difficil de todos os estudos?

E' esta talvez a causa occulta da superficialidade da cultura e da litteratura nacional.

O estudante que vai cursar a uma academia, o que deve levar de melhor como peculio mental é o desenvolvimento de sua propria intelligencia, o reforço de seu juizo e de seu raciocinio, e isto se aprende em logica e especialmente em logica formal, terreno neutro em que elle não se perde em divagações metaphysicas, mas em compensação pisa seguro e pôde por si conhecer os erros e os sophysmas, as falsidades que o assaltarem no curso dos estudos superiores.

O conhecimento pratico das leis e regras do raciocinio, a posse dos methodos, e de sua applicação aos differentes ramos de sciencias, tal o estudo capital da philosophia como preparatorio.

Mas vejamos outras razões tiradas da propria organização do collegio de Pedro II, e ainda mais de nossos collegios particulares de instrucção secundaria.

Sahidos aos 9 ou 10 annos dos estudos primarios, os conditados aos futuros grãos academicos passam o curso de preparatorios em quatro ou cinco annos, ou mesmo seis, nos collegios particulares, e em sete no collegio de Pedro II, o que importa dizer que acabão os preparatórios aos quinze ou dezeseis annos nos collegios particulares, e aos dezeseite no de Pedro II.

Nesta idade atrapalhado com seis ou sete materias outras, o estudante não tem tempo para habilitar-se convenientemente nas seis partes da philosophia hoje exigidas, nem tem o desonvolvimento intellectual indispensavel para comprehende-las.

De fórmula que ou o professor dá a taes materias a extensão e amplitude que os seus brics de homem de letras e de sciencia lhe obrigão que lhes dê, e neste caso perde do todo o seu latim, ou redu-las a proporções minimas, como é o caso entre nós, e um tal estudo superficial e lacunoso de assumptos importantissimos torna-se improductivo no espirito do estudante, desvirtua-lhe o

desenvolvimento natural, e é a fonte de perturbações mentaes dolorosissimas.

São conhecimentos fragmentados, desfigurados, falsificados em grande parte; são absolutamente um mal, e o mister do governo em materia de instrucção não é desnaturar as intelligencias; cumpre-lhe ao contrario, encaminha-las bem na direcção do progresso scientifico. A falsa philosophia ministrada a retalho é, repetimos, uma das grandes fontes da mediocridade de nossa litteratura, do apoucamento de nosso jornalismo e de nossa incapacidade scientifica.

Os moços estudantes, uma vez chegados ás academias, o seu primeiro cuidado é, com razão, arrancar de si as falsas e incompletas noções recebidas, e sem base séria, atirarem-se á busca de outras doutrinas, de outros sistemas, de outras luzes, e dahi as reacções violentas e o estado tumultuario e anarchico dos espiritos juvenis.

Nós não somos sectarios da falsa paz das intelligencias; gostamos da luta; mas da luta proveitosa, e não é essa que de ordinario se nos depara entre os nossos moços em geral.

Queremos a grande luta das idéas firmada em fortes estudos e não o pedantismo e a superficialidade.

E' por isso que os paizes mais cultos de nosso tempo assim o entendem no ponto precipuo desta questão, e aqui tocamos a quinta serie de nossos argumentos: o exemplo dos grandes povos.

Na Allemanha e em geral entre todos os povos do Norte da Europa o ensino da philosophia entra no quadro dos estudos superiores. Como instrucção preparatoria nos lycéos e gymnasios ensina-se apenas a logica, e ensina-se bem.

Os estudantes, passando aos altos estudos, levão a dextreza do pensamento e o conhecimento dos principaes processos do espirito humano.

Em quasi todos esses paizes é só a logica formal a materia leccionada; em outros juntão-se as principaes questões da logica real, o que não deixa de ser até um certo ponto proveitoso.

Apartão-se questões transcendentas e difficultosas, e encarão-se as fórmas geraes do raciocinio humano. Dahi o notabilissimo progresso dos estudos logicos em nosso seculo.

A logica formal foi reformada por George Bentham, Thompson, Whately, Hamilton, de Morgan, Mansel e outros, e a logica inductiva ou real, por Herschell, Whewell, Stuart Mill e Spencer.

Existem tratados praticos como os de Bain, Stanley Jevons e Uberweg, ao alcance da intelligencia dos moços que em nossos collegios preparão-se para os seus exames de philosophia.

E' um estudo que póde ser simplificado, ministrado com habilidade, e que será altamente proveitoso. E' o que acontece nos paizes da Europa que deixamos citados.

Argumentão os nossos adversarios com o exemplo da França onde o curso da philosophia nos lycêos é pouco mais ou menos no mesmo gosto do que se faz no Brazil. Esta razão é contraproducent. Nós copiamos os programas francezes sem o menor criterio e depois argumentamos com o nosso proprio plagiato.

Sim, é o que se dá em França em certá escala, não esta a menor duvida, e lá mesmo já os defeitos do systema têm sido sentidos e profligados.

E' uma das razões por que a philosophia franceza em geral não se eleva ácima da vulgaridade e das amplificações palavrosas.

Excepção aberta da obra systematica de Augusto Comte, que foi elaborada justamente fóra das condições do ensino official e movida especialmente contra esse ensino, tudo o mais que em França se escreveu neste

seculo com o nome de philosophia, feitas pequenas reduções, deve pôr-se no fogo.

Em tudo mais, em tudo aquillo que é objecto de estudos universitarios, como as mathematicas, as sciencias physicas e naturaes, a medicina, o direito, etc., a litteratura franceza é uma das mais fecundas; em philosophia a fallencia é quasi completa. E alguns espiritos de mais valor nesta esphera, que prepararão-se por si e não nos lycêos, nunca poderão ali supportar as exigencias e impossibilidades de um ensino deslocado. E' o caso succedido a Taine e a Fouillé. E é para notar que o governo francez vai já comprehendendo desde algum tempo a improficuidade da velha teima, e vai retirando a philosophia dos lycêos e levando-a para as Faculdades de Letras, que abrangem um programma muito mais vasto. Neste terreno, nossa mestra nos tem illudido. E' tempo de mudar de rumo.

Não nos despediremos do assumpto, sem a refutação de certas objecções que tem encontrado a proposta contra si.

Intenta-se, foi-nos dito, amesquinhar a cadeira de philosophia no collegio de Pedro II e nos mais institutos de preparatorios.

Isto é uma sophisticaria. Illustres espiritos europeôs não se desillustrarão em leccionar a logica e em escrever tratados dessa disciplina. Nós outros no Brazil é que nos vamos degradar... O governo imperial bem vê que este argumento não é serio. Oxalá todos os professores que preparão estudantes para passarem em philosophia em tres ou quatro mezes, pelos caderinhos de pontos, que por ahí formigão, estivessem no caso de leccionar logica e apenas logica!...

Mas, accrescenta-se, não temos ainda universidades em que se ensine a philosophia em todas as suas dependencias, e por isso deve continuar ella a ser leccionada nos

curros de preparatorios... Esta razão é ainda inferior á primeira.

Nós tambem não temos ainda cursos especiaes de archeologia, de pre-historia, de anthropologia, de linguas orientaes, de linguistica comparada, de religiões comparadas, de egyptologia, de assyriologia, de linguas americanas, de ethnographia, etc., e, pelo mesmo raciocinio, devemos já e já introduzir tudo isto no ensino preparatorio... Vê-se que nos batemos contra a sombra.

Porque não temos o ensino amplo da philosophia, devemos te-lo homœopathico, desfigurado, falsificado?!...

Não comprehendemos a força probante do argumento.

Não é tudo; é impossivel estudar a logica sem a psychologia, repete-se ainda.

E' um erro palmar. Toda a antiguidade e toda a idade média, que desconhecêrão a psychologia, que é uma sciencia moderna, conhecêrão, entretanto, a logica, que recebeu de Aristoteles uma organização fecunda. Mesmo nos nossos dias no proprio collegio de Pedro II, tem-se ensinado por livros que começam pela logica. Já houve até, como vimos, um regulamento que dividio a philosophia em *logica*, *metaphysica* e *ethica*.

Mas, ha uma outra razão, e mais profunda que parece andar desconhecida dos oppositores da proposta.

Quando se estudão as leis do raciocinio, toma-se este como um facto positivo, real, espontaneo, irreductivel, e nada temos que vêr com a sua natureza psychologica. A inserção até de problemas e questões desta natureza seria um embaraço prévio.

Este é que é o facto importante que é preciso não desconhecer.

Suppôr que não se póde pensar bem e aprender logica sem psychologia, equivale ao mesmo que presumir que não se póde vêr, ou ouvir, ou digerir sem o conhecimento prévio da physiologia do olho, do ouvido e do estomago!

E' uma bem singular pretensão.

Entretanto, para retirar, por este lado, todo e qualquer pretexto á opposição diminuta, que a proposta encontrou no seio da congregação, inserimos, como introdução ao programma, que apresentamos, o seguinte ponto: *dados psicologicos fundamentaes da logica*. Ora, ahi o professor pôde dizer claramente o quanto baste de psychologia para ser bem comprehendido em suas lições ulteriores.

Esta difficuldade, que nunca foi uma tal, acha-se removida nos bons compendios de logica.

Afinal avistamo-nos com a ultima e a mais extravagante contradicta que nos foi opposta: ensinar logica é banir a religião e a moral do Brazil. . .

Confessamos que não comprehendemos o alcance de semelhante censura.

Primeiramente, o conhecimento da religião e da moral nada tem que ver com a logica. Para dar a conhecer uma e outra cousa existem as mãis de familia, os mestres de primeiras letras, os parochos, as sociedades religiosas, as predicas das igrejas, as aulas de religião, os catechismos, os manuaes de civilidade, as leituras litterarias e mil outros orgãos da vida social.

Depois, pelo que diz respeito á religião como crença, ella adquire-se na familia, e, como materia de ensino e discussão, ella tem no collegio sua aula particular. Quanto á moral como pratica, aprende-se tambem nas bôas relações sociaes, e é impossivel impô-la em nome de principios abstractos. A moral, como sciencia, é a mais complexa, é a mais difficultosa, é a que abre espaço ás questões mais espinhosas de todas as sciencias. Introduzi-la no quadro dos estudos secundarios é uma *contradictio in adjecto*. E' ainda mais extravagante do que manter ahi a ontologia, a theodicéa, a metaphysica, a psychologia, a historia dos systemas, a biologia, a sociologia, etc.

Só a questão do fundamento da moral e a exposição dos systemas do prazer, ou do interesse, ou da sympathy, ou da piedade, ou da revelação theologica, ou do imperativo cathgorico, ou do altruismo, ou da moral independente, ou da moral evolutiva, ou do monismo, etc., só isto é mais que bastante para obscurecer as idéas simples que o estudante tenha obtido no seio da familia sobre a moral como pratica e dever dos homens de bem.

E, todavia, para afastar qualquer censura incluímos tambem no programma um ponto relativo ao *methodo em moral*, ponto em que se póde dar uma idéa do que seja esta sciencia.

E' uma transigencia a que somos obrigados para desarmar o espirito de opposição.

Alguns levarão tambem a mal a ausencia completa da historia da philosophia. E' ainda a rotina agarrando-se a todas as taboas de salvação.

Ainda neste ponto quizemos condescender, e no final do curso incluímos um esboço da historia da logica.

Mas taes inclusões são restrictissimas, e devem ser tratadas com criterio, e excluidas se a bôa pratica do ensino o exigir.

Taes os motivos que nos levárão a suggerir ao governo imperial a reforma do regulamento do Collegio de D. Pedro II, no ponto relativo ao ensino da philosophia.

Em nossa pratica do professorado temos recebido os principiantes do curso de philosophia em um tal estado de insufficiencia de conhecimentos preliminares, que nos tem sido impossivel dar ao curso aquelle desenvolvimento que é mister que lhe dê todo e qualquer professor que entenda bem cumprir os deveres de seu cargo.

Quando entrámos para o collegio submettemos á administração do estabelcemento e mais tarde á

congregação vastos programmas em que a sciencia era elevada á altura em que ella se acha nos tempos correntes.

Taes programmas fôrão repellidos por extensos e difficultosos. Nós o reconhcemos hoje e o meio de remover a difficuldade é a redução do curso ; é cingirmo-nos ao que se pratica na Allemanha em casos taes : logica e sómente ella no ensino secundario.

Rio, 1883.

XII

OBRIGATORIEDADE E LIBERDADE DE ENSINO

I

Não cremos que seja ainda hoje necessario defender theoreticamente o salutar principio da obrigatoriedade do ensino primario. E' uma questão julgada e que passou ao dominio da pratica.

Facta loquuntur.

O principio da obrigatoriedade do ensino é uma das conquistas mais esplendidas da civilização moderna.

A antiguidade e a idade media, que não tinham uma intuição muito justa da solidariedade humana, não podião deixar-se imbuir das nobres aspirações de altas tendencias democraticas e cosmopoliticas. O saber, o grande operario da confraternidade contemporanea, não era tido em mui elevada conta, era mesmo desdenhado por certas classes, e, portanto, não poderia jamais tornar-se obrigatorio.

As nações modernas, com a descoberta e desbravamento de regiões inteiras desconhecidas, com a fundação de nacionalidades novas, com o augmento pasmoso da população, com a decrepitude das velhas organizações militares, com o advento de industrias desconhecidas, virão surgir um grande numero de problemas urgentes, inilludiveis, e comprehendêrão que na luta pela existencia os seus cidadãos não terião de então em diante a contar só com o braço: seria necessario contar antes e acima de tudo com a idéa. Dahi a alta conta em que foi tida a instrucção, dahi, como arma de aperfeiçoamento e luta, o ensino obrigatorio.

A nação illustre, que se pôde considerar o grande modelo em materia de educação intellectual, a Prussia, é a notavel mestra do ensino obrigatorio.

Desde os tempos do grande Frederico, a instrucção publica prussiana entrou nesse caminho evolucional de amplo e auspicioso desenvolvimento. Esmagada em 1806 pelos exercitos francezes, foi, como geralmente se repete, ainda á instrucção que soccorreu-se aquelle povo para reerguer-se. O resultado foi, o que todos sabem, o engrandecimento constante da patria de Humboldt, sua marcha de victoria em victoria até Sédan...

Não foi por certo exclusivamente á obrigatoriedade do ensino que a Allemanha deveu os seus triumphos; mas á sua educação modelo deve ella grande parte de suas vantagens. Abriguemo-nos a este exemplo que é tambem o dos Estados-Unidos, Suissa, Dinamarca e Inglaterra.

E se taes modelos não nos convêm, por serem de povos protestantes, pertencentes ás raças germanicas, gentes do norte, abriguemo-nos ao exemplo recente fornecido pela nossa adorada mestra—a França, a que devemos sempre e sempre obedecer.

As objecções oppostas á obrigatoriedade do ensino primario, taes como offensa á liberdade dos cidadãos,

ataque ao direito dos pais, etc., achamo-las tão futeis que não as julgamos dignas de resposta.

Os meios praticos de tornar effectiva a obrigatoriedade do ensino são de tres ordens: — sua gratuidade aos pobres, a diffusão de escolas por todo o paiz, especialmente nos centros mais populosos, e a imposição de penas aos pais, tutores, protectores, etc., que não mandarem á escola seus filhos, pupillos, protegidos, etc.

Estas medidas justificão-se por si mesmas. A diffusão das escolas é uma condição indispensavel para legitimar a exigencia por parte do Estado. Se elle impõe a obrigação de aprender aos subditos, é obvio que deve facilitar a acquisição do ensino. A gratuidade para os pobres acha-se nas mesmissimas condições. Na Europa, em paizes onde abunda o pauperismo, além da gratuidade, os governos e municipalidades distribuem ás crianças desvalidas—roupas, livros e utensilios indispensaveis ao ensino.

Para isto provoca-se a criação de commissões escolares com certos fundos, etc. A gratuidade para os ricos parecc-nos dispensavel. Quanto ás penas devem ser: — multas, perda de certos direitos politicos e prisão em casos de tenaz reincidencia.

Pertence ao tino e perspicacia do legislador graduar convenientemente, attentas certas circumstancias practicas, a maior ou menor intensidade dessas penas.

II

Se existe these discutida em todos os sentidos, rebutalhada por todas as faces, é a da liberdade do ensino, o que não priva aliás que corrão mundo ainda á sua conta certas idéas erroneas.

Algumas noções capitaes, e entre ellas a principal

de todas — o que seja a propria liberdade de ensino, ainda não sahirão completamente do nimbo das noções obscuras.

Sobre o ponto em questão se nos deparão antes de quaesquer outras duas soluções: a brazileira e a prusiana.

A theoria inconscientemente admittida no Brazil sobre liberdade de ensino é puramente exterior, não penetra no amago dos factos; é altamente nociva e de todo erronea.

Essa liberdade consiste no poder de cada um, *quem quer que seja*, ensinar conforme os systemas e programmas formulados pelo governo!...

Este modo de resolver a questão é meramente exterior; porque não desce a levar a liberdade até á *materia* e ás *doutrinas* do ensino, e refere-se sómente ao pessoal docente, a quem aliás não se pedem habilitações.

E' nocivo, porque ás mais das vezes consagra á ignorancia o direito de ensinar, a qualquer individuo não preparado, o poder de estragar intelligencias. E' erronea; porque não pega o problema por sua face principal. Justamente o inverso da doutrina allemã.

Na Allemanha não existe liberdade de ensinar no sentido de quem quer que seja, qualquer *parvenu*, poder leccionar. Só póde ali ensinar quem está inteiramente habilitado, quem tem instrucção demonstrada, e á vista das provas obtem autorização do governo.

Se ha, porém, este afastamento da ignorancia, deixa-se por outro lado uma immensa latitude ao professor, quanto aos methodos e ao que toca á natureza das doutrinas.

O professor allemão é uma força autonómica, sua classe é estimada, sua carreira offerece attractivos e a sua preocupação principal é desenvolver a elasticidade latente dos espiritos, formar as faculdades de exame, preparar o character de independencia da razão, e por isso o pedagogo allemão está sempre a repetir — que a letra *mata* e o espirito vivifica...

Nós não entendemos assim : supponhamos, para o nosso uso de povo das exterioridades, que devemos rebaixar o ensino, pondo-o ao alcance de ser exercido pelos ignorantes, comtanto que illusoriamente o declaremos patrimonio de todos, e mostremos ao mundo pomposos programmas, mas sempre revistados pelo governo ! Nada de profundeza e autonomia da intelligencia ; decorem-se fórmulas, escravise se o raciocinio, aprendão-se inutilidades, fuljão as douraduras apparentes, impere o charlatanismo e tudo está feito !

Ora, nós o perguntamos qual dos dous methodos, qual das duas soluções da questão é mais exacta, mais verdadeira, mais progressiva ? A resposta não pôde ser duvidosa, mesmo para os espiritos obcecados.

Entendemos, por tanto, que o dever do nosso governo, se elle quer bem servir ao paiz, é tornar effectiva e amplissima na lei a liberdade completa e radicalissima de doutrinas e methodos no ensino, deitando por terra as compressões de um supposto ensino official por um lado, e por outro, para que esta liberdade seja uma realidade, levantar a classe do magisterio, offercendo-lhe mais attractivos e maiores garantias de independencia, exigindo-lhe em troco instrucção solida.

Neste terreno temos já alguma liberdade, ainda que bastante lacunosa, que é preciso manter e ampliar. O ensino entre nós não é, nunca foi, senão nos tempos coloniaes, o privilegio de uma classe.

Hoje a carreira do professorado está aberta a todas as capacidades.

Esta liberdade deve ser sempre mantida em cursos particulares e penetrar fortemente nos cursos officiaes ; mas sem estorvos, sem peias de qualquer especie.

O ideal em materia de ensino seria que o estado não se envolvesse nelle, deixando esta funcção pura e exclusivamente aos particulares. Ou seja por vicios de educação, ou por qualquer outra causa, nós não alcançamos ainda

essa altura. Apesar da faculdade concedida ha alguns annos por lei, o ensino superior é e tem sido até aqui exclusivamente fornecido nas escolas do Estado; o primario quasi todo acha-se nas mesmissimas condições, distribuido-se nas escolas do Estado ou das provincias. O ensino secundario abre uma excepção bastante honrosa; mas mesmo ahi a ausencia do governo central está muitissimo longe de ser uma realidade.

Procuraremos desenvolver o espirito de iniciativa neste ramo da actividade nacional; derroquemos todas as antigualhas, todos os estorvos; quem souber, que ensine, e ensine o que quizer e como quizer.

E as doutrinas perigosas? perguntaráo naturalmente. E quaes são as doutrinas perigosas? Serão as theorias philosophicas o scientificas?

Ellas modificão-se com as phazes diversas que a humanidade atravessa, e não ha poder nenhum politico que as possa obstar. Serão o *amor livre*, o *mormonismo*, o *espiritismo* a *feiticaria*? Contra estes bastaráo o bom senso publico e a livre concorrência. O correctivo para o máo professor é collocar um bom ao lado d'elle.

Em resumo :

A liberdade de ensinar se refere ao pessoal a quem se concede esta faculdade, e diz respeito tambem ás doutrinas a transmittir.

Somos de parecer que em relação á primeira parte, isto é, ás habilitações dos professores, o Estado deve conservar o seu direito de intervenção, usando d'elle com o maximo criterio; quanto á segunda, não é da sua competencia julgar de doutrinas. Para aquilatar da capacidade do professor, basta-lhe submittê-lo ao exame de pessoas illustradas e insuspeitas.

Para avaliar doutrinas fallece-lhe todo o criterio e começa a imperar o capricho ou o prejuizo.

XIII

O POETA DOS IDYLLIOS MODERNOS

O Sr. João Ribeiro Fernandes é um moço, filho da provincia de Sergipe. Estudou ali os preparatorios e achase agora nesta côrte, pretendendo matricular-se em um de nossos cursos superiores. Ainda muito moço já se revela um esperançoso poeta, afeito ao gosto moderno, ao realismo de nossos dias, o que bem nos prova que as lutas do tempo mandarão os seus écos até aquella pequena provincia. Eu sei que é de costume entre nós, em se tendo de fallar de um poeta, de um musico, ou de um pintor, fazer uma excursão em regra, com armas e bagagens, nos dominios da esthetica, e formular uma completa theoria da arte. Peço licença ao leitor para furtarme a esse trabalho. Suppondo, talvez infundadamente, conhecidas minhas idéas sobre a natureza da poesia, tenho só a considerar o talentoso autor dos *Idyllios Modernos* em suas relações com o nosso paiz e com os seus companheiros de lutas, jovens poetas como elle. Existem ainda alguns velhos que teimão em não contar com a verdade das cousas, e, olhando em torno de si, não deparão no

mundo da poesia brasileira outros trabalhadores além dos seus camaradas do *bon vieux temps*: os intitulados iniciadores da poesia romantica neste paiz.

A geração que floresceu em 1840 enche para elles ainda todo o nosso horizonte. E' que nestes ultimos tempos as mutações têm sido tão rapidas que alguns não as perceberão. A primeira pleiada litteraria brasileira neste seculo viveu muito. Os Magalhães, Porto-Alegre, Noberto e Silva, Macedo, Felix Martins, J. Maria do Amaral, e outros ou vivem ainda, ou morrerão ha pouco em avançada idade. A longa vida foi uma vantagem que tiverão sobre os seus rivaes das gerações seguintes. A evolução se precipitou, seguindo de perto as idéas europeas, de Alvares de Azevedo a Junqueira Freire, deste a Casimiro de Abreu, deste a Varella, deste aos discipulos de Victor Hugo, destes aos actuaes realistas. Entre os ultimos está o Sr. João Ribeiro. Não sigo o exemplo dos que desprezão os moços; leio os novos poetas, saboreando-lhes as estrophes e applaudindo-lhes os triumphos.

O Sr. João Ribeiro compartilha de minha adhesão. Na pleiada é talvez o mais novo de todos, é o ultimo chegado; não tem ainda livro impresso; ensaia agora as primeiras armas.

Qual é, porém, a nota predominante da escola? Corresponde ella a uma necessidade organica do paiz? São as perguntas que faço a mim proprio.

O signal caracteristico é o tom tribunicio da poesia. A corda nova que se juntou á lyra dos poetas é a corda politica e social. Rejeitando o velho romantismo lamuriento ou pantafaçudo, os moços fazem uma poesia de combate, interessão-se pelos problemas sociaes, e todos elles, todos os jovens litteratos são republicanos. Ao passo que os seus antecessores fazião versos aos principes, nascidos ou fallecidos, e aos imperantes nos dias de seus annos, elles combatem os reis e lhes aêmejão a quéda. E'esta a face mais viva, mais rutilante dos novos polejadores.

Interessão-se também, como corollario necessario, por certa ordem de idéas seientificas, que devem ser a preparação para as novas crenças politicas e sociaes. Esta mutação, resultado complicadissimo de toda a evolução actual do pensamento europeu, passou ao Brazil. Desde 1862 tem vindo a caracterizar-se cada vez mais, e de 1870 para cá tomou um ascendente definitivo.

Em seu bello livro *Visões de Hoje*, o Sr. J. L. Martins Junior, talentoso poeta pernambucano, indica perfeitamente a tendencia. « Eu não quero a poesia arvo-rada em compendio, o verso feito mestre de pedagogia. Entendo que modernamente ella, a poesia, deve ser *scientifica*; mas *scientifica*, debaixo deste ponto de vista, deste modo: sentindo o influxo da concepção philosophica do universo que domina em seu tempo; enunciando as verdades geraes que decorrem para a vida social dessa concepção; mas vestindo sempre os seus ideaes com as roupagens iriadas das faculdades imaginativas, e nunca deixando de obedecer á emoção poetica que dá nascimento á obra d'arte. Ou antes: quero a poesia contemporanea alimentando-se dos sentimentos philosophicos da nossa época, mas cantando-os sem *tractadisar* (seja-me licito empregar este termo), no poema ou na ode, uma sciencia particular, ou uma ordem de conhecimentos especiaes. » *

Muito bem dito. Ser de seu tempo, como poeta, não é expôr em versos uma theoria scientifica em voga; é sentir a poesia como um producto de seu tempo, ter a intuição e a alma de sua época. O contrario é cahir no disparate da *Meditação* e da *Viagem Extactica*, que, apezar do aparelho scientifico, denuncião menos o seculo passado do que um soneto qualquer de Bocage... A poesia é

* Martins Junior, *Visões de Hoje*, pags. 10 e 11, Recife—1881.

uma obra das idéas, mas emquanto ellas despertão a imaginação e o sentimento.

Se me é permittida uma recordação pessoal, transcreverei aqui umas palavras escriptas em 1873: « A sciencia é toda grave; seu methodo deve ser o jogo de principios incontestaveis; a *prosa* é sua natural expressão, *prosa severa* como as correcções, que sabem ter as idéas claramente definidas em uma cabeça de sabio. *Nada póde emprestar á arte, além da grande intuição do mundo e da humanidade.* E é quanto lhe basta para alçar o vôo despreoccupada e fecunda.

O poeta deve ter as grandes idéas que a sciencia de hoje certifica em suas eminencias; não para ensinar geographia ou linguistica, pre-historia ou mathematica; mas para enlevar o bello com os lampejos da verdade, para ter a certeza dos problemas, além das miragens da illusão. » * Cumpre notar que os jovens poetas brasileiros, imbuidos de novas idéas, que ferem de face a velha intuição romantica, adoptarão do romantismo o colorido da fórma. Neste ponto a decahida escola tinha tocado á perfeição, preparou a lingua, como diz com bastante senso E. Zola, e a reforma a fazer era da doutrina e não da roupagem. A objecção feita, por este lado, contra os poetas de hoje, não tem valor serio.

Elles acharão prompto o material desperdiçado pelos romanticsos em lamurias e inutilidades vaporosas; arrancarão-no das mãos inhabeis e o aproveitão em novas concepções.

Ha outra observação a fazer: o lado esteril do realismo, quero dizer, a pintura exclusiva de immoralidades crúas, creio que não tem sido imitado no Brazil; nenhum de nossos moços tomou para si aquella tarefa ostensiva.

* *Cantos do Fim do Seculo*, Prologo.

Preferem todos a poesia social ou o lyrismo forte, naturalista, exacto, de todos os bons tempos. Resta saber se esse modo de encarar as cousas da arte está de accordo com a alma brazileira no momento actual. Não devo repetir aqui o que algumas duzias de vezes deixei escripto sobre a tendencia imitadora do Brazil. Ninguem ignora que nós copiamos os livros francezes. Pois bem ; nossos governos tanto macaquearão os disparates de Cárlos x, de Luiz Philippe e de Napoleão III, tanto nos afrancezárão do alto, que produzirão no paiz as mesmas fontes de males que minárão a França. Lá hoje se reage contra o estado deixado pelo ultimo Bonaparte ; hoje aqui nós reagimos contra igual corrente de transtornos geraes. Uma cousa trouxe a outra.

Hoje não nos vêm de França sómente os velhos livros. As obras de Comte, Littré, Laffitte, Taine, ao lado das de Lange, Spencer, Darwin, Häckel, vertidas para o francez, estão em todas as mãos. A mocidade, ha dez annos, enveredou por um outro caminho, e ella irá adiante.

Não ha accôrdo completo de idéas entre todos nós os de hoje, e isto é um bem. Todos, porém, não juramos mais na fé dos velhos idolos.

Por outro lado, o paiz desceu a um tal gráo de corrupção musulmana que a crise é fatal.

Voltemos ao autor dos *Idyllios Modernos*, bello volume que deve apparecer dentro em pouco. Entre os mais recentes poetas nacionaes elle ha de occupar um dos mais salientes logares. Tem ainda alguns pequenos defeitos de fôrma, especialmente quando maneja o alexandrino, de que, seja dito de passagem, se abusa muito ultimamente; mas tem vigor e grandes bellezas de dicção.

Tres notas principaes lhe descubro, a lyrica, a humoristica e a realista. Nos versos chamados realistas é que os novos poetas nem sempre são felizes entre nós.

Dizem que de nossa época não querem levar para a poesia outra cousa além do *sentimento* realista, sem que pretendão expôr *doutrinas* em verso. Isto em theoria; passando á pratica, nem sempre se conservão fieis ao programma.

A exposição de doutrinas fica muito bem nos livros de sciencia, e cada um de nós, quando quizer lér uma theoria positivista, ou transformista do universo, sabe onde deve ir busca-la. A poesia, em tudo quanto a sciencia ensina, tem apenas por missão despertar os sentimentos novos que as novas doutrinas devem inspirar.

O trabalho do poeta é como o das abelhas, cujo mel, vindo de muitas flôres, não se confunde com ellas.

Montaigne teve razão em dizer naquelle seu trecho tantas vezes citado: « *Les abeilles pillottent deçà et de là les fleurs; mais elles en font après le miel qui est tout leur: ce n'est plus thym ni marjolaine* » E' o caso da poesia; pôde inspirar-se na sciencia, mas não faça sciencia, não tractadise em verso.

O Sr. João Ribeiro, felizmente, é pouco chegado a esse defeito: elle tem inspiração propria, é um bom lyrista. Continue, continue a produzir, e vêr-se-ha bem collocado entre os bons talentos poeticos do Brazil; o que sinto é não ter autoridade para recommenda-lo aos nossos litteratos. Elle o fará por si.

Rio, 1882.

XIV

O ELEMENTO PLEBEU NA LITTERATURA DO BRAZIL

Não são palavras de illuzorio patriotismo que venho agora repetir. Esta velha paixão, muito respeitavel quando firmada na verdade e na justiça, degenera por vezes em um sentimento semi-barbaro, inconveniente herança de primitivas éras, especie de pacholice nacional, que não raro desorienta os povos e amesquinha os individuos, vedando-lhes uma ampla comprehensão dos destinos geraes e humanos.

Não é a mim que compete levantar em quatro palavras apopleticas o proclamado gigante americano e atira-lo ahi aos olhares de todos como a admiração do presente e a maravilha do futuro. Deixo a outros mais autorizados essa tarefa.

Mas não é tambem a mim que incumbe lançar gritos de desespero sobre o abatimento do Imperio... Desconfio muito de certas preocupações unilateraes do optimismo ou do pessimismo patrios.

Não farei uma satyra, mas não tambem um dythirambo ; indicarei factos e estabelecerei uma resenha sobre

assumptos litterarios, deixando de lado outras faces da actividade nacional.

O mais alentado erro das indagações criticas no Brazil tem sido a inveterada mania de considerar nossa litteratura por um systema todo exterior. Preocupados das regras e methodos da velha rhetorica européa, os nossos ananlystas hão visto na litteratura brazileira uma successão de momentos de *mera coquetice nacional*, em que nós outros temos tomado o instrumento das imitações e começado a copiar ao acaso o pensamento estrangeiro. E' um equívoco evidente, que se mostra logo aos olhos daquelle que estuda a litteratura brazileira, não aos fragmentos, mas em seu conjuncto. A quem se applicasse a fazer a *instauratio magna* de nosso pensamento através dos quatro seculos de nossa existencia, o principio fundamental e dirigente da litteratura apresentar-se-hia no antagonismo entre o elemento popular e os preconceitos autoritarios das classes conservadoras herdadas da metropole.

Desde o dia em que começárão a avultar os filhos americanos dos primeiros colonizadores, esse antagonismo despontou, e a maior ou menor consciencia d'elle — é o thermometro de nossa maior ou menor celeridade na evolução litteraria. Debaxo do convencionalismo das escolas, sob as fórmulas mais ou menos espessas das construcções rhetoricas vivo e palpitante está o pensamento nacional para aquelle que sabe entendê-lo. Temos hoje os documentos para esta inquirição. No primeiro seculo da conquista, como nos seculos posteriores e como ainda hoje debaixo de nossas vistas, dava-se essa luta.

Não me refiro só ás divergencias de raças, á differenciação do typo nacional, cada vez mais accentuado, e sua integração em um organismo á parte.

Quero fallar especialmente da divergencia moral e social estabelecida entre aquelles que erão na colonia chamados a representar os elementos estacionarios, conservadores, improductivos do pensamento, e aquelles que

por indole e posição symbolisavão o momento mobil e progressivo.

E' um facto interno que se nos depara em todas as litteraturas viaveis e felizmente evidentissimo entre nós. Não temos poetas e escriptores do primeiro seculo em que possamos mostrar a luta ; mas, possuímos cousa melhor ; porque restão-nos os contos e canções populares, muitos delles elaborados naquella época.

Ao passo que os grandes do tempo, os politicos da occasião, lançavão olhares avidos para o paiz, considerado uma enorme preza, e na febre do ganho impunhão á intelligencia a hygiene de não pensar, os desabusados, os espiritos irrequietos, que todos deverião ser *pobres diabos* desprezados pelas *autoridades*, experimentavão a tentação satanica de sentir e sonhar, e assim foi elaborada a efflorescência esplendida de nosso lyrismo anonymo, a que se vierão juntar as notas das tres raças.

Não erão os donatarios, os governadores, os bispos, os jesuitas, os provinciaes das ordens religiosas, que se davão ao trabalho deshonoroso de poetar. Erão as classes plebéas, os pequenos, os colonos. Este facto não vem nos livros, mas a apreciação do que ainda hoje passa-se á nossa vista impõe-nos essa inducção.

Temo-lo todos experimentado por nós mesmos. Nos ultimos annos de nossa actividade litteraria e scientifica, tempo de accelerado movimento intellectual, ainda mais agitado do que o da passagem do velho classismo para o romantismo, nos derradeiros quinze annos,—quem tem sido os portadores de novos ideiases ? qual tem sido ahi o quinhão das classss chamadas dirigentes ? quem tem sido aqui os propugnadores das novas theorias—do realismo litterario, do tranformismo scientifico, da critica historica e religiosa, da linguistica, das idéas positivas e de tantas outras doutrinas, que todas têm posto em solemne agitação o espirito do paiz ? quem se tem batido peito a peito contra a intolerancia, a perseguição, o

descredito, a intriga, toda a machinação sordida dos mediocres e dos grandes?

Simplees moços, quasi todos das provincias, pobres rapazes desclassificados, abatidos, sem fortuna e sem padrinhos. E as classes directoras, os aristocratas, as influencias politicas, os magnatas, os nobres, os grandes, os governos?

Todos atufados na serenidade de divindades invulneraveis, todos amolentados pelas doçuras das posições embriagantes, aguçarão sempre o seu desdem para com os desinteressados da idéa, quando não aguçarão as garras para os esmagar.

E se assim é, em nosso seculo em que a força das idéas e o prestigio da sciencia,—obrigarão os potentados a e conderem as prezas, o que não seria no seculo xvi diante de alguns pobres colonos desgarrados pelas solidões do Novo-Mundo? E, por outro lado, se ainda hoje é tão significativo o menospreço de alguns letrados portuguezes para comnosco, qual não seria o menoscabo arrogante para com os colonos que têm a petulancia de pensar e produzir? E' facil ajuiza-lo, diante das perseguições movidas a Gregorio de Mattos, a mais nitida incarnação do espirito popular brasileiro no seculo xvii.

A obra começada pela poesia anonyma—tem nesse homem de genio um representante audacissimo.

As duas faces da acção plebéa em nosso espirito litterario, a effervescencia lyrica e a effusão satyrica, achão-se então elaboradas e attingem esplendorosa manifestação nos grandes poetas dos fins do seculo passado, quasi todos perseguidos a pretexto de revolução.

Em nosso tempo o movimento continua, e só merecem as honras da celebridade, o reconhecimento do paiz, aquelles que em suas obras não mentirão, os portadores da verdade, os que affirmarão a vida, e, para tudo dizer em uma palavra, os que interpretarão os sentimentos populares.

Não quero tornar saliente especialmente a verdade incontestavel que o povo, tomado no sentido restricto, é que produz o que uma nação tem de mais vívido.

A litteratura deve ter a nota humana, deve firmar-se em documentos humanos, e não é o povo que desnatura o homem... E' tarefa que elle deixa aos aleijões sociaes e aos parasitas de todas as especies.

São verdades eternas, que, applicadas ao Brazil, mostram-nos a acção popular em todas as nossas produções, em nosso lyrismo, em nossa poesia anonyma, em nossos contos, em nossos romances, ou no theatro e no desenvolvimento da lingua. Não é isto; não é este só o alvo destas linhas. E' preciso antes e acima de tudo, lembrar a verdade não menos incontestavel, a dolorosa verdade que no Brazil a produção popular da litteratura complica-se de um facto anomalo:—a guerra surda e inconsciente movida pelos desnorteadores do pensamento nacional e pelo immenso *tapage* dos politicos...

Não só muitos talentos estragam-se nessa falsa direcção, como ainda, uma vez chegados ás almeçadas posições, tornão-se poderosos adversarios de quem quer que commetta o crime de ter mais talento, e pensar mais do que elles...

Foi assim que se creou a tão afamada indifferença do publico pelas produções de nossos escriptores.

Esta indifferença é infelizmente verdadeira; a attenção do publico está ha sessenta annos desviada e entretida pelo interminavel entremez dos *tapageurs* politicos.

Mas ha talvez ainda meios de disciplina-lo e convidá-lo a espectaculos mais edificantes; ainda ha meio de interessa-lo pelas creações litterarias. E' travar em grosso a luta das idéas, desobstruindo pela critica o caminho dos destroços e embaraços nelle accumulados pela acção combinada dos mediocres e dos poderosos.

A empresa não é impossivel em nosso tempo de maravilhosa agitação intellectual—e para nossa mocidade,

avida de saber, anciosa de produzir, ella, que a despeito dos estorvos que se lhe oppoem, é afinal de contas quem se interessa pelas letras, e onde ainda se sente palpitar, cheios de esperanças, a intelligencia e o coração do paiz.

Resta-lhe muito, quasi tudo por fazer para a litteratura do Brazil.

A litteratura do Brazil! . . .

Eu pudera começar por uma questão preliminar, bem propria para fazer-nos reflectir, e — seria esta: « Se é licito fallar na litteratura, se póde ter litteratura sua — um povo que não tem certa autonomia, que não chegou ainda áquelle gráo de virilidade das nações conscientes de sua força, um povo que não tem trabalho seu, e para dizer todo o meu pensamento, um povo que ainda tem escravos?! . . . »

Não sei que forte alliança podem fazer a litteratura e a escravidão!

Mas o trabalho e a luta têm attractivos. A mocidade ahí está... Cumpra ella o seu dever.

Rio, 1883.

XV

O PROFESSOR CARLOS JANSEN

E AS LEITURAS DAS CLASSES PRIMARIAS

O Sr. professor Carlos Jansen, a quem as letras e a pedagogia brasileiras já tanto devem, acaba de traduzir o celebrado romance *Robinson Crusóé* de Daniel de Foe.

O livro foi pelo traductor adaptado ao nosso meio social, segundo o plano de F. Hoffmann.

Não é este o logar mais proprio para satisfazer o desejo que ha muito experimento de dizer alguma cousa sobre a individualidade litteraria de Carlos Jansen. — Jornalista, professor e novellista, este distincto escriptor allemão-brazileiro, merece um estudo especial e acurado, que não pôde ser feito agora.

Nada será dito tambem aqui sobre os meritos universalmente reconhecidos do estimavel Daniel de Foe.

O insigne puritano, filho de um paiz de navegantes e colonisadores, symbolisou em seu livro o ardor, a energia, a coragem que deve o homem exercer em luta contra a natureza. — E' uma epopéa *sui generis*, propria dos

tempos modernos, industrial, mercantil, rude e honesta, livro que só poderia ser escripto por um inglez, livro que é uma especie de laço trançado entre os antigos *reis do mar* de que procedem os compatriotas de Cook e Penn e os *yankees* que delles descendem. — O *Robinson* está julgado pela critica universal.

Direi apenas duas palavras sobre o plano pedagogico de Carlos Jansen.

Acredito na lei do *consensus* proclamada por Spencer.

A modificação produzida em uma das ramificações da actividade humana repercute em todos os dominios e estende-se por toda a área do pensamento.

Em outros termos, a evolução é geral e harmonica em todas as manifestações da intelligencia.

Nosso seculo tem sido testemunha de applicações maravilhosas, estupendas desta lei. Quatro ou cinco systems capitaes que hão regido a philosophia de nosso tempo, têm modificado as nossas tradições em todos os districtos do saber. *Cosmographia, physica, biologia, historia, critica, direito, politica, moral, arte, a orbita inteira da intelligencia*, hão recebido o impulso das tendencias modificadoras. Esses systems divergentes em algumas intuições e tendencias, obedecêrão a certas predisposições immanentes ao pensamento moderno. Hegelianismo, positivismo, transformismo, para só fallar nestes tres, produzirão uma litteratura inteira, vasta, variada, completa, em que os principios fundamentaes dessas philosophias fôrão applicados a todas as sciencias e a todas as artes.

A pedagogia não escapou a esta lei, e já muitos e valorosos são os trabalhos, especialmente entre inglezes e allemães, em que a sciencia da educação assenta em bases experimentaes e positivas.

A applicação do evolucionismo transformista lhe tem sido em particular de alcance vasto e admiravel. Banidos os velhos methods, que fazião a sciencia de

cima para baixo, partindo de uma idéa ou de um principio geral, a que os factos se deverião por força acomodar, banidos os velhos methodos, a pedagogia teve de firmar-se nos factos e partir com elles á busca das leis que regem o desenvolvimento do individuo e da *sociedade*. Dest'arte ella não pôde prescindir dos auxilios valiosissimos que o estudo systematico das creações humanas tem accumulado em nosso seculo, sob os nomes de anthropologia, ethnographia, demographia, etc.

A idéa de educação trouxe em todos os tempos a idéa de *disciplina*, de *correção* das energias physicas, moraes e intellectuaes do homem. Isto, que todo o mundo repete, é em parte verdadeiro, mas só em parte.

Assim concebida é facil avaliar o quanto se pôde abusar da idéa fundamental da educação, e o estado a que esta tem por vezes chegado nas épocas de decadencia é por demais eloquente. — Cumpre saber em que sentido e até que ponto a educação deve ser uma corrigenda imposta á natureza. — Neste lugar é que o experimentalismo se interpõe e acaba com as divagações *a priori*.

A educação, dizem os humanistas, é uma sciencia e toda a sciencia é um producto humano, é um resultado evolutivo de nossa intelligencia, não se apanha á mão no mundo exterior como os fructos das arvores ou as aves do ar.

Não ha duvida, educação, moral, religião, arte, sciencia, sabe-se bem que são productos da civilisação, lentamente elaborados, effeitos que depois têm vindo a cooperar como causas no proprio desenvolvimento da humanidade. Não se contesta; mas isto é em si muito esteril e pôde conduzir-nos a um subjectivismo aniquilante, se não fôr entendido habilmente.

Resta-nos sempre determinar quaes as leis, os estimulos, as provocações que o homem experimentou, quer da natureza exterior, quer de sua propria natureza physica,

leis, estímulos ou provocações que determinarão o seu desenvolvimento e o levarão a produzir a civilização e com ella todas aquellas creações que ficarão acima indicadas e que elle suppõe filhas de seu capricho.

Cumpre-nos tambem não esquecer a immensa somma de experiencias accumuladas que, por via de hereditariedade, o homem recebeu de sua origem ancestral primitiva, e nós hoje possuímos de modo inconsciente.

Não olvidar as energias mentaes capitalisadas que o homem de hoje, pelo mesmo processo, adquirio das raças, dos povos que nos antecederão. Ha, portanto, na educação, como em todas as creações que se lhe prendem, e assemelham, um elemento autonomo, *natural*, espontaneo, que não obedece, que não deve obedecer aos caprichos de nossa vontade.

Por outra: — a civilização e todas as suas grandes feituraes são productos da actividade humana, mas esta actividade mesma obedece a leis, a forças que lhe são impostas pela natureza do meio externo e interno em que se desenvolve o proprio homem. — E tanto é isto assim, que o homem não produzio a sua cultura porque o quizesse. Não é verdade que elle a não produziria, se assim o entendesse.

Elle é o que é, ou o que as leis cosmicas o deixarão ser, e neste sentido, a civilização, com o que ella tem de mais elevado, é producto da natureza. A vontade é um phenomeno natural; a intelligencia, a sciencia, a moral, a educação tambem o são. — A objectividade rege mais do que se suppõe os destinos humanos. A synthese puramente subjectiva da cultura e da sciencia — é um simples preconceito. — *A synthese é bi-lateral pelo menos*; é esta a minha opinião.

A pedagogia deve attender a tudo isto; deve collocar-se no terreno dos factos e da experiencia e concorrer para o desenvolvimento normal do homem.

A educação não deve ser puramente uma especie de *selecção artificial*; ao contrario cumpre-lhe ser o mais possível um auxiliar da *selecção natural*.

Este pensamento é facil de ser comprehendido. Em regra geral a normalidade é a lei dos seres vivos; na maioria dos casos a natureza humana é impellida por moveis aproveitaveis. O educador deve desenvolve-los e adalça-os.

E como não é só a vida animal que produz monstros, seres teratologicos, como a vida social tambem os produz, a estes devem ser applicados todos os recursos da sciencia do educador, todos os meios da *arte* para chamar a extravagancia á normalidade, ou á verdade da *natureza*.

Eis porque a pedagogia deve ser puramente *realista*, mais realista do que a litteratura, do que a arte.

Não foi para discorrer sobre a sciencia da educação que tomei da penna; foi sómente para lembrar que um dos mais humildes ramusculos da pedagogia, aquelle que rescreve as leituras mais appropriadas ás classes primarias, tambem entrou em via de transformações.

Ainda alcancei o tempo em que nas aulas de primeiras letras aprendia-se a lêr em velhos autos, velhas *sentenças* fornecidas pelos cartorios dos escrivães forenses.

Historias destestaveis e enfadonhas em sua impernente banalidade, erão-nos ministradas nesses poeirentos quartapacios. Erão como clavas a nos esmagar o senso esthetic, embrutecer o raciocinio, e estragar o character.

Era então precisa uma abundante seiva nativa para resistir a semelhante devastação.

As *sentenças* manuscriptas erão secundadas por impressos vulgares, incolores, proprios para ajudarem a destruição.

Era o lêr por lêr sem incentivo, sem prestimo, sem stimulos nenhuns. Hoje esta face da educação provoca um cuidado especial. Ministrão-se ás crianças leituras

que lhes desenvolvem o senso moral e esthetico, o raciocinio e a imaginação, o coração e o espirito.

Acho, porém, que vai-se talvez neste ponto cahindo em um extremo que deve ser combatido.

Refiro-me á exclusiva leitura de trechos technicos utilitarios, praticos, capazes por certo de fornecer, desde a primeira infancia, algumas noções positivas, adequadas aos usos da vida; mas esterilísantes para a imaginação e o senso esthetico, fontes de prazeres espirituaes de purissimo quilate e que têm influencia decisiva sobre a intelligencia e o character.

Tal defeito não encontrei partilhado pela *Deutsche Schule* desta cõrte, cujos livros de leitura contêm versos historietas, phantasias e trechos litterarios dos bons autores allemães, ao lado de paginas mais positivas e praticas. Nesta bõa senda caminha o Sr. Carlos Jansen

O *Robinson Crusóé*, redigido para a mocidade brasileira é um presente magnifico, um mimo que vai encantar instruindo os nossos filhos, e os vai instruir sem affectações sem lamurias e pieguices nocivas.

Rio, 1884.

XVI

ESTUDOS PHILOLOGICOS

POR JOÃO RIBEIRO

Vai para dous ou tres annos apresentei ao publico luminense um joven poeta, o autor dos *Idyllios modernos*, Sr. João Ribeiro Fernandes.

Elle chegava então da provincia, trazia feitos os preparatorios e aspirava á matricula em um dos nossos cursos superiores. Circumstancias minimas afastarão-no desse intento e o prendêrão ao professorado do *Collegio Alberto Brandão*. Ahi, as relações com o distincto philologo Almeida de Andrade levárão o moço sergipano ao estudo da linguistica.

Já no seu bello livrinho — *Dias de sol* — a interessante poesia *No tempo da frol*, em portuguez do seculo XIII, dava claro testemunho da applicação, dos conhecimentos de João Ribeiro nesse ramo da sciencia. Agora, os — *Estudos philologicos* — patenteião irrecusavelmente que

o cultivo das linguas romanicas tem aqui um trabalhador amestrado.

O moço philologo é uma organização litteraria e scientifica de muito bôa seiva. Amor ao estudo, facilidade de exposição, ausencia de rheuma pedantesca e, acima de tudo, intuição prompta e segura, eis o que se descobre no pequeno livro, de cujo conteudo pretendo dar uma idéa.

E' uma collecção de oito artigos doutrinaríos e uma poesia intitlada — *Loenda da Pastor Gilda*, esta em linguagem archaica. Dos artigos os que me parecem mais consideraveis, são os que se inscrevem:— *Um capitulo de funcçiologya, Hybridismos, Restituição da lingua antiga e Nota final.*

Seria possivel chicanar o autor sobre uma ou outra de suas conclusões; mas esse mister deixo-o aos homens do officio, aos grammaticos de profissão.

Viso um pouco mais alto, e apraz-me pegar o assumpto pelo lado geral e philosophico, a idéa dirigente, a intuição disciplinadora do linguista sergipano.

Para isto, basta abrir o artigo sobre *os hybridismos*.

Nosso illustre romanista Pacheco da Silva Junior em sua *grammatica historica da lingua portugueza*, escreveu um capitulo sobre o mesmo assumpto.

Pacheco Junior inda laborava na velha intuição purista, e denomina o phenomeno da hybridação linguistica — de *culpa e peccado vergonhoso* para quem o emprega.

O Sr. João Ribeiro obedece nesse ponto a uma disciplina mais scientifica; é um sectario da applicação dos principios biologicos da escola naturalista aos estudos da philologia.

Elle tem razão.

Sei que para a maioria nominal dos linguistas o criterio exclusivamente historico é ainda pura e simplesmente a chave com que se abrem todas as portas e arremão-se todas as difficuldades de sua sciencia.

Mas aqui vai abuso, cuja origem não é difficil apontar a quem conhece a marcha intellectual de nosso tempo. Nos primeiros annos de nosso seculo era ainda vigente a velha doutrina das idéas ab-olutas, preconcebidas, *aprioristicas*, que fazião a sciencia de uma só peça que montavão e desmontavão como um simples aparelho deducente.

A *ideologia* imperava e imperava despoticamente em todos os districtos do saber, exactamente como certos grandes senhores reinão autocraticos em seus districtos eleitoraes.

A reacção não se fez esperar e começou no dominio da critica religiosa e mythologica. Dahi passou, ao direito, á linguistica, á litteratura e á historia propriamente dita. Kreuzer, O. Müller, Savigny, Grimm, Bopp, Thièrry, fôrão os promotores da reforma.

Estava achado o criterio *historico comparativo* ; nosso seculo *foi declarado o seculo da historia, como o passado fôra o da philosophia*. Esta phrase é de Thièrry, o sublime poeta da *Conquista da Inglaterra pelos Normandos*, o nunca igualado chefe da escola pinturesca.

Iniciada a reacção, todas as sciencias transformarão-se em capitulos de historia. A propria philosophia não passou mais de uma exposição das leis que regem a evolução social do homem, e das diversas phases que este ha atravessado nessa progressão.

E tudo isto importou em um avanço, tudo isto constituiu os titulos de honra da primeira metade do nosso seculo.

Houve, porém, excesso ; o methodo era rigoroso, era irreprehensivel ; havia apenas o esquecimento de alguns dados do problema. Neste ponto interveio Darwin, e mostrou que, antes de ser um ente historico, o homem é um ser biologico.

A historia nada é sem biologia e psychologia.

Ahi é que estão os germens que se desenvolvem na

ordem social ; dahi é que parte a trajectoria rythmica da evolução.

Os sabios comprehendêrão que o genio inglez tinha razão. E foi por isso que Tylor, Spencer, Schleicher... succederão a Kreuzer, Grimm, Savigny... isto é: a mythographia, a sociologia, a economia politica, a linguistica e o direito começárão de consultar os dados biologicos.

Esta evolução foi normal ; e este é o maior titulo da segunda metade do nosso seculo.

O Sr. João Ribeiro fez bem em se collocar neste ponto da corrente ; deste lado é que partem os bons ares ; nisto deu prova de fino tacto e da progressibilidade de seu talento.

As linguas são entidades biologicas, são organismos *sui-generis*, obedecem tambem ás leis da selecção natural. A hereditariedade e a adaptação darwinicas nellas se verificão pasmosamente.

A hybridação linguistica, ou, melhor, o *mestiçamento* linguistico—deixa de ser um *peccado*—para ser um phenomeno natural.

Quero dar ao meu leitor o prazer de apreciar um trecho do esperançoso escriptor :

« A historia naturalista da linguistica, diz elle, apropriou para esta sciencia, quasi sempre com grande successo e justiça, a terminologia das sciencias biologicas.

« Com effeito, no dominio das linguas e dialectos, como das especies naturaes e variedades, verificão-se todas as grandes leis concretas da *selecção*, da *variabilidade*, das causas *mezicas* e *physiologicas*, creando novas especies e novas linguas.

« Foi ainda prolongando esse paralelo fecundo em descobertas novas e novas applicações, que se creou o termo *hybridismo* para significar a justa posição ou

aglutinação de elementos originariamente diversos em especie. Dissemos *especie* e vamos rectificar a expressão.

« A nosso vêr, as diferenças que se notão entre as linguas, não são diferenças *especificas*.

« Não existem especies, mas antes, para usar de um termo biologico, existem *raças, variedades* de linguas. As causas physicas e as necessidades mentaes e de relação que creárão as linguas, são fundamentalmente as mesmas, á parte as diferenças secundarias que devião intercorrer.

« Sob esses principios não ha propriamente em linguagem *hybridismos*, por isso que não ha cruzamento de especies, mas simplesmente de variedades e subvariedades.

« Não deve-se, portanto, procurar ahi a lei da *esterilidade*, que caracteriza os hybridos naturaes. Em nosso entender, um hybridismo seria, por exemplo, um composto de um elemento gesticulado e outro phonico; taes especimens deverião existir quando o homem lutou pela aquisição da palavra, mas se existirão fôrão naturalmente infecundos e vivêrão a vida ephemera e virtual de um momento.

« Aceitamos, por conseguinte, o termo como uma convenção derivada da necessidade terminologica.»*

Esta passagem, á primeira vista tão simples, serve para mostrar a bôa orientação do Sr. João Ribeiro.

Elle conhece o mais importante problema da biologia — a questão, o conceito mesmo da *especie*.

Poderia ter ido ainda mais longe e estatuir que não é só em linguística exacta a inexistencia da hybridação; na propria anthropologia o facto é verdadeiro. Existem os cruzamentos de raças, de variedades entre si, dá-se o mestiçamento e não o hybridismo em sentido technico.

* *Estudos philologicos*, pag. 23.

O assumpto é complicado, de aspera apreciação, e o proprio Broca andou bem longe de o elucidar definitivamente.

O professor Mathias Duval, em suas brilhantes lições do anno passado, na Escola de Anthropologia de Pariz—sobre o *transformismo*—tez uma admiravel resenha do estado da questão. Por ahi se vê a immensa mole de factos accumulados e a difficuldade de os coordenar, induzindo leis definitivas. Mas as conclusões geraes já estão tiradas. *

A concepção transformista da philologia, sciencia reduzida a um capitulo da sciencia natural, é uma das potentes irradiações do genio do nosso seculo.

Os talentos brasileiros podem ahi illuminar-se.

No Brazil, historia, ethnologia, linguistica, sociedade, raças... tudo está em via de formação; todos os factos se cruzão; velhas instituições, cançados productos do antigo mundo se entrelação; combinações novas devem apparecer.

E' um momento apropriado para surprender-se o genesis dos factos. Raças desencontradas, idiomas disparatados, crenças dissonantes, puzerão-se em contacto em um meio vasto; fórmas originaes hão de vir surgindo.

A sciencia tem diante de si avultada messe.

Que o Sr. João Ribeiro, nos dominios da linguistica, seja dos mais afanosos, é o que lhe desejo.

Rio, 1884.

* A lição sobre *Hybridiação*, sahio á luz nos ns. 4 e 5 da *Revue Scientifique*, deste anno.

XVII

OS CIGANOS

CONTRIBUIÇÃO ETHNOGRAPHICA POR MELLO MORAES FILHO

Todo e qualquer estudo que contribua para o esclarecimento das populações nacionaes, todo e qualquer esforço para fazer a luz sobre as origens, os costumes, a psychologia de nossas classes populares—deve ser bem recebido e encorajado.

Sim; a despeito de seus *doutores* e de seus *sabios*, a despeito de seus *grandes* geographos, geologos, ethnologos e linguistas, o Brazil ainda não conhece o seu territorio, nem sabe as filiações das tribus indias e africanas, que lhe constituirão grandissima parte da população.

Sobre estas cousas, em rigor, sabe o que tem podido copiar dos livros dos viajantes e sabios estrangeiros.

As observações e pesquisas directas são entre nós bem poucas, se não mettermos em conta as levadas a effeito por europeus e anglo-americanos, longa ou limitadamente residentes no paiz.

Tomada a ethnographia como base para os estudos historicos e sociaes, quantos problemas não estão ahi a tentar-nos !

O povo brasileiro é o resultado de muitos factores physica e moralmente.

O que devemos aos portuguezes, aos negros, aos indios ?

Seria necessario responder a estas questões, e elucidar-las a fundo, sob todos os aspectos. Seria até preciso subdividir cada um daquelles problemas capitaes.

Entre os portuguezes ver a acção dos ilhéos, dos minhôtos e transmontanos, dos alemtejanos, dos algarvios ; suas migrações para o Brazil, as direcções de suas correntes, suas preferencias para estabelecerem-se nesta ou naquella provincia, nos tempos da colonia e ainda hoje.

Praticar o mesmo para com os negros ; verificar a acção das diversas tribus africanas ; suas modificações no meio americano, suas linguas, sua aptidão intellectual, etc.

Qual a contribuição dos negros da costa oriental e qual a dos negros das costas do occidente ? Dos negros do grupo *bantú*, do grupo *felupo*, do grupo *mandé*, etc. ? Dever-se-hia responder.

Identico processo para os indigenas. Quaes as raças pre-historicas, e os seus representantes actuaes ? E quaes os povos invasores em suas diversas raças, e a contribuição de cada uma dellas ?

Feito isto, estariamos muito longe de ter esgotado o assumpto. Restaria ainda e sempre investigar o que devemos aos hollandezes, que senhoreárão durante muitos annos quasi todo o norte do Brazil. A estada dos francezes no Maranhão não deixou ali vestigios de qualquer ordem, não modificou de qualquer fórma as populações daquella provincia ?

Quanto a francezes, o que lhes devemos pela acção intellectual de seus livros, de sua litteratura, que imitamos, de seus costumes, de suas modas, que macaqueamos?

A vizinhança dos hespanhóes nas provincias das fronteiras não actúa em qualquer gráo sobre os povos proximos?

Quanto a hespanhóes, a imitação de sua poesia pelos autores nacionaes no seculo xvii nada influio? E o tempo em que pertencemos á Hespanha nada produzio?

As colonias allemãs do Rio-Grande, de Santa Catharina, Paraná e S. Paulo não exercem acção alguma? E o contingente italiano, que tende a crescer?

E' mister determinar tudo isto, e ainda assim não ficarão exauridos os nossos problemas ethnographico-historicos.

Faltaria, por outro lado, determinar a indole, o character, o impulso das populações mestiçadas, ponto capital de nossa vida de nação.

Todas estas questões constituem um trabalho colossal, que só poderá ser feito aos fragmentos e no decurso de varias gerações.

E' o grande estudo da demographia apenas iniciado no Brazil.

Temos prazer em annunciar que o Sr. Dr. Mello Moraes Filho, poeta amigo do nacionalismo patrio, tem entre mãos um trabalho, que será uma contribuição interessante para estes assumptos.

Tomou para objecto de suas pesquisas a raça mais ou menos nomade dos *ciganos*, que são mais abundantes no Brazil do que geralmente se pensa. Não vai fazer um livro de poesia pelo molde dos *Escravos vermelhos*; em sua nova obra o methodo, o estylo e os fins são muito outros e diversos.

Por pouco que tenham os *ciganos* contribuido para o conjuncto da intuição intellectual das classes mais baixas de nosso povo, ainda assim apresenta um grande interesse o estudo dessa raça, que constitue no velho mundo um dos problemas mais intrincados da ethnographia.

Especialmente na Hespanha e nos paizes slavos os *tziganos* existirão desde os mais antigos tempos em numero consideravel. Mais ou menos mesclados, ou mais ou menos puros, no exercicio de certas industrias, na originalidade de seu viver, na singularidade de sua musica, de suas danças, de sua poesia, elles não deixarão de influir sobre o espirito popular dos slavos e hespanhóes, para não fallar de outras nações.

Têm sido o objecto de uma litteratura inteira; sua lingua, seus costumes, crenças, festas, danças, musica hão sido o assumpto de muitas publicações interessantes. O ponto mais obscuro é o de sua origem e filiação ethnographica, de suas migrações primitivas.

O Dr. Mello Moraes, no promettido livro, que nada tem que ver com a annunciada *Patria Selvagem* (*Escravos Vermelhos* e *Escravos Negros*), trata dos seguintes pontos, capitulos da obra :

« 1.º Estudo sobre as primitivas migrações dos ciganos na Europa, e opiniões a respeito de sua origem ;

« 2.º Os ciganos em Portugal; alvarás e cartas régias das *Leis Extragantes* a seu respeito;

« 3.º As princiras levas de ciganos no Brazil, e logar de suas habitações. Os ciganos piratas das *fazendas* e vendedores de negros novos e cavallos;

« 4.º Seu typo e cruzamentos, seus usos, costumes e superstições influindo nas camadas populares ;

« 5.º A cigana esposa e mãe. As ciganas que têm a sina, que rezão de quebranto, mão olhado, crysipelas, etc. Orações e agouros, pragas e maleficios;

«6.º Familias de ciganos do bairro da Cidade-Nova.

O casamento entre parentes proximos, as heranças e a miseria, dando como resultado casos pathologicos;

« 7.º Um casamento e uma cerimonia funebre. As exclamações da viuva e orphãos. Lamentações ;

« 8.º *O Lenço da noiva* do ritual egypcio, mais idealizado pelos ciganos do Brazil.

« 9.º O segredo e a palavra de ordem para a reunião de *partidas* nos sertões. Apparição mysteriosa desses bandos sem que conste dos desembarques.

« 10. Como o autor conseguiu mais de 600 quadras populares entre os ciganos e um extenso vocabulario. O talisman da cigana ;

« 11. Pontos de contacto entre a poesia dos ciganos e a dos orientaes. Do sentencioso de seus versos, da subjectividade de seu sentir e do religioso do seu lyrismo.

« 12. O sombrio de seus quadros, o luctuoso de suas imagens e a esperanza em uma vida futura de accôrdo com a sua desclassificação social e seu isolamento por indole ;

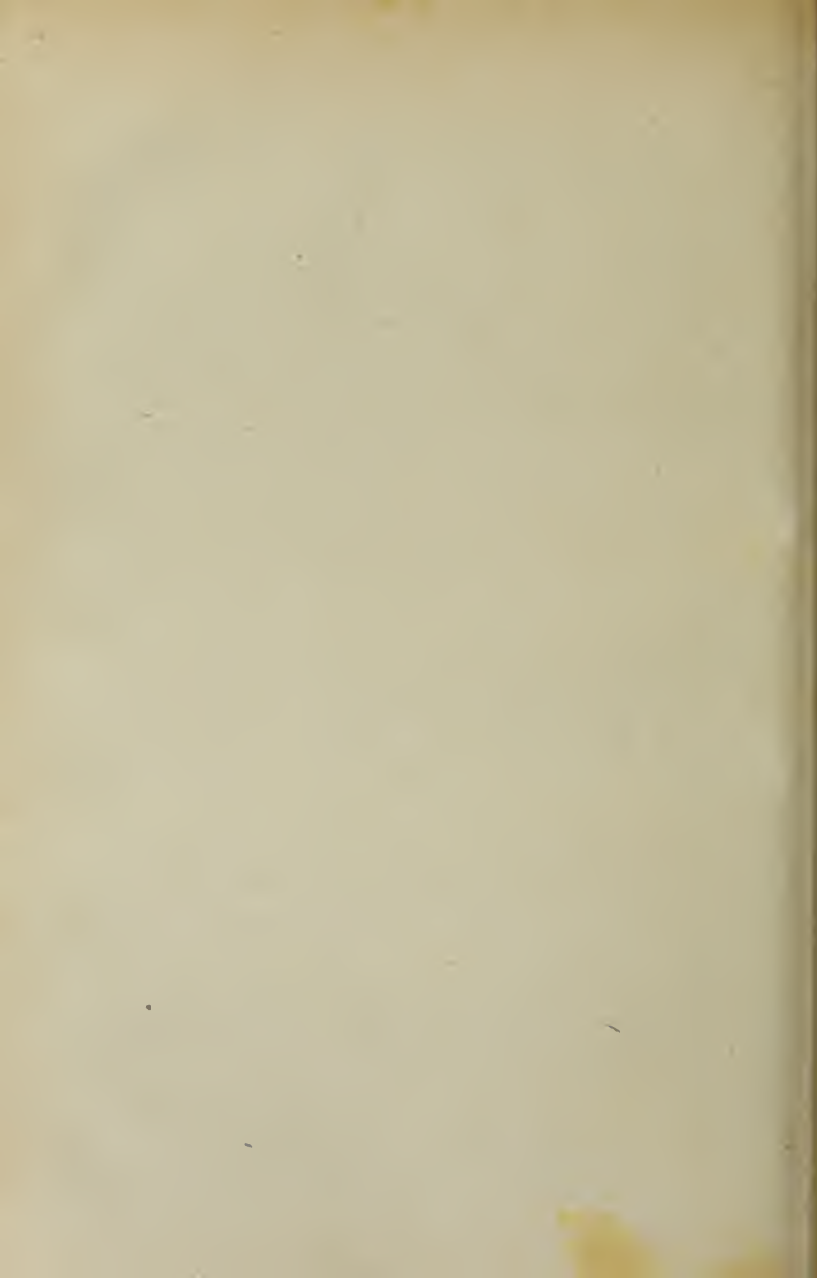
« 13. Vocabulario e commentos ;

« 14. Ciganos celebres no Brazil.»

As theses são consideraveis, e o valor do livro dependerá do modo por que fôrem ellas resolvidas.

O talento do autor, sua facil intuição poetica, seu gosto pelos estudos ethnologicos, o preparo a que se está entregando para levar a bom exito a empreza, são garantias de que não seremos illudidos. Esperemos pelo livro e então discutamo-lo.

Agora seria prematuro adiantar quaesquer duvidas sobre as conclusões do escriptor. Seu tentamen para resituir á uma classe espoliada um logar entre nossas lutas — é digno de apreço.



XVIII

O SR. BARBOSA RODRIGUES E A QUESTÃO DA PEDRA NEPHRITE

I

O immenso barulho feito pelo Sr. Barbosa Rodrigues sobre o *muirakitan* ou *aliby*, e a convicção nutrida pelo celebrado botanista patrio de haver firmado definitivamente, por meio desse artefacto indigena, a descendencia dos aborigenes brasileiros, de um povo asiatico, erão de natureza a despertar a attenção dos amigos dos estudos americanos.

E tal me aconteceu.

Tratei de munir-me dos escriptos ethnographicos do autor do *Sertum Palmarum*, e das publicações do seu inspirador, o conselheiro Henrique Fischer. Se as fantasias ethnologicas do escriptor brasileiro não têm a força de impôr convicções, o mesmo não se póde dizer da apparatusa erudição historica e scientifica do naturalista de Friburgo.

O problema, já de si espinhoso, já de si vago e

excessivamente complexo, como quasi todas as questões ethnographicas, assume um caracter especial: — é um enigma archeologico addicionado a uma intrincada questão de mineralogia.

Fischer parece mover-se ahi a seu gosto e impôr silencio aos profanos. Pelo que toca ao Brazil, Barbosa ahi estaria para atirar os *muirakitans* em cima dos incredulos.

Felizmente o scepticismo é por demais resistente e não se deixa matar com qualquer arma.

A theoria fischeriana achou um destemido e competentissimo adversario na pessoa do Dr. A. B. Meyer, director do *Museu Zoologico-Anthropologico-Etnographico* de Dresde.

Além de publicações detalhadas nas *memorias* daquelle Museu, Meyer fez em Março do anno passado uma conferencia sobre a questão da nephrite.

Esta conferencia corre impressa, e chegou-me ás mãos. Quem a lê fica habilitado a conhecer o estado da questão. *

O mineralogista de Dresde combate as affirmativas de seu collega de Friburgo e as combate desapiedadamente.

O fim que me proponho neste escripto—não é só indicar as conclusões de Meyer, senão tambem provar que o nosso Rodrigues nada adiantou á questão, e nem della teve conhecimento antes de lh'o fornecer Fischer.

Que problema é esse? perguntará o leitor, e é preciso responder-lhe desde logo. Meyer o faz nestes termos:

«Por questão da nephrite deve entender-se o seguinte: —Encontrão-se em muitos logares, sobre quasi toda a superficie da terra, especialmente na America, Europa,

* *Die Nephritfrage—kein ethnologisches Problem.*, von A. B. Meyer. Berlin. 1883.

Asia e Nova-Zelandia, objectos, taes como machados, amuletos, ornatos, e outros semelhantes, já enterrados no sólo, nas cidades lacustres, nas estações funerarias, já ainda em uso entre povos incultos ou civilizados, objectos de uma pedra muito dura, as mais das vezes verde, e cuja origem, em muitas circumstancias, é obscura; porque até o presente só chegou ao nosso conhecimento a existencia de jazidas nativas do material bruto na Asia e na Oceania.

« Para a explicação deste facto formulou-se a hypothese de provirem da Asia conjuntamente os objectos europeus e os americanos, levados uns para a Europa quando para ali deu-se a immigração dos povos, e para a America os outros, quando foi ella povoada pelos asiaticos.

« A hypothese foi principalmente architectada pelo professor Henrique Fischer — de Friburgo — em Baden, sendo aliás partilhada por muitos outros investigadores notaveis. »*

E' isto. Os taes objectos são de *jade* ou *nephrite* — alguns, de *jadeite* — outros.

O encontro delles pela Europa e America era facto desde muito assignalado, e de vulgar noticia. Até ahi Fischer nada tem que vêr; a sua originalidade está em prender a esses objectos um valor ethnographico, suppondo-os originarios da Asia, e levantando-os á categoria de testemunhos irrecusaveis do povoamento do Occidente por povos do Turkestan e de Barma. Verdadeira ou não a theoria, o nosso Rodrigues nada tem com ella:

1º. Porque quando vio os primeiros *muirakitans* suppô-los de *quartzo* e de *feldspatho* e não de *jade nephritica* e *jadeite*;

* *Die Nephritfrage*, pag. 3.

2º. Porque suppôz existentes no Brazil as jazidas nativas do material ;

3º. Porque não lhes descobrio interesse ethnologico ao modo de Fischer ;

4º. Porque só muito mais tarde começou a partilhar as idéas do escriptor allemão !

Estes pontos devem ser esplanados um a um. Para maior clareza, tomemos as quatro theses na ordem em que fôrão enunciadas. A primeira vez que o Sr. Barbosa Rodrigues fallou nos *muirakitans* foi em 1875 no *Relatorio sobre o rio Yamundá*. Neste folheto lê-se á pag. 55 :

« Os *muirakitans* ou pedras das Amazonas, que tenho visto, têm todos elles uma côr amarellada como a do unicornio, esverdeada, verde-escuro, azulada, ou branca leitosa. São opacos e lustrosos. São de um *feldspatho* laminar os verdes, e de *quartzo* os brancos. »

Isto é claro ; mas ainda temos maior clareza no que se vai seguir.

A' pag. 58 lê-se : « Os (*muirakitans*) que actualmente usão estes indios (*Uaupés*) são da *mesma rocha, quartzo*, dos que tambem usavão as Amazonas, que não têm só os de *feldspatho*, ou pedras verdes, pelo contrario, pelos que existem e se encontrão soterrados, os de *quartzo* erão mais vulgares. Tive occasião de compara-los, nenhuma differença apresentão os dos *Uaupés*. »

Passando a identificar a tribo dos *Uaupés* á das antigas Amazonas ou *Icamiabas*, assevera o nosso naturalista : « usavão ellas zarabatanas, elles tambem as usão, e se não fabricão os seus *muirakitans* de *feldspatho*, é por não haver no lugar em que hoje habitão nenhão *quartzo*. »

Se passarmos do *Relatorio sobre o rio Yamundá* para os *Ensaio de Sciencia*, teremos a confirmação das antigas idéas do Sr. Barbosa sobre os *muirakitans*.

Em 1876 escrevia elle no 1º numero dos *Ensaio de Sciencia*, pag. 121 :

« Os (*enfeites*) de que até hoje temos noticias, são os

denominados pelos naturaes *muirakitans*, que os indios Cunurys chamavão *aliby*. Toda a tradição, quer escripta, quer fallada, dá a sua procedencia de uma tribu que desapareceu, que nunca foi vista, a que Francisco Orellana appellidou *Amazonas*.

Tive occasião de me certificar de que erão usados por essa tribu, nas excavações que fiz, quando descobri o logar em que existio a dita tribu. Hoje são rarissimos esses enfeites, e delles deixo aqui de tratar, por tê-lo feito com algum desenvolvimento quando descrevi o rio Yamundá.

Uma tribu ainda hoje usa tambem de enfeites de pedra ao pescoço (*chirimbitás*), é a dos Uaupés, do Rio-Negro, que quanto a nós é a *mesma das Amazonas*, como já tive occasião de fazer vêr quando dellas tratei. Erão estes enfeites de um *feldspatho laminar*, verde, pelo que fôrão conhecidos por *pedras verdes*.

Os indios hoje quando achão alguma soterrada, attribuem-lhe virtudes milagrosas, de maneira que substitue o *amuleto antigo*, com o qual tem muitos pontos de contacto. Os *chirimbitás* dos Uaupés são de *quartzo*, e usados como symbolos de grandeza, que é tanto maior quanto é o enfeite.»

Taes erão as primitivas crenças do Sr. Barbosa Rodrigues sobre os celebrados *muirakitans*. Apezar de La Condamine, José de Moraes e outros fallarem em *jade*, ou pedra *nephritica*, o naturalista não tirou dahi partido algum, e continuou a fallar-nos em *quartzo e feldspatho*.

Tudo isto é authenticico. Ahi andão o *Relatorio do Rio Yamundá* e os dous primeiros numeros dos *Ensaios de Sciencia*. Os velhos chronistas e historiadores americanos fallavão nas celebres *pedras verdes*.

La Condamine, José de Moraes, Heriarte e muitos outros a que se refere o proprio Rodrigues, dizem algo das singulares pedrinhas. Clavigero e Humboldt não as

desconhecêrão. E ha mais uma circumstaucia bem propria para fazer-nos scismar sobre as leituras do naturalista brasileiro, é a seguinte:—o autor do *Cosmos* não falla a esmo em *pedrinhas verdes*, assim como qualquer amator, não; elle as vio e determinou-lhes a natureza. «Já, diz Meyer, Alexandre de Humboldt, que tinha trazido do Mexico um machado de *jadeite* bellamente esculpido e do comprimento de 25^m, observava: Tanto mais rara é esta qualidade de pedra, quanto mais admira a grande porção de *machados de nephrite*, que se encontrão quasi por toda a parte onde se cavar um lugar antigamente habitado, desde o Ohio até as montanhas do Chile.»*

A existencia de objectos de *jade* e *jadeite* no antigo e novo mundo era de vulgar noticia. Sua grande importancia no Oriente, especialmente na China, já desde 1820 Abel Rémusat tinha revelado á Europa.**—Não devemos tambem esquecer que Humboldt viajou na America em principios deste seculo. Estava o autor do promettido *Sertum Palmarum* no *feldspatho* indeterminado e no *quartzo*, quando em 1877 Fischer soube que tambem elle tinha encontrado *pedras verdes* no Amazonas, e no anno seguinte escreveu-lhe, enviando-lhe os seus opusculos.

Desde então mudou a linguagem do Sr. Rodrigues. De então em diante nunca mais deixou de fallar na *sua* immensa descoberta. Em 1880, no terceiro numero dos *Ensaio de Sciencia*, o homem revela-se outro, e estruge por esta fórma á pag. 73: «Não podia deixar de neste ponto tocar, tendo sido eu o que primeiro no Brazil tratou desse ornato (*muirakitan*) e lhe deu a importancia que merecia, importancia que foi justificada pelo sabio conselheiro Fischer, director do Museu Mineralogico de Baden, unico (este unico é impagavel) que na Europa

* Meyer, *ibid.*, pag. 17.

** Meyer, *ibid.* pag. 5.

tem-se occupado com a *jade* e que em carta ao autor não só approva sua opinião, como rende-lhe alguns elogios.

Para mostrar a differença, prosegue Rodrigues, entre o *muirakitan* e o *tembetá*, basta dizer-se que um é sempre (este sempre é agora muito opportuno) de *jade*, *jadeite* e *chloromelanite*, e o outro de *quartzo compacto*, *feldspatho*, de *resina de jutahy*, ou de *páo*.»

Soberbo! .. Dou o que quizerem ao Sr. Barbosa, se no *Relatorio sobre o Rio Yamundá* (1875) e nos dous primeiros numeros dos *Ensaio de sciencia* (1876)— os taes *muirakitans* não erão sempre de *feldspatho* e *quartzo*, e se ali a *jade*, a *jadeite* e a *chloromelanite* entrão para qualquer cousa.

No primeiro desses trabalhos o curioso botanista insurge-se até contra a opinião de La Condamine—de ser o *muirakitan* semelhante á *jade oriental*! « A rigidez do *muirakitan*, que resiste á lima, fez com que apparecessem *opiniões menos exactas*.» (Pag. 54.)

As taes *opiniões menos exactas* são logo em seguida expostas pelo esperançoso naturalista brasileiro: 1^a, a de *Seyfried*, que suppunha o *muirakitan* de uma *terra verde*, molle debaixo d'agua e durissima ao contacto do ar; 2^a, a de *Buffon*, que se approxima da do antecedente escriptor; 3^a, a de *La Condamine*, que o comparava á *jade*; 4^a, finalmente, a do padre *José de Moraes*, que se reduz mais ou menos á de *Seyfried* e de *Buffon*.

Eis os textos. Depois de fallar destes dous ultimos, refutando-os, escreve Barbosa: « *La Condamine* tambem diz que não fazem differença da *jade oriental*. O padre *José de Moraes*, nas suas *Memorias do Maranhão*, fiado na lenda, escreveu tambem (*sic*) o seguinte, tratando do rio *Yamundá*: — Nas cabeceiras deste rio, ha um lago donde se tirão *umas pedras verdes* com muitos e varios feitios, de que se infere com grande evidencia ser algum barro, que dentro d'agua (como coral) se conserva molle, e emquanto assim está, se fórmão d'elle as figuras que

querem, mas, depois de tirado d'agua, se faz tão duro como um diamante, e não cede ao ferro e aço mais forte, que pôde haver. Mostrando-se uma dessas pedras a um lapidario em Lisboa, disse que pelo toque mostravão ser pedras finas.

« E' certo que M. de La Condamine fez um grande apreço dellas e pôde ser que os lapidarios de França lhes descubirão algumas virtudes.

« Termina dizendo, continúa o Sr. Rodrigues, que possuiu uma com fórma de pescoço e cabeça de *cavallo* (!) que foi para o museu do pontifice Benedicto XIV. » *

Eis ahi—só uma vez falla o Sr. Barbosa nas 99 paginas de seu relatorio em *jade*, e isto mesmo quando enumera *as opiniões menos exactas sobre o muirakitan!* Isto entre o *barro molle* de Buffon, e a *cabeça de cavallo* de José de Moraes, *cabeça de cavallo* que arrancou um formidavel ponto de admiração entre parenthesis (!) da parte do Sr. Barbosa. Aquelle signalzinho orthographico tem ali um valor inestimavel.

O nosso botanista sabe que o cavallo não foi conhecido pelos selvagens americanos, e, estando crente na fabricação indigena do *muirakitan*, rio-se da affirmacão do padre e com razão! Temos provada a primeira de nossas theses.

Passemos á segunda.

II

No 3º numero dos *Ensaio de Sciencia* (1880) o autor das *Orchideas*, já de posse da theoria de Fischer, começou, como vimos, a segunda serie de suas opiniões.

* *Rio Yamundá*, pags. 54 e 55.

O *muirakitan* é de *jade*, *jadeite* e *chloromelanite*; ora, estas pedras não existem na America, logo vierão da Asia, e cortada fica por uma vez a questão do povoamento primitivo do Novo Mundo...

Em Dezembro de 1881, no *Cruzeiro*, foi a doutrina de Fischer, perfilhada pelo Sr. Barbosa, tonitruosamente exposta.

Mais tarde tambem o foi na *Gazeta de Noticias*, e, finalmente, em o numero da *Revista Amazonica* de Janeiro deste anno. Nesta ultima publicação o *egotismo* é intoleravel; especialmente o capitulo que se inscreve— *Como conheci e porque liguei importancia ao muirakitan*— é insigne de auto-ilolatria, para não dizer charlatanice scientifica. Ahi chega o Sr. Barbosa, ao que parece no desespero de revelar a sua originalidade, a alterar datas. Tratando dos *amuletos* do velho mundo, e dando noticia de *amuletos* tambem na America, transcreve um trecho do afamado *Relatorio* a que me tenho referido, antecedendo-o das palavras: *em 1872 dizia eu*. — Ora, o relatorio tem a data de Outubro de 1874 e sahio publicado no anno seguinte !

A razão deste estratagema é approximar suas inspirações das de Fischer. Este começou em 1871, e o nosso Rodrigues logo no anno seguinte escrevia as mesmissimas doutrinas!... E por que não? Rodrigues o diz claramente na *Revista*, mas o diabo do *Relatorio*, ah ! quem o pudera queimar !... ahi anda protestando traiçoeiramente. Nossa segunda these é que o escriptor brasileiro suppôz existentes no Brazil as jazidas nativas do material dos *muirakitans*.

A prova é facillima, porque elle proprio no-la forneo. A' pag. 58 do *Relatorio* lê-se: «Fiz esforços, quando subi os rios Trombetas e Yamundá, para encontrar as rochas de que *fazia os enfeites* a tribu deste, mas não me foi possivel. *Naturalmente existem (sic) em algum dos affluentes, que não percorri*. Fui informado de que

no rio Iamari, maior affluente, como vimos, do Yamundá, se encontram *pequenas pedras verdes* semelhantes ás de que são feitos os enfeites. »Nada mais claro. Entretanto, o naturalista patrio exclama na *Revista Amazonica* :

«Do lago Verde recebi uma. Qual não foi a minha estupefacção vendo que a rocha de que era feita (*jade*) não tinha por *patria o solo brasileiro!*»

O nosso *savant* julga-se em terra de cegos nas condições exigidas pelo adagio. Se desde o tempo em que recebeu o *muirakitan* do lago Verde tinha a respeito desse artefacto a mesma opinião de hoje, como se explicão as palavras do *relatorio* que ficarão citadas?

Em todo este ultimo trabalho não se falla em *jade*, nem *jadeite*, nem *chloromelanite*, de que estão agora cheias as paginas da *Revista*. Nem o Sr. Barboza filiou a substancia de que é fabricado o enfeite amazonico ao Oriente.

Esse paralelo foi apenas feito quanto ao uso de *amuletos*, commum ao Oriente e á America; e o autor do encantado *Sertum Palmarum* poderia dizer commum á Africa, á Oceania, á Europa, a todo o mundo emfim...

E' um paralelo trivial e futil, referente a certas praticas supersticiosas, cem vezes feito pelos anthropologistas.* O essencial é que até 1878, data da primeira carta de Fischer, o Sr. Barbosa ignorava radicalmente a natureza intrinseca das deliciosas *pedrinhas verdes*.

Isto é o principal, e isto está provado.

A terceira e a quarta affirmações, a saber, não ligar o Sr. Barbosa interesse ethnographico á maneira de Fischer ao *muirakitan* e só mais tarde ter aceitado as idéas do allemão, decorrem de quanto havemos dito. Quem se

* Taes cotejos são uma vulgaridade scientifica. Se o Sr. Barbosa Rodrigues quer ficar verdadeiramente maravilhado, neste sentido, veja a *Conquista do Mexico* por Prescott, 1º appendice, no fim do 3º volume. Ahí achará um resumo das similitudes notadas entre a civilização do antigo e do novo mundo.

quizer ainda mais convencer compare o seu artigo da *Revista* e as suas paginas do *Relatorio*. No artigo apparecem grandes descripções da *nephrite*, sua importancia na China, sob a denominação de pedra *Yu*, o modo de colher esta pedra, sua existencia exclusiva no Turkestan; iguaes informações sobre a *jadeite*, sua existencia unica em *Yunnan*; tudo como vem nos escriptos de Fischer e no folheto de Meyer.

São cousas estas de que o *Relatorio* jámais cogitou.

Seria necessario transportar para estas paginas os dous escriptos de Rodrigues, se os quizessemos cotejar. Limitamo-nos a um trecho para indicar o espalhafato praticado á custa de Fischer. O Sr. Barbosa ostenta uma erudição pasmosa sobre as cousas da China.

« Hoje, escreve o patrio *savant*, a *pescaria* das jades, tal é o nome que se dá na China, quando dellas precisa o imperador, o que mostra tambem o seu apreço e o seu valor, é assim feita: vinte ou mais soldados guardados á vista por officiaes, poem-se em linha e mergulhão todos a um tempo; aquelle que primeiro acha alguma, sahe, e ao toque de um tambor, em uma folha de papel faz-se um signal vermelho.

« Acabada a pescaria, um inspector separa e marca as melhores, que nunca attingem mais de 40 centimetros de comprimento. Escoltadas, seguem depois para Pekim as jades.»*

E' o que exactamente lê-se em Fischer e Meyer. Traduzamos este ultimo:

« Já Rémusat descrevia a busca da *nephrite*. A *pescaria* era feita na presença de soldados, de officiaes e de um destacamento. Vinte ou trinta mergulhadores, postos em linha, atiravão-se ao mesmo tempo n'agua, e quando achavão algum pedaço de *nephrite*, que erão mui dextros em conhecer, logo sahião fóra, atiravão-no á margem.

* *Revista Amazonica*, n. cit., pag. 44.

« Tocava-se um tambor e dava-se um risco vermelho em uma folha de papel. Finalmente um inspector marcava os pedaços que chegavão ao tamanho de 40 centímetros. A cidade de Yarkand enviava annualmente de 4 a 6 mil kilogrammos de nephrite para Khotan a serem exportados para a cõrte de Pekim. »*

E assim por diante o ethnologista nacional aproveitou muito e muito de seu amigo de Friburgo. E, todavia, é bem preciso comprehender as cousas.

O Sr. Barbosa foi em 1872 ao Amazonas; encontrou ali as *pedras verdes*, decantadas por chronistas e viajantes; sabia o que A. Wallace tinha dito dellas, e consignou-as no relatorio, enviado ao governo imperial annos mais tarde sobre o rio Yamundá.

Tudo isto é verdade e em tudo vai algum merito. Dahi, porém, a ter formulado a theoria ethnographica de Fischer vai uma distancia que uma selva inteira de palmeiras não chega para encher.

O Sr. Barbosa Rodrigues não é um homem sem merecimento. Não é, porém, um espirito superior. De seus estudos de botanica é-me impossivel fallar; falta-me a competencia. Em ethnographia, quando se reduz a dizer o que vio, a relatar o que observou, a descrever em summa, comquanto copie muito dos chronistas e viajantes que o antecederão, não deixa de ter prestimo. Quando entra a philosophar, a tentar theorias, a procurar filiações, Barbosa é simplesmente detestavel.

Por semelhantes desmantelos é que a ethnologia arrancou a Haeckel duras palavras: — « Não existe hoje, diz o professor de Iena, um districto da sciencia em que mais extravagantes hypotheses levantem a cabeça tão facilmente, como a anthropologia e a ethnologia. »

* Meyer—*Die Nephritfrage*, pags. 5 e 6.

A theoria nephritica de Fischer parece estar em tal caso.

O professor de Friburgo declara que em jazida geologica existe a *nephrite* sómente no Turkestan, e a *jadeite* sómente no districto de Yunnan,—ao norte da da cidade de Bhama. O Sr. Barbosa repete-o. O professor de Dresde contesta.

Affirma a existencia de jazidas nativas de *nephrite* no Turkestan, na Siberia e em Nova Zelandia, e de *jadeite* em Barma (grande região ao noroeste da Indo-China), no Monte Viso na Europa e em Nova Guiné na Oceania. Qual dos dous allemães tem razão? O que diz o Sr. Barbosa? Terá elle competencia para decidir no pleito? Tem tanta como qualquer de nós, que nem sabemos mineralogia, nem viajámos por aquellas afastadas regiões. Já vê o sabio brasileiro que estes assumptos não são tão simples, como ingenuamente suppõe.

E' necessario um preparo scientifico altamente custoso, preparo que o nosso viajante não possui. Não basta ter ido ao Amazonas, ter visto alguns tapuias e algumas pedrinhas verdes, para acordar um dia ethnologo profundo e inventor de theorias irrefutaveis.

Contente-se o nosso viajante com as exterioridades; não saia do descriptivo. E' o seu dominio.

Pelo que diz respeito á America, Meyer argumenta valorosamente.

Pedeu-se certamente o conhecimento das jazidas originarias do mineral; ellas, porém, devem existir no continente, ao menos no Mexico e na região amazonica.

Pelo que se refere especialmente ao antigo imperio dos Aztecas, o professor de Dresde nota que os objectos ali encontrados têm todos em sua esculptura um character puramente local e indigena, uma prova de serem preparados no paiz. Nota mais a circumstancia de ser o tributo de muitas provincias do imperio obrigatoriamente pago em jadeite. Ora, é inverosimil que servisse de moeda

uma substancia que se não encontrasse no proprio imperio.

Demais, observa ainda o sabio autor, ha improbabilidade manifesta de, no caso de importação da Siberia, China, Japão ou Indo-China, sómente chegar ao Mexico a *jadeite* e jámais a *nephrite*. São tres considerações de peso.

Como vê o meu leitor abre-se-nos diante um illimitado horizonte de hypotheses, e, em todo caso, é melhor lê-las nas paginas de um homem competente, como Meyer, do que atormentar-se a gente com as impertinentes compilações do Sr. Barbosa Rodrigues.

Recommendo o opusculo do professor de Dresde.

Rio, Outubro de 1884.

XIX

A HISTORIA DA LITTERATURA BRAZILEIRA E O DR. ARARIPE JUNIOR

Eu devia deixar o livro que ultimamente publiquei sobre a historia litteraria do Brazil seguir o seu curso natural, ser analysado aqui, nas provincias, e por ventura, no estrangeiro para depois sabir ao encontro dos criticos, o que por certo farei em occasião opportuna. O Sr. Dr. Araripe Junior, porém, pelo prestigio de seu nome, por sua posição na imprensa, merece-me uma resposta antecipada.

O Dr. Araripe não é um nome desconhecido no paiz; romancista, preso ainda hontem, como elle mesmo ha por vezes confessado, ao alencarismo e a Chateaubriand, passou-se recentemente com toda a sua bagagem para o campo da critica, e, já por seu estudo sobre o autor do *Guarany*, já por seus folhetins da *Gazeta da Tarde*, tem adquirido uma certa notoriedade na arte de Sainte-Beuve. Dextro e habil, dispondo de um estylo maneiroso, elle vai dando suas alfinetadas á direita e á esquerda. Louvo-o

por isso. Tem ainda no manejo da critica uma certa artificialidade, um certo diplomatismo do novellista; mas não é menos verdade que elle analysa, e não é menos verdade que tem prazer em pôr-se em desaccôrdo com os officiaes do mesmo officio. E' natural.

Já uma vez no livro sobre seu parente Alencar, referindo-se ao incontestavel predominio dos mestiços de negro e branco entre nós, doutrina evidentissima, por mim sustentada, veio — elle com umas reduções não de todo firmadas nos factos. Devo cita-lo para ser claro: « Com igual precipitação em um recente trabalho, aliás notabilissimo, sobre a *Poesia Popular no Brazil*, foi elle levado a dar ao elemento africano maior preponderancia no nosso desenvolvimento *estethico*. Digo precipitação, porque o critico não teve tempo de lembrar-se que, para decidir esta questão, seria necessario dividir primeiro o Brazil em zonas. No Pará, Amazonas, Ceará e Rio-Grande do Norte, por exemplo, o elemento negro é quasi nullo; tudo cabe ao indigena; as influencias daquella raça apenas chegam ali por contra-golpe. No Rio de Janeiro, Bahia e Minas, é onde pôde ter logar a applicação do negrismo em toda a sua plenitude. » Não é de hoje que me applico ao estudo destas questões e as tenho revolvido em todos os sentidos.

Não se trata de *applicação do negrismo*; trata-se de determinar a formação dos brazileiros como um povo á parte, distincto do portuguez, e, para isso, buscão-se os factores da operação. O portuguez entrou em uma evolução de differenciação de seu typo originario pela acção do meio physico, do negro, do indio, e das correntes estrangeiras. E' o phenomeno complexo que se quer determinar e não sómente a *esthetica* do brazileiro, ou a applicação de *negrismo*. Pondo em balanço a influencia do negro e a do indio, sou levado pelos factos a dar a preponderancia áquelle contra este. No Brazil só as extremas terras das fronteiras é que abrem uma excepção. São as

provincias pouco povoadas do alto do norte e de oeste, onde o indio campêa ainda inutil e donde será expellido logo que o branco e o negro ali penetrarem amplamente. E' o caso de Anazonas, Matto-Grosso, Paraná, e até certo ponto Goyaz e Pará. Do Rio-Grande do Sul o indio quasi tem desaparecido,—mas ali o branco predomina.

A mestiçagem com o negro é escassa e com o indio ainda menos. Esta provincia será sempre uma excepção ethnologica em nosso paiz. Todo o resto do Brazil entra na formula que tracei: Maranhão, Rio-Grande do Norte, Parahyba, Pernambuco, Alagôas, Sergipe, Bahia, Espirito-Santo, Rio de Janeiro, S. Paulo, Minas Geraes, Santa Catharina, e o proprio Ceará e Piauhy. Ainda mais: a influencia ethnographica da mestiçagem do negro com o branco tende a ganhar terreno nas provincias em que o caboclo ainda vive mais ou menos desassombrado. A colonisação do Brazil vai de léste para o poente e a vez de renderem-se os ultimos reductos do caboclo ha de chegar. Não houve precipitação de minha parte; houve apenas a consignação de factos positivos. Onde é, entre nós, maior a população, maior é tambem a *mestiçagem* de origem africana.

As observações do Dr. Araripe, resto ainda do romantismo indigena, peccão por falta de apoio. Sei de provincias, Sergipe, por exemplo, onde não ha mais meia duzia de caboclos, não sei de uma só onde não existão muitas centenas de *negros* e *mulatos*. A contestação do critico, que acabo de reproduzir, referia-se a meu escripto — *A Poesia Popular no Brazil*. Ultimamente elle tomou do livro sobre nossa historia litteraria e fez-lhe tres objecções especiaes e que me parecêrão tambem destituidas de fundamento. São tres factos previnidos e discutidos no livro.

A primeira refere-se a não terem sido contemplados na analyse litteraria os *chronistas* dos tempos coloniaes. Aqui anda um pouco de confusão. Os *chronistas nacionaes*,

como Fr. Vicente do Salvador e outros, fôrão contemplados, e se-lo-hão ainda em suas respectivas épocas no segundo volume da obra.

Os *chronistas estrangeiros* fôrão utilizados como fonte de informações. E' o caso de Cardim e de Ivo de Evreux, citados amplamente no livro. Como autores a contemplar no quadro litterario, permanece firme em exclui-los. São repositorios de noticias e nada mais. Entrão em uma historia litteraria no mesmo sentido em que ali póde entrar um *craneo* selvagem, um *silex* pre-historico. E' uma censura respondida nos *preliminares da introdução* á pag. 9.

A outra objecção é assim concebida :

« Do livro não resalta um factó, que reputo verdadeiro e constitue uma impressão infallivel a todo aquelle que lêr seguidamente a nossa historia colonial. Do mesmo modo que a exploração do paiz foi feita por entradas de aventureiros *sem systema e sem ligações tradicionaes* entre si, o espirito brasileiro tambem se formou por entradas litterarias sem concatenação apreciavel.

Em um territorio vasto, onde as communicações tornavão-se impossiveis, é facil de comprehender que a colonia portugueza não se collocára na situação de um organismo completo. Os grupos constituídos então em Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e S. Vicente, podião bem comparar-se a galhos de um tronco existente fóra do paiz. Dispostos em épocas differentes e por portuguezes oriundos tambem de provincias differentes, esses grupos tradicionavão de modos variados. »

Isto está previsto por mim á pag. 31, quando digo : « Concebe-se facilmente que os portuguezes não vierão para o Brazil no primeiro seculo em vastas levas para um territorio exiguo ; passarão-se em pequenas porções a estabelecer-se isoladamente em um territorio vastissimo. Formarão-se por isso nucleos isolados, quasi incommunicaveis, á vista das difficuldades de relações existentes

então no paiz. São Vicente, Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco e Maranhão fôrão os principaes centros de população portugueza no Brazil, durante mais de duzentos annos. Dahi um certo character contradictorio entre esses nucleos, *que não vierão a formar outras tantas populações distinctas em vida e tradições, porque os colonisadores, oriundos de um paiz exiguo e centralizado, pensavão pelo mesmo molde, e, por um phenomeno singular, as tribus selvagens brazileiras pertencião a uma só raça e tinhão a mesma intuição das cousas.*»

Eis o phenomeno consignado, e que não tem a importancia que lhe attribue o Dr. Araripe. A colonisação do Brazil não é um facto unico em todo o mundo; na antiguidade, média-idade e tempos modernos derão-se cem outros analogos. Quasi sempre as colonisações iniciarão-se por pequenas partidas, formando nucleos, que depois irradiarão-se.

Não foi só no Brazil que a colonisação seguiu esta marcha; em todos os paizes americanos e mesmo em todos os paizes europeus, as cousas se passarão semelhantemente, com uma ou outra excepção.

Aos cinco primitivos nucleos, que citei, de população européa, entre nós vierão logo no primeiro e no segundo seculos da conquista juntar-se Ilhéos, Porto-Seguro, Sergipe, Parahyba, Ceará, Minas, Pará, Espirito-Santo, etc., etc. Aos colonos juntarão-se os seus escravos africanos e indigenas christianizados; e pôde manter-se, apesar das difficuldades, a unidade espiritual. Esta segunda objecção não pôde ser bem respondida sem o exame da terceira, que se lhe prende.

Não encontrando o nexos de nossa litteratura nas forças e tradições ethnicas e moraes, o Dr. Araripe pergunta: «O nexos, portanto, da nossa litteratura deverá estar em outro factor; qual?» E elle mesmo responde: «A questão da historia da litteratura nacional, mais do que outra, entendendo só pôde ser resolvida pela concentração

de nossas vistas sobre o *meio physico*. E' o unico factor estavel de nossa historia, o unico que se consegue acompanhar, sem soluções de continuidade.»

Sinto estar em desaccordo com o illustre critico. O *meio physico*, que tambem é contemplado no meu livro em capitulo especial, é para mim um agente de differenciação, e, por isso mesmo, não é o elemento estavel e resistente. A unidade nacional é garantida, a meu vêr, pelos agentes moraes e pela energia ethnica. Fôrão as qualidades moraes e intellectuaes do colonizador, sua cultura, suas letras, religião, legislação, costumes, industria, etc., que mantiverão o desenvolvimento unitario do Brazil. Nosso problema historico se me afigura ser este: indicar a formação do povo brasileiro, como um producto sociologico especial, distincto do portuguez.

Para isto deve-se considerar, com os factos, o colonizador europeu como o elemento principal de nossa formação, e em seguida mostrar os elementos que se lhe juntarão, que o alterarão até certo ponto, produzindo o brasileiro. E' claro que se o portuguez não soffresse aqui influencia nenhuma extranha, o Brazil seria a reproducção exactissima de Portugal. O brasileiro mostra-se porém differenciado do portuguez. Qual a razão? Por effeitos do *meio physico* principalmente, diz o Dr. Araripe. Por effeito das *raças com que elle tem cruzado*, digo eu, e parece-me que mais acertadamente.

O meio exerceu e vai exercendo, não resta duvida, entre nós, grande acção; mas, sendo elle um agente primordial para a formação primitiva das raças e para a explicação das civilizações autochtones, nas civilizações transplantadas, sobre povos que emigrarão já de posse de suas qualidades historicas, o meio physico, sendo um factor ainda muito importante, não é, comtudo, o principal.

Temos disto provas por toda a parte.

O que é que mantem a diversidade entre os povos que na Europa occupão a mesma zona e o mesmo clima ha muitos seculos? Será o meio identico entre muitos delles? Evidentemente são as suas qualidades ethnicas e suas tradições historicas. O que é que estabelece a distancia na America entre as nações que experimentão quasi o mesmo clima? São ainda as diversidades de raça e de tendencias moraes e intellectuaes.

Os *meios* erão tudo para a humanidade primitiva e pre-historica. Uma vez estabelecidas as raças historicas, uma vez entrados, como estamos, nos tempos actuaes, os povos não são mais o joguete dos climas. Ha uma muralha que representa muitos millenios de luta em que a humanidade adquirio todas as qualidades, que hoje a distinguem. Os climas passárão para o segundo plano e os agentes ethnicos physiologicos e moraes tomarão-lhe a dianteira. Em nossa historia o factor permanente, nos quatro seculos que já percorremos, tem sido o *portuguez*. Em sua passagem para o *brazileiro*, é ainda um elemento ethnologico—é á *mestiçagem* que vamos pedir a explicação do phenomeno. O clima fica em segundo plano.

São as observações que tinha a fazer, *sine ira et studio* ao digno Sr. Araripe Junior, reconhecendo que será vantajoso para as nossas letras que elle escreva a nossa historia intellectual sob o seu ponto de vista; porquanto desta diversidade de intreprtações e commentarios é que ha de sahir a futura concepção da individualidade nacional em litteratura.

Côrte, 26 de Julho de 1882.

XX

AINDA A HISTORIA DA LITTERATURA BRAZILEIRA E O DR. ARARIPE JUNIOR.

I

O meu contradictor escreveu cinco artigos em replica á resposta que lhe eu havia dado relativa ás suas objecções sobre nossa historia litteraria. O debate parece não se haver engrandecido. O digno escriptor repisou os mesmimos pontos, e, por desdita minha, não me levou a convicção ao espirito. Por amor á clareza e á logica devo acompanhá-lo, artigo por artigo, a começar do segundo. O primeiro versa sobre assumptos estranhos ao pleito, ou que, pelo menos, não lhe são essenciaes; e por isso, peço-lhe permissão para refutá-lo no fim.

A primeira contestação do Dr. Araripe versa sobre a maior ou menor influencia da mestiçagem luso-africana em nosso paiz. Minha affirmação fôra esta: no Brazil a maior parte da população é de *mestiços*; entre estes, no corpo colonizado de nosso solo, predomina a *mestiçagem*

africo-lusitana, e é uma excepção apenas a região das fronteiras do alto norte e do extremo occidente, onde o *caboclo puro* é ainda, mais ou menos, abundante, e donde será expellido quando o branco e o negro ali penetrarem amplamente.

O phomeno que hoje se passa a nossos olhos, depois de quatrocentos annos da descoberta, é eloquentissimo.

O indio desapareceu de toda a região verdadeiramente povoada do Brazil ante a concurrencia do branco e do negro. Morreu, sumio-se, em parte obliterou-se nos cruzamentos.

De muitas provincias desapareceu totalmente, ou quasi.

Em Sergipe, Alagôas, Bahia, Rio de Janeiro, Pernambuco e Rio-Grande do Sul, sua retirada é completa. Em todo o Brazil, excepto na região das fronteiras indicadas, predominão o branco e o mestiço de africano. O facto é geral. Do Rio-Grande do Sul, o caboclo tem desaparecido quasi totalmente, segundo no-lo informa Carlos de Koseritz no seu excellente escripto que traz o titulo de *Subsidios Ethnographicos*. Naquella provincia, porém, houve e ha muitos milhares de escravos negros, e, logo abaixo dos brancos, avulta a mestiçagem africana.

A consequencia, portanto, é que a minha fórmula é applicavel a todo o Imperio, menos ás fronteiras do norte e do oeste, que, mais tempo menos tempo, acabarão por entrar na regra geral. O Dr. Araripe objecta com o Rio-Grande do Norte e o Ceará.

Não conheço praticamente estas provincias; mas appello da autoridade do meu censor para duas autoridades que lhe devem ser insuspeitas: o Dr. Amaro Bezerra e o desmbargador Araripe.

O primeiro, a quem propuz a questão, affiançou-me que ha corrido toda a provincia do Rio-Grande do Norte, e que ali, incontestavelmente, predomina a mestiçagem africana. O outro, pai do Dr. Araripe Junior, em sua *Historia*

do Ceará, escripta ha vinte annos, assim se expressa: «O que em toda a America succede, acontece tambem no Ceará. A população indigena é hoje insignificantissima na provincia, e tem quasi desaparecido» (pag. 19). Ha na obra do conselheiro Tristão de Araripe muitas passagens como esta. Tratando dos cruzamentos selvagens, mostra que fôrão pouco abundantes com o branco e mais constantes com os proprios *negros* para os quaes os indios tinham predilecção. Eis o trecho: «Nunca puderão os directores conseguir a realisação de casamentos entre a raça branca e a indigena; mui raro foi o consorcio que entre ambas se deu e se dá hoje; todavia, entre os indios e as castas *mestiças*, fôrão e são frequentes as uniões conjugaes, pela decidida inclinação que têm os indios aos *mulatos, pardos e negros* » (pag. 31). Deduzo destas citações que o indio puro tem desaparecido da provincia e que na mestiçagem em que delio-se, foi com o concurso do negro, e, portanto este leva-lhe vantagem, porque ainda ali existe puro aos milhares, ou desfigurado nos cruzamentos com o branco e com o proprio caboclo.

As provincias do Rio-Grande do Norte e Ceará não podem ficar fóra da fórmula que tracei, e ser-me-hia facil demonstrar o mesmo para todo o resto do Brazil colonizado. O Dr. Araripe Junior appelle para a *Exposição Anthropologica Brasileira*.

Ora bem; a *Exposição* é incompleta e inexacta, no titulo; será quando muito uma *Exposição Anthropologica Indiana*. . .

Uma exposição anthropologica *brazileira* deveria ter, pelo menos, quatro secções: a secção portugueza, a africana, a tupy e a resultante de todas—a *mestiça*. Na primeira deveria estar exhibido o homem da peninsula iberica em todas as suas manifestações historicas e pre-historicas; na segunda o homem africano e suas industrias; na terceira o homem americano e na ultima o brasileiro actual. Nada disto vê-se ali, onde apenas achão-se

agglomerados alguns objectos referentes ao *homo americanus*. A sciencia do Brazil é mesmo de *exterioridades*, um traste para *ser visto* e não passa dahi. Depois do grande festim o que nos resta? Um *guia*, um *pequeno catalogo* e meia duzia de *artiguinhos* de jornal, mais ou menos extravagantes.

Não é isto uma censura ao digno cavalheiro que dirige o Museu Nacional. E' sómente a consignação das condições mentaes de nosso paiz, phenomeno complexo de que elle não tem a culpa, nem eu tão pouco.

Vamos pela corrente geral.

Aquelle fragmento de exposição tem seu valor relativo; mas não prova o que o Dr. Araripe pretende. Muito pelo contrario, prova o que affirmo. Lá estive no dia da abertura, e vi o seguinte: dentro do edificio e nas ruas adjacentes, agitavão-se os visitantes, isto é, os brancos, os negros e os mestiços destes em todas as suas gradações. . . E os *reis da terra*, os caboclos, onde se achavão? Não os vi senão representados em telas ou em barro. . . Para cumulo de irrisão fôrão mandados vir do Rio-Doce meia duzia de indios aldeados, meia duzia de antigos *monarcas das selvas* e que se deixárão ficar lá para o *Corpo de Bombeiros*, como um objecto de curiosidade, á guiza de animaes raros expostos ás vistas de um publico enfatiado. . . E é este o predominio do caboclo? Não pôde haver maior cegueira.

O tupi brasileiro está condemnado á sorte dos povos da *Polynesia*. Ali não só o homem desapareceu ante o concurso europeu, como ainda desaparecêrão algumas especies animaes e até vegetaes com a introdução das especies estrangeiras. E' facto provado por centenas de viajantes e que M. Quatrefages pôz a limpo na *Revista Scientifica de Pariz*, de 9 de Junho de 1877.

O indio não é ainda plenamente entre nós um objecto de sciencia; é antes, e acima de tudo, um assumpto de poesia. Excepção feita dos trabalhos linguisticos de

Baptista Caetano, alguns pequenos estudos de Couto de Magalhães e Carlos Harn sob o ponto de vista ethnographico, tudo o mais que no Brazil tem-se escripto á conta do selvagem, é sem merito absolutamente. E se a questão é de amor para com as raças que constituirão o nosso povo, por que motivo não emancipamos o negro, como emancipámos o indio? Por que motivo em nosso *Museu* não ha uma secção africana? Por que não se estudão as linguas dos negros, sua poesia, seus contos anonymos, seus usos e costumes, suas danças, festas, suas idéas religiosas, etc. ?

E' que para esta enormissima injustiça contribue com toda a sua força a massa immensa do prejuizo nacional... Ninguem tem a coragem de estudar o negro para não passar por *eivado de casta*... Esta é a questão, e, muitas vezes, o maior defensor do indio contra o negro é o pardo evidente e carregado!

E' ainda um residuo de romantismo. O Dr. Araripe, folgo em reconhece-lo, não participa grandemente da mania indiana. Hoje defende o caboclisto mais por uma tradição da escola a que pertencêra em sua puericia litteraria, do que por uma preocupação systematica. A verdade é, em geral, que desejamos fazer do estudo do selvagem a nossa especialidade. O intento pôde ser em certo sentido louvavel, mas tem sido improficuo. Não possuímos ainda a calma necessaria, nem os methodos precisos para abordar o estudo das raças selvagens objectivamente, como um problema puramente anthropologico ou historico.—Sonhamos sempre e sempre um Brazil tapuio.

Se na propria Europa e nos Estados-Unidos os grandes estudos *americanistas* são ainda muito incertos; se os immensos trabalhos sobre as civilisações do Mexico, Guatemala e Perú—são na maxima parte fluctuantes, como se depreheende de todos os congressos europeos, o que não se dará com o Brazil, sem especialistas, sem escolas adequadas?

Dá-se o que temos visto: hypotheses fantasmagóricas e absurdas, phrases, phrases e mais phrases. . .

Ainda agora a *Exposição* o demonstra. O especimen pre-historico, velho, de muitos millenios, pertencente, por certo, a uma raça differente do indio do tempo da descoberta, acha-se mesclado aos especimens dos tempos coloniaes e até aos pertencentes ás populações mestiçadas da actualidade ! Apesar da bôa vontade do pessoal do *Muzeu*, duvido muito que dali surja uma destas obras imponentes e decisivas que possa elucidar de uma vez os problemas e as trevas que cercão as nossas raças selvagens. Não critico ; assignalo apenas uma impossibilidade, que o proprio Dr. Ladisláo Netto é o primeiro a conhecer.

Como quer que seja, porém, e a despeito das difficuldades, os estudos americanos, apesar de imperfeitissimos, achão-se iniciados entre nós, protegidos pelo romantismo e em grande parte pela fatuidade nacional, que ainda adormece no ledó sonho de julgar-se *indigena*. . .

E' a velha mania da *nobreza tupynambá* de que muitos brasileiros são em extremo affectados.

No tempo da independencia a molestia chegou a seu auge, e vimos até *mulatos*, como o finado Francisco Gomes Brandão, tomarem nomes indigenas. Elle chamou-se Acayaba de Montezuma.

Um disparate, como outro qualquer.

Louvo os estudos americanos ; mas como *estudos*, não como pasto a velleidades ethnicas.

Devemos tambem iniciar os estudos *africanos*. O negro, espalhado pela Africa e America, é uma raça que offerece interessantes problemas.

Muitos sabios europeus, seguindo o exemplo do illustre Bleek, atirão-se a estas pesquisas. Façamos o mesmo. O negro e seu parente mestiço tocão o nosso povo bem de perto. Não sejamos presumpçozos, nem tenhamos medo de dizer a verdade.

O predomínio apparente do indianismo na civilização brasileira, é um velho prejuizo, difficil de extirpar. Causas numerosas e especiaes contribuirão para arraiga-lo, e hoje ainda elle está de pé. Estriba-se falsamente em razões litterarias, historicas, geographicas e sociaes. Na litteratura appareceu como um protesto contra os invasores; vio-se no indio a incarnação do genio do Brazil e o nativismo traduzio-se no *caboclistmo*. Na historia appella-se para o numero avultado das tribus primitivas, e recorre-se á grande porção de aldeamentos dos selvagens catechizados na zona colonizada. E' embalde que se demonstra serem as enumerações dos velhos chronistas inexactas, tomando elles simples denominações de familias e de variedades de um só grupo — por outras tantas tribus e nações diversas. E' embalde que se mostra a decadencia progressiva dos aldeamentos e sua extincção quasi completa neste seculo.

Sempre o prejuizo vai fazendo seu caminho. Na geographia appella-se para os nomes tupys que abundão em nossa carta, sem reparar que esse phenomeno natural nada prova, além do respeito á tradição. Na esphera social o indio tem mais sympathias, não é mais escravidado; por ser menos escuro do que o negro, é mais querido.

O caboclo é mais idealizado, mais estudado, mais conhecido.

Sonhamos um Brazil tapuio, disse eu, e não reparamos que desejamos o mal. Todas as nações americanas, em que o elemento europeu não predomina, como o Mexico, Perú, Equador e Bolivia, são as menos progressivas do novo continente. Não podem competir com os Estados-Unidos, o Chile, a Republica Argentina e o Brazil.

Devemos desejar que em nosso paiz a immensa mestiçagem da população seja reforçada pelo elemento branco. Logo abaixo deste é de justiça e verdade

conferir ao negro o primeiro papel e deixar o *botocudo* de parte, como ser fraco, desequilibrado e prestes a extinguir-se. E' a luta pela existencia; o mais debil deve ser devorado.

II

Passo aos outros pontos da divergencia.

O meu contradictor fez uma pilheria sobre as palavras *factores historicos*.

A historia, escreveu elle, não se arranja como as doceiras arrumão os seus confeitos... De accôrdo. A historia deve ter as suas leis que são procuradas. Não é ainda tratada pelo mesmo methodo da mathematica e da astronomia. Já sahio, porém, do velho quadro da simples narrativa pittoresca e visa ás leis geraes que a devem dirigir.

A expressão *factores historicos* é ainda em grande parte uma expressão metaphorica. E' mais ou menos synonyma de *agentes, factos impulsivos e determinantes*, etc.

Apezar disto, é linguagem consagrada, de emprego licito e de que o proprio Dr. Araripe ha usado mais de uma vez. Não lhe vejo razão para exconjura-la hoje. A troça não attinge o alvo por falta de base segura.

Outra insistencia do digno refutador é sobre os *chronistas* que não fôrão devidamente aquinhoados.

Já lhe respondi que os *nacionaes*, como Vicente do Salvador, Jaboatão e outros, fôrão e serão ainda contemplados. Quanto aos *estrangeiros*, tambem o fôrão e serão, como fontes de informações. E' o caso de Ivo de Evreux, Cardim e alguns mais.

Não havendo proposito de excluir os *nacionaes* ou aquelles que se *nacionalizárão*, inclui, por exemplo, o padre Anchieta. O critico agora declara que os chronistas não se nos deparão só como informadores; elles são tambem uma fonte de poesia. Não o contesto. Mas a questão não é esta; o pleito é outro. Trata-se de saber se na historia litteraria de um povo, devem entrar como parte integrante desse povo, todos aquelles que delle se occupárão.

Esta questão não é nova e já se acha resolvida. Tacito, Julio Cesar e Strabão escreverão sobre os povos barbaros da Europa paginas que não contão suas iguaes entre os chronistas coloniaes.

Ninguem, entretanto, se lembrou ainda de filiar aquelles grandes escriptores á litteratura allemã, franceza, ingleza, etc. A sensação profundamente poetica produzida pelo nosso solo e nossos selvagens no espirito dos chronistas, não é um facto isolado na historia. Antes e depois delles, em todas as partes do mundo, o phenomeno se repetio.

Ninguem se lembrou ainda de encorporar Camões á litteratura do Indostão só porque o grande épico saboreou ali o soberbo prazer que deve sentir o homem culto diante de uma natureza selvagem.

Ninguem se lembrará de juntar Humboldt ás litteraturas do Mexico ou Nova-Granada, Dranmor ou George Gardner á litteratura brazileira. O historiador e o poeta podem beber a largos tragos as grandes bellezas que se lhes antolhão nas paginas dos chronistas; podem retemperar ahi seu sentimento vacillante; mas, nem o poeta, nem o historiador têm o direito de nacionalizar ninguem.

Não posso contemplar como brazileiros, homens que o não são, que nunca o fôrão absolutamente. Abri excepção para Anchieta e Gonzaga, porque estes viverão de nossa vida, e fôrão fomentadores de nosso progressõ intellectual. Os mais não.

Ha, além de tudo, uma razão capital e peremptoria, que me assegura na exclusão da turba multa dos chronistas. E' esta: semelhante gente não foi lida entre nós nos dous primeiros seculos; não contribuiu para a formação esthetica do povo.

Se ainda hoje rarissimos são aquelles que os lêm, em maior abandono estiverão nos tempos coloniaes.

Só um ou outro erudito os poderia conhecer. Todos sabemos, além de tudo, que a mór parte delles só recentemente é que foi vulgarizada pela imprensa.

E' a hypothese de Cardim, de Ivo de Evreux, de Vaz de Caminha e do proprio Gabriel Soares.—Os colonos não lêrão as obras destes homens e ainda menos as de Hans Staden, Lery, Gandavo, etc. Para que, pois, insistir caprichosamente neste ponto? Póde-se afirmar com toda a segurança que a escola mineira ignorava completamente a existencia de taes escriptores.

Nós, os modernos, é que lhes encarecemos o merito; os colonos nem derão por elles.

Não fôrão filhos do paiz, não fôrão os instructores de nosso pensamento e devem por isso ser excluidos. E' o que praticou Taine com os chronistas e historiadores que descrevêrão os saxonios e os normandos. Na pintura destes povos barbaros, elle vai ás fontes; e nada mais. Não incluiu Tacito, por exemplo, entre os inglezes. Esta questão me parece liquidada.

Acompanhemos os outros reparos do Dr. Araripe.

Voltou a defender a sua idéa da disparidade dos elementos de nossa população e tradições. Os portuguezes, diz elle, sahião de provincias differentes para meios tambem diversos. Dahi a disparidade.

Em toda nossa discussão tem havido um verdadeiro *mal-entendu*; é simplesmente uma questão de exagero. Os quatro pontos em duvida, influencia dos indios, apreciação dos chronistas, divergencia dos nucleos primitivos

e energia do clima, tudo isto está consignado no meu livro recente, e em todos os seus irmãos anteriores.

O Dr. Araripe não pôde pretender que em meus escriptos não haja cogitado destes problemas. Apenas elle insiste mais em alguns elementos a que não ligo um alcance tão decisivo.

A differenciação dos primitivos nucleos de nossa população, que elle hoje compara a *galhos de um tronco situado fóra do paiz*, já em 1871, eu a tinha notado, e comparára os referidos nucleos a *fragmentos do velho edificio da metropole atirados ao Novo Mundo e onde tinham perdido a lembrança do primitivo logar em que servião*. A phrase poderá não ser tão poetica; exprime, porém, o mesmo factó e a mesma observação.

No ultimo livro, cap. 6º, insisto extensamente sobre as diversidades entre as tendencias litterarias do sul e do norte do Imperio.

Já se vê, portanto, que não repillo o fundo de verdade que repousa nas idéas de meu adversario; contesto, apenas, o excesso que lhes imprime e a injustiça que me faz, insinuando que ellas me passarão despercebidas, no que tem de exactidão.

Sobre os indios, os chronistas, as divergencias das populações, o clima, o leitor despreoccupado encontrará claras noções no livro. Mas, examinemos a porção de exagero que o critico accumula no tocante á diversidade dos nucleos. Suas razões são estas: o clima não era o mesmo nas diversas provincias, e os colonos para ellas transplantados sahião de pontos tambem diversos. Dahi a distancia. S. Paulo não era Pernambuco; o algarvio não era o minhoto.

Exactamente de accôrdo. Ha apenas uma redução a fazer, e é que para S. Paulo não ia só o minhoto e para Pernambuco sómente o algarvio. Das diversas provincias do pequeno reino sahião os colonos e espalhavão-se pelos differentes nucleos da conquista nascente. O beirão e o alemtejano e todos os mais patricios não tinham aqui

raias marcadas. Se para o Ceará, por exemplo, só tivessem ido ilhéos ou trasmontanos, então o Dr. Araripe teria razão. Mas a historia prova o contrario. Não é tudo: por mais que queiramos exagerar as disparidades entre os diversos typos dos provincianos portuguezes, ellas não são avultadas. O typo nacional é um só.

Por mais que pretendamos differenciar os climas do Brazil tropical, a nota geral predomina sempre.—O Brazil é um grande todo mais ou menos uniforme. Exceptuão-se as terras da zona temperada.

O Dr. Araripe appella para Fyler que notou nos Estados-Unidos a differenciação dos nucleos IRLANDEZES, ESCOSSEZES, etc. O caso não é exactamente o mesmo.

A differença que vai de um irlandez genuino a um genuino saxonio, não é a mesma que vai de um beirão a um alemtejano.

Aquella avulta muitissimo mais, e o meu contendor deve saber as razões.

Affirmo, em conclusão, que existem *nuanças* diversas entre as populações extremas do Brazil; ellas, entretanto, não se me afigurão tão completas como crê o Dr. Araripe. E uma prova profunda de que tenho razão, é o seguinte factó: *no Brazil não ha dialectos*. Depois de quatrocentos annos de immigrada para este immenso territorio — a lingua portugueza tem-se enriquecido de alguns *provincialismos*; mas não quebrou-se, não fraccionou-se em tres ou quatro dialectos pelo menos.—Onde, pois, a forte disparidade dos nucleos?

Neste paiz grandemente centralizado, debaixo da zona torrida, os filhos dos portuguezes, dos tupis, e dos negros *bantus* são um só e mesmo povo.

O brasileiro é um typo determinado na America.

A unidade da descendencia, da lingua, do clima, tem garantido a unidade nacional. E' esta a verdade, que só um futuro muito remoto poderá desviar de seu curso de quatro seculos.

III

Por ultimo o meu contradictor espraizou-se sobre dous factos : a influencia do clima e incidentemente a influencia portugueza.

Aquella é potentissima ; actua a todos os momentos ; é o agente que póde ser seguido constantemente. Deformou o colono e será o factor mais energico das differenciações brazileiras. Creio haver aqui um pouco de exagero. Não é só o gosto de refutar que me leva á contestação.

O clima, continúo a dizer, foi um agente valentissimo na formação das raças e das civilizações autochtones. Nas épocas propriamente historicas sua acção tem continuado ; mas já não é tão apreciavel, ou, pelo menos, não o é tanto como o phenomeno das mestiçagens dos povos. Durante muitos millenios elle póde formar as raças pre-historicas e esboçar os povos actuaes. Mas a sua acção é tão lenta, que não se deixa notar nitidamente nas civilizações modernas. Duvido que haja um anthropologista capaz de determinar com segurança quaes as transformações experimentadas nos ultimos dous mil annos pelas populações da Europa, transformações produzidas pelo clima.

Quaes as modificações operadas pelo meio nos povos indo-germanicos, emigrados para o occidente? A historia não sabe responder. Tão longe quanto é possivel subir na corrente dos tempos, logo que os hellenos, os latinos, os celtas, os germanos, etc., apparecem na historia, já se nos antolhão com seus caracteres distinctivos. O mesmo podemos dizer das velhas raças semiticas e das turannas. O mais assombroso exemplo da influencia

do clima que se conhece, é a exercida sobre os aryanos da India. Comparados aos da Europa, nota-se-lhes uma enorme distancia. Mas, quantos milhares de annos não trouxerão o estupendo resultado? E este mesmo por sua lentidão é hoje apontado *post factum* e não foi cousa assignalavel, dia a dia, pelos historiadores. Ha quatrocentos annos é o portuguez transformado aqui pelo clima. . . Até que ponto tem chegado esta modificação?

Não creio que haja quem possa responder. Só daqui a dous mil annos será possivel ao futuro historiador dizer qual a deformação produzida nos aryanos pelo clima deste paiz.

Mas então provavelmente esta terra terá passado por algumas duzias de mutações historicas, como a Grecia, como a Italia, como a Gallia, como a Hespanha, como a Bretanha. Ella provavelmente não será mais o Brazil, quero dizer, não será a terra da actual nação *brazileira*...

☞ O povo actual se obliterará provavelmente nas raças absorventes do norte, nos anglo-saxonios, por exemplo.

Na luta pela posse da terra não sei se os povos latinos estarão livres de outras invasões, á guisa das operadas no começo da idade média. Parece-me que não. Haverá talvez só uma differença: é que a invasão moderna vai-se fazendo lentamente pela colonisação. Não sabemos o que será dos povos fracos da America do Sul, quando os Estados-Unidos tiverem noventa ou cem milhões de habitantes e sentirem necessidade de despejar gente para as zonas meridionaes. Oxalá que, nesse tempo, tenhamos um povo feito e resistente, capaz de absorver aquellas sobras, sem perder a sua individualidade! Em todo o caso, o que a historia então ha de consignar com segurança é aquillo que hoje em dia já ella determina, isto é, as mutações e mesclas das raças. A acção do clima não poderá ser seguida passo a passo. Em nossa historia de quatro seculos não sei que differenças tenha o

meio produzido no caboclo, no negro e mesmo no portuguez. O que noto a olhos nús é o *mestiço*.

Este é o brasileiro por excellencia; é o agente em torno do qual faço mover a nossa historia litteraria.

E nelle evidentemente influe muito mais o contacto das raças do que a acção do clima.

Esta é longinqua, apreciavel a largos espaços e de difficilissima determinação, mesmo no futuro.

Supponhamos que, daqui a mais quatrocentos annos, as tres raças primordiaes de nossa população tenham-se entrelaçado completamente; que não haja mais caboclos puros, nem negros puros; que uma grande corrente de immigração branca tenha-nos vindo ajudar nesta obra da obliteração das côres escuras; que o typo brasileiro seja então bem caracterizado; o que será ahí a obra da selecção ethnica e da selecção do *meio*?

Por certo a primeira será mais profunda.

Ha, além de tudo, uma razão peculiar ao Brazil e é esta: o clima aqui nada tem mais a mudar no indio e no negro, que já são obras da zona tropical, nada quasi terá mais a fazer com o *mestiço*, o genuino *brazileiro*, que recebe dos dous povos tropicaes os elementos de resistencia.

Passando á influencia portugueza na formação do brasileiro, o Dr. Araripe reconhece-a efficaz, em nosso periodo de organização colonial; mas, nota hoje a tendencia pronunciada que tem o *reino* para ser absorvido ou eliminado. E' isto até certo ponto exacto...

O portuguez, em concurrencia com o caboclo e o negro, fez maravilhas, fez diabruras!...

Escravizou gente a torto e a direito, especulou, denegrio, estragou; mas, em todo o caso, foi o donó da terra.

Hoje é um estrangeiro como outro qualquer.

E' mais estrangeiro ainda do que o proprio *negro da costa* e o proprio *mundurucú* das selvas; pois que estes ao

menos não sahem do paiz, não têm *gazetas* para nos insultar, nem levão os nossos capitaes para come-los fartamente nas *quintas* da Beira ou do Minho.

Ahi o Dr. Araripe transuda de razão. Um concorrente terrivel para o reino surgio-lhe ao lado, e foi o *brazileiro*, o *nacional*, seu filho; mas, filho tambem das pobres raças que elle escravisára, e é por isso que, em nossa obra de regeneração, temos o sagrado dever de extirpar os ultimos alicerces da acção portugueza neste paiz, acabar com a escravidão, legado vil que nos deixou, e reduzir a nada a influencia nociva que ainda hoje exerce em alguns circulos da vida nacional.

Mais tempo, menos tempo, attingiremos o alvo.

Não devemos sonhar um Brazil negro, um Brazil caboclo, nem tão pouco um Brazil *maroto*...

Estes velhos auxiliares dos tempos coloniaes podem ir-se que não nos fazem falta.

Já temos um povo diverso das tres *couches* primitivas. Tomemos as lições dos grandes povos cultos, unamo-nos, trabalhemos, instruamo-nos e mandemos o *passado* dormir de uma vez...

Assás nos explorou; não ha de deixar saudades!

Isto é tambem fallar com franqueza... Teria ahi concluido, se não devesse ainda duas palavras ao primeiro artigo do Dr. Araripe.

Elle parece desconfiar que lhe faço injustiça sobre seu merecimento de analysta. O contrario, é a verdade. Reconheço em certa pleiade cearense, onde estão os nomes de Franklin Tavora, Rocha Lima, Araripe Junior e Clovis Bevilaqua boas tendencias para a critica,

O que ha é que o Dr. Araripe deixou-se, a meu vêr, por muito tempo, desnortear pelo chateaubrianismo, o que não lhe tira o merito; ao contrario, o faz realçar, porque mostra a progressibilidade de seu espirito.

XXI

SOBRE O CURSO DE LITTERATURA DO DR. MELLO MORAES FILHO

I

Ha uma preocupação hoje muito arraigada em nossa critica: a de saber se os escriptores que analysa, pertencem ou não, pelo espirito, ao nosso tempo.

Tal preocupação é o *pendant* indispensavel a uma outra, que tem, mais ou menos, desaparecido da scena: a de saber se os escriptores se prendião ou não ao genio, ao character de nosso paiz. Hontem a *toeza* da critica denominava-se *nacionalismo*, hoje chama-se *cosmopolitismo*.

Os romanticos abusarão do primeiro, e os realistas do ultimo processo.

Ainda ha pouco o Dr. Mello Moraes Filho foi mettido nesse cadinho, e parece que sahio dali um pouco amarrotado; nega-se que elle seja um espirito de seu tempo. Ora, não ha duvida, que é uma cousa excellente ser um

homem considerado um dos representantes do momento historico que atravessa, qual é igualmente ser a gente apontada como uma das encarnações do espirito de sua patria. Mas esses dous anhelos offerecem uma grande difficuldade, e podem expôr-nos a um abuso bem serio. Este é que, levados de parte á parte ao exagero, aniquilão-se mutuamente, o que é um mal; porquanto essas duas forças devem equilibrar-se na historia. Aquella consiste justamente em se dar como solvidos dous problemas complexos—o espirito do tempo e o caracter do povo. Qual é o espirito de nosso tempo, qual o genio de nosso povo?

Eu desafio a quem quer que seja, para dar-me uma resposta definitiva. Acresce que esses dous grandes desiderátos da arte e da litteratura, desde que deixão de ser uns productos espontaneos das forças da historia no genio do escriptor, que é assim inconscientemente transformado em agente do tempo e do paiz; desde que deixão de ser espontaneos, digo, transformão-se em preocupações forçadas, e já por ahí falsificão-se pela base. Tem-se notado sempre, que os melhores nacionalistas vêm a ser aquelles que o são sem o saberem, inconscientemente, e não aquelles outros que tinhão a monomania de sê-lo á força, agarrando-se a um ponto de vista exclusivo, que julgavão a suprema expressão do caracter nacional.

E' o caso de alguns com o seu *indianismo*, que não foi, que não é a synthese do genio brasileiro. Mas deixemos de parte o que se refere ao nacionalismo, que tenho discutido, já não sei mais quantas vezes, e vejamos a questão do tempo, da *actualidade*. Os melhores representantes do tempo entre nós não são aquelles que imitão, plagião, copião e depois, escarrão, vomitão algumas paginas de mãos criticos e poetas europeus. . . Não são, de certo.

Apezar de toda a nossa fatuidade hodierna de termos uma pleiade brilhantissima de espiritos novos, novissimos, imbuidos das mais altas idéas do tempo, eu creio que

ainda não desmentimos o nosso passado historico, isto é, um passado que nos prova petrea e tenazmente, que não somos mais do que uns copistas vulgares.

E qual é o espirito da época em litteratura, de que lado sopra a aragem matinal, de que banda é que vai amanhecendo, de onde é que vem rompendo o sol? Será da França? Mas onde ficão a Inglaterra com seu Swinburne, a Allemanha com seu Gottschall? Qual a nota predominante hoje? E' o realismo? Mas o que é um realismo que no Brazil vive de *imitações*? Porventura não é da sua indole o ser local? O realismo francez será o mesmo realismo do Brazil?

E onde fica o positivismo, que formulou uma concepção da arte muito mais vasta do que a de Zola, concepção, que, a meu vêr, é um dos bons titulos daquelle systema? Onde ficão o spencerismo, o criticismo naturalista allemão com as suas altas intuições da arte?

Onde fica mesmo o lyrismo hodierno, que tem ainda tantos representantes como Victor Hugo, Geibel, Dranmor, Guilherme Herz e tantos outros? O seculo será puramente burguez e mercantil?

Mas o que segnicão então tantos congressos scientificos e litterarios, tanto prurido de alto e salutar idealismo?

Sejamos mais sobrios e commedidos; um tempo nunca é o mais apto para se caracterisar a si mesmo, e se é certo que os genuinos operarios de nossa época, aquelles que mais brilho lhe communicão, ainda não a definirão na Europa, não seremos nós, uns imitadores fatuos e mediocres, que a definiremos aqui.

Voltemo-nos para o Dr. Mello Moraes. Não sei se elle é, ou não de sua época; sei que elle é um homem culto, um espirito entusiasta, inflammavel pelas bellezas da natureza, e parece-me que a natureza é de todos os tempos. Isto sei eu, e supponho—que não abuso muito se disser ainda que elle é tambem um brasileiro.

Apezar de ter viajado o velho mundo, ter vivido em Londres e conhecer bem a litteratura ingleza, nunca desprezou os seus mestres nacionaes em poesia.

Sempre teve gosto por nosso lyrismo, nossas scenas naturaes e populares, nosso realismo phantasia, se me permitem a expressão. Mais tarde o poeta encontrou-se com o autor das *Espumas Fluctuantes*, quando em 1867 este passou pela Bahia e pela côrte, indo para S. Paulo. Os dous ligarão-se estreitamente. Esta amisade foi util a ambos. Mello Moraes aprendeu do amigo aquelle colorido, aquellas chispas do verso vibrante. Castro Alves tomou do companheiro um certo prazer pelo lyrismo sertanejo, que apparece em suas ultimas composições.

Mas é do *Curso de Litteratura* que eu devo fallar.

Tem-se lhe feito duas censuras capitaes : a falta da ordem chronologica, e a ausencia dos nomes dos escriptores da ultima geração. Estou de accordo neste ponto. A ordem chronologica seria ali muito preferivel; daria uma amostra da evolução da nossa litteratura. Por outro lado, elle não tinha o direito de excluir os nomes dos nossos mais notaveis moços. Não tinha razões para isto; é uma falta de largueza de vistas.

Não é que aquelles ultimos sejam tudo quanto elles proprios ingenuamente acreditão, quando lhes vem o capricho de elogiarem-se mutuamente. Fallemos com franqueza : a geração brazileira, que entrou na liça de 1870 para cá, não tem o direito de esticar o pescoço, inchar as bochechas e arrotar grandezas e maravilhas sobre a nação absorta!.. .

O ultimo decennio tem sido em extremo pobre de productos litterarios no Brazil.

Em um escriptor, como se sabe, ha sempre a distinguir entre aquillo que é seu merecimento proprio, individual, e aquillo que é o merito de doutrinas estranhas de que elle se apropria. Esta distincção é capital, e não deve ser esquecida na apreciação dos moços.

A mór parte do seu merecimento pertence aos systemas estrangeiros que elles copião. A cada época a sua doutrina.

Se fizermos o confronto da evolução romantica entre nós e o da intuição nova, não resta a menor duvida que o momento romantico foi muito mais abundante em grandes talentos. Dentro das forças de sua doutrina, fizeram muito mais do que nós outros, os de hoje.

Onde estão os successores de Magalhães, Gonçalves Dias, Porto-Alegre, Alvares de Azevedo, José de Alencar, Penna, Agrario e outros ? Isto na poesia, no romance e no drama.

Não fallemos no mais.

Quem isto escreve, não é suspeito; é moço na idade, e quanto ao tempo de seu apparecimento na imprensa. Suppõe se-lo tambem nas idéas.

De uma cousa está certo, pelo menos, é que para sê-lo não terá jámais de pedir licença a alguns pretenciosos, que julgão haver alcançado um privilegio, um *brevet de nouveauté*... Ha alguma cousa mais estolida do que velhos emperrados,—são rapazes fatuos, que acreditão ter acampado no terreno da sciencia e das letras e levantado trincheiras em toda a sua extensão. Curemo-nos dessa mania, e digamos as cousas como ellas são.

O Brazil é uma terra de proletarios mentaes; tanto valem os de hoje como os de hontem. O mais é illudirmo-nos com fumaças de grandezas que não possuimos. Esta materia é liquida; mas é bom sempre insistir nella. *Wohl oder übel — Was soll man da grübeln.*

II

« Não sigo o exemplo, escrevi eu não ha muito ; não sigo o exemplo dos que desprezão os moços ; leio os novos poetas, saboreando-lhes as estrophes e applaudindo-lhes os triumphos.» E certamente; agora mesmo reproduzo convicto essas palavras. Aquillo se refere aos moços que têm talento e que estudão. No troço enorme, porém, que ahi se agita, ha muitos a quem não exorna o menor merecimento. A estes é mister abrir os olhos para que se não illudão desastradamente.

Desde a criação de nossos cursos scientificos, todos os períodos de cinco ou seis annos hão sido outros tantos momentos de incubação e efflorescencia de algumas duzias ou centenas de genios prestes a atirarem-se sobre o paiz como hordas conquistadoras... E, todavia, não sabemos o que fizerão, nem onde parão tantas cabeças geniaes. O que sabemos, por amarga experiencia, é que alguns que hão passado pelos ministerios e pela administração deixarão o paiz na stagnação profunda em que se debate.

Quanto á litteratura e ao jornalismo, é escusado indicar ainda uma vez, em que pé têm sempre se achado.

Uma das causas deste mal é o nosso séstro de, na falta de trabalhadores fortes nas letras, obscurecermos a atmospherá dos principiantes com admirações estapafurdias, elogios emphaticos, encomios prejudiciaes. Colhidos de chofre pelo exaltamento immerecido, os estreantes, julgando-se dispensados de estudar e trabalhar, entrão a brunir phrases e a sazonar vulgaridades....

Mais tarde a bagagem escasseia na vida pratica, e ei-los reduzidos ao silencio, o que é util ; ou a representar comedias até no parlamento.... o que é detestavel.

Tudo isto é certo, tanto é verdade que das muitas duzias de *genios* e grandes *talentos* que atordoão as academias, raro é aquelle que perdura no caminho das letras. Desilludidos e inutilisados, ficão por ahi a escarvar em silencio umas lembranças tristes, ou a debaterem-se no vacuo de uma politica nefanda.

Durante os nove annos que residi no Recife, vi deslisarem pela academia, ebrios de elogios, tontos de lisonja, muitos e muitos desses apregoados devoradores do mundo, que tinhão de mudar a face das cousas.... Onde párao elles ? Dous ou tres ainda pensão um pouco ; os mais abysmarão-se nas sombras, ou perdêrão o geito de raciocinar na politica governamental ou naquillo que com ella se parece.... O mesmo em S. Paulo.

Nos ultimos oito annos, por exemplo, propalou-se haver ali uma vasta *pepinière* de assombrosos talentos, que havião por força de torcer o curso de nossa historia para um futuro de maravilhas, para a região encantada das idéas novas, novissimas, nunca presentidas ou sequer sonhadas....

Acredito ainda hoje nisso. Noto apenas que o enthusiasmo já vai arrefecendo. Alguns moços, que recebêrão o grão academico, vão perdendo já o uso da falla ; mais de uma lyra já está por ahi desmontada ; mais de um propheta deixou de amaldiçoar ; mais de un *enfant terrible* perdeu o sabre do combate ; e teremos, talvez mui breve, de vêr grande parte dessa apregoada geração de tantas esperanças tomar passagem para as presidencias de provincia, os cargos diplomaticos, as secretarias de estado, ou o parlamento, sobraçando um passaporte fornecido por um dos dous ou por ambos os nossos pestilentos partidos constitucionaes....

E então cada um verá por si, que não foi quem descobrio a bussola... De quem a culpa ? De todos, de todos nós de alto a baixo ; de todos aquelles que fazem o vacuo em torno dos verdadeiros talentos, por um lado ;

e, por outro, de todos aquelles que asphyxião com seu incenso reles os parvos e as mediocridades felizes. A' força de orgulho insensato, a expressão *nova geração*, em vez de uma realidade — póde tornar-se uma especie de mytho, de metaphora empolvilhada e futil, especialmente se della fizerem um *mot d'ordre*, com que se distinguão e congreguem alguns presumpçozos, com prejuizo daquelles que são os genuinos representantes da mocidade.

Assim me exprimindo, sou apenas coerente: sempre julguei a phase historica actual no Brazil um periodo de decadencia por todas as faces, e mais ainda pelo lado litterario, — e, neste sentido, quer a geração dos Magalhães, dos Porto-Alegres, dos Macedos... quer a dos actuaes *rapazes*, como é de uso dizer-se em *gyria bohemia*, são ambas profundamente estereis; a ultima ainda mais do que a primeira. Eu, que não tenho ligações em um campo ou em outro, posso julga-los a todos com desassombro.

Minha posição isolada dá-me esta immensa vantagem. Digo a verdade á direita e á esquerda. O que de realmente notavel, repito, hão produzido os novos litteratos, alguns dos quaes já têm seus bons trinta annos e mais?... Se o momento romantico se distinguio pelas affectações sentimentaes e aereas, o hybrido momento que atravessamos se distingue por um não menor numero de affectações ridiculas.

Agora não se ouve fallar senão em *pariás*, *emoções sadias*, *as cousas sans*, *as carnações opulentas*... tudo isto de mistura com os *esgotos latrinarios*, *as ébrias cortezãs*, *os pacatos burguezes*... e tantas outras phrasesinhas consagradas e reles, que um pedantismo mendigo toma de emprestimo a Ortigão e a Junqueiro. .. E são esses os grandes feitos da nova geração?... Não, digamos antes: são estas as macaqueações pifias de um rebutalho amorpho, que ahi anda a comprometter a mocidade nacional. Não

envolvem, por certo, estas palavras uma formal reprovação a todos os actuaes escriptores moços do paiz.

Abro espaço para algumas excepções que, por infelicidade, não são muito avultadas. Alguns têm, ainda que mui relativo, um certo merecimento. Não é o talento que lhes falta, é o estudo; não é a coragem, é a seriedade; não é o desejo de brilhar, é a convicção inabalavel de uma bôa causa, é a consciencia de um patriotismo justo e elevado. Depois dos classicos e seus *deuses*, dos românticos e seus *anjos*, dos charlatães e seus *pariás e prostitutas*, tenhamos uma pleiade de espiritos pensadores, autonomicos, disciplinados pelo estudo e pela critica. A critica applicada como methodo, a todas as manifestações da intelligencia; a critica, sobretudo, applicada á nossa propria historia patria, cuja ignorancia é proverbial entre os litteratos velhos e *novos*, doentes ou *sadios*... Sem o conhecimento do passado nacional torna-se impossivel a todo e qualquer parlapatão dos cafés da rua do Ouvidor—comprender o nosso estado presente, por mais que tenha pilhado no ar, por entre as fumaças dos cigarros do Pomba e a espuma da cerveja de Petropolis, algumas dessas phrases soltas e desconnexas, com que adubão seus lastimaveis aranzeis.

Por mais que abusem dos adverbios e das palavras campanudas sobre assumptos de que não entendem, serão, para fallar como elles, *constantemente, inabalavelmente, imperturbavelmente*, isto mesmo,—a saber: a mais detestavel casta de arlequins, os arlequins que fallão em nome da mocidade, do porvir, da sciencia, do methodo; mocidade que elles ulirajão, porvir por elles compromettido, sciencia que elles não cultivão em nenhum de seus ramos, methodo que elles não possuem em nenhuma de suas applicações.

Não se chama isto atacar os moços... Chama-se conhece-los, e com rudeza aconselha-los, não por amor dos incorrigiveis, mas por amor á verdade e ao paiz.

Sei que em seus arraiaes de *elogio mutuo*, onde fazem entre si os alistamentos de suas cohortes e de seus centuriões, julgão-se os collaboradores dos mais illustres espiritos do seculo e os genuinos representantes do progresso intellectual contemporaneo ! !.

Deixa-los...

Mas, afinal, qual é o signal que constitue entre nós a *nova geração*, o que é que a define? E' o *tempo*? Qual é então a data que a separa da antiga?

Será o anno de 1862—63, o anno da erupção do darwinismo na Allemanha, na escola de Coimbra em Portugal? Não; que esse tempo entre nós apenas distinguio-se na politica pela formação anomala da *liga* e nas letras pelo inicio no Recife do *ultra-romantismo-hugoano*, que propagou-se por todo o paiz. Hoje esse movimento está ultimado, e os que então estreiarão, já attingirão aos quarenta annos, e nessa idade no Brazil não se é mais DA PLEIADE. Será o de 1870—71, o anno de Sédan, que trouxe um certo movimento germanico em todo o mundo, até no Japão e no Brazil? Não; porque os *jovens* são *gaulezes* desde a medula até ás pontas dos cabellos, e, demais, os que em 1870 começárão a escrever — já vão tocando aos trinta annos e sahindo do gremio; vão sendo excluidos.

Será o anno de 1878, o da ascenção dos liberaes, ou o de 1879, o da conversão de alguns moços ao positivismo religioso? Mas com que direito se excluem os escriptores que apparecêrão alguns annos antes?

Não é, pois, a data que decide só por si da cousa; são as idéas. Bem; e quaes são as doutrinas officiaes da seita? E por que della se excluem os velhos que compartilhão dessas opiniões? E, sobretudo, quaes são as idéas do programma? E' o *darwinismo* que tem revolucionado o velho mundo? Não; porque os *rapazes* nada sabem deste systema, que em sua ignorancia desdenhão.

Será o *spencerismo*? Ainda menos, que é ainda mais profundamente ignorado.

Será a philosophia de Hartmann, o seu *inconsciente*? Não; que este demonio é allemão e é *metaphysico*. Ha de ser o *materialismo* puro de Büchner, Molleschot, Létourneau... Não; que são *metaphysicos*. Ha de ser *certa corrente* de idéas iniciadas por Lange, Zeller, Wundt e outros, e a que adherirão sabios como Helmholtz, Du Bois-Reymond, Naegeli, Virchow... Não; que estes *barbaros teutões* são atrazados, são *metaphysicos*, estão eivados de *anarchia mental*, são *revolucionarios*...

Que inferno! Então é o chamado *realismo idealista* de Fouillé e companheiros...

Com mil griphos! Uns pobres *metaphysicos*!... Com certeza ha de ser o *littréismo* defendido por dous bravos slavos, M. Wirouboff e Mr. Roberty; é elle, é o *littréismo*.

Isto é ignorancia!... Óra, ainda fallar em um pobre transfuga, um infiel á memoria do mestre, um auxiliar nefando de Mme. Comte, um academico, um traidor, um *mediocre lexicographo*...

Não: não ha mais positivistas dessa tempera.

O verdadeiro positivismo, o positivismo logico, é o inteiro positivismo, o filho da profunda unidade espirital do mestre, que resume em si o philosopho, o apostolo e o politico: Aristoteles, S. Paulo e Cesar; é aquelle que reconhece por seu chefe o venerando director actual do systema, M. Pierre Laffitte.

Muito bem; mas, neste caso os *rapazes* ficão pela mór parte excluidos; porque o grosso delles é incapaz de fazer a distincção entre o *abstracto* e o *concreto*, entre o *espirital* e o *temporal*, ou por exemplo, entre o methodo de uma sciencia particular qualquer e o da immediatamente superior, ou qualquer outra idéa simples e fundamental da doutrina.

O numero dos *rapazes* fica assim muito reduzido, e, demais, todos sabemos que a *Religião da Humanidade* não admite em seu seio os elementos anarchicos, transitorios,

metaphysicos, *lachons le mot*, que constitue o nosso pequeno jornalismo de moços.

O mestre tinha um *profundo desdem* pelo jornalismo opposicionista, *soi disant* liberal e progressista.

E além de tudo, com que direito os *rapazes* fazem mão leve sobre os sectarios das outras doutrinas contemporaneas, tambem *rapazes* como elles? Quem lhes confere este poder discricionario e despotico? Dir-me-hão: não é pelas idéas philosophicas que nos distinguimos, é pelas litterarias; nada temos que ver com os philosophos, nosso pastor é o patriarcha de Médan.

Que litteratura, porém, é essa, que *achou o methodo*, segundo a phrase predilecta do chefe, e que não se preoccupa com a sciencia? Não, isto é um erro; *realismo* sem sciencia é como *paulinismo* sem Paulo, *systema representativo* sem camaras, ou *positivismo* sem o culto da humanidade.

Isto posto, uma outra difficuldade apparece: o *zolaismo* é condemnado pelo *laffittismo*, e com toda a razão. Neste ponto, dir-me-hão por fim: « para que tantas divagações intempestivas?

« Vós bem nos comprehendéis; deixai-nos em paz reproduzir em máo portuguez a prosa folhetinistica de Ramalho, e estropear em máos versos os alexandrinos de Junqueiro; é esse o nosso trabalho, o nosso *ideial*.

« Nós somos a *nova geração*, vós o sabeis, somos os *rapazes*... Deixai-nos copiar, copiar tudo, tudo, até os adverbios em *mente*: uns vão a Pariz ou a Berlim nós vamos a Lisboa, isto é, aos folhetins do Sr. Ortigão. . . »

Pois, então, fiquem-se ahí!

Vejamos o *Curso da Litteratura*.

III

Por minha vez faço-lhe duas objecções: a falta de uma classificação scientifica das materias e a ausencia de um resumo historico de nossa litteratura, ou pelo menos notas bio-bibliographicas dos autores contemplados. A primeira objecção refere-se aos fragmentos em prosa.

O Dr. Mello Moraes Filho devia aceitar uma bôa classificação das sciencias, a de Spencer, por exemplo, e em todos os ramos escolher um fragmento adequado sobre cada uma. Depois passar á parte puramente litteraria e descriptiva, tudo em ordem chronologica.

Na parte poetica—devia inserir os representantes de todas as nossas escolas nos quatro seculos. O seculo XVIII, por exemplo, está ali mal representado; não se vê acolá o nome de Gonzaga. Não se diga que elle é portuguez; então Anchieta tambem o é.

O nome do missionario leva-me a fallar da grande novidade do livro: as poesias do padre, traduzidas do tupy e do hespanhol. Ahi mesmo noto uma lacuna. O Dr. Mello Moraes deveria inserir os textos originaes ao lado da traducção do padre Cunha. Ha todos os indicios de que este não interpretou bem o pensamento de Anchieta.

Pelos menos lembro-me de ter isto ouvido da boca do mais abalisado conhecedor do tupy, que possuímos, o Dr. Baptista Caetano. Em todo o caso, o Dr. Mello Moraes é benemerito das letras em ter contribuido para uma melhor comprehensão do typo do jesuita canarim. Anchieta não é de certo o creador de nossa litteratura, como pensa Mello Moraes, é o precursor della.

Uma litteratura em massa não tem nunca um creador; tem elementos e tem órgãos. Os *elementos* da nossa são

todas as tradições populares provindas das tres raças que constituirão nossa actual população, tradições modificadas pelo meio e pela mestiçagem.

Os *orgãos* são os espiritos autonomicos que hão contribuido para a nossa differenciação nacional.

O Dr. Araripe Junior adduz uma consideração para o estudo do character do padre José, e vem a ser uma certa tendencia *jogral* de seu espirito.

O achado não será, talvez, de todo infundado. Mas, neste ponto, devemos desconfiar de duas cousas. Primeiramente é sabido que, no tempo de Anchieta, a *farça*, a *chacota*, a *satyra* erão generos litterarios em moda, impunhão-se mesmo aos espiritos mais serios, ainda que não estivessem em harmonia directa com o character do poeta. Era pouco mais ou menos o mesmo que em sentido opposto vimos no tempo do romantismo decadente, quando a *lamuria affectada* fez-se moda.

Rapazes nedios, sanguineos, sadios, folgazões, des- ses que, segundo o adagio, *não mandão seu quinhão ao vigario*, choramingavão p'ra ahi, que era uma verdadeira calamidade. Entretanto tudo falso! Quem nos dirá que as *jogralices* do padre não estejam nesse caso, não exprimão antes um resultado do systema litterario do tempo do que um temperamento verdadeiramente *terenciano*? Demais, o Dr. Araripe abusa muito deste genero de explicações. Quasi em tudo elle descobre o *humour*, a *facecia*. Os termos *jogral*, *jagralices* vem a miudo ao bico de sua penna. Quando tratou dos nossos romances *Sertanejos anonymos*, elle fundou sua theoria na *jogralidade*.

Agora com Anchieta o mesmo; ainda ha pouco o mesmissimo, explicando a *Guerra dos Mascates*, de Alencar. E' uma preocupação evidente do critico.

Para concluir, o *Curso de litteratura* tem lacunas; mas, em compensação, tem grandes meritos; é o transumpto de uma bibliotheca inteira. Especialmente a litteratura do segundo reinado está bem representada. Estão ali

excerptos de uns 150 escriptores, talvez. O *prefacio* é bem escripto e alentado de boas idéas em sua quasi generalidade.

Quanto á poesia dô Dr. Mello Moraes, sempre propensa, como repetia Comte, a tirar do que é, dos seres, da realidade, a synthese ideal, não se envergonhe della o poeta. Aquelles que tão instantemente lhe perguntão se ella já não morreu, responda com o grande lyrista Anastasius Grün:

Und singend einst und jubelnd
Durch's alte Erdenhaus,
Zieht als der letzte Dichter
Der letzte Mensch hinaus!

Fevereiro, 1882.

XXII

SOBRE MACHADO DE ASSIS E LUIZ DELFINO

O Sr. Machado de Assis passa actualmente pelo mestre incomparavel do romance nacional. E' para o Brazil o que Zola é para a França. Diante de um talento, de um estylista, de um critico sincero, de um romanista de força, de um homem, avistar um meticoloso, um lamuriento, um burilador de phrases banaes, um homensinho sem crenças... é uma irrisão! Mas é preciso romper o enfado que me causa esse romantico em desmantelo despi-lo á luz meridiana da critica. Esse pequeno representante do pensamento rhetorico e velho no Brazil é hoje o mais pernicioso enganador, que vai pervertendo a mocidade. Essa sereia matreira deve ser abandonada.

O autor de *Yayá Garcia*, frivolo e inoffensivo como é, é tanto mais para ser combatido, quanto pela dubiedade de seu character politico e litterario em nada pôde ajudar a geração que se levanta e a quem insinúa-se por amigo. Não tendo, por circumstancias da juventude, uma educação scientifica indispensavel a quem quer occupar-se hoje com certas questões, e apparecendo no mundo litterario ha cerca de vinte e cinco annos, o Sr. Machado

de Assis é um desses typos de transição, creaturas infelizes, pouco ajudadas pela natureza, entes problematicos, que não representam, que não podem representar um papel mais ou menos saliente no desenvolvimento intellectual de um povo. Quando elle appareceu já na Europa o romantismo entrava plenamente em dissolução, e no Brazil o olhar exercitado podia bem distinguir os germens de decadencia que lhe rompião no seio. O romantismo já tinha produzido entre nós suas melhores obras na poesia, no romance e no drama. Magalhães, Porto-Alegre, Penna, G. Dias, Alvares de Azevedo, Macedo, Teixeira e Souza, Junqueira Freire para só fallar nestes oito, havião levado a effeito suas melhores producções e creado em torno de si uma multidão de epigonos. Alencar já tinha produzido seu *Guarany*, rasgando novos horizontes ao romance nacional. O Sr. Machado tinha, portanto, de occupar um logar secundario na cauda do romantismo, na phrase de Zola, a não ser elle uma intelligencia superior. E' o que não é, e por isso ficou justamente no logar que lhe competia.

Natureza eclectica e timida, sem o auxilio de uma preparação conveniente, entrou a ser um parasita, especie de commensal zoologico, vivendo á custa de uma combinação do classicismo e do romantismo. Não teve força bastante para romper com ambos, e foi sempre vacillante em seus commettimentos. Os autores que deixei acima lembrados, quaesquer que sejam os seus defeitos, na evolução intellectual brasileira neste seculo, representam os elos de uma cadeia. Cada um delles tem um sentido e uma physionomia propria. E o Sr. Machado o que representa? E' um digno camarada de E. Taunay, e Luiz Delfino, sendo talvez ainda menos significativo do que elles. O Sr. Machado symbolisa hoje o nosso romantismo velho, cachetico, opilado, sem idéas, sem vistas, lantejoulado de pequeninas phrases, ensebadas fitas para effeito. Elle não tem um romance, não

tem um volume de poesias que fizesse época, que assignalasse uma tendencia. E' um typo morto antes de tempo na orientação nacional.

As condições de sua educação, o meio falso em que ha vivido explicão o seu acanhamento. Pôde illudir e illude ainda a alguns ignorantes pela palavrosidade de seus periodos ôcos, vãos, retortilhados e nada mais. Por duas vezes o inconsciente das cousas favoreceu-lhe o momento de tomar uma direcção fecunda, se para isso tivesse talento e habilitações; uma foi na luta entre José de Alencar e José Castilho, outra nos ultimos annos diante das novas idéas inauguradas desde 1869 no paiz.

O que temos visto, porém? No primeiro momento aquelle homem dubio teve bastante habilidade, bastante geito para não tomar um partido no debate. Meio classico e meio romantico, precisando de ambos os lutadores, prendendo-se a um pela monomania do lusismo na lingua e a outro pelos arremedos imaginativos, conservou-se o amigo e o imitador dos dous *inimigos!*... Isto é collocar a mão sobre a ferida intellectual do homem.

Agora vemo-lo sem força para romper com o passado e seguir uma qualquer das novas tendencias... Sentindo o terreno fugir-lhe debaixo dos pés, préga o *opportunismo litterario*, faz-se de *grão-conselheiro*, elogia por calculo a velhos e moços, e, quanto ás idéas, não segue nenhuma; porque não as comprehende. A prova é que em seus escriptos de todo o genero, é ainda um velho romantico desconcertado e banal. Vive a sonhar com a *Mosca Azul*... E é um tal homem que se nos quer inculcar como um modelo!

Sem convicções politicas, litterarias ou philosophicas, não è, nunca foi um lutador. Esse auxiliar de todos os ministerios, esse rabula de todas as idéas, é, quando muito, o conselheiro da commodidade letrada. O que elle quer é representar o seu papel equivoco. O autor de

Braz Cubas, bolorento pastel litterario, assás o conhecemos por suas obras, e elle está julgado. Continue a burlar phrases inuteis, a produzir suas *bombinhas da China*, mas tenha o cuidado de conter-se na vacuidade *embaumée* pelos elogios de seus comparsas inconsiderados.

Passemos ao Sr. Dr. Luiz Delfino.

Um primeiro signal caracteristico lhe descubro :— é um autor sem obras!... Mão signal para quem quer influir como chefe e como mestre.

E' medico, é rico; faz versos por descufado argenteo. Não se sabe ao certo se é daqui ou do *Levante*. Sua phantasia morbida e poltrona sonhou um pequeno mundo tirado das paginas dos viajantes enfastiantes : é o Oriente do Sr. Delfino.

Estudemos um pouco essa physionomia litteraria. A primeira vez que ouvi-lhe o nome foi em 1870 no Recife; um rapaz estudante, filho da côrte, recitou-me uns versos do poeta. A bella voz, o gesto animado do meu companheiro chegarão a illudir-me sobre o merecimento do autor das ainda incubadas *Levatinas*.

Notei-lhe uma certa *elevação de notas*. E' verdade que não deixei de observar que esse instrumento de voz aguda, especie de *requinta* de batalhão, desafinava ás vezes. Em todo o caso, aquella impressão ficou-me e só um estudo serio sobre as composições do poetae o conhecimento de sua biographia, de seu meio, de suas predilecções, acabárão por desfazer completamente a primitiva illusão.

Depois desta, só dez annos mais tarde é que pude lêr os escriptos soltos do grande Lama do *Levantismo* o perceber visivelmente que elle não passa de um Leconte de Lisle de dous palmos de altura. O meu grande pezar é não ter em mão um livro do poeta para fartar-me de disparates e rir-me a bom rir do pedantismo fluminense. E' um escriptor sem livros!... Bello chefe, grande general sem batalhas!... Sua posição é commoda; mas

seu merito como agente, como factor nas lutas nacionaes, é nenhum. Outra lacuna que lhe noto é esta:— elle nunca se decidio, nunca tomou um partido em nossas lutas. Este signal é tambem caracteristico e eu chamo a attenção do leitor para elle.

Não posso precisar a idade do Sr. Dr. Luiz Delfino.

Informe-me que nasceu em Santa-Catharina, que é homem de mais de cincoenta annos, que formou-se ha mais de vinte em medicina, que começou pobre e fez grande fortuna pela clinica e por operações commerciaes. Hoje é mais capitalista do que medico; possui bons predios e grandes estalagens. E' um homem farto. E' o caso unico de um poeta rico em todo o Brazil!...

Ninguem conhece as suas opiniões scientificas, politicas, ou litterarias. Sabe-se apenas que tem publicado no decorrer dos ultimos vinte annos, e a largos intervallos, algumas poesias bombasticas pelos jornaes da côrte.

E' pouco, é muito pouco. Ter a cabeça erguida, querer intimidar os outros com chefias, e não ter escripto, discutido, lutado; conservar-se como um incognito, e enquanto os outros batião-se peito a peito, enquanto a sua geração que já vai passando, sustentava nos hombros os encargos intellectuaes da patria, ficar ahi para um canto, como um burguez, a enriquecer, é prova de grande timo pratico, é prova de uma grande força de vontade para libertar-se das necessidades da vida, mas não é prova de um temperamento litterario, de uma organização de poeta.

Nada seria se a sua fortuna lhe tivesse vindo pelas letras, como a de Victor Hugo ou a de Zola, por exemplo. O Sr. Dr. Luiz Delfino será tudo; mas não é, não foi jamais um factor intellectual no Brazil. Por este lado elle é nada diante de um Alvares de Azevedo, de um Varella, de um Gonçalves Dias, de um Tobias Barreto, escriptor e poeta, valente lutador, que elle não está no

caso de comprehender. Através do poeta, eu quero vêr o homem; quero vêr o patriota, quero vêr o espirito imbuido de uma idéa, tendo a seu cargo a defesa de uma causa.

Onde, em que tempo o Sr. Dr. Delfino ha combatido em prol de qualquer causa? Desafio-o a quem'o aponte. Elle não tem, pois, o direito de carregar o sobrolho e olhar de soslaio para aquelles, que o não enxergão no caminho. Sim; neste paiz nos ultimos vinte annos, poetas e romancistas, criticos e jornalistas, medicos, legistas, engenheiros têm escripto folhetos e livros; têm travado na imprensa cem batalhas. Em qual dellas foi visto o Sr. Dr. Luiz Delfino? Como pensa elle em politica, em philosophia, em critica litteraria, em sciencia? Qual é a sua opinião sobre o indianismo, o nacionalismo litterario, a poesia popular, o romantismo, a reacção naturalista, a philosophia da arte, a historia litteraria do paiz? O que pensa elle sobre todas estas questões que todo o poeta de hoje deve conhecer e responder com segurança e vistas proprias? Nada, absolutamente nada. Vive a sonhar com o *Levante* por imitação e porque elle é um desterrado no meio das nossas letras.

Não conhece o paiz e por isso nossos problemas não o toçãõ.

Vejamo-lo em suas produções.

Neste ponto seja minha primeira affirmacão a seguinte: é um poeta palavroso, emphatico, desigual, incorrecto, obscuro e aspero. Não tem sentimento, não tem idéas, nem originalidade. E' o mais acabado exemplo que conheço da *mecanica versejadora* nos tempos modernos. E' um diletante que faz versos por luxo; a poesia é para elle um traste de salão, ou um bom coupé para sahir á rua.

O estylo é bombastico e martelante; é imitado de Victor Hugo deturpadamente. Não tem uma só peça lyrica, espontanea, singela e natural. Atordõa os ouvidos

e o bom senso; mas não commove. Não tem graça, nem delicadezas de expressão e sentimento. O fundo é mesquinho. Sua esthetica litteraria é a de um romantismo turbido, furioso. Se não tem delicadezas, se não tem o sentimento natural e simples, tambem não tem força. Amontôa palavras mal ligadas á mór parte das vezes e raramente produz cousa sensata.

Quando o verso lhe sahe corrente é mais pelo habito, por uma adaptação mecanica, do que por ser sentido. Os seus versos novos publicados na *Gazetinha* mostram essa dextreza do habito; os mais antigos da *Revista Popular* são insupportaveis.

E' um espirito que tem pretensões á amplitude; mas é arido e desconnexo. E' o romantismo na phase esteril da nullidade latente.

Tem um lexicon poetico escolhido a dedo. As palavras: *sandalo, ebriez, ebrioso, lubrico, leão, colossal, enorme, curva, curvatura, ebriado*, e outras apparecem obrigatoriamente em seus versos. Mecanisação da memoria.

Temperamento de burguez, educado litterariamente no tempo do romantismo palavroso, sem larga intuição, sem grande talento e sem instrucção, o Sr. Dr. Luiz Del-fino da arte só possui as exterioridades. Alma placida e enfastiada, procura illudir-se a si e aos outros com o retintim das phrases.

Não existe um só pensamento, uma só tendencia na litteratura brazileira de que elle fôsse o autor.

Tem vivido de concessões. Julgando que o Brazil é o circulo de seus amigos, elle tem tambem o seu *Parnaso*. E' uma especie de *kiosque oriental*, onde faz de grande magico. Apresenta-se cercado de camellos, de dromedarios, de eunuchos, de pachás e mais caterva do *Levante*. Incha as bochechas e deita pela boca fóra umas cobrinhas de fogo de artificio, umas cobrinhas de Pharaó... A's vezes suppõe-se cercado de *sultanas*. Ferve a *ebriez* no

kiosque; é o *sol* que apparece,— mostrando a *cicatriz enorme do goso*, e trajando *largas vestiduras!!...*

Então surge todo o dilúvio de palavras encaixadas para atordoar e enganar os espectadores. São as phrases cabalisticas... «*O cravo, a myrrha, o alôes, a canella, o sandalo, a baunilha, azas de aroma, alegria do sol, o canto dos cheiros do céu, a transparente umbella, a milagrosa estrella, escravos de albornozes e turbantes, palanquins de ouro em dorso de elephantes, as servas, os thalamos reaes, larga fila de enormes dromedarios, cem eunuchos de alfanges legendarios...Passem e contrapassem invisivelmente, e levem-me sua senhora aos areaes!*»

Note bem o leitor: toda esta chiromancia, todo este funambulismo poetico é de um soneto só — *Marcha!* Não conheço em litteratura nenhuma cousa tão extravagante. *Marcha, Nascer do Sol, Trote de Camellos, Capricho de Sardanapalo, Universo de Alin*, e todas as mais são hallucinações de um espirito desconcertado por uma pessima educação litteraria.

Dos poetas que pedirão inspirações ao Oriente, Byron, Victor Hugo, Leconte de Lisle, Goethe, Ruckert, Bodenstedt, Leopold Scheter, Daumer, Stieglitz, e o conde Alexandre de Wurtemberg, de todos estes e outros, o Sr. Dr. Luiz Delfino é o mais pretencioso, inchado, falso, e radicalmente banal.

Não comprehendendo o vago, a serenidade, o pantheismo vívido e limpido da intuição oriental, atira para o verso sómente os trotes dos camellos... Não tem uma só peça que de long lembre: *Sara la baigneuse, Marche turque, Les adieux de l'hôtesse arabe*, de Victor Hugo; ou *Amru Ben Madikarb*, de Ruckert; ou *Des Knaben Traum*, de Heinrich Stieglitz; ou *Sadi und der Schah*, de Bodenstedt.

Especialmente a escola oriental de poesia na Allemanha é toda viçosa de doce lyrismo, e é toda inspirada na verdade. Aquelles poetas sãbião o que dizião. E' o

que não acontece ao Sr. Dr. Delfino, que não conhece o Oriente, senão através dos máos romances....

As outras poesias das encantadas *Algas e Musgos*, as *intimas*, as *aspazias*, as *marinhas* não são mais supportaveis do que as *levantinas*.

São palavrosas, não têm ideal; repisão velhas metaphoras de terceira mão, e não são melhores.

O Sr. Dr. Luiz Delfino charlataneia até nos titulos que lembrão letreiros e taboletas de armarinho: *O Leão Alado*, *Aspazias*, *Come In*, *Trote de Camellos*, *Longing*, *Admoestação do Mar*, *O Não da Historia*, *Farwell*, *A Cidade da Luz*, *Solemnia Verba*, etc., etc. São titulos em latim, em inglez, em francez, e dizem que em tupi... Tudo, até os frontespicios, tudo indica a tentação do effeito, o esforço para offuscar e illudir.

São estas as linhas geraes de sua caracteristica litteraria. E é quanto basta para mostrar ao vivo toda a inanidade palavrosa do poeta das *Algas e Musgos*. Não se deve esperar de mim, que desça a um cotejamento de verso a verso. Seria uma ampla messe em que as provas do que deixo avançado encher-me-hião as mãos. Não o farei por agora. Mais tarde, quando apparecer o livro, entregar-me-hei talvez a esse trabalho enfadonho de dissecação. O melhor será que elle publique as suas producções de todos os tempos; então mostrar-se-ha detalhadamente o que por hoje se affirma a largos traços.

Não posso, entretanto, deixar de dar uma amostra ao meu leitor da pantomima poetica do Dr. Luiz. Seja por acaso o soneto — *Nascer do Sol*. Leiamos:

« Acorda, como emir voluptuoso,
Na calida ebriez de essencias puras :
E traz a enorme cicatriz do goso
O sol, trajando as largas vestiduras. »

E' a primeira quadra do soneto. O que temos ahi? Uma velha e myrrada personificação do grande astro, sua transformação em um emir orgiaco, mettido em largas

calças ou colossaes ceroulas, se é que por aquellas bandas ha desses trajos... Mas, apezar de tudo, o pobre do sol mostra a enorme ferida *do goso!*... Não é possível ir mais longe com os disparates...

« A' noite, que de esplendidas loucuras,
Beijando huris em raivas de amoroso :
E o divan—entre nitidas brancuras—
Guarda mal o segredo duvidoso. »

E' o segundo quarteto. Qual é o sentido d'isto? Ha ali duas orações grammaticaes.

A primeira está suspensa; não tem verbo, a não ser o participio do presente - *beijando*. . . Mas quem é que beija ou está *beijando*? E' o sol? Parece que não; porque elle não apparece na quadra, e a pontuação da estrophe anterior a isso se oppõe. E' a *noite*? Também não; porque ella não dorme com as *huris*; a noite é feminina. Mas *A' noite?! O que é o ha á noite?* O que indica ali a proposição *a* contracta no artigo *a?* Aquelle *que* a quem se refere? Se, porém, toda a phrase é uma exclamação, a pontuação devia ser outra.

A segunda oração tem agente e verbo: *o divan guarda o segredo duvidoso*. . . Monstruoso *divan*, onde se acoitão o *sol* e umas quinhentas *huris*; grande *segredo duvidoso* presenciado por tanta gente e até pelo poeta! . . .

Mas, a final, onde a poesia em tudo isto? Não passa de uma orgia carnavalesca, uma parodia sedição da sublime scena do amanhecer. E é este o poeta naturalista?! E' soberbo! . . . Vamos adiante :

« Vêm-se amarellos sandalos na cama,
Lençoes esparsos, véos da côr da chamma,
Laca vermelha, cintas e coraes ; »
« Sandalias de esmeralda, ramalhetes,
Argolas d'oiro, fulvos braceletes,
E o acre rubor das carnes idéaes!

Apre! E' demais. Como poderia o pobre do sol dormir em cima de tanta traquinada? Pedacos de sandalo,

lençoes, véos, laca vermelha, cintas, coraes, sandalias, ramalhetes, argolas, braceletes. . . Ah! Sr. Dr. Delfino, vós sois prodigiosamente estrambolico! E o *rubor acre*? Isto fica lá para os olhos e para a lingua do sol. . . Vê bem o meu leitor que tenho razão quando affirmo que o homem não passa de um funambulo arrumador de palavras a esmo. E dizem que esta balburdia é ter lexicon abundante. . . Extravagancia.

Temos ainda cousa peor. Não é só o Oriente que o poeta esbandalha. O grande magico salta da Palestina para os Alpes.

Ei-lo o que nos descreve uma noite lá no cimo da cordilheira, que elle nunca vio.—E' um soneto dos de fancaria que elle atira á *Gazetinha*, atraz de uma popularidade fallaciosa. E' uma *gravura*, lá no seu entender d'elle, e intitula-se—*Paisagem nos Alpes* :

« E' noite. Invade a terra uma luz azinhavrada.
Agua larga, folheada em mica iriante, e em aço,
Vem de longe: após lambe os astragaes da arcada,
Que uma ponte romana ergue aos hombros no espaço. »

Que diabo de bruxaria é esta? Já é noite e vem uma *luz azinhavrada*. Que especie de luz será? Vem tambem a *agua larga*, é com certeza a *agua larga*, não é a *estreita*; pois que só aquella é que anda *folheada em mica iriante* e ao mesmo tempo *em aço*. . . Quanto esforço inutil para pintar o espectaculo da noite sobre os montes! Um poeta de talento em quatro versos simples diria mil vezes melhor do que o Sr. Dr. Luiz. O homem não tem o sentimento da paisagem e das scenas naturaes. Desequilibra-se e entra a personalisar desnecessariamente. Eis :

« Como a Ophelia no lago, a lua desmaiada
Tem um nimbo de luz de um scintillante baço :
Fica a prumo á corrente : a agua espuma entalada
No monte, que lhe entorna a sombra do e-pirhaço. »

Este ultimo verso é o que os francezes chamão *une chéville*; apparece sem razão de ser, por necessidade de arranjar uma rima para *baço*. Para isto o poeta forjou o

espinhaço do monte, que se *entalou* com a agua, ou a agua com elle... A agua *entalar-se* é maravilhoso. Mas que ella sinta-se *entalada* em um valle, em uma grotta estreita, vá que seja ; sobre o *espinhaço de um monte*... só lembraria ao homem da *laca vermelha*.

Os dous tercetos acabão coxos e eriçados de versos asperos, como espinhos de *caítitú*.

« O córte é abrupto, vasto : os angulos cozidos
De rachitica relva, e o vento que murmura
Anda no pinheiral, vê-se aos ramos torcidos. »

« Sobre a ponte um chalet das rochas se pendura...
E ouve-se um grande cão enchendo o ar de ladridos
E um lobo a uivar, que surge a meio da espessura. »

Versos quasi todos errados e todos sem belleza. São versos em que os *cães* e os *lobos* andão de parceria... Por hoje bastão esses dous exemplos. Deixemos o poeta, e concluamos em synthese :

O Sr. Dr. Luiz Delfino ignora profundamente as correntes geraes do espirito contemporaneo. E' ainda hoje um velho romantico pantafaçado e esteril. Alheio á vida do paiz, que não conhece, tem-se abandonado a umas seismas volantes de hystericas visões litterarias ; nunca foi um lutador ; não é um escriptor. Não tem obras ; nunca influio no pensamento nacional. Não é conhecido nas provincias, senão vagamente. E' menos do que um *virtuose* litterario ; é um enfasiado, que faz versos ; é o mais acabado typo do volantim nas letras.

No meio de todos os que lutão, trabalhão, esforçoem-se por uma causa, em prol da patria, elle toma tambem de um instrumento.

Não é uma arma de combate ; é um bandolim de cordas de arame em que o nosso medico, esquecido de tudo que o rodêa, canta umas trovas tontas do Levante, para distrahir os caminheiros. .. E' um *gipsy* litterario. Deixemo-lo de lado.

XXIII

TOBIAS BARRETO DE MENEZES COMO POETA

Parece-me ser um facto notorio a misera censura, que me fazem certos escriptores da côrte, pelo apreço em que tenho, como homem de letras, o escriptor, cujo nome serve de epigrapha a este artigo. Sou do numero daquelles que reconhecem no publico o direito de tomar conta de todos os actos de um escriptor, e até de quem, como eu, não passa de um rabiscador chocho e inutil ; e é esta a razão do máo vezo, que tenho adquirido, de não deixar increpações sem resposta.

Creio, porém, não estar em erro, suppondo que, no ponto vertente, a censura carece de base e não passa de um abuso sem justificação. Não tenho repugnancia em indicar os motivos publicos que me prendem ao escriptor sergipano, e até as razões particulares que me levão a estima-lo.

Aquelles são de ordem litteraria e já têm sido por vezes expostos, pertencendo á critica averigua-los.

As outras justificão-se por si mesmas : Tobias Barreto é meu patricio, foi professor de meus irmãos ; sua familia teve amizade á minha, e, sobretudo, tanto convivi e aprendi com elle, que o considero meu mestre nas letras.

Creio ainda que em tudo isto nada vai de censuravel, e que a susceptibilidade dos chefes litterarios da côrte não será tão delicada que se magôe com tão pouco. O que não posso tolerar é que se propague um certo charlatanismo que nos leva a considerar qualquer figura minima, que apparece, como uma estrella de primeira grandeza, que no céo do pensamento se fez e vive por si, não tendo relações com os mortaes e só dependendo em tudo de seu proprio genio !

Conheço muitos espiritos deste quilate, que do proprio escriptor sergipano fôrão, em Pernambuco, imitadores, senão plagiarios servis, e, em romarias litterarias cá pela côrte, apresentarão-se como grandes letrados e poetas, cahidos do céo para maravilhar-nos, a nós outros pobres diabos terrestres, humildes e obscuros.

Estou no meu direito em ter minhas predilecções, e noto que ellas mais se arraigão á medida que soffro os ataques dos invejosos e dos intolerantes. Tanto peor para mim... que mais irreconciliavel me torno com meia duzia de grandes sacerdotes litterarios cortezaões, dirão talvez !... Tanto peor para elles... que cada vez me parecem mais desfructaveis e banaes, dige por minha parte.

Mas vamos ao assumpto. Apezar de todo o meu entusiasmo tobiatico, nunca tive ensejo de escrever sobre o grande sergipano na sua qualidade de poeta... *

Ainda bem que elle proprio offereceu-me a occasião, tendo a delicadeza de deixar que eu me encarregasse de preparar um prologo para o primeiro volume de suas obras poeticas, que sahe hoje dos prelos a esforços meus.

* Como critico analysei-o na *Philosophia no Brazil*.

I

Foi na poesia justamente que eu tive repetidas vezes de pôr-me em desaccordo com Tobias Barreto.

Não é que lhe negasse a grande espontaneidade, a força e a graça de seu lyrismo. E' que elle fechava um cyclo litterario, era o ultimo romantico de valor e eu me deixava levar por outras idéas.

A escola por elle fundada no Recife, tive occasião de a combater por vezes na pessoa de alguns de seus sectarios. *

Já se vê, pois, que o meu enthusiasmo admitte certas excepções e com o proprio poeta aprendi a ter o pensamento autonomico. Posso julga-lo desassombradamente na poesia, como em tudo e mais.

Tobias Barreto, mais conhecido como critico, orador e jurista, foi e é, antes e acima de tudo, um poeta. Desde uma das mais velhas que conheço de suas producções, a SCENA SERGIPANA de 1856, até ao AINDA E SEMPRE, deste anno, é o mesmo lyrico, espontaneo e vivace, arroubado e natural. Releva ponderar que dos quinze aos trinta annos, durante um *grande mortalis ævi spatium*, só produziu poesias, fundou uma escola, e não se leva impunemente tanto tempo em commercio com as musas. Começou seus estudos superiores já um pouco tarde. No ultimo decennio é que abandonou totalmente, ou quasi, a poesia. Sua carreira poetica divide-se em

* Analyse das *Espumas Fluctuantes* de C. Alves no *Americano* (1870) e das *Peregrinas* de V. Palhares no *Diario de Pernambuco* (1871).

duas phases bem distinctas: a sergipana (1854—1862) e a pernambucana (1862 — 1881)*.

Na primeira muito produziu; mas quasi tudo se perdeu, devido isto ao seu genio descuidoso, quasi imprevidente.

Na segunda produziu ainda mais; grande parte das poesias perderão-se e as outras jazem occultas nas paginas dos jornaes. E' o que acontece tambem á mór parte de seus trabalhos criticos e discursos, que andão esparsos, nunca os tendo senão limitadamente reunido em volumes.** E' a razão por que só é bem conhecido, quero dizer, totalmente lido e apreciado em Pernambuco.

Da primeira phase restão-nos as poesias seguintes: SCENA SERGIPANA, QUADRO HISTORICO, ANHELOS, BEIJA-FLOR, MÃI E FILHO e fragmentos do JUIZO FINAL. São as principaes. Todas as outras pertencem á época seguinte. Não é inutilmente que assignalo estes factos e lhes indico as datas.

E' que pelo estudo dos trabalhos escriptos por Tobias Barreto, quando ainda não tinha sahido de Sergipe, quando nada mais sabia do que a fundo o latim, conhece-se a natureza integral de seu talento poetico, que ainda não tinha sido perturbado por leituras estrangeiras. Possuia já todos os meritos, sem alguns dos seus descuidos; um lyrismo sadio, trescalando um perfeito amor á vida e á natureza, suave e limpido.

Cumpre estudar o poeta em relação ao seu paiz, sua raça, seu tempo e á natureza intrinseca de seu talento, e

* Esta ultima subdivide-se no periodo do Recife (1862—1870) e o da Escada (1871—1881).

** *Ensaio de Philosophia e critica. Uma carta aberta á imprensa allemã. O Brazil litterario. Um discurso em mangas de camisa. Estudos allemães. Algumas idéas sobre o fundamento do direito de punir. Menores e loucos em direito criminal.*

vêr se elle foi um retardatario ou um espirito ávido de luz, se original e patrio.

No tempo em que se desenvolveu, a poesia brasileira atravessava uma crise, estava em decadencia. A primeira phase do romantismo religioso e caboclo, iniciada por Magalhães, Porto-Alegre e Gonçalves Dias, tinha passado; a segunda, sentimental e affectada, seguiu-a por Alvares de Azevedo, Aureliano Lessa, Bernardo Guimarães e Junqueira Freire, já desgostava a nação. O sergipano, que era, e é ainda, um homem robusto e sadio, não tinha soffrimentos turgidos a contar, e foi naturalista, vivido e arroubado. Romantico pela maneira de tratar a poesia na fórma que se inclinava á de Victor Hugo, não o era no choro affectado e na descrença theatral. Tambem tem peças sentimentaes, é certo; mas de um sentimento real, inspirado por sua posição social: era pobre e obscuro.

O autor dos DIAS E NOITES é um dos mais extrenuos e genuinos representantes do povo brasileiro. Nascido em Sergipe, na villa de Campos a 7 de Junho de 1839, teve uma dessas criações ao ar livre, ao contacto directo com o povo. Campos é um ninho de lendas e tradições populares. Na poesia anonyma da provincia ella occupa logar conspicio.

Esse sopro popular da pequena villa das margens do rio Real, bafejado na alma do poeta, nunca mais se lhe apagou.

A SCENA SERGIPANA, OS TABARÉOS, OS TROVADORES DAS SELVAS e a LENDA RUSTICA mostram essa origem.

Por ellas e pelos canticos patrioticos, inspirados pela guerra do Paraguay, é que o poeta prende-se ao nosso povo; é um brasileiro no genuino sentido da palavra.

Nem se diga que elle tem sido um terrivel critico de nossos erros e abusos. Razão de mais para ser brasileiro; porque deseja o nosso progresso. Sabe-se que o celebre

romancista russo Ivan Turgenief ha sido um acerrimo censor de sua patria. Julian Schmidt lhe respondeu que a Russia não pôde ser um tão detestavel paiz, desde que produziu um Ivan Turgenief.

E' o que se pôde dizer do Brazil; não é tão ruim patria, já que pôde, entre poucos, crear um Tobias Barreto.

O poeta é um nacional em regra, um mestiço claro e desfargado, em que predomina muito o sangue branco; a tez accusa essa mescla distante; mas o craneo é puramente caucasico; fronte espaçosa e alta, olhar perscrutador e vivido.

Tem o fogo dos homens de sua raça, a loquella forte e animada, a linguagem brusca e colorida, certa tendencia para o pathos; é um mestiço, é um meridional.

Ama o calor, devora café e só pôde escrever envolto em fumaças.

E' commodista, e, ainda em Sergipe, era um eximio tocador de violão e excellent cantor de modinhas.

Um traço mais: nunca pedio cartas de empenho, sempre teve ogerisa a empregos publicos; gosta de viver por si e em pequenas villas; não pôde ter obrigações aturadas e perdeu um anno na Faculdade de Direito, por acordar sempre em hora atrazada. E' um descuidoso, um poeta. Isto pinta o seu genio sem affectação, o seu typo de homem do povo.

Juntai agora a tudo um character severo, uma sinceridade de amigo a toda prova, um amor filial como não me foi dado apreciar outro, uma independencia e altivez sempre promptas contra os grandes e potentados, e tereis a face moral de sua natureza.* E' um homem de bem, e só podia ser o poeta da verdade. Nada de

* Não ha muito, estando em luta com certa aristocracia fatua de Pernambuco, teve a casa cercada por capangas, que tentárão *assassina-lo* ! !...

convenções e attitudes theatraes. E' simples e lhano. Vi-o quasi louco quando perdeu sua mãe, que elle fôra buscar a Sergipe e que acabou os dias em sua casa.

Não posso comprehender a poesia em um homem, cuja vida não tem tambem alguma cousa de original e poetico; e não comprehendo como um pacato filho do côrte, empregado de secretaria, individuo que nunca lutou, nunca soffreu, possa ser um poeta. Este manifesta-se logo em seu modo de ser e de viver.

Que Tobias, porém, o filho de um escrivão pobre, o filho do povo, que haurio na infancia as lendas da plebe, que sahio da casa paterna aos dezeseis annos para ganhar a vida, ensinando primeiras letras, musica e latim; que aos vinte e tres atirou-se para o Recife, e, sem recursos, aprendeu comsigo os preparatorios em um anno; que ali, por um esforço herculeo, estudou a fundo linguas e sciencias, frequentando a Faculdade e leccionando; que depois de formado, longe de aceitar empregos publicos, o seu primeiro cuidado foi romper com o Sr. de Villa-Bella e outros pseudo-aristocratas de Pernambuco que o quizerão catechisar; que um tal homem, que ha soffrido, seja um poeta, eu comprehendo.

E' preciso ter lutado, senão tanto como elle, um pouco tambem; é preciso, antes de tudo, conhecer o povo e ter visto o paiz.

A litteratura cortezã é uma planta de estufa; uma flôr em um vaso, estiolada e murcha.

Tobias Barreto nunca estudou directamente a poesia de nosso povo. Saturou-se porém della, e conhece-a por instincto.

Em Sergipe quando elle appareceu, a poesia era quasi nulla e só tinha quatro cultores de algum merecimento: Pedro de Calazans, José Maria Gomes de Souza, seu irmão Constantino e Bithencourt Sampaio.

Tobias ultrapassou-os e muito. Para prova-lo basta citar as duas pequenas peças SCENA SERGIPANA O O BEIJA-FLÔR.

As pcesias puramente sergipanas revelão nos sua aptidão lyrica, umas das mais pronunciadas do Brazil. O poeta é todo objectivista, não prantêa; diz o que vio e sentio, e não assume ares de philosopho, de raciocinador nem tão pouco de carpideira. Uma cousa fica, desde logo, provada, e é que o autor dos DIAS E NOITES já em Sergipe, antes de saber o francez e lér Victor Hugo, tinha o mesmo estylo que sempre teve e ainda hoje conserva na poesia. Seu modo de dizer é aquelle, é natural. E' alguma cousa que se parece com a fórmula de Victor Hugo lyrista nos bons tempos. Depois é que Tobias tomou conhecimento do grande mestre, e achando-se a gosto naquella corrente de poesia, deixou-se ir por ella abaixo exagerando-se um pouco. Foi isto em 1861 nos mezes que passou na Bahia, antes de ir para Pernambuco em 1862.*

* Em 1861 passou Tobias Barreto alguns mezes na Bahia; ali tornou-se logo saliente na poesia a ponto de merecêr a attenção do velho e illustre Muniz Barreto, o celebre repentista e um dos melhores pctas deste paiz.

II

O estado intellectual do Recife nesse tempo era lastimavel : uma mescla de carolice, bebida em Ventura de Raulica e Taparelli, e de palavrosidade metaphysica, tomada de Esquiros, Pelletan e Quinct... tal a face da Academia.

A poesia era um prolongamento dos *tacapes* de Gonçalves Dias e da *choradeira* de Alvares de Azevedo.

Nesse meio saltou Tobias com vinte e tres annos de idade. Ruminou a bordo uma das suas melhores produções : A VISTA DO RECIFE.

Desde logo as cousas se acháráo mudadas; aquelle modo de dizer masculino e irriante era novo.

A chorominga morreu desde ahi ; os entusiastas tomáráo o partido do sergipano. Castro Alves, muito mais moço, e apparecido posteriormente como poeta do genero, era do numero delles. Os dous fôráo amigos. Tobias sempre o distinguio dentre a turba multa e dedicou-lhe os lindos versos — OS OITO ANNOS. Castro Alves dedicou-lhe O RIO e o GENIO. Mais tarde, por intrigas e questões de bastidores, brigáráo os dous. A luta foi renhida e escandalosa por causa de duas actrizes.

Na questão puramente litteraria e critica não foi para surprender que o sergipano contundisse o bahiano, que, se tinha, como fui sempre dos primeiros a reconhecer, um apreciavel talento poeta, de não tinha estudos feitos.

Formarão-se dous partidos, em torno dos dous batalhadores. Logo em comêço, a nova escola dava o espectaculo de uma luta intestina. Como era natural, os dissidentes e os sectarios das antigas maneiras sahirão a

campo, e Tobias foi horripelmente apedrejado, o que o fez dizer :

« De tantas pedras que atirão-me
Hei de fazer um altar... »

Em 1867, Castro Alves retirou-se do Recife para a Bahia e depois para o Rio e S. Paulo. Teve então a fraqueza de aceitar as recommendações de José de Alencar e do Sr. Machado de Assis ! Castro Alves não era um verdadeiro e intransigente lutador; não tinha certo pessimismo indispensavel ao tempo de hoje. Fraquejou, e deixou-se empolgar por um homem da tempera do Sr. Machado de Assis, *virtuoso* litterario, enroupado á franceza... Desde esse dia o joven poeta bahiano deixou de ser um homem de combate, tinha de retirar-se ou morrer. Deu-se a ultima hypothese.

A época de 1862 a 1870 no Recife, ao influxo de um enthusiasmo de subito desenvolvido, foi um periodo de vida e movimento litterario. Ali apparecêrão poetas de grande merecimento : Tobias Barreto, Castro Alves, Guimarães Junior, Plinio de Lima, Victoriano Palhares, Carneiro Villela, Franklin Tavora, Generino dos Santos, José Jorge, Altino de Araujo, Souza Pinto, Celso de Magalhães e muitos outros.

Varella lá tambem appareceu durante um anno e distinguio-se por suas singularidades. Se não deixou-se ir pela corrente geral, não teve força para chamar os outros a si. Era um periodo guerreiro para o paiz e a poesia acostumou-se ao retintim das armas. Ouvimos então os nossos mais bellos hymnos patrioticos. O Recife era a passagem de todos os batalhões do norte; o ardor marcial era geral. Tobias recitou OS VOLUNTARIOS PERNAMBUCANOS, A CAPITULAÇÃO DE MONTEVIDÉO, OS LEÕES DO NORTE, EM NOME DE UMA PERNAMBUCANA e muitos outros cantos marciaes.

A principio a guerra tinha sido mal recebida em Pernambuco, sempre ferido no segundo reinado; as festas

publicas e os brados dos poetas acabárão por acorda-lo. Tobias foi o Tyrteu do movimento.

Em 1870, quando se acabou a guerra, já elle estava entregue á outra ordem de idéas; mas fôrão ainda chama-lo para saudar os que regressavão da campanha, e recitou a VOLTA DOS VOLUNTARIOS, uma de suas mais ruidosas poesias. Ahi o poeta já estava um pouco descrente e seu enthusiasmo bastante arrefecido; entre outras notas, ouvirão-se estas :

E oxalá que em algum dia,
Tendo saudades da morte,
Não clameis: «feliz a sorte
Dos que não voltárão cá !..»

Foi assim; muitos voluntarios arrependêrão-se de ter voltado á patria! Neste paiz, onde, segundo o nosso poeta, *o sol é popular e preside ao trabalho*, onde

— O sol que nos conforta
E' nosso concidadão...

a natureza é grande, mas deixou pouco logar para o homem. Se tivermos uma nova guerra no Rio da Prata, duvido muito que ella seja acolhida com o mesmo enthusiasmo de 1864.

Antes de proseguir no estudo do caracter poetico de nosso autor, é preciso dar a conhecer o que elle mesmo naquelle tempo pensava sobre a poesia. Para aqui transcrevo umas palavras por elle escriptas em um volume de versos de Paes de Andrade. Ahi revela-se a sua intuição daquelle tempo. Disse o poeta :

« Passa como uma verdade incontestavel que a poesia, a poesia lyrica digna deste nome, é a expressão das lutas da alma humana com o enigma do seu destino.

« A felicidade indefinida, que o homem aspira, é a incognita de um problema sombrio, diante do qual

encontrão-se perpetuamente embebidos o padre com todas as suas preces, o philosopho com todos os seus calculos, o poeta com todas as suas queixas. A poesia impregnada dos perfumes da religião e das luzes da philosophia, torna-se um alimento suavissimo, um favo de consolação para os corações solitarios, que não profanão a santidade do padecer com a brutalidade dos prazeres insensatos.

« Deste modo, falsêa o entender daquelles que dão, que empregão como character da poesia a criação de um mundo á parte, phantasmagorico, impossivel. Assim como já não é dado ao philosopho recostar-se nas hypotheses, não é dado ao poeta apegar-se aos vagos sonhos dos espectros fumegantes da imaginação febril.

« *A poesia de hoje, a poesia do seculo XIX tambem precisa da observação; o poeta deve ser investigador; elle tambem perience á grande aristocracia pensante, a esse grupo de cabeças chcias de todas as auroras do futuro, que têm os ouvidos attentos a todos os silencios mysteriosos, e as frentes batidas por todas as vagas do infinito. Mas no homem que pensa, eu quero vêr tambem o homem que obra. Longe estou de suppôr que para o culto do pensamento, como pretende o Sr. Eugène Pelletan, seja mister a instituição de uma classe brahminica, sagrada. O genio, qualquer que seja a sua manifestação, deve entrar, deve apparecer como parte activa nos trabalhos, nas lutas, nos progressos da humanidade. Dizer ao poeta, ao philosopho, ao pensador em geral —, nós te sustentamos, o teu trabalho é todo intimo —, importa dizer-lhe : divorcia-te da sociedade, renuncia ás doçuras da familia, aos encantos da mulher; nós iremos te consultar na gruta do teu pensamento, piaga da civilisação.**

* Neste periodo já claramente, em 1865, Tobias Barreto mostra que possuia a intuição do verdadeiro realismo scientifico moderno.

« Não sou do numero daquelles que amão a poesia como um minuto de prazer, um entretenimento de occasião, uma embriaguez de todas as paixões, uma feiticeira nocturna que se occupa de introduzir sonhos de voluptuosidade debaixo do travesseiro da donzella.

« E é a que mais vêmos, a que mais temos, a que mais agrada em nossa terra, linguagem da devassidão, linguagem do lenocinio, poesia sensual, dithyrambica, immoralissima, pagã.

« Lêde os modernos lyristas amorosos, e vêde : as mulheres apparecem quasi nuas, desgrenhadas, preguiçosas ou nymphomaniacas ; a natureza fluctua em mar de voluptias, a briza é *voluptuosa*, a tarde é *voluptuosa*, a flôr é *voluptuosa*, a estrella é *voluptuosa*, tudo é *voluptuoso*. Deus mesmo não escapa, tem os seus momentos de sensualidade!! E depois desta urgencia intellectual, ahi temo-los cahidos em uns sentimentos *indiziveis*, ou seja o nosso, *cismar*, ou a *réverie* dos francezes, ou o *Sehnsucht* dos allemães, que todos querem dizer *preguiça*, essa estupidez da acção. Debalde procuraremos em poesias desta ordem o sentimento da vida, o sentimento das cousas : « *Lacrimæ—rerum*. Nellas a belleza, sobretudo a belleza feminina, é uma exquisitice ridicula. Quando não é um anjo que vem á terra, sem um motivo plausivel, é uma mulher microscopica, insignificante, uma descendente bastarda da rainha Mab, mettida em um froco de escuma ou na dobra de uma nuvem, que ao muito poderá servir para amante de uma criança, mas nunca para ser a doce consolação de um homem, no sagrado aperto das mãos, na santa união dos destinos : *Consors*.

« E não finda ahi. Se acontece que seja real o objecto de suas adorações, o poeta metaphoricamente choroso, em vez de apresentar aos olhos de sua querida as delicias, a grata existencia, a suavidade dos laços da familia, procura desapertar-lhe a charpa dos santos deveres,

insinuando-lhe tendências perigosas na impetuosa insolência de uma poesia animal, balda de prazer para o publico sensato e sorrrateiramente prejudicial á sociedade. Com effeito ao homem sério, que tem o gosto do bello e do bom, nada importão, nada deleitão versos que só têm beijos, que fallão de mais beijos do que os milhares e centos de milhares que Catullo pedia á sua Lesbia. *Da mi basia mille, deinde centum*. Vamos, dest'arte a poesia prestar-se aos appetites vergonhosos. Desejos que degradão, palpitações criminosas exprimem-se com toda a audaciã da libertinagem. O bom senso indigna-se de vêr a mais bella das artes, a mais doce das linguagens, demittida do seu mister honroso e sublime.

«Seja qual fôr o vigor de seu talento, e seja qual fôr a grandeza de suas concepções, o poeta é sempre um homem, e como tal sujeito ás leis que regem a natureza humana.

«Observa-se, entretanto, que, na época actual, quem faz uma quadra, uma tirada dessas bagatellas que por ahi facilmente correm com o nome de poesia, crê-se logo revestido de uma certa immundade moral. E é possível chegar um dia em que os *genios* reclamem tambem a immundade legal — por que não?

«Quando se lhes desculpão as suas tolices, porque são poetas, a sua deshonestidade porque são poetas, é de esperar que muito breve se lhes desculpe tambem o furto porque são *genios*, o defloramento, porque são *genios*, e até o assassinato, porque são *genios*. Fallemos franco.

«A poesia rotineira dos nossos dias é a deserção dos principios moraes, é Deus tratado com um certo tom de atrevida familiaridade; é a mulher *metricamente* seduzida, convidada para presidir ao grande banquete da vida licenciosa, é a creação representada como uma cortezã immensa, cambaleando bebada no espaço, de taça em punho atirando ao infinito a gargalhada do deboche.

«O poeta, fazendo o inventario da natureza de que elle se mostra rei e senhor, não esquecendo nunca — a

briza que suspira, a florinha que se inclina, o regato que murmura, a onda que beija a praia, etc., etc., tem o ar de dizer a qualquer bella que se lhe antolhe, como Satanaz a Jesus: Tudo isto é meu, e eu t'o dou se te curvares aos meus desejos. E' o requinte do desaforo ; não tem outro nome. No livro de um poeta devem-se tomar as dimensões de seu craneo e palpar as dôres do seu coração. E' bem pequenina a cabeça que não aguenta uma idéa nova, grandiosa e aproveitavel ; bem acanhado o peito que apenas pôde conter a mesquinhez de triviaes amores. Suffocar, no curso da vida, todas as paixões aviltantes, e deste tormento, dignamente doloroso, fazer brotar os sentimentos nobres que determinão as nobres acções ; provocar, interpellar a natureza, cobri-la com um olhar indagador, exigindo-lhe os segredos da sabedoria, e ter em resposta o que outr'ora ao santo leproso da Idumea o abysmo respondia — *non est in me* — ; amar, procurar unir-se, purificar-se diante de Deus na chamma celeste de uma alma de mulher, tudo isto é o assumpto da grande, da verdadeira poesia, porque é ao mesmo tempo o assumpto da vida do homem de bem.

« E' de notar a maldição continua lançada pelos poetas contra os homens positivos. E quem são os homens positivos? Serão aquelles que, occupados no seu trabalho, não se demorão um instante para escutar as harmonias phantasticas de algum sonhador allemão, para lêr uma pagina de A. de Musset e apreciar poeticamente descriptos os tregeitos e colleamentos de alguma hespanhola voluptuosa, querendo morder como uma féra na estação da berra ; para medir com Gœthe os pés do hexametro no dorso nú de cortezã romana, tudo isto em verso, tudo isto em livros que se espalhão, que se louvão, que se animão, que se beijão... serão esses? Oh! então os homens positivos são os homens honestos. »

E' uma de suas boas paginas de prosa ; o poeta foi sempre mais ou menos fiel a este programma.

Bem se vê, que elle nada tinha da languidez e do epicurismo burguez da poesia immoral. Sua musa não teve necessidade de desenhar-nos *alcouces, barregans, crimes esverdeados*, erotismos perpetuos, aphrodisiacas pinturas.

Andava distrahido com o enthusiasmo esthetico, o sentimento da natureza, o patriotismo e o amor. Dos poetas portuguezes, parece-se com João de Deus, de quem tem mais de um traço Pompeu com as contradições morbidas de nosso romantismo e lamuriento.

E' um cantor altiloco.

Em 1865, escrevia elle as palavras transcriptas, condemnando as immoralidades do romantismo. Dez annos depois Guerra Junqueiro, como prologo da MORTE DE D. JOÃO, pôz alguma cousa de parecido e como quem fazia uma grande revelação.

Tenho sempre associado o nome de Castro Alves ao de Tobias Barreto. Importa mostrar as differenças entre ambos. Considero-os os dous melhores representantes do lyrismo hugoano no Brazil; ambos têm o tom elevado, que os fez denominar de chefes da *escola condoreira*. A verdade, porém, deve ser dita com franqueza: tal genero de poesia nas mãos dos mediocres transformou-se em um gongorismo petulante e incorrigivel, em uma cascata de palavras retumbantes. Era um coachar incommodo para o ouvido, esterilizador para as idéas. Tobias, nas suas poesias naturalistas, nas amorosas, e nas inspiradas pelo sentimento artistico foi sempre elevado, mas simples; nas dictadas pelo sentimento patriotico, ás vezes, foi um pouco exagerado por exigencia do assumpto.

Castro Alves o foi ainda mais; Tobias o excede na simplicidade e naturalismo.

Um inspirou-se em a natureza, o outro mais no estado de nossa vida social; um cantou OS TROVADORES DAS SELVAS e OS VOLUNTARIOS PERNAMBUCANOS, e o outro o NAVIO NEGREIRO, um o GENIO DA HUMANIDADE e a LENDA RUSTICA, o outro o LIVRO e a AMERICA e PEDRO IVO. Não quer isto

dizer que Tobias não se inspirasse também no Brazil; inspirou-se e muito, como nos TABARÉOS e na VISTA DO RECIFE, mas pelo lado popular e patriótico.

Tobias é mais lyrico, mais suave, mais terno, quando é amoroso; mais crepitante, quando encara os grandes assumptos. Castro Alves mais vago, mais palavroso mais affectado; este dirige-se aos míseros captivos de preferencia; aquelle aos homens livres, principalmente. As poesias de Castro são mais para serem recitadas e as de Tobias para serem lidas.

Um é o segundo elo da cadeia, de que o outro foi o primeiro e Victoriano Palhares foi o terceiro. O poeta das ESPUMAS FLUCTUANTES foi tido por chefe, por dous motivos principaes: o passar-se para o Rio e S. Paulo e o ter publicado logo o seu livro. Não esqueçamos, porém, que elle nada teve de innovador, não passando de um sectario de Tobias. Esta é a justiça da historia propositalmente desconhecida.

Tenho todas as provas deste facto no exame das producções dos dous poetas anteriores a 1862. Tobias começou antes e continuou ainda depois; porquanto, quando elle veio a romper com o Victor Hugo da decadencia transformado em propheta, philosopho e politico, Castro Alves já dormia o somno do sepulcro. O Victor Hugo das ODES E BALADAS e das ORIENTAES continúa a ser ainda hoje o mesmo aos olhos do poeta do AINDA E SEMPRE. O rompimento foi muito posterior á guerra allemã, quando o sergipano dedicou-se ao germanismo. Foi limitado ás extravagancias do vidente, como se pôde vêr no artigo AUERBACH E VICTOR HUGO.* Com estas considerações tenho em mira firmar a verdade dos factos e não menosprezar, veja-se bem, o merecimento do poeta bahiano em quem sempre verci um grande talento, que muito fez, e

* Escripto em 1873 e publicado nos *Ensaio e Estudos de Philo-
sophia e Critica* em 1875.

ainda mais se teria avantajado, se a morte o não houvesse retirado da arena de nossas lutas e se elle quizesse estudar. Deve ser julgado com a verdade e não precisa de ser cercado de uma aureola falsa para ter valor aos nossos olhos. E oxalá todos lhe rendessem o preito desinteressado da justiça. Desta é que precisamos todos, os mortos ainda mais que os vivos.

Tobias Barreto que, como poeta, trabalhou no vasto periodo de vinte e oito annos, não tem convenientemente defendido o seu logar, e, nem sequer, reunio jámais suas produções em livros. Os que, porém, vivem em Pernambuco sabem perfeitamente que elle tem sido um trabalhador infatigavel no jornalismo e tem tomado parte activissima em todas as lutas litterarias ali travadas. Com razão disse um dos primeiros sabios deste seculo, o grande Ernesto Hœckel, que elle é *zur Race der grossen Denker gehœrig*. Sirva este insuspeito testemunho de eterno anathema contra os pequenos zoilos que mordem a sombra do poeta. Castro Alves representou, no terreno da poesia, um papel que foi d'elle: o de propagador na Bahia, Rio de Janeiro e S. Paulo, onde creou adeptos, do movimento iniciado por Tobias no Recife.

Tal a sua missã) historica que deve ser consignada e que ninguem se lembra de lh'a tirar.

III

Vejam os por ultimo a natureza intima do talento poetico do illustre sergipano. O livro que sahe agora dos prelos, divide-se em cinco partes, contendo cinco categorias diversas de inspirações : *naturalistas, amorosas, patrioticas, estheticas, e satyricas*. Esta divisão não é caprichosa; origina-se da qualidade mesma das composições. O poeta nunca teve a poesia como uma profissão de vida. Tem-na como tal certos monomaniacos, que entendem, lá de si para si, que são poetas, por graça de Deus ou do diabo; que julgão ter necessidade de fazer versos, como outros julgão que não podem viver sem purgar-se a miude. E' uma cousa terrivel a mania do versejador de profissão, que se concentra para accumular rimas e rimas e compôr longas machinas de martyrio, verdeiras polés para o leitor, como a INDEPENDENCIA DO BRAZIL ou a CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS. Tobias Barreto nunca fez planos, nem cogitou em vastas obras. A poesia para elle era uma questão de festa, de alegria, de divertimento.

Nessas occasiões poetava, como um passaro canta ao clarão matinal. Tal o verdadeiro poeta, aquelle que só escreve para vazar no papel alguma cousa que nelle transborda, ou seja a tristeza, ou o enthusiasmo. Tobias Barreto é um desses destemidos

« Corações acrysolados
No brazileiro sentir... »

é um desses meridionaes, sonhadores, descuidosos, que pegão fogo por qualquer cousa.

Qualquer que seja a doutrina que se professe sobre a natureza da poesia, não se lhe pôde negar que ella é a vida em geral. a natureza e o homem, interpretados pelo sentimento. As grandes creações da humanidade não passam de quatro —: a sciencia, a philosophia, a religião e a arte.

A sciencia é o universo interpretado pelo raciocinio e pela observação; a philosophia é a sua synthese racional; a religião é a origem, a causa primeira, o desconhecido em face de nossa pequenez e do acanhado de nossos conhecimentos; a arte em geral e a poesia, em particular, vem a ser tudo isso de que se occupão as outras, mas tudo diante das emoções que em nós se despertão pelo espectáculo das cousas, pelas peripecias da vida. A poesia é isto. Como tal, ninguem a sentio o melhor do que o poeta dos DIAS E NOITES.

Dessa sua qualidade essencial originou-se justamente o seu maior defeito, que consistio sempre e sempre em baratear o seu talento. E' para impressionar o entusiasmo enorme de que Tobias deixava-se apoderar diante de uma actriz ou de um cantor mediocre. A fonte perenne do sentimento é nos poetas, ás vezes, um inconveniente: o arderem não raro por uma cousa insignificante. Em tudo achão um encanto, um motivo para um transbordamento. Tobias é destes; tudo a seus olhos toma proporções excepçoes.

O Brazil é a joven patria de heróes, a Tamborini tem phrases de ouro na boca; o rabequista Moniz Barreto é o genio que ser maior é morrer; o Recife é a cidade das gallardias, da raça das Romas tombadas e das Babylonius em pó.

Ao través do sensorio do poeta as cousas e os factos se avolumão; o inspirado só pôde cantar o que é grande, e, quando o objecto é pequeno e vulgar, a imaginação suppre o que lhe falta em grandeza.

E' um exagero sublime; mas sempre um exagero.

Bem baja aos poucos que delle são capazes; porque são os verdadeiros poetas. A arte só é possível sendo vaga, geral, indeterminada, e, para tudo dizer em uma palavra, sendo em certo sentido *falsa*. A poesia é sempre falsa cotejada com a realidade, que lhe está sempre abaixo ou acima; mas é sempre verdadeira cotejada com o estado emocional do poeta, que é, até certo ponto, um visionario.

Tobias Barreto, eu o julgo admiravel nos suas poesias geraes e naturalistas como o GENIO DA HUMANIDADE, a CARIDADE, a LENDA RUSTICA, OS TABARÉOS, OS TROVADORES DAS SELVAS, OITO ANNOS, a POLKA, e outras. Ahi seu talento é realista, objectivista.

Nas poesias amorosas, ainda o aprecio quasi tanto por ser sempre lucido e verdadeiro.

As inspiradas pelo sentimento esthetico, desperto pelos espectaculos e festas a que assistia, me agradão especialmente como modelos de força e de graça, como typos de metrificaçào.

Os canticos patrioticos são alguma cousa de original, que não encontra muitas congeneres em todas as litteraturas. Aquelle fallar tem algo de desusado; são phrases vibrantes, que se enterrão como dardos acerados; ali ha a limpidez das espadas, o silvo das balas e o troar dos canhões. Tobias creou e matou este genero no Brazil; depois delle é uma innocencia querer tenta-lo de novo. E, todavia, não são para mim as suas melhores producções acho-o ainda superior nas primeiras.

As satyricas são em pequeno numero; o poeta devia cultivar mais a miude o genero; porque, pelo REI REINA E NÃO GOVERNA se conhece que elle póde fazer muito ali.

As artes vivem essencialmente pelo prestigio da fórma; o estylo é quasi tudo em poesia. Neste ponto, o poeta da LENDA RUSTICA tem uma feição propria, consistente em um certo laconismo forte e rutilo. Póde-se bem vê-lo na seguinte strophe de 1861 de um QUADRO

HISTORICO sobre a guerra hollandeza; cito de proposito esse topico tirado das composições mais antigas.

« Barreto diz :—Somos poucos
De enc ntro ao troço hollandez ;
Que vamos fazer, oh loucos ?!
Morrer inglorios, talvez !
— General, brada Vieira,
Foi a minha idéa primeira,
O passo primeiro, é meu. . .
Morreremos neste extremo. . .
—Camarão ruge : —não temo !
Henrique Dias : —nem eu ! »

Eis ahi todo um complicado dialogo comprimido em uma strophe. Em todas as suas poesias, além de tudo, o nosso autor nunca usou de uma só palavra peregrina, cujo significado se tenha de ir procurar no dictionario ; seus termos são simples e vulgares ; é a lingua singela e rutilante do povo.

Eis ahi o que foi e o que é o Tobias Barreto como poeta ; um lyrista brilhante pela imaginação e commovedor pelo sentimento.

Paulina Mosser, poetisa allemã, nos bellos versos que lhe dirigio, diz que elle no *allemanismo* achou o genio que o ha de levar á immortalidade.

« Nationalstolz auf Wahrheit gebaut
Woll allemal Ehr'und Achtung gebuehrt ;
Du, Meneses, hast im dem Deutschthum geschaut
Den Genius, der Dich zur Unsterblichekeit fuehrt. »

Eu o creio bem ; mas ainda quando o *teuto-sergipano* não houvesse escripto uma só palavra como prosador-seu nome ficaria garantido por suas producções poeticas ; seria sempre lembrado como o chefe de uma importante escola nacional de poesia.

Pouco importa que tenham tirado para outro agloria da iniciativa. Sua antecedencia de mais de oito annos será um dia reconhecida.

XXIV

SOBRE EMILIO ZOLA*

I

Quaesquer que sejam as dissonâncias que se possam notar entre os diversos systemas contemporaneos, que têm feito a guerra ao romantismo para lhe tomar o lugar; quaesquer que sejam as diferenças entre Gottschall e Swinburne, Sully-Prudhomme e Maurice Bouchor, Zola e Daudet, Coppée e Rechevin, todas estas maneiras de encarar a arte e a litteratura pisão um terreno commum; diversificão-se apenas em alguns pontos accessorios e podem abrigar-se sob a bandeira do *naturalismo*. Esta palavra exprime mais nitidamente a feição geral da litteratura contemporanea do que o termo *realismo*. Este não é a antithese do systema classico, ou do romantico. Se houve classicos idealistas como Tasso, tambem os houve realistas como Camões. Se houve romanticos idealistas como Schiller tambem os houve realistas como Gœthe. Realismo é o opposto de idealismo. O naturalismo é o contrario da intuição phantasista, do romanticismo aereo, morbido, inconsistente, hysterico. Entre os

* *Œuvres Critiques* d'Emile Zola— 1879—1882.

naturalistas, é certo pôde em um predominar a impressão subjectiva e idealista, como em Sully-Prudhomme, ou a objectiva, como em François Coppée.

Dentre todos os sectarios do naturalismo, o mais celebre, o mais popular é sem contestação o autor de *Nana*. Tres circumstancias contribuirão especialmente para isto: —a nitidez de seu espirito logico e lucido que o levou a tirar as ultimas consequencias do systema; a fibra batalhadora de seu temperamento que o levou a accentuar na critica 'as novas doutrinas; —a fórmula que escolheu para suas produções, a mais em harmonia com os gostos do tempo, — o romance.

A tudo isto accresce e sobrepua o talento do autor que é um dos mais consummados pinturistas da lingua franceza, quero dizer de todas as linguas; porque nenhuma tem como essa uma tão distincta pleiada de artistas da palavra. Em 1869, quando escrevi a *Poesia Contemporanea e sua intuição naturalista*, Zola era desconhecido por mim e pelo publico brasileiro; mais tarde li alguns de seus romances, e mais tarde ainda realisei o estudo de seus trabalhos criticos, todos de data recente.

Confesso que poucos livros me têm agradado tanto como as obras de critica do pintor do *Ventre de Paris*. Claresa, segurança de vistas, independencia e elevação de juizo—são os dotes dos artigos litterarios de Zola. Destes trabalhos é que me proponho fallar agora; o critico me occupará de preferencia e o romancista só accidentalmente. Duas preoccupações capitaes emanão das paginas do insigne escriptor:—enterrar definitivamente o romantismo e erguer sobre a immensa ruina uma nova intuição da litteratura e da arte. E' tarefa tentada por trinta modos diversos por outros tantos escriptores e chefes de escola. Se Zola me parece não estar em tudo com a verdade, quasi sempre attinge o alvo e mostra-se munido de razão.

Meu ponto de vista é um pouco differente, não resta

a menor duvida ; nem eu o escondo, antes o proclamo em altos brados. Não quero pensar pelo cerebro de Zola ; prefiro pensar pelo meu ; mas noto que os dous modos de julgar têm muitos pontos de contacto, influencia das grandes correntes do pensamento contemporaneo. Vejamo-lo por miudo.

A mais impertinente objecção opposta ao romancista de Médan é a velha lamuria da immoralidade de seus quadros. Embalde o critico tem provado que a tendencia do naturalismo, seu methodo e designios consistem pura e especialmente no abandono das creações acreas, despidas de verdade e oriundas da phantasia desregrada. Embalde tem elle mostrado *ad oculos* que a nova intuição visa transportar para o romance e para a arte em geral os methodos de observação, os processos analyticos proprios para surprender o homem no desenvolvimento normal de suas paixões. Embalde ha insistido em que a obra litteraria não deve ser um acervo de mentiras, mas um conjuncto de documentos humanos tomados ao vivo. Embalde tem sempre indicado, que o fim da arte não é emendar ou corrigir, senão estudar e commentar. Embalde, finalmente, tem declarado que, se escolheu para seus romances a analyse de certos vicios e chagas sociaes, é isto simplesmente por ser da gente que o cerca o lado que elle mais conhece, ficando o campo livre a outros que desejem estudar o meio parisiense por outras faces. Sempre e sempre a critica leviana e superficial tem passado por sobre tão categoricas affirmações para glosar o velho mote da *immoralidade* !...

Deixemo-la em seu emperramento.

Nos livros criticos do romancista do *Assomoir* ha cem passagens, que desfazem essa abusão ; é só tomar quem quizer o trabalho de os lér. Limito-me a lembrar a pagina em que o escriptor razoavelmente censura João Richepin por *affectar* uma impudicicia falsa e calculada : — « Le poète s'y affirme comme un réaliste audacieux,

qui ne mâche pas les mots crus, et qui appelle les choses laides par leurs noms. Certains morceaux sont même entièrement écrits en argot. Je dois dire que sont ceux qui me plaisent le moins. Il me semble que M. Richepin fait un effort trop visible pour s'encanailler. Quand on peint le peuple, il faut surtout de la bonhomie.»* E' visível que Zola condemna o canalhismo litterario, a affectação de vícios, que são falsos e que se atirão ao publico atraz do effeito. O trecho é instructivo, e eu chamo para elle a attenção de alguns realistas brazileiros que jogão nas paginas dos jornaes uma giria grosseira, falsa e fatua na sua pretenciosidade de naturalismo. Antes de tudo a verdade, a logica, o bom senso e o talento. Zola tem razão quando escreve: « Dans le mouvement naturaliste qui s'opère, on prend trop souvent l'audace pour la vérité. Une note crue n'est pas quand même une note vraie.»** Afastada a censura idiota lançada á litteratura contemporanea por quem não sedá ao trabalho de a estudar em seus melhores documentos, encaremos o *zolaismo* mais de perto, em suas idéas capitaes.

Antes de tudo sahe dos factos litterarios por si mesma a grande verdade de que o creador dos *Rougon-Macquart* não representa por si só todo o movimento contemporaneo nem na critica, nem no romance. Zola não é o creador da intuição nova nessas duas esferas.

Na critica foi antecedido por Sainte Beuve, Scherer e Taine; no romance por Balzac, Stendhal, Duranty, Flaubert, os Goncourt e Daudet.

O patriarcha de Médan é o continuador destes illustres predecessores. O seu talento descriptivo no romance e a sua energia na critica chamarão sobre elle a attenção. Zola não é, porém, um sectario vulgar; trouxe para o seio

* *Documents Littéraires*, pags. 187 e 188.

** *Idem, Ibid.*

da doutrina vistas proprias que affirmão com força a sua individualidade. Entre ellas destaca-se a idéa que o romancista faz da critica, o seu conceito da litteratura, a sua doutrina sobre a arte.

E' justamente ahi que pretendo assestar minhas observações.

Nos seus livros de analyse litteraria, ao leitor que os percorre, se elle tem a cultura indispensavel para os julgar, no meio de muita cousa bôa, uma circumstancia anomala desperta, desde logo, a attenção : — é o ponto de vista limitado, exclusivamente francez do escriptor.

E' para impressionar a *aisance* com que o autor do *Ventre de Paris* discorre sobre romance e romancistas, poesia e poetas, dramas e dramatisas, critica e criticos, enxergando sómente os seus vizinhos francezes, como se elles estivessem em terreno conquistado, ou tivessem ahi dito a primeira e a ultima palavra ! . . .

Sei que seus artigos fôrão escriptos para uma revista de S. Petersburgo, no intuito de dar ao publico do grande imperio do norte uma noticia do movimento litterario da França.

Mas não se limitou o critico ao seu papel de noticiarista : — elle tentou a sua arte em ponto grande, á moderna, com o seu encadeamento de causas e effeitos ; fez analyses e classificações ; fallou das correntes litterarias do tempo ; determinou a origem e a evolução das escolas , lutou braço a braço com o romantismo ; embrenhou-se na concepção naturalista de nossos dias, e tinha, portanto, o dever de indicar as influencias estrangeiras que a França tem experimentado em tudo isto.

E' o que faria Taine ; é o que faria Scherer. Fallar do romantismo francez e não mostrar suas relações com o romantismo allemão e inglez, é traçar um quadro historico mutilado ; é não dar-se conta exacta dos phenomenos litterarios ; é expôr-se a falsêar a origem e o encadeamento dos factos. Na poesia e no romance a lacuna não é

tanto para sentir-se ; no que se refere á critica é de todo extravagante e nociva.

Neste sentido o artigo sobre *Sainte-Beuve* e o artigo sobre *La Critique Contemporaine* são typicos ; são insignes de falseamento e injustiça. E' este o primeiro reparo que se póde fazer a Zola : — a sua idéa sobre a natureza e o desenvolvimento da critica européa é incompleta e estreita.

Mais artista do que pensador, mais preocupado com os seus romances do que com a sciencia, Zola, por sua vida e por sua educação, pelas qualidades de seu espirito e pelas circumstancias que o têm cercado, não possui a necessaria cultura historica e philosophica para manejar a critica em altura igual a Julian Schmidt, Hermann Hettner, Taine ou Scherer.

Não ha duvida que o seu bom senso e o seu grande talento o collocão mesmo naquella esphera em posição elevada ; mas é só isto.

Quanto ao mais, dista immenso daquelles insignes mestres.

Para Zola a critica é na Europa uma filha de *Sainte-Beuve* ; foi este que a gerou, porque foi elle que a afastou da rhetorica e do palavriado inutil. *Sainte-Beuve*, porém, era ainda demasiado amigo da cultura antiga e, por isso, commetteu o immenso crime de não comprehender a *Balzac*. Esta grande fortuna coube a *Taine* que, dest'arte, é o genuino creador da critica scientifica. Entretanto, ouçamos o proprio *Taine* : « A historia acha-se transformada ha *cem annos* na *Allemanha*, ha sessenta annos na *França*, e isto pelo estudo das *litteraturas*. » São as primeiras palavras da *Historia da Litteratura Inglesa*. *Taine*, com a instrucção que Zola não possui, tem a noção clara das origens da critica moderna. Sabe que ella partio da *Allemanha* a datar de *Lessing* e *Herder*

A critica moderna não é a antiga critica litteraria ; é uma disciplina scientifica que se applica a todas as manifestações da humanidade. Seu dominio não é a

litteratura em sentido restricto, a beletristica em lingua-
gem allemã :—a poesia, o romance e o drama. Seu dominio
é a totalidade das creações da intelligencia humana. Seu
methodo é o historico-comparativo e por isso ella chama-se
a critica historica. A sua mais vigorosa applicação na
Allemanha foi ás linguas, ás mythologias e ás religiões.
Dahi sahirão as tres sciencias inteiramente novas :— a
linguistica, a critica religiosa, e a mythographia. Foi
tambem desde Lessing e Herder applicada ás litteraturas.
Desde então morreu o *voltairianismo*, suprema incarnação
da critica franceza do seculo passado, para a qual as litte-
raturas e as religiões são jogos do espirito ou as machi-
nações da velhacaria. Desde Lessing começou-se a divisar
nas producções humanas o desenvolvimento normal das
aptidões psychologicas, as energias latentes das raças.
Uma obra de arte foi encarada como o coeficiente de um
estado emocional sincero e espontaneo e não como um
capricho do acaso. Estava designada a lei da evolução,
do desenvolvimento, *Entwicklung*, como dizem os
allemães. Sainte-Beuve ainda *natus non erat*. Quando elle
appareceu os processos criticos já são uma realidade
scientifica na Europa. O autor da *Historia de Porto-Real*
não appareceu por milagre ; elle estava em harmonia com
o momento historico em que se desenvolveu. Occupa um
grande logar na critica hodierna pela habilidade com que
pintava a vida psychologica dos autores que submettia á
sua analyse, e pela ductilidade e comprehensibilidade de
seu espirito ; mas os seis principaes elementos da critica
são já uma realidade na época de seu aparecimento e
ainda mais se desenvolvêrão depois d'elle. Estes seis ele-
mentos são : a *mesologia* em que Gervinus, Buckle e
Curtius fôrão mais eximios do que o critico francez ; a
ethnologia em que Herder, Thierry e Renan o excedêrão ;
a *physiologia* em que Thaine e o proprio Zola levão-lhe
vantagem ; a *psychologia*, que o autor das *Causeries du*
Lundi exerceu com bastante tacto, e onde Hermann

Hettner e Karl-Frenzel o igualão : as *correntes e influencias historicas* que Maculay e Villemain fôrão sempre habeis em indicar. e, finalmente, o *juulgamento scientifico, ultimo e definitivo*, que ninguem formula melhor do que Edmond Scherer e Julian Schmidt.

Com estes dados estudão-se os povos e os individuos determinando nos primeiros a natureza de suas instituições e nos segundos a indole de suas creações. Mas para tanto é necessario possuir-se uma philosophia ampla e segura, e é o que faltava a Sainte-Beuve.

E' tambem o que falta a Zola, e por isso como criticos Taine e Scherer o excedem demasiado.

No artigo que o autor de *Nana* consagrou aos criticos hodiernos não se nos depara o nome de Scherer e ha flagrante injustiça para com Taine. Entretanto Edmond Scherer é o legitimo successor de Sainte-Beuve, a quem sobrepuja em vastidão de cultura e segurança de vistas.

Os seus estudos sobre Hegel, Maurice de Guerin, Sismondi, Mme. Roland, Renan, Lamennais e Goethe são modelos quasi inexcediveis do genero.

Ninguem o sobrepuja na exposição das doutrinas e na pintura dos caracteres.

Quanto ao illustre autor da *Historia da Litteratura Inglesa*, não ha muito Zola lhe tecia os maiores elogios. Taine, porém, não o tendo applaudido no mesmo tom em que applaudio Balzac e Stendhal, o romancista atacou-o vivamente. — « Si M. Taine vivait de notre vie, je crois qu'il n'accepterait jamais le rôle compromettant de tenir un drapeau. Il n'est point dans son tempérement de se compromettre, il refusera toujours de se prononcer nettement en faveur de quelque chose ou de quelqu'un. » *

Eis aqui o que é fallar com franqueza : mas tambem o que é fallar com injustiça e cegueira.

Se alguém contribuiu em França para matar o velho

* *Documents littéraires*, pag. 333.

romantismo e espalhar o naturalismo,—esse alguém é Taine com seus trabalhos historicos, litterarios e de philosophia d'arte.

Zola sabe bem disto ; mas o seu mestre em critica, o seu modelo de analysta não se quiz declarar inteiramente em favor delle... E' que entre o naturalismo de Taine e o de Zola vai toda a distancia que medeia entre uma concepção philosophica e scientifica da litteratura e d'arte, e o simples emprego de um methodo de observação, todo empyrico, fluctuante, sem norte, sem principios dirigentes a que no fundo se reduz á concepção capital do creador dos *Rougon-Macquart*, apezar dos grandes dotes que o exornão.

Mais adiante voltarei sobre este ponto. Por agora continuemos a notar as idéas de Zola sobre a esphera e os fins da critica.

Diz elle que Sainte-Beuve—*comprehendeu a todo mundo, mas não comprehendeu a Balzac.*—E' verdade ; o autor de *Volupté* carregará na historia o peso dessa injustiça : elle desconheceu o creador da *Comedia-Humana!*...

Zola passará tambem á historia sobrecarregado com o peso, não de um, mas de quatro desacertos de juizo ; não comprehendeu completamente nem Taine, nem Sully-Prudhomme, nem Baudelaire, nem Leconte de Lisle...

« A critica, escreve elle, não tem mais a missão pedagogica de *corrigir*, de assignalar defeitos como nas lições de um discipulo, de sujar as obras primas com anotações de grammatico e de rhetorico. Ella deve contentar-se em explicar e traçar um processo verbal. Ella expõe e não *ensina.* »

Perfeitamente : esta é uma parte da verdade expressa sem subterfugios. Ha apenas uma redução a fazer. A critica perdeu o seu velho habito de indicar erros grammaticaes, rhetoricos e outros.

Estava reservado a um poeta nosso conhecido o espectáculo de pretender corrigir, refazer, deturpar, afeiar os versos de outro!

Nos tempos que correm só no Rio de Janeiro haveria um simples que tentasse tão desfructavel empreza!... Se fôsse em Pariz como não rir-se-hia do caso o malicioso Zola!

Ha, porém, entre a critica simplesmente *espectante* que nos prescreve o romancista e o criticar *pedagogico* á antiga. um meio termo, que é a exacta expressão das funcções do *analysta* litterario e scientifico.

A simples observação de um phenomeno intellectual complexo, como é um livro, a mera inquirição das condições de vida de um escriptor, de sua intuição de suas tendencias mentaes, é de todo improductiva, se o critico é incapaz de prender esses factos ao desenvolvimento geral das idéas, se elle é incompetente para abstrahir e generalisar. A critica scientifica deve jogar com os methodos da sciencia; deve induzir e deduzir. Mas ninguem induz e deduz sem o conhecimento completo da ordem de phenomenos que sujeita á analyse. Ora, determinar o logar que deva na hierarchia dos factos intellectuaes de um povo occupar um escriptor, é traçar um juizo, é julgar a categoria de idéas que esse escriptor personifica, é designar o sentido e o alcance de sua contribuição para a obra commum das idéas. Se, portanto, corrigir não é o mister da critica, seu alvo é julgar. Ella não deve perturbar a marcha regular dos talentos; mas não deve engolir todos os disparates que os mediocres de qualquer marca lhe queirão ministrar. Não deve sujar, é certo, as *obras-primas*, porem corre-lhe a obrigação de não tomar qualquer charlatanice por uma obra-prima. Eis o ponto culminante da questão. Tomemos um exemplo no Brazil. Supponhamos que alguém, munido de bastante sciencia e consciencia—, tenha estudado os phenomenos intellectuaes deste paiz em todo o seu desenvolvimento

de quatro seculos; que tenha determinado o fluxo e refluxo das idéas nacionaes e estrangeiras provocadoras das diversas escolas e correntes mentaes deste povo; que haja compulsado os documentos mais palpitantes em que a alma da nação esteja mais nitidamente vasada, e descoberto a lei ou leis dirigentes do vasto complexo de factos accumulados em quatrocentos annos; supponhamos tudo isto. Os phenomenos intellectuaes não brotão da terra; irrompem dos cerebros; ha homens representativos, que os encarnão e symbolisão, e esses homens devem ser julgados na medida de seus meritos.

O nosso critico encontra em seu percurso um Gregorio de Mattos, por exemplo, e um Brito de Lima, e, como incumbe-lhe apenas o dever de traçar um *processo verbal*, os dous bahianos entrárão para a historia em pé de igualdade, sem mais distincções, sem mais julgarmento! Não póde haver maior absurdo. O critico deve ter bastante sciencia e coragem para distribuir os papeis e dar a palma a quem merecer diante dos factos e da verdade provada. Por isso é que seu juizo é puramente objectivo; é uma conclusão da historia e da luta das idéas. A critica se não póde transformar na encampadora de erros. Taine é objectivista e não escondeu a verdade aos escriptores que lhe cahirão sob as vistas, e o proprio Zola não passa a mão sobre a cabeça dos romanticos, ainda os mais eminentes. Que o diga Victor Hugo. E aqui cumpre-me indicar o excessivo rigor do autor do *Assomoir* exercido á conta de Leconte de Lisle, especialmente.

Não sou devoto deste escriptor; mas creio que Zola não o comprehendeu de todo. Ha entre nós certa gente que se diz sectaria de Emilio Zola e ao mesmo tempo do poeta dos *Poémes Antiques!*... Não póde haver maior falta de senso; são dessas uniões extravagantes e exdruxulas em que a sagacidade nacional praz-se em debicar com o publico.

A's vezes ligão Zola a Comte e outras a Leconte de Lisle!... É um jogo de antitheses, pondo a descoberto a mais profunda ignorancia. Nem sei como isto pôde occorrer, quando o autor de *Nana* é franco e rude para com o creador dos *Poemas Barbares*.

Ouçamo-lo por extenso: « O Sr. Leconte de Lisle, que tem hoje cincoenta e oito annos, nasceu na ilha de Bourbon. Estreiou tarde, depois dos trinta annos. Mas, desde as primeiras publicações, os *Poemas antigos* e os *Poemas barbaros*, excitou grande admiração na mocidade letrada. Vinha-lhe a força de ter achado uma attitude. Depois dos descabellamentos do romantismo, do frenesi do lyrismo em desespero, chegava elle proclamando a belleza superior da *immobilidade*. Ser impassivel, não se deixar contaminar pela *paixão*, ficar no estado correcto e *puro de um marmore*, tornou-se para elle o supremo ideal.

« Professou que uma expressão qualquer do rosto, alegria ou dôr, lhe deforma as linhas de modo horroroso. E dahi rompeu com a idade-media e refugiou-se especialmente na Grecia e na India. Foi um odio ainda maior ao mundo moderno. Victor Hugo muitas vezes digna-se ficar entre nós, tomar as crianças em seus joelhos, descrever um canto de Pariz. O Sr. Leconte de Lisle *crer-se-hia deshonrado*, si tomasse interesse por qualquer dessas *actualidades*. Vive com Homero, ao qual traduzio restabelecendo a orthographia dos nomes gregos; é biblico, sabe a fundo os deuses indianos, acha-se a gosto nos cantos mais obscuros e solemnes da historia do mundo. E, como é maravilhosamente dotado quanto á fórma, escreveu versos que por certo possuem uma soberba apparencia.

« Não temos em nossa lingua trechos mais irreprehensíveis, nem mais sonoros. Algumas peças, entre outras— *Meio-Dia* —, são admiraveis de clareza e comprehensão. Apenas, o Sr. Leconte de Lisle é muitas vezes *illegivel* e

direi adiante o *mal* que elle fez á nossa poesia. Não é mais, sem duvida, o romantismo fulgurante e arreouado de Victor Hugo; é um romantismo *ainda mais perigoso*, desviando-se para a perfeição classica, tornando-se dogmatico, enregelando-se para impôr uma fórmula de belleza perfeita e eterna.» *

Não é possivel ridicularizar mais um forjador qualquer de versos sonoros, aereos, vazios, falsos, tomados de emprestimo ás gastas theogonias do cansado Oriente! E isto é dito a Leconte de Lisle, que foi levado a um semelhante systema poetico por um motivo profundo... E o que diria Zola do *levantismo* charlatanesco, incongruente do nosso Luiz Delfino, por exemplo? O que diria elle daquella imitação sedicã, palavrosa, inchada, turbida do estylo de Victor Hugo, levado ao supremo exagero logomachico, revestindo umas scenas do Oriente que o Sr. Delfino não viajou, do Oriente que elle nem ao menos conhece como erudicto, porque sua ignorancia philosophica e historica é profunda? O que diria Zola? Por certo que o Sr. Delfino tem apenas a mecanica inconsciente de versejar, repetindo-se eternamente, sempre a mesma mistura, o mesmo xarope de adjectivos campanudos e de disparates reaes.

Mas deixemos o Sr. Delfino, em quem fallamos por ser affectado de mania *levantina*, tornemos a Leconte de Lisle.

Este poeta não é certamente um genuino representante do espirito de nosso seculo. Collocado, porém, entre o romantismo e o naturalismo, é, como Baudelaire, um ponto de intersecção, que Zola devia comprehender mais amplamente. O romantismo, entrando em dissolução, teve um momento de especulação universal.

Dahi os poemas cyclicos da historia, á guiza da *Legenda dos Seculos* de Victor Hugo e das poesias do

* *Documents Littéraires*, pags. 171 e 172.

imitador Theophilo Braga—E' o humanicismo ainda vago; mas é elle em busca de uma fórmula nova. E' por isso que as origens, as theogonias, as lendas primitivas, os povos barbaros interessárão a Leconte de Lisle. E' ainda o romantismo; mas em via de transformação.

Zola não comprehendeu isto de modo claro; dahi a estreiteza de seu juizo sobre o autor dos *Poemas Antigos*. Ouçamos o seu final sobre a influencia do poeta em um certo grupo *parnasiano* de Paris: « Naturalmente esses jovens poetas constituirão grupo á parte. Sentindó-se cercados pela indifferença e pelo debique devião enclausurar-se no canto em que se reunião, fechar as portas e as janellas, fazer da poesia uma verdadeira religião. As praticas idolatricas, as cegueiras de sectarios, as exagerações de fanaticos, ião deparar ahí um optimo terreno. A perseguição acarreta sempre a devoção sem limites. Dest'arte o movimento poetico iniciado trouxe todas as estreitezas de uma capella fechada. Não era mais a bella evolução de 1830 expandindo em pleno ar, em meio de uma época embriagada pela poesia; era uma conspiração de illuminados dando-se a conhecer por gestos maçonicos, por formulas extravagantes. Como os fakirs da India que absorvem-se na contemplação de seu umbigo, os Parnasianos passárão noites admirando-se mutuamente, tapando os olhos e os ouvidos para não serem perturbados pelo *meio vivo* que os cercava.

«Foi crea lo então um *novo romantismo*, ou melhor a cauda ramantica estendeu um novo annel. Victor Hugo para o grosso do publico era ainda o chefe incontestavel. Mas os iniciados vião nelle apenas um chefe honorario. Tinhão adoptado o rito mais pomposo e mais correcto de Leconte de Lisle. Alguns erão devotos de Baudelaire. Reconhecião todos a *soberania da fórma*, juravão banir as emoções humanas de suas obras, como atentatorias da *magestade dos versos*. Tinha-se obrigação de ser esculptural, *sideral*, de pôr-se fóra dos tempos e da historia,

empregar o talento em buscar *as rimas abundantes* e em alinhar hemistichios tão duros e brilhantes como o diamante. Por isso não os parnasianos procurar assumptos nas epopéas mythologicas, nos paizes mais afastados e mais desconhecidos. Cada um teve uma especialidade. Alguns houve que habitárão os paizes do Norte, outros o Oriente, outros a Grecia; não poucos, em fim, *levantárão tenda entre as estrellas...*» Interrompo a citação; o flautio é cada vez mais feroz e tremendo. Quem não vê que um grande numero dos nossos suppostos naturalistas não passa de uma descendencia bastarda, hybrida do grupo parnasiano de Paris?— E' essa a origem da *Mosca azul* do *Trote de Camellos* e de outras gentilezas da época.

Faço votos para que nossa mocidade leia os livros criticos de Zola. Essa leitura acabará com innumeras illusões que a atormentão. Ha paginas verdadeiramente soberbas espalhadas nos sete volumes de escriptos analyticos do illustre romancista. Entre outros, o artigo de *la moralité dans la littérature*—deve ser lido vinte vezes.

II

Emilio Zola diz, com acerto, que ninguem hoje lê as poesias e os romances de Sainte-Beuve ; mas que todos têm as suas criticas.

E' exactissimo... Parece-me que alguma cousa de analogo, no sentido inverso, acontecerá ao bravo lutador de Médan. O futuro lêr-lhe-ha os romances, esquecendo-lhe os trabalhos criticos. Apesar de seu talento, a despeito da lucidez de sua visão, não é a faculdade critica que predomina em Zola.

Se as suas personagens de romance, como diz Véron, não deixão na memoria do leitor uma imagem vivaz e perduravel, por ficarem indecisas no meio das descrições e incidentes, as suas características litterarias não conseguem pôr em relevo a figura animada e palpitante dos escriptores. Neste ponto nada mais instructivo do que o estudo consagrado a Flaubert pelo autor de *Nana*. * E' um verdadeiro fragmento de romance. A descripção do enterro do poeta de *Madame Bovary* é magistral ; mas a physionomia intellectual e litteraria do illustre morto mostra-se a nossos olhos ondulante e pallida. Zola não possui a faculdade primaria dos grandes criticos, a faculdade de surprender a idéa central de um systema e a nota predominante de um character.

E' por isso que em discussão doutrinaria elle não possui uma só pagina comparavel ás de Scherer sobre Lamennais e Diderot, e, na pintura de um temperamento

* *Les Romanciers Naturalistes*, pag. 125.

artístico, um só estudo que possa hobrear com o de Taine sobre Schakspeare.

Poeta e paysagista, espirito sobrio e desabusado ao mesmo tempo, o insigne escriptor affigura-se-me principalmente um grande satyrico munido de um poderoso estylo, um novelista vigoroso, destro na *enscenação*, agil, animado, capaz de descrever com graça as excentricidades de um Musset, por exemplo, mas pouco geitoso para aquilatar do alcance das doutrinas alheias. A sua critica é mais um *conto* do que uma analyse; é mais uma descripção do que um estudo; revela mais o novelista do que o psychologo. E note-se: não são os seus dotes de romancista levados para a critica que eu censuro, ao contrario são nella o mais apreciavel titulo.

Não é o methodo que lhe falta, é a profundeza e a instrucção. E' um agitador, um reaccionario, um combatente; não é um analysta imperturbavel e seguro. E' um chefe de bando, um guerrilheiro sempre na brecha; bate-se por uma fórmula e encara as cousas por um só prisma; não tem a serenidade de um naturalista. A cultura não é vasta. De resto, é ductil, é dextro, tem largueza de vistas e sabe pensar por si. Quando se apega a uma idéa sabe defende-la com habilidade e coragem.

Nada tem de charlatão, detesta os corrilhos litterarios e chasquêa da *Academia Franceza*. Se fôsse brasileiro, já nos teria feito rir á custa do *Instituto Historico*.

Quando se apega a uma idéa, disse eu, sabe pugnar por ella. E' assim que é uma de suas theorias favoritas o character neutral e abstento da litteratura, e do romance especialmente.

Para Zola o romancista e o poeta descrevem, contão, photographão e nada mais; não devem ter uma these, uma opinião, uma doutrina a sustentar.

Sua formula litteraria praticamente visa um duplo fim: primeiramente banir do romance a imaginação turbulenta e doentia, desregrada e vagabunda, e expulsar

tambem as *tiradas* moraes, as theses doutrinarias, a panthosophia lacrymejante e beatesca. Tudo isto é mais do que excellente, e neste sentido a exposição do escriptor é de uma clareza admiravel. Mas ei-lo que não precisou bem o terreno e avança além do ponto desejado. O romancista para Zola é um observador. Perfeitamente. Mas ouçamo-lo :

« Ha duas classes de observadores, os que observão como sabios, e os que observão na qualidade de medicos. Aquelles sentem amor pela verdade; estudão o homem em suas proprias chagas, porque considerão prodigiosamente interessante a carcassa humana; a experiencia os tenta, a analyse é a sua unica e suprema alegria. Os outros muito ao envez, têm a paixão de curar; se parão diante de uma bella molestia moral, é sómente para inventar de prompto um remedio; em sua asafama, aceitão o primeiro diagnostico improvisado, e ei-los que se desnorteão em theses de toda a especie, prodigalizando prescripções e dietas, olvidando-se de seu assumpto no meio das ternuras pela medicina. »* Eis o que não é novo e é em grande parte verdadeiro; mas eis tambem o que já por vezes tem produzido exageradas extravagancias. Sim, o romancista deve ser um observador, qualidade esta que não deve priva-lo de ter idéas, de ter designios, de ter systema, de ter uma doutrina.

Nem as duas cousas são incompativeis. A mesma sciencia em toda a sua gravidade, em toda a sua apparencia sombria e inquebrantavel, seria uma cousa frivola, seria um luxo de ociosos, uma pedanteria de abstractos, se ella não pudesse interessar, não pudesse melhorar as sociedades humanas.

O homem é um forçado que se liberta e sua arma de combate é a sciencia e é a litteratura. Estudar por estudar,

* Documents Littéraires, pag. 258.

observar por observar, reunir notas e notas sem outro fim que isto mesmo, é o caminho certo da *arte pela arte* em litteratura, é um velho peccado romantico, é uma lepra que deve ser banida de nosso seculo de actividade. Estou com os criticistas contra Zola neste ponto: *a sciencia pela sciencia, a arte pela arte*—são dous delirios pedantocraticos, nocivos e despresiveis. E' bem certo que Zola não advoga francamente esse pensar; mas é a consequencia que brota de sua doutrina para quem sabe lêr entre as linhas.

Se é verdade que a affectação doutrinaria é um enorme defeito, se é verdade ainda que em uma obra d'arte não devemos sempre visar um resultado pratico, se a *americanisação* do pensamento, no sentido de um fim utilitario, é um vicio, não é menos positivo que a arte pela arte é um sonho polucional de manicacos.

O observador, qualquer que elle seja, sabio ou romancista, deve ter uma philosophia, deve ter uma intuição do mundo e da humanidade capaz de dar um sentido ás suas pesquisas, capaz de fornecer-lhe um ideal de progresso e de libertação.

O observador, qualquer que elle seja, poeta ou naturalista, deve estar á igual distancia do empirismo chato e da idéalidade idiota. Eis o grande segredo em litteratura. Eis o ponto de contacto de todos os idealismos e de todos os realismos. A doutrina zolaiana, tomada em seu todo, a concepção artistica deste naturalismo, tomada em seu conjuncto, é algum tanto arida, não quando préga a observação, não quando busca a realidade; sim quando desconhece as grandes linhas da evolução humana. Na historia, na vida social não existe sómente o jogo da vida animal em acção; existem tambem todo o immenso trabalho da cultura, todas as forças vivas com que o *factor humano* pôde tirar da grosseria dos instinctos mecanicos, a arte, a sciencia, a poesia, o direito, a justiça e a moral. A natureza, a natureza !... Muito bem: é ella a grande fonte;

mas uma fonte acre e despotica em seu mecanismo determinista e fatal. O homem tomou-a em suas mãos e a tem modificado por meio da sciencia, da industria, e cada uma destas creações é um organismo que evolte por selecção artificial, ás vezes contra a natureza, bella dama, bella expressão metaphysica como outra qualquer... A arte é como o direito, é como a linguagem; uma vez constituida, caminha por si; parte da natureza; mas, se a reproduz, tambem por vezes a corrige. Se o melhor, o mais perfeito romance é o que representa *la bête lachée*, os melhores palacios são as *cavernas* das montanhas; os melhores circulos não são os sonhados por Euclides, são os que o vento traça nos comoros desertos; as mais bellas estatuas não são as de Phidias, antes por ahí alguma pedra tosca que *naturalmente* semelhe a um homem. E' preciso que nos entendamos: eu tambem supponho ser naturalista, quero tambem a verdade dos factos, e é justamente por isso que julgo estreita a fórmula de Zola.

Distingo entre naturalismo e naturalismo... A litteratura não é só producto da natureza, não tem por fim descrever as paysagens da terra, ou tirar photographias do mundo exterior. A litteratura é um producto humano, historico, social, evolutivo das nossas faculdades estheticas, e, com Buckle contra Zola, creio que na historia ao lado dos factores naturaes ha os factores *mentaes* neutralisadores da natureza. Isto leva-me logicamente a encarar mais de perto a celebrada definição da arte por Zola: « Uma obra litteraria é um canto da natureza visto através de um temperamento. » Não é sómente sobre a concepção da critica e dos fins da litteratura que faço objecções ao autor de *Nana*. Faço-lhe uma terceira sobre a sua concepção da litteratura mesma. Sua definição, que é exactissima para quem admite um elemento subjectivista em litteratura, é diametralmente opposta ás suas idéas capitaes.

Se o dever do romancista, por exemplo, é meramente «observar, fornecer simples estudos, sem peripecias, a analyse de uma existencia, notas tomadas sobre a vida e logicamente classificadas», toda e qualquer entrada de seu temperamento em seus productos é um falseamento da obra litteraria. O romance, sendo um simples processo verbal, sendo todo objectivo, analytico, o melhor typo do genero, seria, na phrase de Taine, um auto criminal, o depoimento frio, impassivel de uma testemunha ocular. Este é o esqueleto do zolaismo; mas isto é absurdo. A alludida definição, porém, é um desses rasgos de bom senso e de fino tacto apparecidos nos momentos em que Zola se contradiz. E' quando elle dá ao seu realismo uma amplitude mais vasta, consoreciando o homem e a natureza, as conquistas da cultura e as imposições da materia.

Ao lado de um realismo puramente photographico e inerte, é possivel um realismo fundado na intuição scientifica hodierna.

E' impossivel esquecer o factor humano com suas conquistas historicas. «O direito, diz o autor dos *Menores e Loucos em Direito Criminal*, o direito não é um presente do céo, nem uma creação da natureza; é antes um producto *cultural* do homem.» E' o que se dá com a litteratura. Não ha uma arte, uma poesia, uma musica, uma estatuaria da natureza, como não ha um direito, ou uma religião natural... A personalidade deve apparecer nas obras litterarias, e a personalidade humana não é só modelada pelo mundo exterior, tambem o é pela evolução espirital das épocas.

Zola tem razão, plenamente razão contra o naturalismo empirico e superficial quando escreve estas palavras, que os epigonos, os palhaços nacionaes do realismo bruto devião decorar: «E' uma cousa terrivel a verdade em litteratura. Os escriptores não possuem as certezas dos mathematicos. Quando se diz: *dous e dous são quatro*,

fica-se convencido e vai-se dormir tranquillo. Nas letras a duvidaperm anece eterna.

« As escolas levantão-se em face umas das outras, lançando-se mutuamente seus systemas á cara. Os classicos, os românticos, os realistas gritão juntos que o talento, a verdade, o estylo estão de seu lado, e ha occasiões em que a gente não sabe quem tem razão. Em summa, a unica base possivel é ainda a natureza; podemos sem medo de errar toma-la por medida commum. Comparar uma obra ao que existe, indagar se ella é fiel, se reproduz sem mentira a realidade, é uma operação inicial e fácil, que estabelece um ponto de partida, certo e positivo para todas as obras. *Mas isto não basta evidentemente; poderíamos ser levados a exigir photographias, e a obra mais bella seria a mais exacta, conclusão falsa ás mais das vezes. E' necessario ahi introduzir o elemento humano, que alarga repentinamente o problema e torna-lhe as soluções tão variadas quantos são os craneos differentes na humanidade.*

Eu defini uma vez uma obra litteraria: *um canto da natureza visto através de um temperamento*; ficamos sempre longe da certeza mathematica; temos, porém, ao menos um instrumento de critica, que pôde prestar grandes serviços, impedindo-nos de perder-nos nas phantasias das preocupações systematicas.

Já tenho por vezes feito ensaios com este instrumento. Seu emprego é commodo. Quando temos ante nós uma obra a primeira cousa a prescrutar, é qual a porção de realidade que ella contém; depois, sem julga-la ainda, passar ao estudo do temperamento que pôde produzir na obra os desvios da verdade que nella encontramos. E' indifferente a maior ou menor exactidão. Basta que o espectaculo do escriptor em luta com a natureza mostre-se grande; a intensidade com que a vê, o modo potente por que a deforma para mette-la em seu molde, o cunho que elle deixa sobre tudo o que toca, tal a verdadeira criação humana, a verdadeira assignatura do genio. Temos em

França um grande poeta, Victor Hugo, que é sem duvida o mais falso e o mais largo espirito que existe. Dá tantos murros á natureza que ella sahe de suas mãos colossal e corcunda com uma febre de vida miraculosa. O illustre pintor Delacroix via tambem a natureza debaixo de tres côres dominantes, o encarnado, o verde e o amarello, que fazião tremular em seus quadros um esplendor mentiroso e extrordinario.

«Quero indicar com estes exemplos que a realidade só não me seduz, que ligo a devida importancia ao esforço humano, áquillo que o homem ajunta á natureza para crea-la de novo, segundo leis de optica pessoas. E é esta continua variedade na interpretação da vida que produz a eterna seducção das obras imaginativas. As creações litterarias desenrolão-se de seculo em seculo, sempre novas com enflorações tanto mais originaes, quanto as sociedades se transformão mais profundamente».*

Nesta pagina, sensatamente admiravel, Zola foi superior a si proprio e ás interpretações côxas e trapentas que lhe fazem os seus plagiarios estonteados do Brazil, que não têm talento para comprehende-lo. Abstenho-me de citar exemplos, porque não quero macular estas paginas, citando os nomes dos cozinheiros da litteratura...

E' transparente que o notavel escriptor tem em theoria, que ás vezes esquece, a grande intuição da arte contemporanea. E, entretanto, a pagina que deixei transcripta não passa de uma reproducção mais ou menos exacta do capitulo 3.º da 1ª parte do livrinho de Taine—, *Philosophie de l'Art*, pag. 36 a 41. ** O leitor poder-se-ha informár ali de que o homem que não se decide por ninguem —é o mestre e o inspirador de Zola nas suas melhores

* *Documents Littéraires*, pag. 263.

** *Philosophie de l'Art*, Paris, 1872. 2.ª edição.

paginas de critica. O que deve, em todo caso, ficar assentado é que a definição de Zola, verdadeira como uma inspiração de Taine, exacta em face do realismo transformista e scientifico; é uma bella nota que destôa no meio do realismo empirico, secco, esteril, nullo dos máos escriptores, dos macaqueadores sem criterio, sem cultura, e sem talento.

Especialmente no Brazil, onde não se estuda e menos ainda se pensa, não fôrão só os velhos classicos e os romanticos que praticarão disparates, falseando systemas que raramente entenderão. Elles não tiverão o privilegio do erro, como finge crêr a bôa rapaziada realista. Esta é complice do mesmo crime, que eu denuncio; porque não a temo. Parece-me até que os dous velhos systemas, com serem mais faceis por dependerem quasi exclusivamente da imaginação, tiverão alguns representantes valentes entre nós. Ao passo que o naturalismo, especialmente na ramificação empirica, só tem contado até aqui, na poesia, no romance e no drama, uns paspalhões minimos de fazer dó. A gloria da invenção da doutrina não lhes pertence; é do estrangeiro; cabe-lhes apenas a gloriola da imitação e esta mesma tão desgeitosa, tão inhabil, tão mesquinha que compunge. Não basta repetir de outiva que em Paris Zola está na ordem do dia; é mister comprehender as novas doutrinas e entrar nellas como um consocio e não como um simples caixeiro, um simples moço de recado. Francamente o confesso: — ainda, no Brazil, não encontrei na poesia, no theatro, no romance, — o Gonçalves Dias, o Penna, o Alencar do realismo á Zola. A decadencia é evidente. O desnorteamento, pela falta de estudo, é tão completo que os pretendidos directores da intelligencia brasileira no momento actual não possuem, ao menos, a noção clara das escolas e das individualidades litterarias do paiz. Levão a indigencia de criterio ao ponto de agarrarem pela gola os dous mais nitidos exemplares da romanticidade caduca, da vaporosidade martelante no

Brazil, os Srs. Machado de Assis & Luiz Delfino e sacudi-los entre os *naturalistas*.

Ora, Machado & Delfino, dous *sobriquets* da cauda romantica, dous infelizes desclassificados, erguidos agora em reformadores... é demais !

Voltando ao naturalismo e definindo-o, segundo a intuição da philosophia evolucionista, e oppondo-o ao estreito realismo francez, direi :

A lei que rege a litteratura é a mesma que dirige a historia em geral: a evolução transformista. Ella habilita-nos a formular a synthese do universo e da humanidade, synthese que não é puramente objectiva, como quizerão sempre os empiristas de todos os tempos, nem exclusivamente subjectiva, como sempre declamarão os idealistas de todas as épocas. A synthese é complexa, bilateral, transformista em totalidade, não só dos elementos ideaes e abstractos, como dos naturaes e empiricos.

Esta é a intuição actual da sciencia. A litteratura deve apoderar-se della para ter a nota de seu tempo. Não cumpre ao poeta, ao romancista fazer sciencia. Seu estylo, seu methodo, seu designio são outros. O poeta deve da sciencia ter as conclusões e os fins para não escrever tolices. Não incumbe-lhe dar demonstrações; cumpre-lhe fazer lyrismo amplo, sereno, sem phantasmagorias morbidas. O romancista e o dramatasta devem observar, não para formular theses, ou sentenças condemnatorias, senão para comprehender o jogo das paixões, como psychologos e physiologistas. Seu papel não é o dos moralistas impertinentes, nem o dos anatomistas descriptivos. Seu papel é levantar uma obra d'arte sobre os dados da observação. Como o esculptor, devem partir da natureza, mas em suas obras ha de palpitar um largo ideal civilisador.

O progresso, as nobres expansões das qualidades humanas devem ser o seu alvo. A litteratura faz pelo sentimento o que a sciencia faz pela razão:—liberta o homem

e estimula-o a sonhar e trabalhar para um estado melhor; uma maior confiança em nossos designios, em nossas faculdades, em nosso futuro. Fôra dahi tudo póde ser muito bom muilo bem burilado, mas eu deixo de comprehender e commigo grande porção da humanidade.

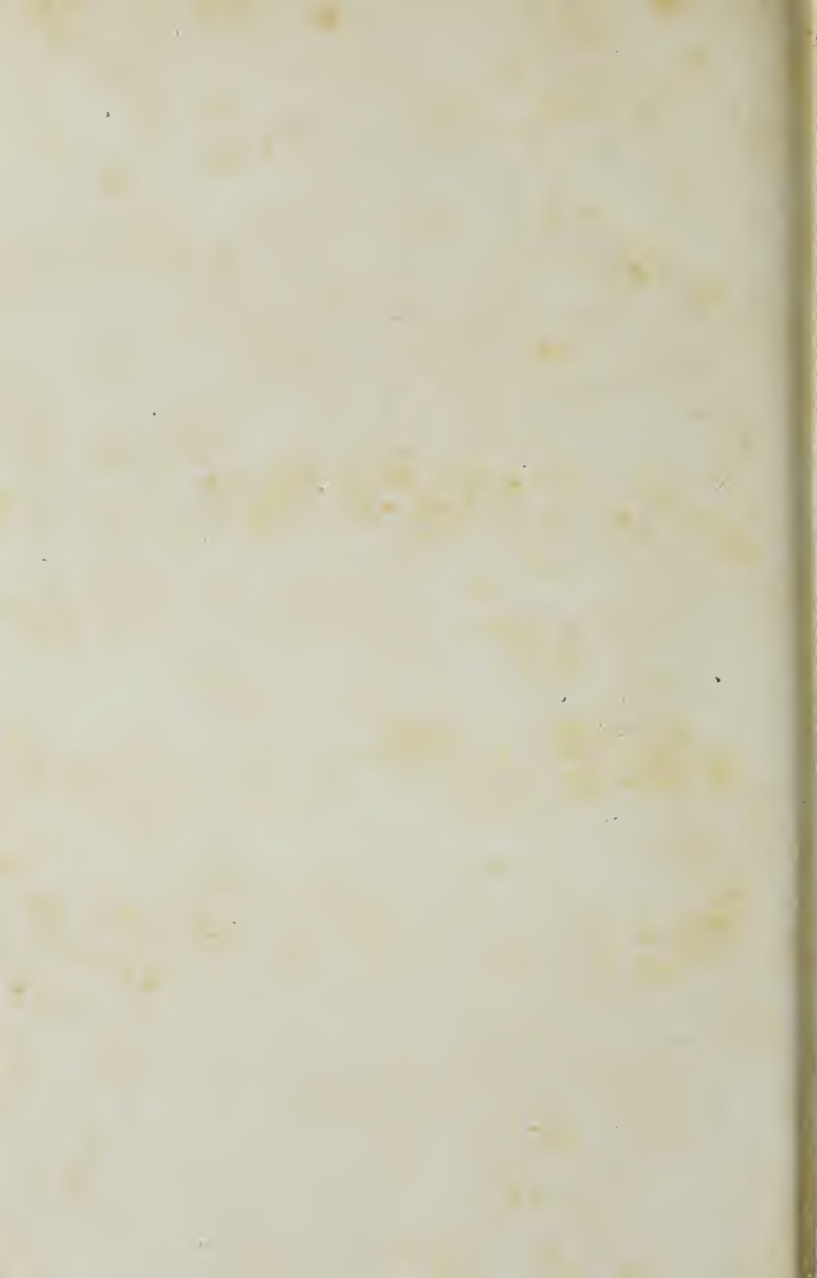
Rio, 1882.

INDICE

I.	Se a economia politica é uma sciencia.....	5
II.	Ethnologia selvagem do Brazil.....	17
III.	Interpretação philosophica dos factos historicos.....	47
IV.	Dous poetas.....	71
V.	Idealismo e realismo.....	81
VI.	Vista geral sobre a escola litteraria do Recife.....	87
VII.	Dranmor	99
VIII.	A situação liberal e o Sr. Francisco Octaviano.....	109
IX.	Modernas escolas litterarias.....	117
X.	A alegria e a tristeza na litteratura.....	121
XI.	A philosophia e o ensino secundario.....	129
XII.	Obrigatoriedade e liberdade de ensino.....	141
XIII.	O poeta dos idyllios modernos.....	147
XIV.	O elemento plebeu na litteratura do Brazil.....	153
XV.	O professor Carlos Jansen e as leituras das classes primarias	159
XVI.	Estudos philologicos por João Ribeiro.....	165
XVII.	Os eiganos. — Contribuição ethnographica por Mello Moraes Filho.....	171
XVIII.	O Sr. Barbosa Rodrigues e a questão da pedra nephrite	177
XIX.	A historia da litteratura brazileira e o Dr. Araripe Junior.....	191
XX.	Ainda a historia da litteratura brazileira e o Dr. Araripe Junior.....	199
XXI.	Sobre o curso de litteratura do Dr. Mello Moraes Filho	215
XXII.	Sobre Machado de Assis e Luiz Delfino.....	231
XXIII.	Tobias Barreto de Menezes como poeta.....	243
XXIV.	Sobre Emilio Zola.....	265







3800

Coll. apparently complete: 290 p
ds 12/19/54

